

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA ALICE RIBEIRO GABRIEL

O TEMPO DA MEMÓRIA EM *VIAGEM AO EGITO, JORDÂNIA E ISRAEL*, DE  
PEDRO NAVA

Uberlândia  
2022

MARIA ALICE RIBEIRO GABRIEL

O TEMPO DA MEMÓRIA EM *VIAGEM AO EGITO, JORDÂNIA E ISRAEL*,  
DE PEDRO NAVA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários

Linha de pesquisa: Linha 2 - Literatura, Representação e Cultura

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Kênia Maria de Almeida Pereira

Uberlândia  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

G118t Gabriel, Maria Alice Ribeiro, 1970-  
2022 O tempo da memória em Viagem ao Egito, Jordânia e Israel, de Pedro Nava [recurso eletrônico] / Maria Alice Ribeiro Gabriel. - 2022.

Orientadora: Kênia Maria de Almeida Pereira.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5007>

Inclui bibliografia.

I. Literatura. I. Pereira, Kênia Maria de Almeida, 1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. III. Título.

CDU: 81



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4487/4539 - www.pplet.ileel.ufu.br - secpplet@ileel.ufu.br, copplet@ileel.ufu.br e  
atendpplet@ileel.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários - Cursos de Mestrado e Doutorado				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico em Estudos Literários				
Data:	08 de fevereiro de 2022	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11813TLT011				
Nome do Discente:	Maria Alice Ribeiro Gabriel				
Título do Trabalho:	O tempo da memória em Viagem ao Egito, Jordânia e Israel, de Pedro Nava				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	2: Literatura, Representação e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	As temáticas do Holocausto e do antissemitismo na Literatura Brasileira				

Às catorze horas do dia oito de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois, reuniu-se por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos Professores Doutores: Kenia Maria de Almeida Pereira / ILEEL-UFU, orientadora da candidata (Presidente); Fani Miranda Tabak / UFTM; Suzana Maria de Sousa Santos Severs / UNEB; Joana Luiza Muylaert de Araújo / ILEEL-UFU; Fernanda Aquino Sylvestre / ILEEL-UFU.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kenia Maria de Almeida Pereira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Kenia Maria de Almeida Pereira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/02/2022, às 22:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fani Miranda Tabak, Usuário Externo**, em 09/02/2022, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Luiza Muylaert de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/02/2022, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Suzana Maria de Sousa Santos Severs, Usuário Externo**, em 09/02/2022, às 12:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aquino Sylvestre, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/02/2022, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Alice Ribeiro Gabriel, Usuário Externo**, em 10/02/2022, às 13:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3361965** e o código CRC **15D326E4**.

À memória de Pedro Nava

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as circunstâncias envolvidas na realização desta pesquisa, desde o contato inicial com a obra memorialística de Pedro Nava, pela leitura de um fragmento sobre a doçaria brasileira, publicado na década de 80, até o encontro desse fragmento em 2001, no II capítulo de *Bau de Ossos*, relativo à biografia e genealogia da família paterna do memorialista.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kênia Maria de Almeida Pereira, pela confiança em meu trabalho, indicações de leitura, inestimáveis sugestões e, sobretudo, pela amizade, exemplo e paciência.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Luiza Muylaert de Araújo e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fani Miranda Tabak e pela valiosa leitura no exame de qualificação e na defesa desta tese.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Maria de Sousa Santos Severs e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Aquino Sylvestre; ao Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro (UFU) e ao Prof. Dr. João Paulo Ayub (UNICAMP) pela pronta disponibilidade em participarem da defesa desta investigação.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia e aos integrantes do Laboratório de Estudos Judaicos.

À minha irmã, nos termos de Pedro Nava, leitora “de prodiosa memória” de sua obra.

E aos ensinamentos da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anita Waingort Novinsky (*in memoriam*).

## RESUMO

Esta tese de doutoramento tem por objetivo principal analisar *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* (1998), fragmento dos cadernos ou diários do médico e escritor brasileiro Pedro da Silva Nava, considerando alusões à cultura e história judaicas neste diário, nas Memórias e ensaios históricos do autor. Notavelmente após a Segunda Guerra, houve trabalhos acadêmicos escritos em vários campos do conhecimento, tais como a historiografia, as ciências sociais, literatura e estudos culturais que tomaram por objeto de análise a representação dos judeus na literatura. No período do pós-guerra, autores judeus que narraram suas experiências deram ao gênero autobiográfico um novo ímpeto. Autobiografias, biografias e memórias combinam aspectos da ficção, da historiografia e do jornalismo ao reportar o passado. Esses escritos apresentam representações originais do povo judeu, diversos dos estereótipos registrados e transmitidos pela literatura, política, cultura popular e religião. Ao representar fatos com recursos do historiador e do ficcionista, o memorialista oferece uma perspectiva autêntica e diferenciada do passado. Fundamentando-se nesse pressuposto, esta pesquisa justifica-se pela ausência de estudos até o momento sobre este diário de viagem e pelo retrato panorâmico de Israel delimitado na obra pelo autor. Pedro da Silva Nava (1903-1984), médico e catedrático na área de reumatologia, é um dos mais importantes autores brasileiros do século XX, devido à coleção de Memórias: *Bau de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e *Cera das Almas* (2006). Esta coleção expõe retratos representativos da cultura e sociedade brasileira no século XIX e início do século XX. Influenciado por Marcel Proust, Pedro Nava criou retratos biográficos definindo traços de pessoas e grupos, com analogias a personagens das artes, história e literatura. Ele publicou artigos no campo da reumatologia, dedicou ensaios à história da medicina, das doenças, da área da saúde e de sua relação com a sociedade. Embora não seja historiador profissional, os ensaios de Pedro Nava sobre a história da medicina possuem real mérito, constituindo tópico extensivo e recorrente em suas Memórias. Ele declarou que anos de experiência profissional como médico lhe aguçaram o senso de observação e moldaram sua escrita literária. Interessado por genealogia e pelo futuro de arquivos pessoais e familiares, tais matérias assumem função determinante nas Memórias. Pedro Nava examinou arquivos, documentos, genealogias e fontes bibliográficas; coletou reminiscências; transcreveu relatos orais e escritos; fez caricaturas e desenhos afim de compor perfis biográficos. No intuito de discutir os apontamentos de viagem do autor em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, esta pesquisa empreende uma análise comparativa de teor histórico-literário, considerando estudos sobre a escrita diarística e o gênero memorial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedro Nava; Memórias; Judaísmo.

## ABSTRACT

The main objective of this doctoral thesis is to analyse *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* (1998), a fragmente of the notebooks or diaries of the Brazilian doctor and writer Pedro da Silva Nava, considering references to Jewish culture and history in his diary, Memoirs and historical essays. Notably after World War II, there were scholarly works written in several fields of knowledge, such as the historiography, social sciences, literary and cultural studies that took as their object of analysis the representation of Jews in literature. In the post-war period, Jewish authors who narrated their experiences gave new impetus to the autobiographical genre. Autobiographies, biographies and memoirs combines aspects of fiction, historiography or journalism to report the past. These writings presented original representations of the Jewish people, different of the stereotypes recorded and transmitted by the literature, politics, popular culture and religion. By representing facts with resources from the historian and the fiction writer, the memoirist offers an authentic and differentiated perspective of the past. Based on this assumption, this research is justified by the lack os studies so far on this travel diary and by the panoramic portrait of Israel delimited in the work by the author. Pedro da Silva Nava (1903-1984), doctor and rheumatology professor, is one of the most important Brazilian's authors of the twentieth century due to his collection of Memoirs: *Bau de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e *Cera das Almas* (2006). This collection brings representative portraits of Brazilian culture and society in the nineteenth century and early twenties. Influenced by Marcel Proust, Pedro Nava created biographical portraits depicting personal characteristics of people and groups by analogies to artistic, historical and literary personages. He published articles in the field of rheumatology research, dedicated essays to the history of medicine, disease, health sciences, and their relation to society. Although Pedro Nava was not a professional historian, his essays on social history of medicine have real merit, constituting an extensive and recurrent topic in his Memoirs. He stated that years of professional experience as physician sharpened his sense of observation and shaped his literary writing. He was interest in genology and issues concerning to the future of personal and family archives, which assume a determinant function in his Memoirs. Pedro Nava examined archives, documents, genealogies and bibliographical sources; colected reminiscences; transcribed oral and written reports; made caricatures and drawings to compose biographical profiles. In order to discuss the authir's travel notes in *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, this research takes a comparative approach of historical-literary content, considering studies on diary writing and the memorialistic genre.

**KEYWORDS:** Pedro Nava; Memoirs; Judaism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1-BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PEDRO NAVA E AS MEMÓRIAS .....	25
2 - A ESCRITA ARQUIVÍSTICA DE PEDRO NAVA .....	50
3 - MENÇÕES À CULTURA JUDAICA NOS ESCRITOS DE PEDRO NAVA .....	77
4 - O DIÁRIO DE <i>VIAGEM AO EGITO, JORDÂNIA E ISRAEL</i> .....	98
5 - OS APONTAMENTOS DA VIAGEM A ISRAEL.....	126
CONCLUSÃO.....	147
REFERÊNCIAS .....	157

## INTRODUÇÃO

Em obras consagradas às interpretações ocidentais da imagem do outro, o historiador das ideias e a das mentalidades Jacques Marx (2007, p. 779) divisou a eclosão de um movimento surgido após o Século das Luzes que contribuiu para forjar a presciência de um paradigma de cosmopolitismo e de apreciação da alteridade. Porém a ambiguidade é manifesta: através do princípio do prazer, percebe-se certo distanciamento do outro, confinado à dimensão exclusiva na qual se deseja conservá-lo. Em suma, finge-se não ver além dos elementos convenientes e superficiais da “outra” cultura. De súbito, o outro encontra-se encerrado num mundo encantado, que não se deseja ver de perto: pode-se ainda perguntar se sua “inquietante estranheza” não tem por função reassegurar a normalidade e pertinência do sistema de valores que o avalia. Nesta acepção, haveria uma “ambígua” relação especular entre dois polos na interpretação da imagem do outro, moldada por fatores que sancionam versões de condenação e encômio dessa imagem.

A imagem do outro é um dos grandes temas dos escritos do filósofo Richard Kearney. Ao comentar a representação simbólica do mal na arte humanista precursora do Renascimento, Kearney (1998) fez interessantes analogias e reflexões sobre a imagem do outro. Mosaicos do pintor Giotto di Bondone em Florença, e muitas outras descrições de diabos que se seguiram em Pisa, Pádua e San Gimignano fazem referências diretas a homens que diferem dos monstros e diabos de forma animalesca na iconografia medieval tardia. Segundo Kearney (1998, p. 29, grifo do autor), tais pinturas envolvem um rol de “indesejáveis”, julgados malditos sob o prisma do Sagrado: heréticos (simoníacos e Arius, fundador da heresia conhecida por Arianismo no século III); infiéis (Maomé e Averróis); sodomitas (espetados por diabos em forma de bodes); sedutores (bodes com chifres fálicos); tentadores (em corpos de serpentes com a face de Eva, tal como no afresco de Paolo Uccello no Convento de Santa Maria, em Florença, retratando *O Pecado Original*); e judeus (representados como demônios com traços de bode e asas membranosas de morcego, “que odeiam a luz do dia e amam as sombras”). Como Lorenzo Lorenzi definiu em estudo sobre os demônios na arte religiosa, no simbolismo cristão os chifres de bode designam o pecado da iniquidade transformada em impotência (Salmo 75; Apocalipse 12: 3). Mas além de representar o *homo selvaticus*, escravo da lascívia e dos instintos bestiais, esse simbolismo também serviu de iconografia material para o antissemitico bode expiatório.

Em entrevista cedida ao filósofo Ronald A. Kuipers, Kearney (2012) retomou o tema da projeção do mal no outro, que o reduz ao patamar do não humano, ao nível do animalesco, do monstruoso, do diabólico. Kearney citou o antissemitismo, recordando que na Europa medieval os judeus eram retratados com pés de cabra, feições de serpente e pele de lagarto. Esses artistas

combinaram diferentes qualidades de animais para desumanizar os judeus. Hitler mais tarde os chamou de “vermes” e em Ruanda, aqueles que perpetuaram o genocídio chamaram os inimigos de baratas. A mera noção de teratologia, a criação de monstros, seria uma expressão do medo da condição terrena do homem. Este medo, legítimo ou ilegítimo, projeta o monstruoso no outro e foi registrado nas mitologias e nos contos de heróis em luta com monstros, dragões e esfinges.

Henry Wassermann (1989), especialista na história dos judeus alemães, empreendeu um estudo comparativo de várias imagens dos contos de fadas dos Irmãos Grimm conectadas à herança folclórica, ao antissemitismo e ao nacionalismo alemães. Wassermann analisou como a literatura dos Grimm, a exemplo da retratação do judeu de aldeia em “O judeu entre os espinhos”, foi usada com fins didáticos e de propaganda ideológica na República de Weimar.

Tuvia Singer (2016) analisou tema análogo à pesquisa de Wassermann, acrescentando valiosa revisão bibliográfica sobre as implicações do antissemitismo veiculado por publicações reunindo contos de fadas e da tradição popular. No século XIX, narrativas tradicionais eram colhidas por etnógrafos, filólogos, folcloristas e outros estudiosos, segundo um critério nacional ou regional, para a publicação em coletâneas. Nesse período, as narrativas populares emergem como elemento significativo, voltado à percepção do passado e identidade do grupo, que era preciso narrar, preservar e interpretar como parte de uma tradição. A singularidade dos contos populares reside em sua natureza coletiva, que articula visões de mundo estratificadas e uma coexistência, às vezes conflitante, de ideologias diferentes. Minorias como judeus e ciganos são retratados pejorativamente em centenas dessas narrativas, seja pela oralidade ou cultura escrita.

Segundo Derek Cohen e Deborah Heller (1990, p. 4-5), explorando diferentes caminhos, autores de uma mesma tradição literária ampliaram, variaram ou negaram o arquétipo original do judeu como assassino de Cristo, definição cultivada pelo imaginário ocidental por gerações. Cohen e Heller apontaram uma tradição comum na literatura inglesa, da qual se desenvolveram representações dos judeus. A principal figura designada para ilustrar pontos de continuidade dessa tradição, bem como de suas variações, originou-se de uma imaginação cultural ampliada, que transformou o estereótipo do judeu assassino de Cristo na imagem do judeu assassino ritual de cristãos, de modo que esse paradigma de associação foi registrado desde a obra de Chaucer, Shakespeare e Dickens, alcançando a do romancista Anthony Trollope. Do assassino ritual para o agiota sanguinário, do receptor assassino para o devorador canibalista de viúvas e órfãos, cada permutação reflete, em maior ou menor intensidade, a consciência autoral e a memória da origem do estereótipo. Essa memória se faz não menos presente em obras que a omitiram ou negaram a fim de contrabalançar estereótipos negativos para reparar uma injustiça histórica, é o caso dos judeus benfeitor e malfeitor, de Dickens; dos judeus proféticos e virtuosos, de Eliot;

e do judeu pária universalizado, de Joyce. Assim, independentemente das variações, grandes personagens judaicas da literatura inglesa foram criadas à luz de tais predecessores literários.

O historiador Klaus Hödl (2019, p. 4), constatou a existência de narrativas históricas, literárias e populares que aludem às relações entre a população judaica e não judaica de Viena, no final do século XIX e início do século XX. Alguns relatos encerram situações de cooperação mútua. Contudo, apesar do nascimento da psicologia moderna e das transformações nas artes, economia e filosofia desempenharem no período certo papel mediador entre a Europa ocidental e a Europa oriental, estereótipos antissemitas prevaleceram como motivos e temas de canções, peças teatrais, poemas, relatos literários e jornalísticos. Tais imagens estavam enraizadas na cultura e no mundo do trabalho. Em razão do processo de aculturação dos judeus de Viena, que eventualmente adotaram valores burgueses, a historiografia contemporânea ainda perscruta a imagem autêntica desses judeus, pois, segundo Hödl, várias narrativas colidem, no sentido de se verificarem registros, sobretudo na imprensa da época, tendo diferentes abordagens de um mesmo fato, como uma luta judaica e não judaica pela interpretação cultural do fato em questão.

O problema delimitado por Hödl é pertinente aos estudos que analisam representações culturais e históricas dos judeus em determinado contexto. “Baseados em fontes arquivísticas”, conforme expôs Anita Waingort Novinsky (2000, p. 67-70), estudiosos da história sefardita e do *marranismo*<sup>1</sup> na Idade Média e Época Moderna têm perscrutado as “[...] razões que levaram Espanha e Portugal, países tradicionalmente conhecidos por sua tolerância em relação a outras culturas, a adotarem políticas antissemitas tão extremadas e violentas, que preconizam o antissemitismo difundido no século XX”. Documentos arquivados e outras fontes relacionadas à história da Inquisição, algumas reveladas por estudos recentes, oferecem possibilidades para a realização de uma nova historiografia. Para tanto, adverte Jesús M. de Bujanda (2018, p. 222-232, grifo do autor), é necessário apenas considerar a base de dados das *relaciones de causas* ou processos inquisitoriais disponíveis, que ensejam ilimitadas pesquisas de ordem qualitativa e quantitativa. Embora muitos arquivos inquisitoriais já tenham sido completamente destruídos (BUJANDA, 2018, p. 223; GABRIEL, 2020c, p. 60), inúmeras fontes relacionadas à Inquisição ainda permanecem à espera de análise. Nesse sentido, de acordo com Novinsky, a historiografia sefardita ainda apresenta graves lacunas a sanar, com relação ao tema do *marranismo* no Brasil:

---

<sup>1</sup> O historiador Cecil Roth (2001, p. 37), forneceu a seguinte definição do termo: “A palavra marrano é um velho termo espanhol que data dos primeiros tempos medievais e que designa porco. Aplicado primeiro aos convertidos recentes talvez de modo irônico, com referência à sua aversão pela carne do animal em questão, acabou por se tornar um termo de execração que se espalhou durante o século XVI à maior parte das línguas da Europa Ocidental. A palavra exprime sucinta e corretamente toda a profundidade do ódio e desprezo que o espanhol comum sentia pelos neófitos insinceros, pelos quais estava agora rodeado. Foi a constância que eles e os seus descendentes revelaram que redimiu o termo da sua anterior conotação injuriosa, e a dotou do seu duradouro poder de romance”.

A principal razão para essa perseguição e extinção dos *marranos* nada tem a ver com o *criptojudaísmo*, nem com a religião judaica, mas com o *marrano* como “judeu”. O extermínio inquisitorial dos portugueses de origem judaica, até a décima geração, não foi por razões religiosas, mas antissemitas: os *marranos* eram uma classe rica e o único grupo na sociedade portuguesa capaz de reverter o *status quo*. Devemos, assim, rever as fontes cuidadosa e criticamente e revisar a historiografia tradicional à luz dos estudos recentes. Devotos judeus religiosos viviam entre os *marranos*, mas eram pequena minoria. A maioria dos cristãos-novos, que viviam nos *sertões* brasileiros, não teve nenhum contato com o mundo judeu. O principal drama psicológico dos cristãos-novos no Brasil envolve o fato de que fugiram do império português ou espanhol, onde eram perseguidos, e de que não se reconverteram ao judaísmo. Permaneceram *marranos*, que viviam continuamente “entre” dois mundos e separados de ambos, seja o cristão, seja o judeu. Criaram um mundo próprio e viveram nele todas as suas contradições. (NOVINSKY, 2000, p. 75, grifo da autora)

Sigilo e clandestinidade, escreveu o historiador Richard L. Kagan (2018, p. 128-129), são aspectos inerentes à sociologia do criptojudaísmo. A natureza sigilosa dessas comunidades judaicas era concomitante à estrutura instável de sua própria existência. Heréticos aos olhos da maioria católica, os criptojudeus vivenciaram igualmente a relutância de comunidades judaicas, sobretudo estrangeiras, em reconhecê-los como judeus. Tal dificuldade de adaptação a qualquer sistema gerou uma tensão permanente na vida diária da comunidade criptojudaica; não haveria alternativa senão adaptar-se à situação, tornando-a um modo habitual de coexistência interna.

Contudo, a despeito de uma relativa garantia institucional de segurança, esse estado de constante ansiedade inevitavelmente gerava múltiplas respostas entre grupos e indivíduos. Essa situação instável e a rejeição de que foram alvo resultaram em profusa documentação de ambos os lados: das autoridades católicas e das autoridades judaicas. Os conversos que judaizavam não legaram o próprio testemunho à posteridade; antes, foram obrigados a aceitar o fato de que essa tarefa seria feita por outros: muitas vezes, por seus mais acerbos inimigos, os inquisidores ou, em certas situações, pelos judeus diaspóricos, que comumente resistiam à ideia de integrá-los à sua comunidade. Esse contexto produziu uma iconografia e literatura de teor difamatório:

Várias e numerosas mentiras foram inventadas e divulgadas em Portugal, semelhantes às do período visigótico, panfletos e *posters* eram colocados nas paredes nas igrejas para persuadir a população a pegar em armas contra os judeus e eliminar “cada cão judeu”. Livros contra os judeus e os conversos foram escritos e publicados nos séculos XVII e XVIII na Espanha e em Portugal. (NOVINSKY, 2018 p. 47, grifo da autora).

No Brasil, permanece em discussão o controverso filosemitismo do jesuíta Antônio Vieira, analisado por Alcir Pécora, Anita Novinsky, Luiz Felipe Baeta Neves, Thomas Cohen, Alfredo Bosi e Ronaldo Vainfas, dentre outros. A ideia de buscar uma imagem dos judeus na cultura brasileira, foi discutida por Jacques Fux em “João Guimarães Rosa, um filosemita? A questão judaica, as cartas e o testemunho de Israel Klabin” (2012), mas ainda são escassos os trabalhos sobre o modo como o povo judeu e sua cultura são retratados por escritores brasileiros, sejam estes de origem judaica ou não, assim como existe uma lacuna nos estudos sobre a obra de Pedro Nava em relação à escrita diarística do autor. Por conseguinte, o estudo de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* (1998) contemplaria ambas as questões. Com relação ao universo de interesse desta pesquisa, a memorialística, a escolha do nome de Pedro Nava justifica-se pelas palavras de Antonio Candido (1987, p. 60) sobre as Memórias<sup>2</sup>, que revelam uma característica fundamental da prosa literária do autor ao integrar o dado histórico à narrativa (auto)biográfica:

Nos seus (...) livros a autobiografia desliza para a biografia, que por sua vez tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo a visão da sociedade, traduzida finalmente numa certa visão do mundo. O motivo dessa transfiguração do dado básico é sem dúvida o tratamento nitidamente ficcional, que dá ares de invenção à realidade, transpondo para lá deles mesmos o detalhe e o contingente, o individual e o particular. (CANDIDO, 1987, p. 60).

Para Candido, o “tratamento nitidamente ficcional” divisado na escrita de Pedro Nava não constitui uma tendência isolada na memorialística nacional, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego e Lima Barreto reuniram, com recursos estilísticos e poéticos diversificados, elementos biográficos e ficcionais em prosa e poesia. Já na obra da escritora Helena Morley:

[...] a escrita de um diário aproximar-se-ia da prosa ficcional ao transcrever, com linguagem esteticamente elaborada, recursos expressivos da tradição popular, integrando-os a apontamentos biográficos e autobiográficos que não se fundamentam apenas no registro documental de dados objetivos da história cotidiana, mas incluem, de modo criativo, percepções subjetivas da memória. (GABRIEL; SANTOS, 2018a, p. 294).

Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Helena Morley, Lima Barreto e Pedro Nava incluem-se em uma tradição na qual a escrita autobiográfica, em prosa ou poesia, busca recuperar a experiência subjetiva pessoal, aproximando ou distanciando-

---

<sup>2</sup> O termo Memórias designa os sete volumes: *Bau de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar*, *Galo-das-Trevas*, *O Círio Perfeito* e *Cera das Almas*, do projeto literário de Pedro Nava, interrompido em maio de 1984.

a de fatos históricos que nem sempre seriam narrados em um contexto cronologicamente estabelecido. Dados biográficos e históricos podem ser ficcionalizados. A ligação entre literatura e história é construída com abordagens peculiares, nos termos de Candido, ora como “matéria de poesia”, ora como “matéria romanesca”. Além de transitar por esses domínios, Pedro Nava apreende um gênero polêmico na memorialística contemporânea, tradicionalmente associado à narrativa de eventos coletivos traumáticos: o testemunho autobiográfico. As Memórias estão repletas de exemplos nesse sentido. *Chão de Ferro* contém o testemunho pessoal de Pedro Nava sobre a gripe espanhola e *Beira-Mar*, seu testemunho como médico durante a Revolução de 1932. Entre os episódios biográficos das Memórias “não vividos” pelo autor, há um texto com recordações de uma das filhas de Leonel Pereira de Alencar (1775-1824). Reproduzido por Pedro Nava em *Baú de Ossos*, o documento inclui-se na biografia da família Alencar. A fonte em primeira mão não redigiu o relato. Mas seu testemunho foi coligido por uma sobrinha, que o legou ao autor conforme o teria recebido.

Durante os séculos XIX e XX, o conceito de autobiografia em textos modernos seria problematizado pelos estudos literários, mas também pela filosofia e historiografia. Recorde-se que, na Idade Moderna, relatos de próprio punho sobre experiências pessoais eram usualmente associados ao domínio da literatura de viagem ou modelados em termos religiosos, sob o gênero da confissão ou da psicomauquia. A escrita das Memórias pode ser considerada bastante peculiar, pois reúne particularidades de vários gêneros memorialísticos e dialoga com escritos anteriores do autor. Em *Baú de Ossos*, verificam-se traços da literatura de viagem nas passagens em que o memorialista refere suas experiências em outras terras, como as impressões das viagens ao Ceará, com os pais, “pela primeira vez, em 1905”; com Antônio Salles, em 1922; quando voltou “ao Ceará para dar um curso na sua Universidade, em 1959”; ou visitando a Itália, em 1955. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, publicado originalmente em 1998, é fruto de uma seleção de “anotações extraídas dos diários do autor” por Paulo Penido. A qualidade do texto em certas passagens descritivas e observações do memorialista recorda a escrita de *Baú de Ossos*, pelo teor de diário de viagem, com trechos em estilo poeticamente confessional, tal como no excerto:

Essa sempre procrastinada viagem, se não a faço com o corpo, realizo em imaginação. Desde menino, quando, de tanto ouvir falar em Ceará e Maranhão, eu enchia cadernos e cadernos do desenho de navios inverossímeis (...). É sempre na mezena mais alta de um deles que levanto minha flâmula e orço para o setentrião – quando certos sons, certas sílabas e certos nomes mágicos abrem para mim os caminhos do oceano. Ilha, rei, São Luís Rei. Ou então, mar, amar, aranha, arranhão – que se entrelaçam e emaranham na graça da palavra Maranhão. E mais a sombra de Sinhá Graça que, menino, eu vi

passar toda de negro. E ainda, Heráclito Graça, Graça Aranha... Quando tudo isto me dá a chave dos mares, vou ter inevitavelmente às baías de São Marcos e de São José e com meu companheiro de curso, Roberto Avé-Lallemant<sup>3</sup>, chego a São Luís (que ele chamou de resplandecente e achou parecida com Funchal) naquele ano de 1859 – quando ela era a quarta cidade do Brasil, quando meu avô e Totó Ennes [Antônio Ennes de Souza] adolesciam e quando eu não tinha idade na antecipação do Tempo. Reluzem dominicalmente seus sobrados de vidraça e azulejo, treme de calor a distância nas ruas limpas – que sobem e descem e se cruzam nas direções oeste-leste (Rua do Sal) e sul-norte (Rua dos Remédios). É nelas que, vindas da missa de São Tiago, de São Pantaleão, da Catedral, passam as mulatas, caboclas, negras e puris descritas pelo viajante – ombros, braços, colo, espáduas completamente nus. Na cabeça, o pente “como uma torre” (NAVA, 1974, p. 22, grifo do autor).

A obra literária de Pedro Nava, não apenas as Memórias mas também seus escritos sobre a história da medicina apresentam várias referências históricas e literárias sobre o povo judeu. São referências à contribuição dos médicos judeus da Península ibérica; aos cristãos-novos na sociedade brasileira; à Inquisição e a expressões e usos enraizados na cultura popular. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* reúne várias considerações do memorialista sobre a cultura judaica e o então recente Estado de Israel, quase dez anos após a sua criação. Todas essas alusões podem ser relacionadas com o abrangente painel que o autor compôs da sociedade brasileira. Apesar da relevância do tema e da posição ocupada por Pedro Nava na memorialística nacional, esse tópico ainda permanece negligenciado pelas Ciências Sociais, Historiografia e Literatura. Pedro Nava era um autor que conhecia bem a cultura e história de seu país. Os testemunhos do escritor sobre eventos que vivenciou não devem ser considerados unicamente recriações ficcionais:

Na carta de 11 de fevereiro de 1976, a Editora Jose Olympio relaciona várias correções a serem feitas em um de seus livros, e na própria carta o autor as explica. Em 2 de junho de 1976, faz várias sugestões de modificação aos originais de *Chão de Ferro*. Ainda na correspondência com a editora ficamos sabendo que *Chão de Ferro* teve, entre junho e setembro de 1976, duas tiragens de 5.000 exemplares e que a edição de *Báu de Ossos* teve uma tiragem de 4.000 exemplares. Anexo a um bilhete da editora há o parecer do Conselho Editorial assinado por Péricles Madureira de Pinho para a publicação de Beira-Mar: “Ele não conta simplesmente a sua vida, recria os ambientes, faz história no mais amplo e elevado sentido. História social, história doméstica, genealogia, de como se vivia e como se mudou de vida – Pedro Nava é um criador de conteúdo e de forma” (VASCONCELLOS, 2003, p. 35).

<sup>3</sup> “Entre os expedicionários que estiveram no Brasil no século XIX, além do explorador alemão Robert Christian Avé-Lallemant, constam em *Báu de Ossos* os nomes de Jean-Baptiste Debret, James Henderson, Johann Moritz Rugendas, Maria Graham e Thomas Ender. O trecho da obra de Robert Avé-Lallemant citado por Pedro Nava pertence ao segundo tomo de *Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859*. É pouco provável que a grafia “Roberto” tenha sido lapso de um escritor minucioso. Aportuguesar o nome Robert seria menos descuido que sugestão da ideia de empatia e identificação com o ponto de vista do médico viajante, evocado como “meu companheiro de curso” pelo autor. Em algumas entrevistas, Pedro Nava definiu sua perspectiva literária e visão de mundo, em grande parte, como resultantes de sua formação médica”. (GABRIEL, 2021, p. 43)

Entrevistado por Cláudio Aguiar, Paulo Penido (2003d, p. 24) comentou a versatilidade do autor: “Ele escrevia muito sobre História da Medicina e era um conferencista importante. Juntava Medicina e Literatura. Mas ele também pintava.” Com várias obras publicadas sobre o gênero autobiográfico, Paul John Eakin (1999, p. xi, grifo do autor) afirmou que, no registro da experiência pessoal, há muitas histórias do eu para contar e mais de um eu para contá-las. Para contar a “história do eu”, o autobiógrafo examina e revela sua percepção da própria identidade, explora fontes sociais relacionadas à sua identidade e faz uso de variados modos narrativos para expressá-la. Eakin ressaltou a ocorrência de operações cognitivas entre imaginação e memória na execução da narrativa autobiográfica. A imaginação compreende a criatividade e capacidade de efabulação do escritor. Para Eakin, a percepção da identidade (que pode se projetar em vários planos: familiar, profissional, social, etc.) já subentende, a princípio, uma construção ficcional:

Ao acompanhar o processo criativo de Pedro Nava, observamos os registros de suas percepções. São seus modos de apreensão do mundo que incidem sobre ele e suas seleções daquilo que o atrai e que, de algum modo, ele leva para sua obra em criação. O processo de sua escrita passa pela utilização de fichas de anotações, recortes de jornais, caricaturas, desenhos, dentre outros. Ao recompor o passado e reproduzir não só cenários, mas a sociedade, hábitos e costumes de sua época, dentre eles a culinária que tanto o atraía, as memórias de Nava ultrapassam os limites da autobiografia individual. Ao tentar concretizar a obra, o memorialista tem de recuperar as coisas vividas e, pela potencialidade do imaginário, verbalizar cenas e fatos. (PANICHI, 2018, p. 65).

O enfoque pretendido nesta pesquisa adota perspectiva literária e histórica, mas sem prescindir de outras fontes de apoio, consoante as leituras exigidas pelos temas pertinentes à cultura judaica encontrados nas Memórias. Para David Perkins (1993, p. 109), os historiadores literários conferem pouca atenção ao estudo dos temas e se os mencionam ao caracterizar seus trabalhos, não os utilizam para estruturar seu campo de pesquisa. História e literatura não são campos antitéticos e, para o historiador literário, determinados temas poderiam ser indicativos de aspectos constituintes da memória cultural e social de um grupo transmitida por gerações.

A partir do século XX, a literatura memorialística adquiriu novas formas, redefinindo gêneros como a autobiografia, a biografia, a ficção biográfica, a ficção histórica e a chamada literatura do testemunho. Adequando-se à confluência de temas e interfaces com a história das mentalidades e da cultura, dos estudos judaicos, literários e memorialísticos, o presente trabalho justifica-se pela atual escassez de estudos concernentes à representação do povo judeu e de sua identidade cultural nas Memórias de Pedro Nava. Tornar determinada imagem polarizadora de

várias representações é um dos recursos mais expressivos da prosa naveana, o que pode sugerir temas e linhas de investigação aos estudos literários, bem como lançar luz sobre aspectos ainda não discutidos na enciclopédica obra de Pedro Nava. Assim, pretende-se investigar um possível retrato, tomando por modelo um acervo literário e memorialístico muito importante no Brasil.

Este trabalho perscruta a identidade cultural judaica através do olhar de Pedro Nava em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. A temática da identidade é central para a literatura étnica, os estudos culturais e memorialísticos. A representação da identidade judaica integra um debate literário, político e religioso relativo não só a Israel. Antropólogos, filósofos, historiadores e psicanalistas têm se voltado para temas como a diáspora, o marrano e sua personalidade dual.

Anita Novinsky, Antônio Damasio, Edgar Morin, Jean Pierre Winter, Miguel Abensour e Richard Popkin interpretaram sob prismas diversos os efeitos psicológicos gerados pela vida ambígua, a personalidade dual e o fato dos marranos viverem suas existências como párias. A perspectiva de Pedro Nava abordada nesta pesquisa centra-se em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, coletânea das notas do diário de Pedro Nava durante uma viagem ao Oriente Médio, em 1958, e que definem suas impressões sobre o judeu como parte de um grupo étnico diferenciado.

*Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* reproduz o estilo descritivo da literatura de viagem que eruditos do século XIX efetuaram em missões científicas ou de levantamento exploratório, com desenhos e comentários sobre os mais diversos aspectos registrados. Esse estilo é repetido em passagens das Memórias, a partir do trabalho de pesquisa arquivística e bibliográfica. Obras anteriores às Memórias, *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (2004), separata da revista *Brasil Médico Cirúrgico*, Ano X, ns. 4, 5, 8, 10 e 11, de 1948 e Ano XI, n. 1, 1949 e *A medicina de Os Lusíadas e outros textos* (2004), em uníssono, avaliam historicamente quando e como

[...] desenham-se no espírito do povo português certos caracteres devidos à influência conjunta do cristão, do árabe e do judeu que, parece paradoxal, tenderam para a fixação de qualidades comuns de grande importância no florescimento da medicina. São o abrandamento de costumes, a aquisição da ideia de obrigação da solidariedade que o homem deve ter pelo homem, cultivadas pelas três civilizações que se encontram em Portugal. (NAVA, 2004b, p. 39)

Em *Território de Epidauro* (1947), Pedro Nava (2003b, p. 67) redigiu um capítulo sobre “O Papel Desempenhado pelos Médicos Árabes e Judeus da Espanha, como Traço de União entre a Medicina Greco-Romana e a Medicina da Renascença”. O tema estabelece uma conexão entre as Memórias e os escritos relativos à História da Medicina, partes de seu acervo literário produzidas em momentos diferentes, mas que revelam afinidades e muitos pontos em comum.

O historiador Michael Roth (2012, p. 85) observou no relato memorialístico o interesse na elaboração de representações históricas que buscam, por compreensão empática, descrever algo, ao mesmo tempo que denotam a impossibilidade de transmitir com precisão como tudo sucedeu. Essas complexas representações permitiriam conexões com o passado, associadas ao reconhecimento de perdas irredimíveis, que são revestidas do sentido de luto ao comunicar sua incompletude. Roth refere-se às narrativas históricas que, segundo Dominique LaCapra (1983), reflexivamente alteram suas formações de significado, em específico, no caso de representações pertinentes a eventos extremos que perturbam nossa capacidade de atribuir sentido ao passado.

Nessa acepção, Paul Cohen (2014, p. 27) recordou que Yosef Hayim Yerushalmi incluiu em *Zakhor: Jewish history and Jewish memory* (1982), um posfácio intitulado “Reflections on Forgetting”, sugerindo que, em determinadas conjunturas históricas, as pessoas são capazes de evocar um passado muitas vezes distante para recobrar elementos esquecidos e negligenciados, com os quais existe uma súbita vibração de empatia, um senso de identidade e reconhecimento.

Autoridade reconhecida no campo dos estudos da cultura, história e sociedade judaica, Yerushalmi (1993) discutiu a importância da tradição e o problema de sua transmissão, tópico que associou aos discursos da história e da memória. Por meio de inúmeras combinações entre esses discursos, a transmissão de uma identidade judaica fundamentar-se-ia nas características de um grupo, passadas de geração a geração. Ainda que redefinidas em resposta a circunstâncias externas, tais características seriam conservadas na memória coletiva do grupo. A atuação desse mecanismo de preservação do passado do grupo e sua ressonância na memória coletiva foram descritos por Cohen (2014), que expôs como a identidade de personagens históricos ou literários pode originar narrativas apropriadas para reformular a identidade do grupo em certo contexto.

Paul Ricoeur (1988) apresentou a noção de “identidade narrativa”, identidade a que um indivíduo ou grupo pode aceder graças à mediação da função narrativa. Após empreender vários estudos sobre a natureza do relato histórico e do relato ficcional, Ricoeur ponderou se existiria uma experiência fundamental capaz de integrar essas duas grandes classes de narrativas. O autor formulou então a hipótese de que a constituição da identidade narrativa, seja do indivíduo, seja de um grupo histórico, seria o ponto representativo dessa fusão entre a história e a ficção. Existe uma pré-compreensão intuitiva desse estado de coisas e as vidas humanas tornar-se-iam mais compreensíveis se interpretadas segundo as histórias que as pessoas relatam sobre si mesmas.

De acordo com essa reflexão de Ricoeur, as Memórias de Pedro Nava representariam interessante fonte de estudos para se analisar quais representações dos judeus são efetuadas pelo memorialista como intérprete de uma cultura, na condição simultânea de literato e historiador.

As principais abordagens teóricas que norteiam este trabalho analisam a contribuição do gênero memórias à pesquisa histórico-literária e partilham a ideia de que a memória cultural apoia-se em planos complementares (o público, o privado, o individual, o institucional, o factual e o ficcional) para se perpetuar. Porém, a transmissão da memória não depende, de modo geral, da exposição do passado à esfera pública. Obter audiência requer harmonizar o produto final às memórias do público que será reconhecido na obra de arte. Na acepção de memorial, a arte não obterá reconhecimento se não tiver conexão e ressonância com as recordações de um grupo.

É usual o texto memorialístico adotar a tendência do discurso historiográfico de atribuir uma aparente unidade ao passado e uma aparente ordem às narrativas que o descrevem. Mas ao buscar obter essa unidade, segundo Lloyd S. Kramer (1989, p. 102), há tendências conflituosas (em discursos e contextos) que resistem a toda tentativa historiográfica de relatar tais realidades em termos de coerência absoluta, gerando uma oposição radical entre fato e ficção. Logo, as narrativas históricas e os objetos de sua investigação expressam tensões internas que desafiam as estruturas mais profundas da ordem filosófica e literária dos escritos históricos.

Da aproximação entre duas vertentes da obra naveana, as Memórias e os demais escritos (os Cadernos, a crônica histórica da medicina e o diário de viagem), surgiu a primeira hipótese de pesquisa deste trabalho: o que tal acervo revela sobre a cultura e identidade judaica? Como são expressas as definições que Pedro Nava apresenta dessas matérias? Em torno de quais temas gravitam essas referências? Quais discursos se inclinam aos comentários e definições referidos? Qual enfoque adotado pelo memorialista predominaria? Existe o compilador da tradição que indaga: “Não sabem? *Judeu* em culinária mineira é, em geral, nome da boia de ceia e mais particularmente de cabidela de galinha para depois das procissões e para depois da coroação de Nossa Senhora, nas noites de seu mês de maio” (NAVA, 1977, p. 8, grifo do autor). Quais são as relações estabelecidas pela digressão ensaística consentânea à visão do cronista histórico?

Logo depois da Igreja do Bonfim vinham o Cemitério do Carmo e depois, o da Penitência. Ainda não existia entre este e o Caju, o recentemente aberto Comunal Israelita, semeando estrelas de Salomão entre as cruzes dos vizinhos. Faz mal? Afinal todo chão é de todos e nele cristãos e judeus apodrecem do mesmo jeito... [...] Não sei se existe uma história dos cemitérios do Rio de Janeiro. (NAVA, 1977, p. 40)

Em que circunstâncias a cultura e a história moderna judaica, a identidade secular e a tradição religiosa do povo judeu são reescritos nas Memórias através da ótica do publicista?

Minas eterna. Minas perena... Como rimos quando falamos do projeto de dividi-la em outras unidades federativas. Que importa? Serão gotas separadas de

azougue. Encostando, juntam. Para acabar com Minas seria preciso esquartejar cada mineiro. E isso é possível? *Quales* nada! ... Ficaré sempre um para recomeçar. Não lembram? Hitler e seus fornos crematórios. Adiantou? E nós, mineiros, somos os judeus do Brasil. Imperiais, incorrigíveis, perenos. (NAVA, 1976, p. 311).

Assim, embora mantenha a literatura memorialística em primeiro plano, este estudo envolve a participação de outras disciplinas, considerando-se a hipótese de haver mais de um enfoque utilizado pelo memorialista na representação da cultura judaica. Centrado em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, este estudo pretende expor, de modo conciso, referências à cultura judaica na obra de Pedro Nava. Não se exclui a possibilidade de que essas referências sejam comparadas a passagens de *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e *Cera das Almas* (2006). Os resultados deste trabalho permitiriam averiguar a composição de um retrato unívoco ou multifacetado dessa cultura na memorialística naveana, bem como os seus traços essenciais.

Para descrever os aspectos mais evidenciados por Pedro Nava nas referências à cultura judaica, o estudo levará em consideração dados biográficos, culturais, folclóricos, históricos, literários e religiosos encontrados. Definidos os elementos desse conjunto de referências, será possível determinar se existe um memorial para a cultura judaica em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, e qual a perspectiva autoral predominante na caracterização desse sistema. O estudo pretende descrever a caracterização, as principais menções, perfis biográficos, representações, motivos, temas e questões relacionados à cultura judaica na escrita diarística de Pedro Nava. A perspectiva teórica será predominantemente histórico-literária, sem descartar a necessidade de enfoque multidisciplinar, se necessário, observando-se que a prosa memorialística do escritor apreende diversos campos do saber, desde a arquitetura, a genealogia, a filosofia, a literatura, a onomástica, a toponímia, até a história das artes, das instituições, da medicina, etc. A princípio, as fontes desta pesquisa dividem-se em cinco segmentos: o biográfico, o histórico, o literário e o memorialístico. Entre as obras que contribuem para o estudo do gênero memorialístico, foram selecionados trabalhos de Paul Ricoeur, Phillipe Lejeune e Castelo Branco Chaves, entre outros.

Sobre as Memórias, os arquivos e método composicional de Pedro Nava, norteiam esta pesquisa estudos de Antonio Candido, Celina Fontenele Garcia, Antônio Sérgio Bueno, Edina Panichi, Eliane Vasconcellos, Ilma de Barros Castro e Salgado, Joaquim Alves de Aguiar, José Maria Cançado, Paulo Penido, Raimundo Nunes e Vanda Arantes do Vale. Os originais dos cadernos de Pedro Nava estão depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. As observações deste estudo concernentes a *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* restringiram-se ao material publicado pela Ateliê Editorial e às informações fornecidas por Paulo Penido.

A primeira parte deste estudo, “Breves considerações sobre Pedro Nava e as Memórias” apresenta a trajetória literária do autor e observações sobre sua escrita memorialística, o método composicional de sua prosa literária e histórica; as temáticas abordadas no plano geral da obra; as formas de narrar que se alternam no texto; e algumas características que definem os domínios da biografia e autobiografia navenas, sobretudo após a criação do personagem autobiográfico.

A segunda parte, “A escrita arquivística de Pedro Nava”, detém-se na importância da formação de arquivos para o método de escrita e pesquisa elaborado pelo memorialista, sistema que compreende um trabalho iniciado anos antes da redação de seu projeto memorialístico, mas fundamental para o estudo de seus escritos históricos e literários. O capítulo aborda igualmente o fator que associa a criação do acervo documental, pessoal e familiar a questões patrimoniais. O processo relativo à elaboração e ao destino desse acervo possui um componente biográfico significativo, vinculado a temas recorrentes nas Memórias, a exemplo das noções de memória voluntária e memória involuntária, e da relação entre memória, tradição e transmissão cultural.

Na terceira parte, “Menções à cultura judaica nos escritos de Pedro Nava”, apresentam-se algumas referências do escritor ao povo judeu em seus escritos sobre a história da medicina e também nas Memórias. São retratos que aludem à história da medicina em Portugal, Espanha e no Brasil, referindo a influência dos médicos judeus nesses países e a contribuição de médicos de origem judaica e de cristãos-novos aportados em terras brasileiras durante o período colonial. As Memórias incluem alusões à cultura judaica assimiladas à história do cotidiano por meio de manifestações presentes na culinária, em expressões linguísticas e no imaginário popular.

A quarta parte, “O diário de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*”, relaciona o método arquivístico e composicional de Pedro Nava à estrutura de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, pensada como diário de viagem integrado ao conjunto dos cadernos ou diários do autor. Extensão e fragmento desse conjunto que remete à função de arquivo, a obra revela elementos convencionais da escrita diarística definida por teóricos como Béatrice Didier, Philippe Lejeune e Jean Rousset, mas encerra também particularidades comuns ao estilo criativo das Memórias.

A quinta e última parte, “Os apontamentos da viagem a Israel”, comenta os excertos do diário que trazem notas de caráter descritivo e observações sobre tópicos que aludem a aspectos arquitetônicos, geopolíticos, humanos e religiosos dos territórios da Jordânia e de Israel. Este capítulo orientou-se principalmente por abordagens teóricas de Jean-Yves Boursier, Pierre Nora e Paul Ricoeur, considerando as noções de arquivo, memória e traço propostas pelos autores.

## 1 - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PEDRO NAVA E AS MEMÓRIAS

As Memórias do médico Pedro da Silva Nava (1903-1984) notabilizaram o escritor nos anos 70, mas o reconhecimento da qualidade literária de sua obra possivelmente se efetivou após a conferência “A Medicina de *Os Lusíadas*”, proferida no Rio de Janeiro, a 10 de junho de 1961, no Real Gabinete Português de Leitura, durante as comemorações do dia de Portugal. Presente como expectador na ocasião, Paulo Penido (2004a, p. 9) relatou que Pedro Nava foi “[...] aplaudidíssimo ao final pela plateia. A repercussão não parou aí: chegou a Portugal e valeu ao autor uma condecoração do governo lusitano”. O texto seria publicado em separata da revista *Brasil Médico Cirúrgico*, nº 8, volume 75. 1961. A publicação dos seis volumes concluídos das Memórias, entre 1972 e 1983, atrairia a atenção da crítica especializada e da imprensa nacional.

Certos elementos composicionais atribuem estrutura pouco convencional às Memórias, alguns, inclusive, a exemplo da questão da cronologia, justificados por Pedro Nava (1974, p. 233): “É impossível dar uma impressão cronológica dessa fase (...) Só de uma ou outra coisa ocorrida (...) e de que ficou memória em velhos documentos, em cartas onde a tinta se apaga. (...) É impossível colocar em série exata os fatos da infância”. Pedro Nava representa o mais impressionante memorialista da literatura brasileira. Em entrevistas e passagens digressivas de sua obra, ele justificou que um senso natural de pudor e intenção ética de proteger informações confidenciais sobre familiares e amigos motivou a criação de um personagem biográfico em *Chão de Ferro*. Este dispositivo literário já havia sido utilizado anteriormente, sob diferentes propósitos narrativos, por Charles Nodier, Helena Morley, José Lins do Rego, Maria José Dupré Raul Pompeia e Salman Rushdie. Ao redigir as Memórias, Pedro Nava desenvolveu tal modelo literário como elemento pouco ortodoxo de um autorretrato corajoso e catártico.

Philippe Lejeune (2009) definiu o termo autobiografia como relato escrito por alguém no intento de apresentar uma descrição de sua vida e caráter. Diversamente do diário e do jornal íntimo, mantidos para uso privado do autor, autobiografias direcionam-se a futuros leitores. Autobiografias distinguem-se de memórias, cujos autores referem experiências, fatos vividos e pessoas, mas sem oferecer reflexões detalhadas e a introspecção típica de muitas autobiografias.

Na (auto)biografia literária, o momento da enunciação pode ser mediado por formas particulares de escrita, de acordo com o narrador. Os volumes iniciais das Memórias – *Bau de Ossos*, narrativa biográfica das famílias paterna e materna do escritor, com episódios da infância que terminam com a morte de seu pai, o Dr. José Pedro da Silva Nava; *Balão Cativo*, relato descrevendo a fase escolar do autor; e *Chão de Ferro*, obra referente ao período em que o

memorialista termina os estudos no Colégio Pedro II e frequenta a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte – ainda mantêm a narrativa dos episódios autobiográficos em primeira pessoa:

[...] nasci, às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903. Foram meus pais o médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a Sinhá Pequena. Aquele, filho do negociante maranhense Pedro da Silva Nava e da cearense D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava. Esta, do Major da Briosa Joaquim José Nogueira Jaguaribe, também cearense, e da mineira da gema D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe. (NAVA, 1974, p. 16-17).

O documentário de Fernando Sabino e David Neves (1974) faz uma breve apresentação de Pedro Nava, narrada pela voz de Tite de Lemos, que refere a importância dos dois principais segmentos biográficos de *Báu de Ossos*: os capítulos a respeito das famílias paterna e materna do memorialista. Esta ideia de bifurcação entre dois caminhos, duas direções ou duas margens é exposta logo no início do primeiro volume e significativa para se compreender a imagem dual que será construída no quarto volume das Memórias, com uma dupla identidade (Nava/Egon):

Enquanto se deixava rotular de poeta bissexto, como autor de alguns poemas hoje antológicos, ele se realizava plenamente na medicina. Mas a ciência não o despojou de sua outra grande vocação: a de recriar em palavras um mundo feito de acontecimentos. E de súbito, em plena maturidade, surge com uma obra que logo se tornou verdadeiro monumento na nossa literatura. “Ninguém esquece coisa nenhuma”, é ele mesmo quem afirma e suas memórias, recolhidas em silêncio ao longo dos anos, o levam até as raízes genealógicas do Nordeste, para passar pelo Rio e aflorar em Minas que o viu nascer. (EM TEMPO, 1974).

Em linhas gerais, o depoimento do memorialista sintetiza sua trajetória profissional e vocação para a literatura e as artes. A memória arquitetônica e histórica dos espaços, temática recorrente nos escritos de Pedro Nava, é referida a partir de 1933, época em que o trabalho de “médico da assistência pública”, percorrendo todos os bairros da cidade, forneceu-lhe “um conhecimento do Rio de Janeiro formidável” (EM TEMPO, 1974). Intercalando depoimentos breves a retratos de família, paisagens urbanas do Rio de Janeiro e cenas do cotidiano do memorialista (que exibem seu apartamento na Rua da Glória, consultório médico e gabinete de trabalho), o curta erige um memorial em tom de gênero documentário sobre a trajetória literária do autor. Entre as tomadas iniciais, cabe enfatizar a que se detém no painel de colagens feito por Pedro Nava, com imagens de personalidades representativas das artes, cinema, história e literatura. O mosaico surgido dessas imagens remete a um modelo mnemônico arquivístico,

familiar e pessoal, frequente no século XIX e com função de repositório afim ao diário e jornal íntimo: as chamadas “miscelâneas”, usadas por Pedro Nava na sondagem e reconstituição de perfis biográficos. Em *Baú de Ossos*, ele cita miscelâneas familiares como fonte de pesquisa:

[...] entre os livros de colagem de recortes de Antônio Salles, hoje em meu poder, está um retrato do anarquista Vaillant, cuja execução deve ter sido para sua geração o que foi para a minha a de Saco e Vanzetti. Pode ser que ele não concordasse com os métodos do retratado da sua miscelânea. Mas, pelo menos, mostra por ele preocupação simpática. (NAVA, 1974, p. 97).

*Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* evoca a ideia de álbum ou livro “de colagem de recortes”, espelhando o modelo das miscelâneas, fonte e recurso composicional referido por Pedro Nava (1974, p. 98) ao perscrutar a infância e juventude de seu pai, José Pedro da Silva Nava, bem como “[...] as admirações que dominavam seu espírito por essa época. O conhecimento que já prepararia nele um médico diferente do comum”. Nas Memórias, um panorama exclusivo da segunda metade do século XIX emerge de uma “miscelânea” de eventos significativos no plano biográfico: a crônica do “movimento antiescravista da Província” do Ceará, a origem da Padaria Espiritual, o declínio do Segundo Reinado e o início da República:

Meu Pai tinha seis anos, em 1882, quando foi fundado no Ceará o Centro Abolicionista. Logo no ano seguinte, a 1º de janeiro, são libertados em massa os escravos de Aracape. A 2 de fevereiro, os de Pacatuba e São Francisco, a 25 de março, os de Icó e Barbalha, a 25 de abril, os de São João do Príncipe, a 20 de maio, os de Maranguape e Mecejana, a 23 e 24 do mesmo mês, os de Aquiraz e Fortaleza. A 25 de março de 1883, foi proclamada a libertação de todos os escravos do Ceará. O movimento antiescravagista da Província era antigo, tomara forma em 1880 com a Sociedade Libertadora Cearense e sua principal figura fora o Jangadeiro Nascimento, que limpava o porto da Fortaleza do embarque e desembarque de cativos. Nascimento, como os outros abolicionistas do Ceará, eram-no à moda de Patrocínio, popularmente, revolucionariamente – mais que humanitariamente, como Nabuco, ou politicamente, como a Princesa Imperial. Toda a infância de meu Pai foi cheia da visão das passeatas, das luminárias, das bandeiras desfraldadas e das colchas coloridas nas varandas cada vez que havia uma vitória da Liberdade. Aos 13 anos, ele deixa de ser súdito da Casa de Bragança e, aos 15, começa a atentar em Floriano Peixoto e ingressa no liceu do Ceará. Dos mestres do liceu e das convivências da Padaria trouxe (...) o conhecimento, dizia eu, de Raimundo Correia, Augusto de Lima, Artur Azevedo, Rodrigo Otávio, Araripe Junior, Bilac, Gonçalves Crespo, Machado de Assis, Álvares de Azevedo (...) (NAVA, 1974, p. 98).

Em *Baú de Ossos*, Pedro Nava (1974, p. 16-17) busca descrever a formação intelectual do “médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava (...) que desapareceu aos 35 anos”. Nesse intento, segue vários caminhos para compor o retrato paterno: reunindo fontes documentais e

testemunhos, vale-se da memória pessoal e familiar, da investigação genealógica, da pesquisa histórica de locais e instituições frequentados por José Nava. De modo análogo, mas breve, Pedro Nava reconstitui sua formação como médico e memorialista no curta de Sabino e Neves.

Convém notar que, igualmente através da reconstituição de outros perfis, Pedro Nava (1974, p. 82) adquire e conjuga dados, explicações, inferências, informes, notícias, referências, relatos e relações, organizando-os para se aproximar da imagem, fidedigna ou ideal, que será inscrita nas Memórias: “Convivente, cavalheiro, gostando de receber e fazendo-o como um fidalgo, o velho Feijó influenciou poderosamente na maneira gentil e na boa educação de meu Pai”.

Assim, a história do Dr. José Nava se entrelaça a passagens biográficas sobre amigos e familiares, a exemplo de Antônio Ennes de Souza, Antônio Salles e Meton da Franca Alencar. As passagens relatando a vida do avô homônimo e a descrição dos quatro retratos que “ficaram” conferem matiz romanesco a *Baú de ossos*, aproximando tais episódios da novela biográfica.

O memorial biográfico do avô paterno do autor inclui-se nas Memórias sem perder de vista a função de reconfiguração narrativa dos eventos notáveis de uma vida, significativos para o grupo. Escritos desse tipo, objetos e imagens cultuam a memória na sociedade e na família: “Esse retrato é que ficou como documento comemorativo, como ancestral *tablet* chinesa, para veneração do deus lar que continuará a envultar a família enquanto o tempo não tiver aniquilado sua lembrança e enquanto esta chegue aos seus” (NAVA, 1974, p. 21). Na obra de Pedro Nava, o memorial perpetua no tempo um fato ou presença que subsista às testemunhas da história.

Na forma de texto ou de documentário, o memorial biográfico articula referências para construir certa imagem da história individual e coletiva. Entre os retratos biográficos do autor nas Memórias, define-se, sobretudo, o do médico. Embora voltada à descrição da realidade, a linguagem da obra de arte pode inclinar-se à efabulação. Nas Memórias, as várias definições de Pedro Nava (1974, p. 26), assim como as do avô homônimo, não têm uma descrição exclusiva: em *Baú de Ossos*, além do ar de personagem novelesca, “[...] ele deixou aquela impregnação meio tátil, meio olfativa, meio vígil, meio onírica com que as crianças (antes da memória associativa) reúnem o material para a construção do fantasma favorável, da sombra propícia”.

Um momento significativo na carreira de Pedro Nava encontra-se no quarto volume das Memórias, *Beira-mar*, referente ao período em que a família do autor viveu em Belo Horizonte, onde Pedro Nava (1974, p. 84) inicia o curso na Faculdade de Medicina, e conhece “esplêndidas figuras”, como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Mário de Andrade e “[...] outros com que (...) conviveria durante a sua mocidade e que marcariam fortemente o seu espírito em formação”, tais como Afonso Arinos de Melo Franco, amigo dos tempos do Colégio Pedro II, Antônio Ennes de Souza, e os tios Salles e Alice Nava.

Em *Beira-Mar*, o constructo formado pelas digressões paralelas ao testemunho do autor, as histórias sobre a juventude de Belo Horizonte e a convivência com o grupo dos intelectuais modernistas compara-se à miscelânea, descrita por Pedro Nava (1974, p. 98-99) como “curiosa coleção de recortes e de retratos”, pensada na acepção de recurso artístico e historiográfico, “curioso repositório para estudo de uma personalidade”, de obras, narrativas e imagens. Assim, as Memórias expõem diferentes faces de Pedro Nava, que testemunha como escritor bissexto, trabalhando nos originais de *Chão de Ferro*; cronista das cidades de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Belo Horizonte; historiador da medicina; autobiógrafo; criador da cadeira de Reumatologia na América latina; conferencista nacional e internacional; membro de determinada geração de intelectuais; “desenhista bissexto” e autor de memórias. São faces ilustrativas do que Ricoeur (2004, p. 200) distinguiu na criação da identidade do “homem capaz”, “prática social” em que se efetuam representações públicas da imagem pessoal. Estas visam ao reconhecimento social de uma aptidão ou experiência que se deve partilhar, narrar, retratar, transmitir e preservar.

Nesse sentido, Drummond, Otto Lara Resende e Sabino constam entre os escritores que, mais tarde, seriam importantes na concretização do projeto das Memórias. Pedro Nava (1979, p. 7) referiu em *Beira-mar* (1978), no capítulo sobre a “[...] história do admirável grupo dito de 45 (...) E era (...) na noite impossível de Belo Horizonte, que Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Murilo Rubião, Otto Lara Rezende e Hélio Pellegrino – puxavam sua angústia”. Nos episódios sobre o movimento modernista, Pedro Nava incluiu-se na geração de vinte, junto aos nomes de Drummond, Murilo Mendes, Ismael Neri, Francisco Martins de Almeida e Emílio Moura, este último referido como narrador da tradição:

Quando deixamos Belo Horizonte, ele, que lá ficou, gostava de repetir nossa estórias à geração mais nova. Assim nossa memória prolongou-se amiga em Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Hélio Pelegrino, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião e Alphonsus de Guimaraens Filho. (NAVA, 1979, p. 165).

Pedro Nava constrói passagens biográficas e autobiográficas exercitando-se no uso de recursos próprios aos mais diversos gêneros, do ensaio às formas breves da narrativa. O modelo de arquivo íntimo das chamadas “miscelâneas”, seleta de recortes de imagens e textos colados em álbuns e cadernos, ou mesmo depositados em caixas, atende à função de transmissão de uma herança com significado intelectual, mas igualmente de ordem afetiva. O curta de Sabino apresenta uma imagem significativa exposta no gabinete doméstico de trabalho no qual Pedro Nava redigia as Memórias. A imagem serviria de exemplo ao conceito de miscelânea, precioso para o autor. A colagem feita por Pedro Nava mostrando na lente dos óculos de Afonso Arinos

de Mello Franco imagem idêntica, mas em menor proporção, e que vista de longe se confunde com o próprio globo ocular de Afonso Arinos, é uma metáfora plurissignificativa da arte.

A miscelânea constituída pela colagem de imagens de Blaise Cendrars, Charles Chaplin, Edgar Allan Poe, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e outros, representaria por si memorial alusivo à noção de reconhecimento proposta por Ricoeur (2006), erigida sobre um conjunto de eventos, experiências, leituras e referências relevantes para o memorialista. No curta de Sabino e Neves, este mosaico de eventos e imagens é comparável à tela de cinema, onde se projetam histórias em que resplandecem associações mnemônicas, ideias, fontes orais e documentais.

Em *Chão de Ferro*, Pedro Nava apresenta ao leitor o “primo” e “sósia” José Egon Barros da Cunha, biografado em terceira pessoa. Egon torna-se-á presença constante nos volumes seguintes das Memórias, protagonizando episódios que se alternam a passagens narradas em primeira pessoa. Segundo Maria do Carmo Savietto (2002, p. 69): “Acontece, nesse momento, o desdobramento da identidade do eu-narrador o qual dá vida ao seu William Wilson, porque acredita (...) que as memórias permitem a manifestação da pluralidade”.

A maioria dos leitores presume que todas as autobiografias se baseiam em fatos de uma história de vida comprovada. E nesta dimensão referencial, imperfeitamente entendida, segundo Paul John Eakin (1985, p. 3), nota-se o desenvolvimento de uma poética da autobiografia. Para Eakin, historiadores e cientistas sociais pretendem isolar o conteúdo factual da autobiografia de sua narrativa matricial, já os críticos literários buscam promover a apreciação da autobiografia no sentido de arte imaginativa, porém como texto indistinguível de novelas. Autobiógrafos são responsáveis pela recepção problemática das obras que executam, eventualmente, como artistas e historiadores, considerando a liberdade da criação e os limites da recriação do fato biográfico.

Assim, com o propósito de delimitar a controversa questão da factualidade, com a qual os leitores desses textos se deparam, é essencial compreender o estado de espírito que motivou, a princípio, o discurso (auto)biográfico. O argumento-chave da pesquisa de Eakin (1985, p. 3) é que, no ato autobiográfico, conforme efetuado por muitos escritores do século XX, a verdade autobiográfica não apresenta conteúdo fixo, por ser mediada por uma escrita decorrente de um intrincado processo de autodescoberta e autocriação. Nesse processo, o eu que está no centro da narrativa autobiográfica implica necessariamente um constructo ficcional. Fatores de ordem cultural e psicológica determinariam aspectos factuais e ficcionais envolvidos na autobiografia.

Tais fatores podem levar o autor a domínios além da própria história, notou Eakin (1985, p. 96), por exemplo, ao redimensionar limites cronológicos, recurso explicitado por Pedro Nava (1974, p. 234): “Assim a anarquia infantil do Tempo e do Espaço me impedem de contar Juiz de Fora em ordem certa, capítulo um, capítulo dois, capítulo três. São mil capítulos e

inumeráveis – entretanto capítulo único”. Comentários, digressões e notas do autor implicam fatores culturais e psicológicos. Para Candido (1989, p. 46): “Ainda aqui, portanto, verificamos o encontro favorável da confissão, da análise social e do achado estilístico, fazendo o documento biográfico deslizar para a criação literária”. Pedro Nava relatou certos episódios autobiográficos por meio de uma personagem biográfica, afastando-se da estrutura narrativa convencional do texto memorialístico, firmado na primeira pessoa do discurso e protagonizado, retoricamente, por uma identidade autoral cujos feitos são relatados para despertar empatia.

Segundo Nicolae Virastau (2014), a origem e desenvolvimento do gênero memorialístico na França são contemporâneos de um impulso de renovação dos estudos históricos, calcados sobre o modelo clássico e sobre as novas aquisições dos estudos de Direito na Renascença. A figura do autor é proeminente na escrita de memórias pela identificação com outras formas historiográficas humanistas. Testemunho de certa mentalidade, a figura do autor nas memórias da Renascença representa a classe social – a nobreza de espada, em primeira instância, seguida da aristocracia – que tomou a palavra, reservada, até então, aos historiadores profissionais. A definição de uma autoimagem aristocrática dominou a figura autoral das memórias do final do século XVI até a primeira metade do século XVII, período em que o gênero se expandiu, porém sem ser objeto de arte poética. Protagonista e testemunha de parte dos eventos narrados, o autor constrói um *ethos* nobiliárquico, traduzido pelo serviço fiel aos príncipes, em postos jurídicos, militares e políticos da mais alta importância à conservação do reino. O memorialista separa-se, por conseguinte, de autores de relatos históricos e autobiográficos, cuja afirmação paradoxal e jactanciosa da falta de cultura e estilo se repete, por exemplo, nos prólogos medievais.

Segundo José Adjuto Castelo Branco Chaves (1978, p. 6-7), autores focados em criar uma narrativa centrada nos “eventos da sua vida” escrevem memórias que se sobressaem, quase sempre, pelo valor documental, histórico e humano, relatando fatos presenciados diretamente. Mas existem autores cuja obra se distingue pelo teor literário, embora o valor documental possa não equivaler à extensão do panorama, dado que o memorialista não teria testemunhado todos os acontecimentos. Para Castelo Branco Chaves (1978, p. 7), memórias não são confissões subjetivas nem meras autobiografias somente, pois, nesse tipo de texto, “exatamente como na vida”, eventos individuais e mesmo sentimentos e paixões se subordinam a fatos históricos e sociais que lhes regem as manifestações. A criatividade artística e a faculdade de visão estética da narrativa literal da própria existência, inscrita na vida comum e recriada num plano artístico, tornam as memórias mais do que simples documentos, atribuindo-lhes valor cultural:

O género memorialístico torna-se assim num género literário, cuja categoria estética e riqueza de representação humana depende mais, nos seus variados espécimes, do talento e da riqueza íntima do autor do que propriamente da matéria narrada. E é por isso que há memórias que se lêem como um poema, e é o caso das *Mémoires d'Outre Tombe*, como um romance de aventuras, e é o que acontece com as memórias de Benevenuto Cellini ou de Casanova, ou ainda como manual do perfeito conspirador, como as do cardeal de Retz. (CHAVES, 1978, p. 7).

O acervo bibliográfico e documental utilizado pelo memorialista ao compor a narrativa do passado pode ser elaborado esteticamente, mas também comentado no texto. No momento em que Candido (1978: 7) empreendeu a “[...] análise da infiltração da poesia e da ficção na autobiografia, com destaque para a obra de Pedro Nava”, o crítico referiu o uso de itens poéticos e ficcionais na reconstituição biográfica do cotidiano de alguns familiares do escritor:

Nos seus dois livros a autobiografia desliza para a biografia, que por sua vez tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo a visão da sociedade, traduzida finalmente numa certa visão do mundo. O motivo dessa transfiguração do dado básico é sem dúvida o tratamento nitidamente ficcional, que dá ares de invenção à realidade, transpondo para lá deles mesmos o detalhe e o contingente, o individual e o particular. Confinado nos limites da sua memória, com a vontade tensa de apreender um passado que só lhe chega pelo documento e por pedaços da memória dos outros, o narrador penetra simpaticamente na vida dos antepassados e dos parentes mortos, no seu ambiente, nos seus hábitos, e não tem outro meio de os configurar senão apelando para a imaginação. Desse modo, sobretudo em *Bau de ossos*, o relato adquire um cunho de efabulação e o leitor o recebe como matéria de romance. (CANDIDO, 1989, p. 60).

Virastau (2014, grifo do autor) recordou o uso das expressões “imagem de si”, “caráter”, “*ethos*” e “figura do autor”, que alude a uma das três provas técnicas (*entechnoi*), concernentes à disposição do auditório e do discurso em si, segundo a perspectiva da *Arte Retórica*, de Aristóteles. Persuade-se pelo caráter, quando a natureza do discurso torna o orador digno de fé, uma vez que a impressão de integridade inspira, de pronto, confiança sobre questões em geral e itens específicos, que encerram um ponto de incerteza e deixam margem à dúvida. A confiança é assim, de acordo com Giovanni Reale (2007), mais um efeito discursivo, que um dado prévio:

As argumentações baseadas no caráter ocorrem quando o discurso é dito de maneira a tornar digno de fé o orador; de fato, nós acreditamos, e tanto mais facilmente, nas pessoas honestas quanto às questões gerais, e acreditamos nelas totalmente quanto às questões que não comportam certeza, mas opinião. Mas é preciso que essa confiança venha do discurso e não de uma opinião pré-constituída sobre o caráter do orador. (REALE, 2007, p. 166).

A construção exclusivamente discursiva do caráter do retor por muito tempo destinou-se à recepção do *corpus* memorialístico, até a emergência do método histórico positivista que, segundo Virastau (2014), poria sistematicamente em dúvida a autorrepresentação do autor pela confrontação do testemunho deste com fontes arquivísticas oficiais. A veracidade das memórias era julgada, sobretudo, pela credibilidade que a imagem autoral seria capaz de inspirar ao leitor.

Nesse sentido, conforme explicou Eakin (1999, p. xi), a construção da imagem autoral para registrar o ser e a experiência própria, em muitas histórias pessoais, pode implicar mais de um “eu” para contá-las. A identidade autoral construída opera nos limites éticos tradicionais de uma noção de privacidade sustentada pela autonomia individual. Refira-se, como exemplo, o seguinte excerto, no qual Pedro Nava constrói, oculta e revela identidades, inclusive de amigos:

Foi quando chegou outro moço, rosto comprido, muito magrinho, falando depressa e explicado. O Chico [Francisco de Sá Pires] apresentou. (...) Esse, Nava, é meu primo Cisalpino Lessa Machado dos Guaicuí, meu *alter ego*, o maior dos diamantinenses vivos. Confraternizamos. Mas o Cisalpino e o Zegão tinham pressa de descer para o *Bar-do-Ponto*. (NAVA, 1976, p. 281, grifo do autor).

Aludindo às relações de correspondência entre história e testemunho pessoal, Paul Ricoeur (1995, p. 290) definiu o ato de recordar como “moral duty”, apreendendo, no termo “dever moral”, o débito ético e o sentido de responsabilidade do escritor para com pessoas, memórias alheias e eventos do passado histórico, que podem ser ressignificados por escrito.

Os escritos de Pedro Nava atraem estudos de diversas áreas, em razão do que Vanda Arantes do Vale (2007, p. 28) distinguiu como “a característica multifacetada da obra naveana”. A composição dos sete volumes das Memórias: *Bau de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-Trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e as 36 páginas do inacabado *Cera das Almas* (2006), tragicamente interrompido com a morte do autor, ganhou impulso a partir dos anos 70. Mas o projeto que engendra sua elaboração teria raízes no hábito de arquivar informações, conservar álbuns de fotografias, artefatos domésticos, documentos e papéis diversos. Esse costume familiar dos ascendentes maternos e paternos do autor é citado em entrevistas e nas Memórias. Materialmente, tal acervo compreende cadernos, cartas, diários e miscelâneas – escritos de ordem doméstica e particular, conforme explicado por Pedro Nava (apud VALE, 2011, p. 87) em entrevista concedida à Revista Veja, em 1974: “Todos os documentos de família. Inventários, testamentos, livros, despesas, cartas, fotos, livros de lembranças, um negócio que se chamava antigamente “Miscelânea”, onde as pessoas iam colando tudo o que achavam curioso. Formei um arquivo bem grande”. Cumpre notar que ainda que o viés multifacetado da obra de Pedro Nava inclui traços metalinguísticos. O escritor

cita e comenta fontes bibliográficas e documentais, particularidade que se aplica às Memórias e às obras histórico-biográficas sobre a Medicina brasileira. O estudo do gênero memórias em língua portuguesa está em expansão, no entanto, como observou Castelo Branco Chaves:

A literatura portuguesa é pobre no gênero memorial, quer seja sob a forma memorialista, quer sob a de diários e muito mais na de jornal íntimo. Na literatura portuguesa, o intimismo expressa-se primacialmente na sua poesia lírica. Os historiadores da literatura e da cultura portuguesas tem desprezado ou esquecido o gênero memorial, e, ao que se me afigura, com alguma injustiça. (CHAVES, 1978, p. 10).

Tal reflexão sobre a expressão do intimismo na poesia lírica portuguesa, como aspecto comum ao viés confessional do gênero memorialístico, recorda as palavras de Antonio Candido, relativas ao contributo da poesia árcade para a história literária da memorialística brasileira:

Ora, não esqueçamos que uma das obras mais importantes no processo de naturalização dos valores cultos se apresenta de modo como confissão em verso (não importa se imaginária ou *real*): a *Marília de Dirceu*. O fato de ter havido essa espécie de autobiografia de uma situação amorosa em contexto tão universal quanto foi o do Arcadismo, sobretudo em seus aspectos neo-clássicos, permite colocar sob a sua égide a pesquisa, não apenas do ficcional ligado ao real, mas do universal através do particular, tomando como exemplo o particular por excelência, que é a narrativa da própria vida. (CANDIDO, 1989, p. 52-53, grifo do autor).

Para Jean-Louis Jeannelle (2008, p. 22), o gênero textual das memórias sofreu um longo período de declínio e crise no século XIX, devido à dupla perda de legitimidade, em razão de ser julgado parcial e tendencioso em vista dos métodos da história crítica, e quando passou a concorrer, sobretudo a partir dos grandes conflitos bélicos do século XX, com a autobiografia, modelo narrativo ao qual teria, em grande parte, originado. Jeannelle (2008, p. 238) observou ainda que, no início do século XXI, o termo “memórias” serviria de hiperônimo para as escritas de si, relacionando-se, doravante, com a autobiografia. Para Jeannelle (2008, p. 243, grifo do autor), as correspondências entre as categorias “memórias” e “autobiografia” nem sempre rivalizam, podendo surgir como sinônimos, a ponto de suscitar possibilidades que uma visão mecânica da evolução dos gêneros tende a mascarar. Subordinando dados de uma cronologia à lógica de um percurso, no qual cada configuração histórica e cultural permite definir certa matriz narrativa conforme um ideal de individualização, as memórias remetem à pré-história do gênero autobiográfico, fase da lenta emergência de um discurso fadado a se diluir com o advento de uma forma narrativa em que o autor, enfim liberado do papel de testemunha de todos os fatos sociais e históricos, dedicar-se-ia à restituição de seu ser profundo em certos domínios.

No domínio autobiográfico, *Baú de Ossos*, *Balão Cativo* e *Chão de Ferro* conservam o narrador em primeira pessoa, contudo, em *Chão de Ferro*, Pedro Nava (1976, p. 218) escreveu: “Preciso de alguém para contar a história da Maria (...) e com meu primo José Egon Barros da Cunha – o próprio Zegão do Colégio Pedro II que eu não via desde a gripe”. Ao entrevistar o escritor, em 1984, Edmílson Caminha (1995, p. 41) citou a criação de Egon como desvio da estrutura usual do gênero memórias: “Para o crítico Wilson Martins, você, ao se transfigurar em José Egon Barros da Cunha e ocultar os desafetos sob pseudônimos, tem violado algumas regras básicas do memorialismo. O que você acha disso?”. Pedro Nava, justificou a presença de Egon no texto como “experiência” confessional criativa a ser narrada em terceira pessoa:

Eu acho que estou fazendo uma obra que não se pode situar dentro do memorialismo ortodoxo. Tenho saído inclusive da cronologia, e nunca ele me acusou de nada, por causa disso. Ele achou que eu não podia deixar de falar na primeira pessoa e passar para a terceira. Mas eu digo a você que foi uma experiência muito interessante: eu não teria coragem de contar certos fatos meus, da minha boemia – e de meus amigos, cujos nomes também estão encobertos – dizendo eu, me sentiria mal. Ao passo que esse José Egon já tomou personalidade, é outra coisa, já saiu pra outro lado. Aliás, deixei nele a minha marca, é fácil perceber: Egon é ego mais o N de Nava: eu, Nava – estou dizendo isso ali. (NAVA, 1995, p. 41).

Apesar da “marca” do escritor, a personalidade de Egon é porta-voz de lembranças que não refletem o *ethos* escolhido para ser a voz predominante nas Memórias. Citando Elie Wiesel, Ricoeur (1995, p. 290, grifo do autor) escreveu que talvez não seja dado ao homem apagar o passado e suprimir a recordação do mal, mas sim fazer-se cômico do mal. Lembrar, recontar, permitiria expressar tal consciência. Antigos rapsodos e historiadores gregos preconizaram que feitos admiráveis de heróis deviam ser lembrados e narrados. Como contador de histórias do povo judeu, Wiesel ensinou que o “horível” – a imagem invertida do admirável – precisa ser sempre resgatado do esquecimento, por meio dos recursos da memória e do ato de narrar. Paulo Penido faz algumas conjecturas sobre os motivos de Pedro Nava para criar o personagem Egon:

Em *Cera das Almas*, que ele resgata agora, o personagem de Nava é novamente seu alter-ego, o médico José Egon Barros da Cunha, ou simplesmente Egon, presente em outros livros. Basta folhear as primeiras páginas para descobrir que Egon (de ego, eu) reveza-se no texto com o próprio Nava: “O Egon e o Nava quase vomitaram de tédio”, diz o escritor a certa altura. E explica, mais adiante: “O Egon o via – outro ou era ele mesmo ou Pedro Nava, nos seus tempos de banho de mar”. Egon/ Nava vai confessando desde as agruras de criança, no internato do Colégio Pedro II, até o primeiro amor com a prostituta Biluca, narrando sem pudor insônias e medos, covardia e desencanto. “Eu sou uma equimose de sete arrobas”, dispara. Mais tarde, diz que “(o pobre Egon) também boiou trazendo presos como os fios pendentes

os seus remorsos de ontem e de outros ontens”. Lamenta que “cada seu pecado é outro ele, e chegou a hora infalível e inexorável dele assumir os seus outros trezentos e cinquenta”. (PENIDO, 2003, p. 228, grifo do autor).

Eakin (2008, p. 154) evocou a teoria hermenêutica da identidade narrativa, proposta por Ricoeur (1991), ao divisar no ato autobiográfico a reinterpretção contínua da própria imagem, projetada em diferentes planos, por exemplo, na imagem profissional. No enredo da história individual, a identidade narrativa serve de fio condutor à experiência vivida, imprimindo ao relato a continuidade da presença ou “marca” do eu. Nas Memórias, muitas vezes a identidade do autor é retratada em contraste com a de Egon, sobretudo, ao se referir a fatos da puberdade de Pedro Nava (1976, p. 217): “Ao contrário de mim o Zegão era atirado, audacioso e chegador a elas. Não tinha minha timidez. (...) Tínhamos a mesma idade, quinze anos, mas enquanto eu era besta como um donzel de doze, ele possuía as ronhas de um gigolô de vinte”. Entre as funções mediadoras da identidade narrativa, expôs Ricoeur (2012, p. 4), está a conciliação entre dissonância e harmonia, que abarca questões temporais e representações várias da autoimagem:

Sem saber como, em vez de retomar estas memórias onde as tinha deixado, ou seja, na última linha do *Beira-mar* – neste capítulo de meu quinto volume, procedi a verdadeira subversão do Tempo e aqui estou falando de velho, nestes idos de 1978. Faz mal não. Tem ocasião de voltar, retomar o fio da meada. Agora continuemos um pouco na minha época atual – porque o sucedido nela vai governar muito o modo de retomar contar o pretérito. (NAVA, 1981, p. 85).

Nos escritos autobiográficos, o “modo de retomar contar o pretérito” determina os aspectos da identidade pessoal que são passíveis de ficcionalização, afirmou Eakin (2008, p. ix). Tais aspectos dialogam com repertórios culturais que têm mecanismos de controle social próprios para estruturar narrativas, determinando, nas histórias de vida, o que é permitido relatar e, igualmente, reconhecer por autobiografia. Eakin (2008, p. 27-28) notou que essa capacidade narrativa elege, desde a infância, protótipos de narradores que foram apreciados no círculo das relações sociais e que serão, posteriormente, assimilados ao *ethos* autobiográfico, conforme se verifica neste excerto sobre o avô homônimo de Pedro Nava (1974, p. 26): “Era um conversador inimitável e um narrador prodigioso. O eco de suas conversas, de suas histórias, de seus achados, ficou nos casos que dele repetiam sem cessar seu irmão adotivo Ennes de Souza, seu cunhado Itriclío Narbal Pamplona, seu concunhado Joaquim Feijó de Melo”. Na construção de um *ethos* no relato memorialístico, emoção e subjetividade são usados para despertar empatia, preservando o retor quando o discurso deve ser confirmado pelo exercício da racionalidade:

Mas nem sei se vale a pena penetrar nesses dédalos do sentimento. Basta que se saiba que o Egon e eu somos inseparáveis, mais que amigos, alteregos, mútuos. Apesar de primos – que é uma condição de malevolência, apesar de colegas de profissão médica – o que é motivo de inimizade igual à que Deus pôs entre a Mulher e a Serpente, a verdade é que nunca pudemos ficar um sem o outro e quando alumbrados por tal evidência mais passamos a nos agredir mais precisava – eu, da companhia dele, ele da minha. (NAVA, 1978, p. 86).

Para relatar certas experiências de vida, o discurso confessional das Memórias se desvia da linguagem autobiográfica, convencionalmente focada na primeira pessoa do discurso. Nesta passagem, a ideia de reminiscência está fixada em Egon, interrogado por Pedro Nava (1976, p. 219): “Mas eu queria saber, saber até que ponto tinham ido as coisas e como. O Zegão disse que tinha sido muito difícil”. A presença de Egon sinaliza eventos capazes de gerar reações de censura ou repúdio, não só para o memorialista, mas principalmente para a memória do grupo:

O seu conjunto familiar jugulado por várias regras, mandamentos, cânones, convicções, tradições, preceitos, normações e complexos, para não rebentar também, precisa do antagonista. Do bode expiatório que receba as misérias de todos, que assuma e transforme em atos as intenções e os desejos mal formulados de todos. (...) As famílias mais probas têm sempre seu gatuno como face oposta, à que aparece, da moeda. (NAVA, 1974, p. 54).

Em outras passagens, o personagem autobiográfico assinala o término de um ciclo ou de um aprendizado para Pedro Nava (1976, p. 222): “O pobre Zegão como um viúvo menino, seguiu para Belo Horizonte. Dias depois eu embarcava com meus tios para o Ceará”. Inicialmente, as Memórias enfatizam a semelhança física e os contrastes entre as personalidades de José Egon e Pedro Nava. Contudo, em Galo das Trevas, Pedro Nava (1981, p. 85) se confessa identificado com a natureza desse personagem: “Refiro-me ao que tem sido meu companheiro cada vez mais chegado, meu sócia, primo, amigo de infância, colégio, faculdade, vida, profissão afora. Falei dele no *Chão de ferro* e no *Beira-mar*. (...) conhecido como Zegão e (...) Doutor José Egon Barros da Cunha”. Egon pertenceria à memória do presente segundo Pedro Nava (1981, p. 85): “Conversando comigo, nessa espécie de falar sozinho é que no dia 1º de fevereiro de 1968 comecei a redigir minhas lembranças”; e também à representação da figura do autor.

A memorialística contém metagêneros significativos, incluindo o ensaio autobiográfico. Após o impacto do Holocausto, novas pesquisas têm revisado o valor de autobiografias, diários, memórias e testemunhos como fonte histórica. Descobertas recentes no campo da neurociência da memória podem ajudar a explicar a natureza de memórias traumáticas. A historiografia contemporânea, pesquisas em psicologia e estudos neurocientíficos questionam a precisão do processo de reconstrução da memória, suscetível de distorção. Os campos da literatura e história

desenvolveram diferentes teorias e metodologias ao investigar essas “distorções” que, tornadas poéticas, confirmam a qualidade literária do registro desse processo na prosa memorialística.

De que modo eventos dolorosos podem ser recordados? Quais são os recursos da mente para atenuar tais memórias? Para Ricoeur (2004), a arte seria uma forma de a mente lidar com recordações dolorosas. Processos mentais inconscientes envolvem-se nesse mecanismo. Uma vez consciente, a recordação dolorosa efetiva-se numa elaboração mais rica, compreendendo sentimentos. Analisar a função da arte para desencadear lembranças conduz ao processo de recuperação de recordações armazenadas na memória segundo processos distintos, que incluem razões incógnitas. Para se recuperar uma recordação é preciso ir onde está guardada. Porém, cada evocação se produz em um contexto distinto. Assim, recuperar uma lembrança acrescenta componentes adicionais à sua memorização. Quando uma lembrança é evocada, isto ocorre em meio a estímulos diversos, modificando-a toda vez que é recuperada. Posto que significados representados na memória possam mudar, antigas memórias seriam reinterpretadas a partir de uma informação nova. Este retrospectivo conectar de material recente ao pregresso, de novos quadros de concepção e entendimento somados a dados pretéritos, gera diferentes significados.

Se esse processo pode comprometer a integridade das memórias e percepções originais, observou Ricoeur (2004; 1995), a alteração da memória por influências externas permitiria que o valor do testemunho como fonte clínica, forense e historiográfica fosse redimensionado. Neste ponto, seria oportuno ponderar as funções da memória na narrativa autobiográfica, observando-se as iniciativas de Pedro Nava e de Jean Piaget para relatar determinados fatos de suas vidas.

Além de uma autobiografia “novelesca”, Jean Piaget redigiu ensaios autobiográficos, apoiado no hábito que possuía de escrever sobre si mesmo no início de artigos e palestras. Revendo esses ensaios, Jacques Vonèche (2001, grifo do autor) observou que o psicólogo suíço orientou cada texto autobiográfico a um público específico, descrevendo-se de modo diferente. Comparados, os textos revelam uma técnica aplicada à descrição de adversários, colaboradores e estudantes ligados a Piaget, que variava a descrição do mesmo contexto segundo a meta de cada ensaio. Assim, figuras secundárias em um contexto tornavam-se protagonistas no outro.

Segundo Vonèche (2001), realizando essas alterações, o autor “changes hats”, conforme a função da narrativa. Porém o mais interessante do ponto de vista do método (auto)biográfico, é que a teoria de Piaget sobre o desenvolvimento como fator explanatório em epistemologia estaria profundamente enraizada na análise do próprio desenvolvimento do autor na infância e adolescência, indicando a busca de representar a gênese da própria personalidade no momento de uma séria crise na juventude. Em todas essas autobiografias, ele é o mesmo e é diferente. Os fatos são os mesmos. As anedotas são similares. Mas o efeito é diverso. Para Vonèche, a leitura

e a estrutura de tais relatos autobiográficos revelam um mecanismo de defesa contra a depressão e a perda, subjacente à elaboração da teoria piagetiana do desenvolvimento humano. Nota-se que a função da memória no projeto autobiográfico de Piaget seria contextualizar e fortalecer princípios teóricos que não teriam sobrevivido da forma esperada pelo seu idealizador. Segundo recordou Ilma de Castro Barros e Salgado (2003, p. 15): “A elaboração de um texto resulta da transformação de diversos mundos de referência, sendo o mesmo interpretado sob o ponto de vista de diferentes métodos, teorias e modelos”. Quando Pedro Nava inclui o personagem Egon em *Galo-das-Trevas*, notou Joaquim Alves de Aguiar (1998, p. 48): “[...] o leitor logo observa que Santo Antônio do Desterro, a cidade em que se passam os acontecimentos, é Juiz de Fora; que a rua Schimmelfeld é a rua Halfeld”. Os elementos ficcionalizantes e as maneiras de narrar recordações de infância (GABRIEL, 2015; 2016a; 2017a), da adolescência e da vida adulta não são idênticos nas Memórias. É comum Pedro Nava referir a própria obra através de digressões:

Deliberadamente, voluntariamente comecei a me isolar, a suprimir os contatos puramente mundanos para procurar só a convivência de quem realmente gosto. (...) A elaboração de minhas memórias foi decorrendo da minha necessidade de isolamento – porque nosso encontro mais importante é conosco mesmos. Conversando comigo, nessa espécie de falar sozinho é que no dia 1º de fevereiro de 1968 comecei a redigir minhas lembranças. Por elas reduzi ao mínimo minha convivência até com amigos, até com os que mais quero, para não fragmentar e destruir meu tempo, o tempo de que preciso para mim. E essa fase foi a da punção como num poço, a penetração a fundo de outro homem como eu, outro misantropo e eterno esnobado, vivendo vida de exílio dentro do meu próprio país. Refiro-me ao que tem sido meu companheiro cada vez mais chegado, meu sócia, primo, amigo de infância, colégio, faculdade, vida, profissão afora. Falei dele no *Chão de ferro* e no *Beira-mar*. É o que no Pedro II e Faculdade de Medicina de Belo Horizonte era conhecido como Zegão e que depois de formado passou a ser o dr. José Egon Barros da Cunha, mineiro de Santo Antônio do Desterro – outrora Vila Nova d’El Rey de Santo Antônio do Desterro no Mato Grosso das Minas – nos dias dagora Santo Antônio do Desterro ou só Desterro. Margens do Paraibuna, beira do Caminho Novo. Pela física ou pela química do mais apelativo, meu parente e amigo é chamado dr. Egon ou só Egon – para os íntimos. Sempre fomos inseparáveis e sabíamos tudo um do outro. Essa intimidade, esse conhecer das qualidades e defeitos recíprocos muitas vezes nos trazia entediados e doutras chegava a nos dar um nível de aborrecimento resvalando para a hostilidade. Mas não adiantava e terminávamos nos suportando, aguentando, espécie de gostando – na tolerância duma intimidade compulsória que só a morte pode destruir. Pois nossa convivência foi sendo cada vez mais lúcida – sobretudo agora, no tempo de nossa vida de velhos em que a introspecção permite a cada, julgamento mais profundo do outro. E temos fraquezas luminosas, julgamentos atilados e tão cruéis que fazemos papel de consciência nos momentos mais implacáveis de nossa convivência. Um capítulo sobre essa xipofagia intolerável, essencial, imprescindível – bem poderia trazer na portada as palavras de Chamberlayne que Edgar Allan Poe tomou como epígrafe do seu William Wilson. Lembram? *Que dirá ela a respeito? Essa CONSCIÊNCIA hedionda. Espectro com que tropeço em todos os caminhos?* Mas nem sei se vale a pena penetrar nesses dédalos do sentimento. Basta que se saiba que o Egon e eue somos inseparáveis, mais que amigos, alteregos, mútuos. (NAVA, 1981, p. 85, grifo do autor).

A partir do quinto volume das Memórias, *Galo-das-Trevas*, o leitor nota que Pedro Nava se torna mais melancólico ao narrar o passado. Penido (2003d, p. 235) publicou em *O Bicho Urucutum* anotações dos dois últimos cadernos do memorialista, entre 1980 e 1984, as quais: “Mostram o quanto ele estava amargo e obcecado pelo pensamento morte-suicídio”: “Minha vida a partir dos fatos de 1964 e depois de 1975 e o terrível 80 é uma luta constante contra dois sentimentos monstruosos; o dever de matar e a imposição de me matar. Resistirei sempre?”

Escritor bissexto, Pedro Nava descreveu o projeto das Memórias em entrevistas como a redação de breve relato de reminiscências significativas para a família e que deveria circular apenas nesse grupo. Em *Bau de Ossos*, ele o referiu nostalgicamente a partir da ideia de “fuga para o convívio dos mortos”, segundo um desejo de reclusão que o leva à consulta de arquivos, à pesquisa genealógica e à coleta de reminiscências para compor literariamente suas memórias.

É importante para o pesquisador da obra de Pedro Nava ter conhecimento do método de composição utilizado pelo memorialista. Nesse campo de estudos, destacam-se Antônio Sérgio Bueno (1997), Celina Fontenele Garcia (1994; 1997; 2003); Edina Regina Pugas Panichi (1987; 1999; 2001; 2003; 2009; 2011, 2012a; 2012b; 2016), Eliane Vasconcellos (2001; 2003), Flora Süsskind (1993), José Maria Caçado (2003), Ilma de Castro Barros e Salgado (2008; 2011), Joaquim Alves de Aguiar (1998; 1999; 2007) e Vanda Arantes do Vale (2009; 2011), com trabalhos resultantes de pesquisa nos arquivos familiar e pessoal de Pedro Nava, pertencentes ao Museu Arquivo Casa de Rui Barbosa e ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB).

O arquivo de Pedro Nava é parte fundamental do patrimônio literário do memorialista. Segundo Paul Ricoeur (2004), a forma de armazenamento dos arquivos e a dimensão material dos edifícios que os resguardam tende a distanciar o documento do testemunho de uma memória viva, prevenindo a irrupção do testemunho como algo transmitido por uma voz que tencionava ser ouvida. Não é próprio do arquivo ser cerebral, emocional, afetivo ou estabelecer diálogo com alguém. A crítica de Ricoeur abrange questões sobre o Holocausto e um tipo de arquivo específico: o escrito, fonte do historiador. As fontes escritas do arquivo de Pedro Nava: álbuns, atas, bilhetes, cadernos, caricaturas e desenhos com anotações, cartões de visita, cartões-postais, diagramas, documentos vários, epistolografia, fichamentos, notas, recortes de jornais e revistas, telegramas e outros itens impressos ou manuscritos são parte de investigações, sobretudo, nos campos dos estudos históricos e literários. E ainda representam fonte de pesquisa a se explorar:

No privado dos arquivos, documentos, notas e demais papéis escritos aguardam impacientes o momento de se tornarem públicos. Logo, violar a inércia de um arquivo é recuperar e projetar para o futuro fragmentos de conversas íntimas, rastros de acontecimentos, sonhos imaginados e histórias

diversas, que poderão ser lidos por outros leitores em qualquer tempo. (...) Se é assim, o arquivamento de documentos pessoais registra acontecimentos de uma vida que, ao serem desarquivados, se soltam das amarras do passado, se ligam ao presente, e se anunciam como histórias que não querem ser esquecidas. Lembranças e reminiscências pessoais vindas à tona tornam possível a recriação de uma vida privada, além de proporcionar ao pesquisador um doce exercício de nostalgia. (VASCONCELLOS; SANTOS, 2018, p. 15-16).

Considerando o banco de imagens e de fontes usadas por Pedro Nava na composição de obras literárias, Ilma de Castro Barros e Salgado (2011) descreveu a organização do inventário do arquivo do escritor, realizada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (Fundação Casa de Rui Barbosa), no Rio de Janeiro. Os documentos atualmente depositados nesta Fundação foram entregues por Pedro Nava, por D. Antonieta Penido e Paulo Penido, sobrinho do casal.

De acordo com Salgado (2011, p. 75), os 6110 documentos do arquivo, com datas que se estendem de 30 de junho de 1836 a 2 de novembro de 1993, encontram-se organizados “[...] em 8 séries: Correspondência Pessoal, Correspondência Familiar, Correspondência de Terceiros, Produção Intelectual do Titular, produção Intelectual de Terceiros, Documentos Pessoais, Diversos e Documentos Complementares”. No entanto, Vasconcellos e Santos (2018, p. 13) observaram que: “Nem todos os documentos estão datados, e há uma flutuação na forma como a datação se apresenta” em alguns documentos da correspondência do memorialista. Por meio da leitura das cartas que constam no arquivo do autor é possível averiguar a recepção de sua obra literária entre alguns escritores e a coleta de informações para a redação dos originais.

Edina Panichi (1987) descreveu o método de composição literária de Pedro Nava, tema expandido posteriormente em uma série de estudos sobre o escritor. A pesquisa do processo de criação das Memórias inevitavelmente conduz à função estrutural que os arquivos públicos, próprios e alheios<sup>4</sup> desempenham para a expressão do pensamento do escritor. Para Joaquim Alves de Aguiar (1998, p. 17): “O leitor logo percebe que Nava só pode ter trabalhado tendo ao alcance das mãos um arquivo considerável. Sua vocação para guardar vinha de tenra idade”.

“Eu tinha seis para sete anos, mas nascera com o dom de observar e guardar”, escreveu Pedro Nava (1974, p. 287) no primeiro volume das Memórias, relatando lembranças de infância e “agravos” ao “menino desarmado” que foi. Raimundo Nunes (1987, p. 98), Garcia (1997, p. 40) e Aguiar (1998, p. 17) relacionaram essa inclinação precoce para “observar e guardar” com o labor do memorialista adulto, citando o trecho de *Balão Cativo* em que Pedro Nava (1977, p. 228) se retratou na imagem do “[...] menino moreno, tímido, meio sonso que se esgueirava entre

---

<sup>4</sup> Em *Bau de Ossos* existem passagens que tratam de situações envolvendo a busca de documentos familiares em arquivos públicos e cartórios, além de questões sobre a pesquisa e o depósito de acervos em arquivos públicos.

os grandes e gostava de ficar pelos cantos olhando tudo, ouvindo tudo, guardando tudo, tudo. Armazenando na sua memória implacável (seu futuro martírio) os fragmentos de um presente jamais apanhável”. Para reconstituir tal “presente” na Memórias, expôs Panichi (1999, p. 205):

O ponto de partida do processo de criação de Pedro Nava reside no armazenamento de informações a respeito do assunto a ser tratado em determinado momento. O autor anotava em fichas, que recebiam números, sem sequência perfeita, tudo o que julgava importante ou necessário para a composição daquela passagem. (PANICHI, 1999, p. 205).

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (1999, p. 31, grifo da autora) considerou o trabalho do memorialista “como leitor e como arquivista”, a partir das citações feitas por Pedro Nava: “Trata-se de uma análise da forma como o narrador de *Memórias* relaciona os processos de escolhas de retratos e de textos literários para a composição de seus personagens”. Se as fontes relacionadas à arte da arquitetura, escultura, cinematografia, iconografia, literatura e pintura são passíveis de identificação nos arquivos literários de Pedro Nava, esses documentos representam funções consideráveis em auxílio da memória, unida à criação poética para narrar o passado. A esse respeito, afirmou Panichi (2001, p. 42-43) que: “Ao percorrermos os passos do escritor, vamos percebendo as diversas fases, as dificuldades ultrapassadas, as eleições ocorridas, os textos desprezados e, assim, estabelecendo critérios para uma teoria da construção do texto.”

“Além do texto propriamente dito e das fichas que serviram de base para sua redação, há ainda uma vasta documentação complementar, acompanhada de fotos e desenhos” segundo explicou Vasconcellos (2001, p. 24), conhecedora do acervo do memorialista e responsável pela organização do *Inventário do Arquivo Pedro Nava* para a Fundação Casa de Rui Barbosa. A documentação a que a pesquisadora se referiu expõe algumas informações para se vislumbrar o método de trabalho do memorialista. A série “Produção intelectual” do Arquivo Pedro Nava:

Inclui manuscritos e textos datilografados, em sua versão definitiva ou em estado de elaboração, além de alguns esboços e notas significativas. As notas esparsas encontram-se catalogadas na série Diversos. (...) Sua produção intelectual subdivide-se em: Artigo, Ata, Biografia, Capítulo de livro, Conto, Discurso, Ensaio, Entrevista, Memória, Nota, Orelha, Poema, Prefácio, Relatório e Sinopse. (VASCONCELLOS, 2001, p. 23-24).

Os escritos e retratos histórico-biográficos de Pedro Nava ocupam posição privilegiada no extensivo e enciclopédico universo das Memórias. O enfoque do profissional da saúde e a “escrita de médico”, conforme escreveu Vale (2011, p. 88), certamente moldaram a obra do memorialista em vários aspectos. Um desses aspectos consiste em adequar o teor da linguagem,

por exemplo, da semiologia médica, à profusão de detalhes da cena, lembrando que, para narrar memórias de infância, muitas vezes Pedro Nava direciona perspectiva e vocabulário ao universo da criança (GABRIEL, 2017a, p. 68), mantendo-o em primeiro plano, talvez no intuito de expor o modo como ele, menino na ocasião dos eventos narrados, percebia e interpretava a realidade para, em seguida, prosseguir o relato com o discurso do autobiógrafo, do esteta ou historiador:

O Dr. José Dutra era o meu médico. Guardei sua lembrança e a dos seus cabelos e bigodes brancos, do seu jeito carrancudo e da virtuosidade com que ele arrancava de minha barriga os sons mais variados com a sua prodigiosa maneira de percutir – timpânicos, em torno do umbigo, como os de um berimbau; mates, na região do fígado, como pios de macuco; hidro-aéreos, quando havia piriri, como o chilro dos apitos de barro cheios d'água. Eu ficava estupefato e imerso na mesma sensação que teria um piano subitamente dotado da consciência de sê-lo. (...) O Dr. Dutra casara-se com uma sobrinha e sua sala de jantar, cheia de pão-de-ló, abria-se para os mundos do morro do Imperador. O Dr. Almada era nosso parente, neto do Major Gordo. Seu nome todo era Antônio Luís de Almada Horta, mas era mais conhecido pelo apelido familiar e cidadão de *Vigarinho*, que lhe vinha da infância e do desejo, acariciado nesta fase da vida, de ser padre. Quando contava fatos banais, falava baixo e tinha mímica normal. Se exagerava um pouco, alteava o tom da voz e decaíam-se-lhe bochechas e os cantos da boca. Era o médico de meu irmão José. O do Paulo, já contei que era o hirsuto Dr. Beauclair. O Dr. Cesário era um gentil-homem. Aliás Dr. José Cesário Monteiro da Silva, médico elegante, fazendeiro, neto do Visconde de Uberaba. Usava barbas repartidas, tinha um ar sorridente e distante, cultivava a aparência bourboniana que aparentava com Henrique IV, Rei de França. (NAVA, 1974, p. 248, grifo do autor).

A erudição e formação médica de Pedro Nava por certo influenciaram o modo com que a pluralidade das fontes de pesquisa consultadas apresenta-se no texto, a fim de produzir um efeito preciso – anedótico, cômico, crítico, dramático, irônico, onírico, poético ou verossímil – em certa passagem. O repertório de leitura familiar e pessoal é frequentemente evocado, para criar analogias e vivificar episódios e perfis biográficos. Alusões literárias<sup>5</sup> anunciam-se desde a primeira linha de *Baú de Ossos*. A narrativa autobiográfica principia com Pedro Nava (1974, p. 13) citando por epígrafe, seguida de paráfrase, a frase da carta de Eça de Queirós a Pinheiro Chagas<sup>6</sup>: “Eu sou um pobre homem da Póvoa de Varzim...”. Bibliotecas, livros e obras de arte

<sup>5</sup> Júlio de Souza Valle Neto (2020) descreveu “[...] o imbricamento entre leitura e escrita, traduzido em cotidiano familiar”, e a relevância do uso de epígrafes e citações nas Memórias para o entendimento da obra como um todo.

<sup>6</sup> “Você é um poeta, um orador, um lutador — e eu sou apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim”. O trecho da frase de Eça de Queirós (2019, p. 59) citada por Pedro Nava consta na carta escrita de Bristol, a 14 de dezembro de 1880, ao escritor português Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), e faz parte da célebre polêmica entre ambos, denominada *Brasil e Portugal*, iniciada com um artigo de Eça publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

são relacionados à história de amigos, parentes, professores e instituições, em todos os volumes das Memórias. No trecho a seguir, o percurso intelectual do Dr. José Pedro da Silva Nava, dos estudos iniciais, passando pelo Liceu do Ceará, ao ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia, sintetiza o modelo clássico e as novas tendências em ciências e letras ao final do século XIX:

Meu Pai só entrou para o Liceu em 1891, com 15 anos de idade. Ignoro em que colégio primário estudou, mas sei, por certas datas de seus compêndios, que aos 11 anos era aluno de português e latim do seu tio Peregrino Arruda e ia do *Clarorum virorum...* de Tácito, no panegírico do sogro Cnaeus Julius Agrícola, ao *Tityre, tu patulae recubans...* da Écloga I de Virgílio – janela em que todos nos debruçamos sobre a paisagem do mundo latino, para uns clara, para outros brumosa. (...) Parece ter sido colega de turma e foi grande amigo do futuro engenheiro João do Rego Coelho. Possuo cadernos de deveres de inglês, onde os trabalhos de tradução da *Estrada Suave* são assinados pelos dois, com nomes de guerra de que me escapam o significado e a intenção. (...) Além das do Távora, do Rossas, do Coelho, do Otto, do Meton, aparecem nos meus velhos papéis as sombras de Alencar Matos, Frota Pessoa, Antônio Fernandes e Manfredo Afonso que integravam, com meu Pai, o corpo redatorial do *José de Alencar*, “periódico científico e literário”, com redação à Rua Tristão Gonçalves 116 e que saía nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Possuo seus recortes do dia 20 de janeiro de 1893, número 1, do ano II. Nele, meu Pai publica um ensaio intitulado “Philosophia da Historia” – realmente muito bom para os seus 17 anos, já recheados da leitura de Schopenhauer, Herbert Spencer, Buckle, do inevitável Augusto Comte e do Nacional Sílvio Romero. (...) Experimenta-se no conto, na crítica, no ensaio e traduz para os jornais da terra Catulle Mendès, Pierre Loti, Alphonse Daudet e Théodore de Banville. Mas seu período literário, final e mais intenso, começa em 1894, quando, aos 18 anos, ingressa na Padaria Espiritual e termina em 1896, data do início de seus estudos médicos. (NAVA, 1974, p. 83-84, grifo do autor).

A diversidade material e genérica das fontes do arquivo pessoal e familiar do escritor – “compêndios”, “cadernos de deveres”, “velhos papéis”, “recortes” de um “periódico científico e literário” aos “jornais da terra” – é enriquecida por sistemas de referências complementares, de ordem biográfica e autobiográfica, histórica e geográfica, educacional e literária, estética e filosófica, simultaneamente disseminadas em uma única passagem, produzindo, em um mesmo excerto, no plano da linguagem, relações de equivalência e de contraste: “janela em que todos nos debruçamos sobre a paisagem do mundo latino, para uns clara, para outros brumosa”.

Pensada de acordo com o método comparativo de Ezra Pound (2006, p. 40), a escolha das referências literárias para caracterizar a cultura, a influência das instituições de uma época, a personalidade ou a conduta de alguém, amplia, por associações de ideias e imagens, aspectos que o memorialista deseja ressaltar no quadro familiar e social. A obra literária citada engendra, tal qual o símbolo na “mais condensada forma de expressão verbal”, gatilhos mnemônicos que potencializam retoricamente a mensagem, conforme se verifica nos três excertos apresentados

a seguir, retratos que aludem, respectivamente, à Maçonaria em Juiz de Fora, à viagem do avô paterno de Pedro Nava à Europa, e à mudança dos avós para a capital do Império, em 1878:

Era de arrepiar, ouvir o Mário descrever as cerimônias iniciáticas daquele Oriente... Nada, absolutamente nada se comparava aos horrores por que ele tinha passado. Pura brincadeira o que Tolstoi descrevia na *Guerra e Paz*. Pilhéria, água com açúcar, o que Alexandre Dumas traçava no *José Bálsamo*. (NAVA, 1974, p. 16, grifo do autor).

Seu destino é Hamburgo, onde se ambienta na atmosfera úmida e mercantil do grande porto, respira as exalações das margens do Elba e do Alster e estabelece contatos comerciais com gente ordenada e de casas lixviadas e brunidas, do gênero daqueles cônsules, armadores e conselheiros como os Tienappel, os Ziemssen e os Cartorp – descritos por Thomas Mann em *Der Zauberberg*. (NAVA, 1974, p. 59).

A casa ficava em frente do majestoso prédio doado pelo jurisconsulto Teixeira de Freitas para ser uma escola. Nele instalou-se o Colégio Abílio, do Barão de Macaúbas, evocado em Raul Pompéia com o nome de Ateneu. De suas janelas, meus avós deviam ver os meninos, cheios de beleza infantil ou de garbo adolescente nos seus uniformes com duas ordens de botões, cinturão largo e gorro enlaçarotado. Haviam de lhes ouvir a algazarra no banho de natação, a gritaria no recreio e o inseguro canto à hora da capela. À noite, mirando o céu estrelado a faiscar sobre os morros da Nova Cintra, da Graça, do Corcovado e de Dona Maria, quando baixavam os olhos para o renque das janelas da casa imensa e graciosa, haviam de planejar para meu Pai a matrícula que o levaria ao ambiente que fora ou seria o mesmo do solitário Sérgio, do competente Nearco, do sonhador Egbert, do renegado Franco, do cínico Negrão, do místico Ribas, do porco Rômulo, do heroico Bento e do fancho Sanches... (NAVA, 1974, p. 63-64).

Talvez seja possível, sem se restringir a um conceito específico de arquivo neste estudo, definir por arquivo literário o sistema formado pelas alusões literárias presentes nas Memórias. *Corpus* determinável, tal sistema possui origem no domínio mais vasto (e sem limites precisos) do repertório de leituras do autor. Garcia (2003, p. 15) divisou esse sistema em *Baú de Ossos*, conjugado a outros domínios: “[...] suas leituras de infância e adolescência, a herança cultural, intelectual, científica e a exploração exaustiva das biografias familiares que o coloca numa posição concreta no clã e no grupo social de Minas Gerais do início do século XX”. É preciso aduzir que, ao final do mesmo século, Pedro Nava havia conquistado renome como pioneiro no campo da Reumatologia no Brasil e, na literatura nacional, como escritor bissexto. Convém notar ainda que as Memórias distinguem, no médico José Nava, “a herança cultural, intelectual e científica” referida por Garcia. “Esse ecletismo – o ecletismo nos homens inteligentes!” que Pedro Nava (1974, p. 293) identificou na conduta profissional do pai seria fruto de tal herança:

Sempre que o menino saliente que eu era dava alguma opinião que parecia acima de sua idade, lá vinha o *tio* Ennes puxando a brasa para a sardinha de sua família. Meu filho, você herdou a inteligência de Pedro Nava... Ainda bem, ainda bem... Porque a gente do visconde<sup>7</sup>, começando por ele, sempre teve serragem na cabeça... Não, *tio* Ennes, você só pensava em meu avô, em meu Pai. Você esquecia minha Mãe, uma das mulheres mais inteligentes que conheci. Se eu herdei, foi dos dois. (NAVA, 1974, p. 173, grifo do autor).

Contudo, apesar do reconhecimento profissional, ao ser entrevistado para o *Estado de São Paulo*, em 1981, Pedro Nava parece preocupado em justificar a Lourenço Dantas Motta o sentido unívoco que as duas vocações têm na sua “arte literária” como fruto do desenvolvimento do “olhar”, da capacidade de saber “observar” do intelectual de vasta produção científica, capaz de atuar e “escrever como médico” e como “literato”, sem prejuízo de ambos os domínios:

Eu tive uma vida médica muito intensa. Fui professor de mais de uma faculdade, sou membro da Academia Nacional de Medicina, tive uma atividade clínica muito grande. Posso dizer hoje – porque já passou – que fui um médico de sucesso no Rio de Janeiro. E não gostava que suspeitassem da arte literária em mim, achando que isso prejudicaria a imagem do médico. E prejudica... Existe sim, esse preconceito e foi usado contra mim. Os meus colegas têm a gentileza de espalhar que eu não cuido mais de medicina, que só cuido de literatura, que sou só um literato... Foi o exercício médico, não a medicina que me afastou da literatura, porque sou médico em qualquer circunstância. As minhas memórias são cheias de reminiscências médicas. Sente-se ali que o médico está falando. O meu processo é um processo clínico... A descrição dos tipos, por exemplo. Aprendi a olhar, a ver como médico. Temos de usar nossos sentidos de uma maneira absoluta, de tirar deles tudo o que podem render. Modéstia à parte, sei observar... Não dissocio o médico do literato, não dissocio nada na minha obra. Tenho uma obra escrita em medicina, que é muito grande. São cerca de 300 trabalhos publicados... Estou encadernando esses trabalhos e já tenho dois volumes que vou dar ao Museu de Literatura para os críticos verem se escrevo bem como médico, como eles dizem que escrevo como literato. Não creio que eu escreva bem, pois estou sempre modificando o que faço. Cada nova edição minha que sai é mudada. Nunca estou satisfeito com o que faço. (NAVA, 1981, p. 8).

Moacyr Scliar (2002), Geraldo Guimarães da Gama (2003), Edina Regina Pugas Panichi (2003), Maria Luiza Medeiros Pereira (2006), Vanda Arantes do Vale (2005; 2006; 2009; 2018), André Botelho e Andre Veiga Bittencourt (2015) abordaram, sob diferentes enfoques, a influência e a repercussão da carreira médica na produção literária de Pedro Nava. Com estudos que analisam a escrita do memorialista como médico e literato, a partir da variedade do arquivo

<sup>7</sup> Domingos José Nogueira Jaguaribe (1820-1890), pai de Joaquim José Nogueira Jaguaribe (1850-1926), avô materno de Pedro Nava (1974, p. 173): “Juiz, desembargador, deputado provincial, deputado-geral, senador, ministro, conselheiro e Grande do Império, o Visconde de Jaguaribe era essencial e visceralmente uma pessoa de bem, um homem bom e um cavalheiro perfeito. (...) Não direi que fosse um gênio, mas também não concordo com a mediocridade que lhe atribuía Ennes de Souza”. A convivência de Pedro Nava e Antônio Ennes de Souza (1848-1920), engenheiro e professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, é relatada no terceiro volume das Memórias.

peçoal de Pedro Nava e dos traços arquivísticos na escrita das Memórias, Panichi (2003, p. 3) enfatizou que: “A mais importante revelação dos arquivos de Pedro Nava é a de que ele não só valorizava essa educação do olhar, mas também conseguia instrumentalizar, com sucesso, os recursos para enxergar, por ângulos especiais, os objetos e as pessoas que o cercavam”. Se, nos termos do próprio autor, a “descrição dos tipos” é concebida “como um processo clínico”, não se omite a possibilidade de que seja utilizada com o objetivo de oferecer um campo de reflexão sobre determinado indivíduo ou para interrogar as relações deste com um grupo ou situação:

Além de genealogista, o tio Itrício era um hábil curão. Vivia sugerindo tratamento, receitando mezinhas e aconselhando as pílulas de Matos (invenção milagrosa do boticário cearense Antônio José de Matos). Não estou longe de imaginar que a vocação médica de meu Pai – filho de comerciante, enteado de notário – tivesse vindo do contato com seu tio. Hábil carimbamba<sup>8</sup>, eu ainda o vi tratando do Chiquinho, filho do bravo Major Mendes, que era nosso vizinho e aparentado do Dr. Duarte de Abreu – este, comensal, amigo e mentor político de meu Pai. Retrospectivamente, faço o diagnóstico do menino que regulava idade comigo: *reliquats* benignos de paralisia infantil. (NAVA, 1974, p. 48, grifo do autor).

O excerto sobre Itrício Narbal Pamplona revela tópicos que fundamentam a construção de passagens (auto)biográficas e digressivas nas Memórias: o estudo da Genealogia, a hipótese da transmissão de uma herança familiar entre gerações e a ideia do autor que analisa, descreve e narra o passado sob a ótica do médico. Tópico prolífico nas Memórias e nos escritos de Pedro Nava sobre a História da Medicina, dois polos da “imagem do médico” se divisam no excerto: o “hábil curão” da cultura popular, descrito no ensaio “Entre Bruxos e Doutores”, de *Território de Epidauro* (1947), e o médico de formação humanística, na pessoa do Dr. José Nava. Segundo Vale (2006, p. 98): “José Nava foi de uma geração de médicos formada pelos princípios do Sanitarismo. O ensino médico sob a Reforma Sabóia (1881-1882) passou a enfatizar a prática (...) A profissão já se fazia visível na sociedade e se tornou mais prestigiosa socialmente”. Casos de prática de uma medicina de menor prestígio social foram assinalados em *Chão de Ferro*, nos episódios biográficos sobre o segundo marido de D. Maria Luísa, o Major Joaquim Jaguaribe:

Tinha casos de Arassuaí e do Coronel Franco. Fora curão naquelas zonas sem médico, fizera partos, cozera tripas postas ao léu, dilatara leicenças, encanara muito braço e muita perna. Acudia às maleitas com quinino, primeiro, arrenal, depois. Nunca se separava, em viagem, do estojo de cirurgia e partos de meu Pai e nem do Chernoviz<sup>9</sup>, nem do Langaard. Que livros! Trazia sempre no

<sup>8</sup> De acordo com Vale (2006, 95): “Carimbamba é a designação dada a curandeiros em Minas Gerais”.

<sup>9</sup> Pedro Nava provavelmente alude a uma das duas obras mais conhecidas do médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1882) entre os praticantes leigos da medicina no Brasil desde 1890: o *Formulário ou guia médico* (1841) e o *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessórias para uso das famílias*, publicado em 1842.

bolso a pedra do chifre de veado que curava picada até de urutu, até de surucucu. Fui adquirindo experiência do Major e dobrava de interesse pelas suas histórias quando ele tirava os óculos. (NAVA, 1976, p. 144).

A citação a seguir é longa, mas pertinente para se analisar a confluência entre a formação literária e médica do escritor; as “reminiscências médicas”; o relato segundo o prisma de quem sabe “observar” um “processo clínico” (“Sente-se ali que o médico está falando”) porém não dissociado do literato, sobretudo na “descrição dos tipos” médicos célebres do Rio de Janeiro a princípios do século XX; o historiador da Medicina; e a influência do modelo familiar paterno:

Ainda desse quarto uma impressão que concorreu obscuramente para minha vocação médica. Ali assisti a meu Pai, Adolfo de Luna Freire, João Marinho e Antônio Austregésilo fazerem injeções venosas de 606 em minha prima Maria. Ela aparecera com uma febre violenta e dor de ouvido. Otite seguida de mastoidite. Meu Pai e o Dr. Adolfo chamaram o Dr. Marinho, que fez a operação e recomendou exame completo para verificação do estado geral. Os dois tios da doente concordaram em que viesse o Dr. Austregésilo. Ele veio, de cavanhaque à Chico de Castro, punhos à Chico de Castro, sobrecasaca à Chico de Castro e, quando entrou em nossa casa, não parecia ter descido de um tálburi, mas estar saindo das páginas de Lima Barreto. Examinou detidamente minha prima e deu sua sentença, castigando a linguagem e tratando os colegas na segunda pessoa do plural:

*Assaz o demonstrastes, sábios confrades, que se trata de uma supurência óssea e que nesses casos, como em tudo da Medicina, é preciso pensar sifiliticamente. Não vejo terapêutica que ao estado mais se adegue que as fleboclises de 606 – bem circuncluso por sérum açucarado.*

Todas as semanas era aquela aplicação. A empola, pendurada num alto, cintilava como um topázio e a droga descia pelo comprido canudo de borracha até a agulha metida na veia. A doente, imóvel. Os quatro doutores inclinados sobre a cama, como se fossem figuras das *anatomias* de Rembrandt e de Gerard David. Vejo ainda a faíscação dos óculos de míope de Luna Freire, a pelada da nuca de João Marinho, a expressão de cuidado de meu Pai e o ar magistral do Doutor Austregésilo Rodrigues Lima. Circuncluso! Minha prima curou, mesmo com o arsenical entrando no seu tratamento, como Pilatos no Credo. Outros não aguentavam... No julgamento posterior do médico ilustre, como no daquele Frei Genebro, de Eça de Queirós, que foi para o purgatório, depois de uma vida de santidade, pelo pecado cometido contra um porco – pesarão na balança, e quanto! aquelas palavras que foram lei na nossa Medicina durante três décadas, as que mandavam “pensar sifiliticamente”,

---

“Theodoro Langaard (1813-1883) nasceu na Dinamarca, estudou medicina em Kiel, na Alemanha, e em Copenhague. Veio para o Brasil em 1842, quando foi morar, inicialmente, numa vila da Fábrica de Ferro de Ypanema, bem próxima à cidade de Sorocaba (SP), onde conheceu o dr. Cruz Jobim, então diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (...). Daí se transferiu para Campinas, cidade em que morou até 1870, quando veio para o Rio de Janeiro. Em 5 de agosto de 1846, já há quatro anos no Brasil, apresentou, à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma tese para revalidação de seu diploma, dedicada ao dr. Cruz Jobim, na qual defendia a geração espontânea (Langgaard, 1846). Foi autor do *Dicionário de medicina doméstica e popular* — que teve duas edições, nas cerca de 1.500 páginas divididas em três volumes — e do *Formulário médico* — que, tal como o de Chernoviz, era presença obrigatória nas farmácias antes da criação de uma farmacopeia brasileira, e que, mesmo sem ter experimentado a popularidade da obra de Chernoviz, teve três edições” (GUIMARÃES, 2005, p. 504).

Com elas e por elas o mercúrio, o bismuto e o arsênico foram dados indiscriminadamente e muita gente perdeu os dentes, muita gente perdeu a vida por obra e graça de uma locução pedante tomada como aforisma... Mas o mais importante desse quarto de minhas tias é que nele, além dessa marca médica, eu tive outra. Ali se me desabrochou amor que nunca me deixou. O amor dos livros, o amor da leitura. Eu tinha diante dos olhos o exemplo de meu Pai, de suas irmãs, de seus cunhados, permanentemente atolados num volume da coisa impressa. (NAVA, 1974, p. 366-367, grifo do autor).

A narrativa das Memórias é também a da história da medicina em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro, entre os séculos XIX e XX. Pedro Nava é versátil ao relatar essa história, alternando estilos diferentes, como autobiógrafo, biógrafo, ensaísta, cronista histórico e literário. Discorre e teoriza sobre muitos temas: dietas, doenças, epidemias e pandemias históricas, farmacopeias, literatura especializada (os livros raros eram uma de suas paixões, sobretudo na área médica) instituições (de ensino, pesquisa e trabalho), instrumentos, panaceias, procedimentos e técnicas.

O leitor de *Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina* poderá reconhecer nas Memórias personalidades e temas apresentados nos ensaios: “Revivescências”, “Médicos Suburbanos de Ontem e de Hoje”, “Uma notícia sobre Carlos Chagas e a Campanha contra a Peste”, “De Velpeau a Torres Homem”, “Colegas de Ontem e de Sempre” ou “Livros Velhos de Medicina”. Segundo Vale (2005, p. 2): “Nava reconstituiu aspectos da História da Medicina no Brasil, tanto na trajetória de seu pai, José Nava (1876-1911) quanto na sua”. A começar pela biografia do Dr. José Nava, as Memórias referendam o modelo médico humanista (GABRIEL, 2020d) com o qual Pedro Nava se identificava. Moacyr Scliar definiu-o em breve resenha a *Território de Epidauro*, aludindo à importância da formação intelectual do médico:

Pedro Nava inscreve-se assim numa tradição ilustre – e necessária, numa época em que os aspectos tecnológicos da medicina se acentuam cada vez mais, em detrimento do lado humanístico. Muitas faculdades de medicina estão, por isso, estimulando seus alunos a ampliar sua cultura literária, dentro do que se chama “humanidades médicas”. (SCLIAR, 2002).

Assim, considerando as possibilidades geradas na transcrição de arquivos e repertórios, a escrita das Memórias não se restringiria a apresentar uma versão ficcionalizada da realidade retratada e, por extensão, dos aspectos da cultura e presença judaicas no Brasil entre o início da colonização e os anos 30 do século XX. O aporte arquivístico de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* abarca época não alcançada por *Cera das Almas*, mas que possivelmente seria relatada, com depuração estética da escrita, acréscimo de reminiscências e comentários ao texto original, e analogias poéticas, caso Pedro Nava não tivesse suspenso o projeto literário das Memórias.

## 2 - A ESCRITA ARQUIVÍSTICA DE PEDRO NAVA

Entre as contribuições fornecidas pelos estudos sobre os arquivos de Pedro Nava, deve-se ressaltar o modo como essas pesquisas ampliam o entendimento do plano metalinguístico da escrita das Memórias. Ao longo do texto, há digressões que sugerem alguns pilares do processo composicional. No primeiro parágrafo de *Baú de Ossos*, o autor define, topograficamente, tendo por marco inicial “a Rua Direita da Cidade de Juiz de Fora”, onde nasceu, no sobrado de n.º 179, os limites espaciais, genealógicos e históricos das narrativas biográficas e autobiográfica:

E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. (...) A primeira é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades decrépitas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida – Além Paraíba, Abre Campo, Brumado, Turvo, Inficionado, Encruzilhada, Caracol, Tremedal, Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes, Sumidouro. Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo). E do bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos. A segunda é a direção do oceano afora, serra do Mar abaixo, das saídas e das fugas por rias e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas – singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas – que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal e ao encontro das derrotas latinas do mar Mediterrâneo. (NAVA, 1974, p. 13).

A importância da pesquisa genealógica para as *Memórias* é comentada em passagens de teor digressivo em *Baú de Ossos*. É essencial relacionar tais digressões à ideia de continuidade de uma herança familiar (biológica e cultural) e a perfis biográficos de relevo na obra, a exemplo do tio-avô Itrício Narbal Pamplona, irmão do Comendador Iclirérico Narbal Pamplona e de D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava, casada com o avô homônimo do autor. Itrício é referido nas Memórias como bom contador de casos, dotado de impressionante capacidade mnemônica, o que certamente o levava a exercitar o talento para a genealogia em reuniões familiares, aquelas frequentadas pelo “Itrício dos tempos do Ceará”, no sobrado de Joaquim Feijó de Melo, e as do sobrado de Aristides Lobo, no Rio de Janeiro, antes da morte do Dr. José Nava, em 1911:

Mas no que o Itrício era verdadeiramente imbatível era no deslindar parentescos. Por exemplo, a complicação que eram a mistura e as ligações dos Liberato Barroso, Feijó de Melo e Pamplona. E dentro destes últimos, as charadas armadas pelos casamentos de tios e sobrinhas, primos e primas. Gozava o pasmo dos interlocutores quando aclarava. “Não há nada de complicado... É só prestar um pouco de atenção que se compreende logo os graus de primo decorrentes do fato da Sinhá ser nora de um tio-avô e de uma prima-segunda... A Pequenininha é prima-irmã do marido, irmã da sogra e nora de seu tio... O caso da Adélia, da Maria Zaira e do Queco já é mais difícil

porque eles, além de netos, são sobrinhos-netos do avô, netos de uma tia, primos dos pais e dos próprios irmãos. Já o da Neném, concordo que é complicado porque ela, como sobrinha do marido é nora dos avós, tia dos primos-irmãos, cunhada dos tios, sobrinha da irmã, cunhada do pai e concunhada da mãe...” E sorria, enfunado, planando alto, ao pasmo dos circunstantes. (NAVA, 1974, p. 47-48).

Às vésperas de iniciar a faculdade de Medicina, viajando ao Ceará com o tio Antônio Salles para rever parentes, Pedro Nava teve oportunidade de ouvir casos sobre o clã. Entre as memórias que teria recolhido em Fortaleza e acrescentado a *Bau de Ossos*, surge uma história evitada pela família, relatada como epicentro de uma passagem envolvendo o linhagista Itrício, D. Irifila, mulher do Comendador Iclirérico, D. Ana Cândida (Nanoca) e o avô do memorialista:

Justamente o Iclirérico e o Itrício enfronhavam-no na rede dos parentescos dos avós dos dois e na trama formada pelos Rodrigues, Barros e Palácios, quando a Irifila veio se chegando em roscas moles que de repente enlaçaram o marido-Laoconte e estalaram-lhe os ossos com o arrocho da pergunta terrível: “Lequinho, você já explicou a Pedro Nava de que quartel de sua família saiu o tio negreiro”? (...) O Itrício é que respondeu pálido e de voz rouca: “Ainda não, minha cunhada, mas vamos esclarecer o caso na sua presença porque ele toca a você também... Não se esqueça de que você é prima de seu marido e de que os parentes dele seus parentes são”. E esclareceu mesmo, aos urros, diante da consternação de todos e do irmão desnorreado. A história desse bandido familiar era assunto tabu. Tão tabu que eu que a ouvi, em 1922, de minha avó Nanoca, só pude colher o que ela adivinhara fragmentariamente do flibusteiro. Era certamente seu tio-avô, mas ela própria não sabia bem se se tratava de um irmão de Dona Chica do Aracati ou de seu marido João Tibúrcio Pamplona, de Dona Antônia Teresa da Costa Barros, ou de seu Manuel Joaquim Palácio. Sabia mal-mal da legenda cochichada desse carneiro preto que nascera, inexplicavelmente, numa família de gente inimiga de brutalidades, decorosa, cheia de probidade e cultuando com esmero as virtudes civis. (...) A humilhação de minha avó foi profunda, vendo desvendar aquela vergonhosa história de sua gente diante do marido. (NAVA, 1974, p. 52-53).

O episódio é igualmente autobiográfico e sugere o interesse do jovem Pedro Nava pelos antepassados, tentando obter de D. Ana Cândida mais informações sobre o “tio negreiro” – “só pude colher o que ela adivinhara fragmentariamente do flibusteiro” –que enriquecera “correndo os mares e vendendo negros”, “assunto tabu” em uma família ligada à história do movimento abolicionista do Ceará no século XIX (GABRIEL, 2019c; 2019h, p. 83). Parte das histórias que foram colhidas nessa visita, somadas ao arquivo material de imagens, informes genealógicos e documentos guardados ao longo do tempo teriam sido incluídas no seguinte relato biográfico:

Do tataravô Francisco ficaram o nome, a nacionalidade e o ponto de partida para a hipótese genealógica. Do bisavô Fernando, o que se pode tirar da

certidão de batismo de meu avô. (...) Já do avô Pedro da Silva Nava possuo retratos, cartas e as reminiscências que colhi de minha avó, de tios, tios-avós e de um seu caixeiro – José Dias Pereira, pai de conhecido médico do Rio de Janeiro, o Dr. Adolfo Herbster Pereira. (NAVA, 1974, p. 20-21).

Pedro Nava reporta-se ao interesse pela genealogia, ao “gosto pelas árvores de costado”, como inclinação verificada nos ramos familiares paterno e materno. No retrato biográfico do tio-avô Itrício, essa inclinação realça o pendor do grupo familiar Pamplona para a dramaturgia, o sensacionalismo, a fantasia e a criatividade guiada pela imaginação exuberante; apreende os acontecimentos memoráveis, felizes e trágicos da história dos ancestrais; e reforça a identidade do clã. O memorialista faz do estudo genealógico uma engrenagem para contar histórias de vida e reconstituir com maior exatidão o passado, um contexto particular ou perfis psicológicos nos relatos que se apoiam em documentos, lembranças e testemunhos transmitidos entre gerações.

No ramo familiar materno, uma infinidade de histórias, especialmente a biografia de D. Lourença, aliam ao conhecimento de “genealogias autenticadas” uma nota de ostentação que espelha valores cultivados na Península Ibérica e costumes adotados na colônia desde o século XVI, as ideias de ascendência nobre e fidalguia que diferenciavam os chamados “filhos d’algo” dos “filhos de ninguém”; a importância única que representavam as alianças entre famílias de cristãos-velhos e cristãos-novos que lutam para encontrar privilégios em um território comum:

Por que é que havemos de nos *passar*, uns aos outros, sem avós, sem ascendentes, sem comprovantes? Ao menos pelas razões de zootecnia devemos nos conhecer, quando nada para saber onde casar, como anular e diluir defeitos na descendência ou acrescentá-la com qualidades e virtudes. Estuda-se assim a genealogia procurando as razões de valores físicos de categorias morais. *Bon sang ne peut mentir*. (...) Além de receitas de cozinha, Dona Lourença colecionava notas sobre sua família que permitiram que ela ditasse ao Visconde de Nogueira da Gama, boa parte da Genealogia de Famílias Mineiras, publicação do século passado e transcrita com enorme acréscimo de erros pela Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano XII, 1907. (...) esse gosto pelas árvores de costado, dela e de seus sobrinho, repontou em sua neta Dona Joana Carolina Pinto Coelho, em sua bisneta Dona Hortênsia Natalina Jaguaribe de Alencar, em mim, seu tataraneto, e eu a vejo dando outro broto na curiosidade de minha sobrinha Maria Beatriz Flores Nava. Somos os arquivistas da família. Só que esse conhecimento, que eu cultivo do ponto de vista da zootecnia e da fuga para o convívio dos mortos, resultava em orgulho e prosápia no entendimento de Dona Lourença Maria de Abreu e Melo. (NAVA, 1974, p.162-179, grifo do autor).

Antes de consultar ou de criar arquivos, arguiu Ricoeur (2004, p. 166), existe o processo de uma trajetória contínua de arquivamento. Há vários episódios autobiográficos que denotam o interesse de Pedro Nava por reminiscências. Em *Balão Cativo*, após enviuar de D. Maria

Luísa, o Major Jaguaribe transferiu-se de Juiz de Fora para Belo Horizonte, no Natal de 1913, levando D. Diva e os netos. Pedro Nava contava dez anos na ocasião em que a família se hospedou na casa do tio-avô materno Júlio César Pinto Coelho da Cunha. Durante a hospedagem, ele pôde ouvir outra parente sabedora da genealogia e história dos antepassados, D. Joana Carolina, filha de Modesto José, irmão de Luís da Cunha, bisavô materno do autor:

Era *tia* Joanhina entrando com a batida de suas muletas. Nada não, senhora! Tava só olhando as pinturas. Pois então sente aqui (...) e venha aprender quem são. Mostrou três telas a óleo. Duas tinham fundo cor de tijolo onde realçavam, na primeira, um velho de vasto topete, barbas fluviais, uma expressão triste e severa nos olhos verdes; na segunda, uma velha de ar gorducho, resignado e insignificante. O quadro do meio representava uma linda moça com o mesmo penteado, as roupas e a expressão da senhora pintada por Renoir em *La Grande Loge*. Começou por ele, agradada. Esta sou eu, como eu era... Aquele, meu pai, Modesto José Pinto Coelho da Cunha. Aquela, minha mãe, Joana Carolina Pereira da Silva Pinto Coelho da Cunha, irmã de sua bisavó Mariana. É por isto que eu sou como tia de vocês, como irmã de sua avó, da Regina, do Júlio. Para distinguir de minha mãe é que eu assino Joana Carolina Pinto Coelho Júnior. E assinava mesmo, desse jeito esquisito. Mostrou depois o *daguerre* de D. Mariana que acabou nas minhas mãos. Outros *daguerres*, o de sua avó Dona Lourença e o da irmã desta, a Baronesa de São Mateus. Um *fusain* representava o Luís da Cunha vestido de Alfredo de Musset, barbas de *hippie*, penteado de corte à inglesa, braço dado com a mulher e vítima. (...) Percebendo meu interesse e instalada no seu assunto predileto, *tia* Joanhina ministrou-me a ducha genealógica até a hora do jantar. (...) Comecei ali uma amizade que duraria anos, com a velha prima (amizade não isenta de pânico porque sua conversa informativa e pitoresca só vinha de mistura com pitos, ameaças e descomposturas). (NAVA, 1977, p. 89-90, grifo do autor).

Percebendo o interesse de Pedro Nava pela história familiar, D. Joana Carolina e D. Ana Cândida formam repositórios de um acervo, material e imaterial, registrado anos mais tarde nas Memórias. São dignas de reparo do pesquisador da cultura popular as belas páginas de *Chão de Ferro* sobre as histórias contadas pelo Major Joaquim Nogueira Jaguaribe (GABRIEL, 2019h) e referidas segundo a ideia de transmissão de um acervo familiar por Pedro Nava (1976, p. 143): “Aquilo, na nossa sala, era o eco das conversas que o Major escutara de sua mãe e que esta ouvira da sua. Era a mesma voz vinda do Ceará, passando pelo Rio reboando agora na Serra do Curral...”. Extenso é o número de contadores de histórias descritos em *Bau de Ossos* e, sem dúvida, marcante a impressão que devem ter causado na imaginação e memória do menino observador e do jovem talentoso que foi Pedro Nava. Sendo assim, é factível que, na elaboração das Memórias o escritor recorresse ao concurso de bons narradores, entre pessoas de diferentes gerações na mesma família, com a finalidade de apurar fatos e informações não documentadas:

Nunca tive ideia, quando possível, de verificar o grau de parentesco de meu avô e de Ennes de Souza. Podia ter perguntado isto a tanta gente... À minha avó, aos seus irmãos; às minhas tias paternas; ao próprio Ennes, à sua mulher, à sua cunhada Sinhá Cota; às velhas primas de meu Pai – a toda aquela população de minha infância que parecia argamassada de eternidade e que hoje está “dormindo profundamente”. (...) [Pedro da Silva Nava] Possuía o belo parecer de que ouvi falarem até o fim da vida sua mulher, sua cunhada Dona Maria Pamplona de Arruda e sua prima Dona Eugênia Rodrigues Ennes de Souza. Se agradava pela simpatia e pela beleza varonil, encantava também pela alta e nobre inteligência. Era um conversador inimitável e um narrador prodigioso. O eco de suas conversas, de suas histórias, de seus achados, ficou nos casos que dele repetiam sem cessar seu irmão adotivo Ennes de Souza, seu cunhado Itrício Narbal Pamplona, seu concunhado Joaquim Feijó de Melo. (NAVA, 1974, p. 24-26).

A transmissão da memória entre gerações envolve, segundo Ricouer (1998, p. 30), uma obrigação moral orientada para o futuro. A memória transmitida é assim confiada a um tempo futuro. O que se consigna, neste caso, essencialmente, é a obrigação de transmitir, de ensinar, de recontar à geração seguinte, de tal sorte que a história permaneça sob o signo da instrução, a qual pode justificar a função de instruir por influência de condutas originárias do luto. Manter reverberando entre gerações o eco das conversas, histórias e achados de alguém estimado pelos parentes gera um tipo de memorial biográfico que reforça laços de afeto e a identidade do grupo.

Ao sondar genealogias, histórias de vida, memórias familiares e relações de parentesco, o memorialista desenvolve, em meio a digressões e narrativas, reflexões sobre a problemática da conservação e extinção de patrimônios históricos, interrogando os limites entre o individual e o coletivo. Quando descreve, com minúcias, objetos praticamente desaparecidos do cotidiano, Pedro Nava (1974, p. 319) efetua um registro de traços do passado e faz suposições pertinentes, por exemplo: no futuro, as coleções de acervos particulares destinam-se ao domínio privado ou institucional? “O [castão] da bengala de tio Júlio ostentava a balança da Justiça; o de meu Pai tinha a cobra de Esculápio; a de tio Salles, o emblema da Padaria Espiritual. Com iniciais, monogramas ou o nome todo. Hoje, objetos de coleção e dentro em pouco, de museus”. Alusões à ausência de uma cultura nacional sobre a preservação do patrimônio histórico são frequentes:

[...] Dona Mariana (...) estando a coser à máquina o babadouro de um neto por nascer, deu de repente suspiro profundo, inclinou-se sobre a costura e morreu sem um ai. Quando o Dr. Romualdo chegou, ela já estava endurecendo na cama em que a tinham deitado e as moscas pousavam sobre seu sorriso. Ainda conheci essa máquina de costura, pequena como um brinquedo e tendo presa à agulha a peça de enxoval nunca usada pelo Mário Horta<sup>10</sup>. Conservava a relíquia o tio Júlio Pinto. Depois de sua morte, a *tia* Joaquina me ofereceu três

<sup>10</sup> Mário da Cunha Horta (1876-1951), filho de Francisco Alves da Cunha Horta e de D. Regina Virgilina Pinto Coelho, filha de Luís Pinto Coelho da Cunha e de D. Mariana Carolina Pereira da Silva, bisavós maternos do autor.

lembranças de minha bisavó: uma boceta de rapé, em prata; as lentes que ela amarrava na testa, para servirem de óculos; a tal máquina. Bestamente recusei a última e não sei onde foi parar essa peça de museu. (NAVA, 1974, p. 165, grifo do autor).

Há passagens autobiográficas que demonstram o interesse do memorialista por artefatos, casos, documentos, genealogias, notícias, reminiscências, retratos familiares e até histórias de assombração (GABRIEL, 2016b; 2017e; 2018b; 2019d). O segundo capítulo de *Baú de Ossos* traz uma série de casos de fantasmas, que apreendem elementos da cultura popular; da geografia espacial e humana; da história regional e nacional; da literatura oral e vernácula. Há relatos da tradição popular de raízes europeias e indígenas; *memorates*<sup>11</sup> com protagonistas históricos, a exemplo do Dr. Augusto de Lima, “acadêmico de cabeça fria e deputado de espírito forte”; Leopoldo César Gomes Teixeira, “machacaz sem medo e sem mácula”; “Um cunhado do Dr. Bernardino, irmão de Dona Ester Franzen de Lima”; e o Dr. Francisco Luís da Silva Campos, “o mesmo e insigne ministro da ditadura, todo *nietzschiano* como ele era”; além das narrativas de Osório e sua irmã Emilieta, esta, cria da avó materna do escritor, aquele, copeiro em casa de José Nava. *Chão de Ferro* sugere uma das possíveis fontes dos casos coletados por Pedro Nava:

Era o Dr. Bernardino de Lima, irmão do Poeta Augusto de Lima, professor da Faculdade de Direito (...) Tratei logo de renovar conhecimento e fui recebido na casa agradável e simples dessa querida família. Eu devia ser um chato de botas (tinha consciência disso!) mas era mais forte do que eu: não saía de lá, de dia, de noite, ouvindo as histórias de assombração de Dona Ester e do Manuelito<sup>12</sup>. (NAVA, 1976, p. 106).

As inúmeras referências ao sobrenatural disseminadas pelas Memórias constituiriam um acervo heterogêneo e simbolicamente exuberante. Não faltam passagens autobiográficas sobre aparições em cenas algo surrealistas nas recordações de infância de Pedro Nava (1974, p. 371): “Não sei como a aparição subia o barranco nem sei como ela pulava o paredão. Quando dava acordo, ela estava rente a mim, como a fatalidade (...) e eu ficava sozinho, num descampado imenso, entregue ao inelutável”. Em *Balão Cativo*, consta o episódio sucedido em Juiz de Fora,

<sup>11</sup> O termo *memorate* origina-se na definição de Carl Wilhelm von Sydow (1934) sobre as formulações contextuais e textuais do gênero de narrativas que o conceito de legenda pode abarcar. Sydow separou a legenda do conto e definiu subcategorias de *memorates*. Tais definições foram ampliadas em contribuições posteriores. Próximo ao conceito de *memorable*, proposto por André Jolles em *Formas Simples* (1930), o termo *Memorate* indica o relato de uma experiência sobrenatural. Para Sydow, tal relato não absorveria elementos poéticos e tradicionais à questão dos *memorates* e das características deste em outras formas narrativas foram comentados por Dégh (2001, p. 59). Pedro Nava foi, sem dúvida, um coletor de *memorates* e *fabulates* (versões de circulação coletiva que perduram).

<sup>12</sup> Manoel Franzen de Lima (1903-1980), um dos onze filhos de Bernardino Augusto de Lima (1856-1924) e Esther Leopoldina Franzen (1867-1944).

pouco tempo após a morte do pai de Pedro Nava (1977, p. 51): “Num meio-dia quieto e parado, eu estava conferindo as alturas da Rua Espírito Santo quando apareceu, meio curva e de chapéu-de-chile, a figura de meu Pai. Seria ele mesmo? Sua sombra? Alguém semelhante assim?”; e os episódios ocorridos entre setembro e dezembro de 1913, após a morte da avó D. Maria Luísa:

Aliás, sua presença começou a ser sentida na casa em pânico. As negrinhas diziam que de noite ela mexia no piano. Da cozinha, ouvia-se, de madrugada, uma batida de colher em fundo de prato: era ela, era ela, fazendo maionese. E uma noite, quando subimos para dormir, meu mano José recuou, vendo nossa avó ajeitando as cobertas de minha irmã Ana – já deitada de mais cedo. Mas pouco a pouco seu fantasma foi se esbatendo... (NAVA, 1977, p. 79).

Além dessas passagens que assinalam períodos de luto familiar, mencione-se o episódio da aparição do patrono do Colégio Pedro II, citada duas vezes por Pedro Nava (1977, p. 328): “Tive um arrepio retrospectivo: eu tinha visto, claramente vista e invocada por mim, a Sombra Augusta do Imperador”. A outra menção é feita em *Chão de Ferro*: “Embaixo, o sino de bronze. Foi como tive a ideia de fazê-lo mugir a pedrada e disso resultou (já o contei no meu *Balão Cativo*) ver aparecer, lá embaixo, a Sombra Augusta de Dom Pedro” (NAVA, 1976, p. 61). Em *Chão de Ferro*, Pedro Nava (1976, p. 144) ouviu o Major contar sobre aparições vistas em suas viagens como engenheiro: “Falava muito do sertão, do Norte de Minas. Referia o fantasma dum moço que ele via com os olhos que a terra havia de comer, sol a pino, atravessando a mata”.

Os casos sobrenaturais relatados nas Memórias teriam um processo de coleta e registro análogos à pesquisa publicada em “Fact and Fiction in a Legend” (2008), estudo em que Trefor Doloughan Vaughan analisou fontes da história de fantasma de Beresford, “The Gill Hall Ghost Story” ou “The Tyrone Ghost Story” e sua evolução da forma oral para a narrativa, observando que alguns acontecimentos eram factuais e outros provavelmente baseados em fatos. A posição social dos protagonistas permitiu que nomes e datas pudessem ser historicamente determinados.

A legenda oral é conhecida na Irlanda desde o século XVII. Variantes orais e ficcionais impressas no século XIX aludem à história familiar dos protagonistas, que relataram os eventos em cartas e diários. Analisando-os, Vaughan concluiu que aspectos biográficos, o local onde residia a família e objetos ligados aos episódios sobrenaturais alicerçam as versões da história.

Sobre a relação de objetos familiares com eventos sobrenaturais, um episódio de *Balão Cativo* recorda a explicação de Luís da Câmara Cascudo (1983, p. 108-109): “Espelho quebrado é anúncio de morte. (...) O reflexo do espelho é força defensiva, repelindo, afastando, contrariando a magia inimiga”. Ambas as acepções mencionadas por Cascudo encontram-se na passagem em que Pedro Nava (1977, p. 43-74) relata circunstâncias da doença e falecimento

de D. Maria Luísa: “Era feitiçaria da Justina, porque ela estava contando o caso da negra à Ernestina do Hilário Tucano e quando dissera ‘aquela cachorra da Justina’, a essa palavra, ‘Justina’, ouvira o estouro. E logo espelho quebrado. Que agouro!”. A passagem é correlata à de *Chão de Ferro* pelo motivo do objeto “quebrado”, signo indicial de um “augúrio tremendo”:

Quando cheguei a Belo Horizonte encontrei minha Mãe consternada. O Major resolvera mesmo convolar justas núpcias com prima viúva, mais moça que ele exatamente trinta e três anos. O casamento fora feito por procuração e a cerimônia realizara-se em Fortaleza, em casa de meu tio Meton de Alencar. (...) Exatamente à hora do *sim* do procurador dera-se fato extraordinário. Um retrato de tamanho natural da Inhá Luísa, que ocupava a peça principal da casa dos tios, saíra por fenda de fora a fora aparecida na parte inferior da moldura e viera cair aos pés da madrastra recém de tia Dedeta, de minha Mãe e de tia Iaiá. O quadro vazio ficou pendurado à parede. Houve um silêncio mortal, todos se entreolhando, cada qual mais andré, diante do augúrio tremendo. (...) Pouco tempo ficariam em Belo Horizonte. Ano, ano e meio. Mudaram-se para Antônio Dias Abaixo, em Minas e depois para Lavras, do Ceará. De lá voltaram em 1926. Foram operados os dois, no Rio, na Casa de Saúde São José e morreram um depois do outro, com o intervalo de quinze dias, em outubro de 1926. (NAVA, 1976, p. 250).

Conforme os excertos citados, o acervo das experiências sobrenaturais transcritas para as Memórias não abrange apenas casos de aparições, mas de anúncios de “agouros”, “augúrios” e “fatos extraordinários”, entre os quais destaca-se o incidente ocorrido a 30 de junho de 1911, em uma tarde fria e úmida. Às páginas finais das Memórias, Pedro Nava (1974, p. 386) relatou com dramaticidade o fato que teria culminado no adoecimento e morte do Dr. José Nava: “[...] ele foi ver, na Rua Honório, uma criança com difteria. (...) Vi quando ele chegou em casa e quando um instinto profundo mandou-me gravar o que estava vendo. (...) Ficou esperando, meio curvado, olhando triste, triste, em direção ao rio Comprido – sob a chuva e os presságios!”.

A tal acervo, devem ser incluídos os “sinais” a que Pedro Nava (1974, p. 371) atribuiria funções variadas durante a narrativa, tais como abalizar acontecimentos importantes; delimitar o início e o final de um ciclo na vida pessoal ou familiar; e assinalar transformações psíquicas: “Nesses tempos de águas baixas é que aparecia, sempre! uma ratazana na sua corrida obstinada, roliça e atarefada. (...) Ela era um sinal.” Alguns sonhos teriam funções análogas aos “sinais”.

Em *Balão Cativo*, as memórias dos colégios Anglo e Pedro II relatam fases de conflitos íntimos e transformações dolorosas. Certa noite de chuva no dormitório do Anglo, Pedro Nava (1977, p. 127, grifo do autor) tem um sonho em que é condenado no “Julgamento Final”: “[...] fui invadido pela revelação de que aquela tempestade era o anúncio do fim do mundo. (...) Apesar das minhas rezas espavoridas – “Santo Onofre! Santo Onofre, padroeiro dos ladrões e

dos homens maus. (...) Eu me perdia porque estava metido com os *metodistas* do Anglo”. Sonho ou pesadelo, a passagem alude a questões sobre a formação cristã da família materna do autor e às propostas educacionais do colégio, além de pequenos delitos cometidos em Juiz de Fora. Mais enigmática é a menção de Pedro Nava (1974, p. 344) à tia-avó Marout (1844-1929): “Vi-a há muito pouco tempo, nitidamente, como ela era, num sonho de aviso que me gelou os ossos”.

A escrita das Memórias é constituída de repertórios de saberes indicativos do diálogo entre várias disciplinas, e de pesquisas bibliográficas e documentais, o que exige do estudioso da obra de Pedro Nava investigações de ordem epistemológica e comparativa. Mas é preciso considerar o ponto de vista do médico; do arquivista; do bibliófilo; do esteta; do historiador da arte e da cultura; os trechos digressivos, de teor confessional ou metalinguístico; e as reflexões esparsas sobre as modalidades de memória e seu funcionamento. Ao discorrer sobre um tema, muitas vezes de modo rizomático<sup>13</sup>, abordando simultaneamente vários aspectos de um assunto, intercalando relatos e ponderações, a prosa literária das Memórias evoca a técnica de associação livre de Sigmund Freud ou ainda os jogos de escrita dos poetas surrealistas (GABRIEL, 2019b).

Para Antônio Sérgio Bueno (1997, p. 11): “O discurso memorialista de Pedro Nava é um lugar para o qual convergem relações infinitas – como em uma renda ou uma rede – que se tecem e proliferam a partir de qualquer ponto”. Assim, nesse discurso memorialista, diversos artifícios retóricos, formas narrativas breves e modalidades discursivas podem ser empregados para discorrer sobre um tópico. Por exemplo, uma sucessão de relatos se desenvolve a partir desta ponderação de Pedro Nava (1974, p. 105): “Que engano tomar os fantasmas como ilusões dos sentidos abusados por formas indistintas...”. E cada narrativa tem uma ideia central – “algazarra dos defuntos”, animais e árvores que conversam, “aquela história da noiva fantasma do último bonde *Bonfim*”, espaços mal-assombrados, intervenções do sagrado, impressões, pesadelos, presságios, sinais e sonhos – que, por sua vez, produz relações poéticas e intertextuais; harmoniza erudição e cultura popular, narrativas autobiográficas e biográficas. Tal mecanismo de composição literária comparar-se-ia à coleta de dados para criar um arquivo:

E o que mais? As minhas reminiscências e as que colho, quando posso, de Aluísio Azevedo, Carlos Paiva Gonçalves, Florentino César Sampaio Viana, Haroldo Moreira Gomes, José Beltrão Cavalcanti, Henrique de Melo Moraes, Raimundo da Costa Figueira, Nelson de Mesquita Leitão, Afonso Arinos e Afrânio de Melo Franco. De um desses colegas amigos de mais de cinquenta anos, recebi, há tempos, para copiar em xerox, dois números de jornalzinho manuscrito publicado no Internato em 1920. Chamava-se *A Tocha* e dava um esclarecimento aos desavisados: “o que não sai na *Noite*, *A Tocha* traz...” Voltarei ao valor psicológico e sexológico desse jornal e pena é que não possa

<sup>13</sup> O termo “rizomático” foi empregado segundo a teoria desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980).

completar minhas impressões nesse sentido, compulsando coisas dispersas, perdidas em arquivos, sepultadas em outras gavetas de velhos maníacos assim que nem eu. (NAVA, 1977, p. 274).

Cultura, história e sociedade são planos confluentes nas Memórias e pelo que se constata dos estudos sobre o arquivo de Pedro Nava, sabe-se que ele criava roteiros, súmulas e anotava informações sobre variados temas, os quais se combinam para descrever, por exemplo, o Estado de Minas Gerais contemplado sob diversos ângulos. Nas alusões à culinária (PANICHI, 2018), o leitor contempla a diversidade de informações que o texto fornece sobre a cultura, economia, história e sociedade de uma região geográfica em particular (GABRIEL, 2019e; 2019j; 2021).

Utilizando recursos da pesquisa, memória e imaginação, o autor busca recriar cenas da história do cotidiano, obtendo, como que em mosaico, o retrato panorâmico de um grupo ou de uma época. Vale (2018) divisou nesse aspecto da obra naveana, o enfoque de um “memorialista-anatomista da sociedade brasileira”, intérprete dos valores e pensamento “de uma geração – a Modernista”. Vale (2006, p. 93) sintetizou as conclusões de sua análise do seguinte modo: “Temos afirmado que na obra literária naveana encontra-se a escrita de um médico anatomista, atividade que mereceu inúmeras páginas de seus escritos”. Nesta acepção, Pedro Nava associou a psicologia e “fisionomia” de um segmento social de Juiz de Fora, no início do século XX:

Honrados, taciturnos, caridosos, castos e temperantes, esses ricos homens traziam geralmente na fisionomia um ar de fadiga, de contenção e de contraída tristeza que só não se via na face radiante daqueles que carregavam secretamente o remorso adquirido nas viagens frequentes ao Rio de Janeiro – onde muito se podia. (NAVA, 1974, p. 14).

Em “Pedro Nava e a sua criação”, Vasconcellos (2003) afirmou que o memorialista “[...] considerava não só o que produzia, mas ainda qualquer documento ou correspondência que pudesse conservar como parte integrante da sua história e da sua obra. Durante toda a vida preocupou-se em guardar papéis e o declarava sempre”. Segundo Panichi e Contani (2007): “Vale lembrar que, nas mãos de Pedro Nava, qualquer papel, carta, documento, fotografia, servia de ponto de partida para a recriação do passado”. Vale (2009, p. 128) complementa esses dados sobre a construção dos arquivos de Pedro Nava afirmando que: “O memorialista foi um compulsivo ‘guardador de papéis’, anotou observações do cotidiano e de narrativas familiares”.

Se, como definiu Vale (2009), Pedro Nava é um “memorialista-anatomista da sociedade brasileira”, sua produção intelectual e literária reflete o trabalho de memorialista-arquivista da sociedade brasileira. Além do aporte documental, os itens desse arquivo cumprem a função de

dispositivos mnemônicos analógicos. “São tudo chaves” que acionam as memórias involuntária e voluntária, explicou Pedro Nava (1974, p. 306). Assim, segundo Lenina Lopes Soares Silva:

[...] as memórias são decorrentes de um longo trabalho de pesquisa e de documentação em arquivo pessoal, no qual constam, entre outros, instrumentais usados como elemento despertador de memórias, para o autor – gatilho associativo, álbuns de fotografias, cartas, cartões postais, objetos de uso pessoal, desenhos, caricaturas e roteiros descritivos e pontuais dos lugares onde viveu e de viagens feitas. E, também de objetos herdados de seus familiares e enviados para o Narrador por amigos e por familiares destes. Informamos que a maior parte destes documentos e objetos, inclusive os originais da produção memorialística, encontram-se no acervo do Arquivo do Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Estas observações sobre o Narrador, como colecionador e arquivista, são ratificadas por todos os seus intérpretes. (SILVA, 2010, p. 46-47).

O momento do arquivo, afirmou Ricoeur (2004, p. 166), é o momento de acesso à escrita de uma operação historiográfica. O testemunho possui origem na oralidade e destina-se à escuta de alguém ou de certa audiência. O arquivo é escrito, lido, consultado. No arquivo, o historiador é o leitor. Ao redigir suas memórias consultando e produzindo arquivos, Pedro Nava executaria a operação historiográfica citada por Ricoeur. “Mas o mais importante, para o memorialista, é a comunicação humana, o tipo de comunicação que alcançará. Sabe que é indispensável ser lido. Ser lido é ter companhia”, afirmou Pedro Nava (1972, p. 5) em entrevista ao *Jornal do Brasil*. Vincular a escrita das Memórias ao arquivo do escritor subentende algumas operações.

A primeira consideração sobre o fruto dessas operações é que “A escrita de Pedro Nava é atraente”, observou Panichi (2011, p. 530), analisando como o talento do escritor para as artes plásticas teria influenciado a redação das Memórias. No arquivo de Pedro Nava encontram-se anotações, cadernos, diários de viagem e fichas ilustrados com desenhos de autoria própria. Tal inclinação para as artes verificar-se-ia “na ideia estética que o autor faz do corpo humano”, bem conhecido pelo médico e na questão da minudência da prosa literária naveana ao descrevê-lo. Segundo Panichi (2003) tal operação surge do “movimento tradutório” ou de transposição entre códigos, do registro arquivístico para o alicerce visual, e deste para a composição da escrita.

Grandes mestres da escultura e pintura, como Gian Lorenzo Bernini e Sandro Boticelli, criaram obras de arte a partir de modelos humanos; partindo de criações artísticas e ficcionais, Pedro Nava retratou modelos humanos (GABRIEL, 2018c; 2019a). Por exemplo, para explicar sua percepção do ambiente e das pessoas durante a agonia do Dr. José Nava, Pedro Nava (1974, p. 387, grifo do autor) elegeu uma constelação de imagens: “[...] só as pessoas recortavam-se como desenhos, onde as figuras existissem e se definissem sem o *décor*. Agindo soltas como

os esboços de Leonardo da Vinci. Como eles, precisos, simbólicos”. Aludir aos esboços sem designar um deles, embora fixe um padrão estético, evoca a ideia de desorientação, ao inverso da menção específica feita por Pedro Nava (1974, p. 77, grifo do autor) no excerto: “[...] a 31 de maio de 1880, aos trinta e cinco anos sete meses e doze dias de existência, Pedro da Silva Nava pesou nos braços da amada com a violência e a densidade marmóreas do Cristo da *Pietà*”.

Além da capacidade de descrever algo objetiva e subjetivamente com o apoio das artes, outro aspecto que faz a escrita de Pedro Nava “atraente” para o historiador, leitor potencial de arquivos, segundo Ricoeur (2004), e para o estudioso da literatura, tomando de empréstimo as palavras de Rosemar Eurico Coenga (2011, p. 92): “[...] são as múltiplas histórias guardadas na família, preservadas nas memórias dos mais velhos, em fotografias, documentos e diários, mas também suas leituras de diversos autores: memorialistas, filósofos, romancistas, entre outros”. Fotos, documentos e diários são vestígios arqueológicos dessas histórias arquivados por Pedro Nava e que participam de operações de coleta para seleção de dados e de termos específicos:

Reuniu uma série de dados que julgava importantes e que pudessem vir em auxílio de sua memória, pois era uma cena dos anos 1920 que trazia gravada na lembrança e que precisava ser transportada para o texto em construção. Os elementos levantados foram armazenados em fichas, algumas numeradas e outras não. Tais documentos de processo traziam informações da mais diversa ordem, o que comprova que o autor esmerou-se na busca dos dados que pudessem auxiliá-lo na reconstrução do passado e também ilustra a organização de seu raciocínio. (PANICHI, 2012b, p. 256-257).

A ponderação de João Erastótenes Doulgras Cardoso (2015, p. 87): “[...] a narrativa de Nava é uma grande exposição que envolve o tempo presente – que narra – e o tempo passado – que é narrado”, remete a uma consideração em particular que o próprio memorialista fornece, aludindo à operações de inferência<sup>14</sup> aplicadas à triagem e averiguação de fontes, informações e materiais que lhe permitem encontrar a melhor forma de reconstituir e transcrever o passado:

Para recompor os quadros de minha família paterna tenho o que ouvi de minha avó, de meus tios-avós Itrício e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas. Uns retratos. Umas folhas de receiptuário de meu primo Carlos Feijó da Costa Ribeiro com genealogias registradas por ele. Cartas. Cadernos de datas de meu avô Pedro da Silva Nava e de meu tio Antônio

---

<sup>14</sup> Para o filósofo e cientista social Aviezer Tucker (2004, p. 10-14), se a História, na acepção de disciplina científica, é baseada na inferência determinada da evidência, então o estudo filosófico da interação científica do historiador com a evidência é um subcampo da epistemologia, ou seja, a prática científica da inferência evidencial utilizada pelo historiador é um subcampo da epistemologia, e tal prática deve ser claramente distinguida de questões sobre a interpretação historiográfica, que é um subcampo da teoria do valor. Para descrever um fato muito distanciado no tempo, o historiador analisa e correlaciona a fidelidade entre causas ancestrais comuns, evidências materiais, testemunhos, informações de autores, fontes ou instituições específicas (TUCKER, 2004, p. 120-123).

Salles. Notas diárias da mulher deste, Alice. Daí tenho de partir como Cuvier do dente e o ceramista do caco. No mais, há que ter confiança no instinto profundo de minha alma, de minha carne, do meu coração – que rejeitam como coisa estranha o que sentem que não é verdade ou que não pode ser verdade. Há também os objetos... (...) um quadro conservado três séculos e o fato de se saber disto, depois das nove gerações comportadas por esse prazo, mostram uma estabilidade de posição social (mesmo modesta!), um espírito tradicionalista, um respeito pelo passado e pelo antepassado que podem ser atestados, jurados e historiados. (NAVA, 1974, p. 41).

De acordo com Pedro Nava, “genealogias registradas”, “cartas” e “cadernos de datas” – fontes escritas que o historiador busca em arquivos, segundo Ricoeur (2004) – mas igualmente fontes orais, “retratos” e objetos “podem ser atestados, jurados e historiados” pelo memorialista. Pedro Nava entregou vasta documentação à Fundação Casa de Rui Barbosa, com fontes escritas associadas à narrativa das Memórias, como, por exemplo, cartas familiares. “Destas, a mais antiga é a correspondência entre seus avós paternos, no período de 18 de março a 10 de abril de 1875”, segundo Vasconcellos (2001, p. 22). São fontes que compõem narrativas biográficas:

DIVERSOS, como o nome indica, é uma série em que se encontra material de natureza variada, sem que seja, contudo, destituído de importância, uma vez que, muito frequentemente, foi reunido por PN para complementar suas memórias ou servir-lhes de suporte no conhecimento de ramos de algumas famílias que povoam suas obras. Por certo servirão de exemplo os dossiês dos Navas, dos Halfelds, dos Penidos, dos Pamplonas, dos Alencares, para citar alguns. (VASCONCELLOS, 2001, p. 30).

Além de fontes que servem “de suporte” para narrar o passado, existem aquelas atinentes ao método composicional das Memórias. De acordo com Vasconcellos (2001, p. 24): “Além do texto propriamente dito e das fichas que serviram de base para sua redação, há ainda uma vasta documentação complementar, acompanhada de fotos e desenhos”. Contudo, os documentos citados nas Memórias que podem ser identificados no Inventário do arquivo Pedro Nava constituem apenas parte de um vasto acervo referido no texto. É oportuno distinguir assim duas funções para esses documentos: a de um arquivo para averiguações do memorialista, que Pedro Nava realiza como arquivista, biógrafo e historiador amador; e a de um arquivo para a pesquisa do estudioso do processo composicional de Pedro Nava. Sobre a conservação de acervos como esse, José Maria Jardim, um dos nomes referenciais no campo da arquivologia no país, analisou

[...] o processo de avaliação e seleção de documentos arquivísticos, como um dos pilares da arquivologia contemporânea. A este processo e seus determinantes teóricos encontra-se vinculada, por princípio, a constituição dos acervos permanentes/históricos dos arquivos públicos. Estes escolhem,

mediante tais diretrizes, documentos considerados socialmente relevantes a ponto de se justificar a sua preservação permanente. (JARDIM, 1995, p. 1).

“Os arquivos pessoais já nascem como arquivos permanentes e têm por finalidade a preservação dos documentos que tenham valor cultural, pessoal, jurídico ou histórico”, afirmou Vasconcellos (2007, p. 9). Os arquivos pessoais obtiveram maior destaque sociocultural após os grandes conflitos bélicos e políticos do século XX. O conceito de arquivo tem se expandido sob o enfoque de diversas áreas do conhecimento. Ricoeur (2004) analisou o problema da temporalidade aplicado à representação do passado pela História e pela memória, discutindo o papel da narrativa do passado na forma escrita, sem descartar o discurso literário. A narrativa memorialística apreenderia duas questões fundamentais pertinentes ao conceito de arquivo: o conhecimento do passado e o enfoque adotado pela escrita que elabora o registro e a transmissão desse conhecimento. Para Ricoeur (2004, p. 26), a memória do passado transcrita em narrativa exige do historiador o compromisso com a representação do tempo e da verdade dos fatos. Mas o memorialista tem a prerrogativa de eximir-se desse compromisso no texto literário, conforme o fez Pedro Nava (1944, p. 233) ao relatar a época da primeira infância, vivida em Juiz de Fora: “É impossível dar uma impressão cronológica dessa fase de minha infância. Só de uma ou outra coisa ocorrida com gente grande e de que ficou memória em velhos documentos, em cartas onde a tinta se apaga. (...) É impossível colocar em série exata os fatos da infância”. Para Eneida Maria de Souza (2004, p. 75), quando Pedro Nava utiliza “[...] o processo de colagem, próprio da arte moderna, rompe-se com a linearidade das imagens, optando-se pela simultaneidade do conjunto” e a narrativa de algumas passagens tem sua “estrutura na forma de um palimpsesto”.

Em *Myth and Archive* (1990), Roberto González Echevarría recordou o comentário de Harold Bloom sobre certa apreensão comum a toda pessoa que escreve na intenção de ser lida: seja qual for o método elaborado ou seguido, ele é mera máscara do próprio eu. Logo, talvez todo criticismo represente um tipo de autobiografia. Esta, similar aos mitos antigos, pode formar um arquivo de histórias com diversas modalidades narrativas, arguiu Echevarría, (1990, p. 17).

A noção de arquivo proposta por Echevarría (1990, p. 18-22) remonta à linguagem da lei, com as seguintes características: a presença não só da história, mas de recursos mediadores prévios pelos quais ela é narrada, sejam documentos legais ou cientificamente reconhecidos; a perspectiva historiográfica por parte de quem lê, interpreta e escreve os textos; e a permanência de um manuscrito não terminado, que o enfoque historiográfico busca enriquecer e completar.

Valiosa para o estudo do método composicional naveano, a ideia de arquivo inscreve-se em um campo de investigação promissor na pesquisa das Memórias. A documentação citada

em *Baú de Ossos*, pode revelar pormenores interessantes da vida íntima, social e política dos antepassados, de pessoas ligadas ao círculo familiar e à história do país nos séculos XIX e XX.

Ao relacionar o trabalho do arquivista a temáticas que entrelaçam Genealogia e História, Pedro Nava (1974, p. 148) fez da expressão “*What is past is prologue*. (Inscrição da portada dos Arquivos Americanos em Washington)” uma das epígrafes-chaves de *Baú de ossos*. A frase consta na mesma página em que Pedro Nava descreve a árvore genealógica do bisavô materno: “Eram velhos, velhíssimos, várias vezes centenários – milenários! Os nomes portugalenses, lusitanos, galaicos, castelhanos, leoneses, suevos, celtibéricos e godos da gente de que descendia o tropeiro Luís da Cunha”. As páginas que reconstituem a genealogia dessa família formariam um acervo documental como os que Vasconcellos (2001, p. 30) observou: “[...] os dossiês dos Navas, dos Halfelds, dos Penidos, dos Pamplonas, dos Alencares, para citar alguns”. Arquivos são formados de acervos heterogêneos que se relacionam a outros arquivos. O arquivo pessoal de Antônio Salles, por exemplo, foi confiado a Pedro Nava por Alice Nava Salles, tia paterna do memorialista e esposa do poeta cearense. Desse modo, segundo expôs Vasconcellos:

O material do memorialista foi entregue, inicialmente de forma esparsa, por ele próprio ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa. Sua primeira doação foi uma carta de Euclides da Cunha a Francisco de Paula Pedro de Alcântara e outra deste à sua mãe, ambas de importância fundamental para a História do Brasil: narram acontecimentos ligados à Proclamação da República. Posteriormente, em 1979, outorgou exemplares das revistas modernistas *Estética*, *Klaxon* e *A Revista*. Em 1981, fez a doação mais importante para o estudo de sua obra: os originais de *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar* e *Galo-das-Trevas*. No ano de 1983, incorporou ao acervo do AMLB sua correspondência com Mário de Andrade e o arquivo pessoal do tio Antônio Sales, o fundador da Padaria Espiritual. Pedro Nava, no ano da sua morte, em janeiro, fez a última doação – os originais de *O Círio Perfeito* – e, em fevereiro, a Fundação Nacional Pró-Memória cedeu à Fundação Casa de Rui Barbosa, em comodato, um lote de desenhos seus. No ano seguinte ao da sua morte, em 1985 portanto, Antonieta Penido Nava (D. Nieta) entregou todo o material que pertencera ao marido. Cabe aqui ressaltar que esta doação veio acompanhada de documentos de Heitor Modesto, tio de Pedro Nava. (VASCONCELLOS, 2001, p. 10).

Sobre o acervo da Padaria Espiritual, “sociedade cearense de letras” fundada por Salles em Fortaleza, no ano de 1892, Nava (1974, p. 87) refere que: “A associação tinha seu hino, seu estandarte. Este foi conservado pela esposa de Rodolfo Teófilo, que, depois da morte da companheira, passou às mãos de Antônio Salles, que o entregou, a 12 de novembro de 1932, ao Arquivo Público do Ceará”. Pedro Nava (1974, p. 87) referiu em *Baú de Ossos* ter guardado uma reprodução desse estandarte conservada pelo Dr. José Nava, um dos membros da Padaria.

As Memórias concedem informes adicionais à documentação sobre a Padaria Espiritual, reunindo pesquisa histórica e literária, apontamentos biográficos, testemunho e perspectiva que não se limitam ao arquivo pessoal de Salles. Tais dados interessam ao estudioso dessa sociedade literária, orientando-o para a recuperação e organização de uma “lista” de possíveis arquivos gerados por membros da Padaria, alguns até biografados de forma breve por Pedro Nava (1974, p. 87): “Tendo em conta o que dizem o Barão de Studart, Leonardo Mota, Dollor Barreira e principalmente o que está no arquivo de Antônio Salles hoje em minhas mãos, creio poder apresentar sua lista completa”: Adolfo Caminha, Almeida Braga, Álvaro Martins, Américo Barreira, Antônio Bezerra, Antônio de Castro, Artur Teófilo, Cabral de Alencar, Carlos Vítor, Dolor Barreira, Eduardo Sabóia, Francisco Ferreira do Vale, Gastão de Castro, João Lopes de Abreu Lage (Lopes Filho), João Paiva, Joaquim Vitoriano, José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, José Carvalho, José de Moura Cavalcanti, José dos Santos, José Maria Brígido, Jovino Guedes, Henrique Jorge, Leonardo Mota, Lívio Barreto, Luiz Sá, Raimundo T. de Moura, Roberto de Alencar, Rodolfo Marcos Teófilo, Sabino Batista, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas, Ulisses Bezerra, Waldemiro Cavalcanti, Xavier de Castro e José Nava, pai do memorialista.

Um dos episódios de *Baú de Ossos* que parece compreender vasta pesquisa arquivística, bibliográfica e documental é o que pormenoriza o surgimento e declínio da Padaria Espiritual, as “fases”, os “nomes de guerra” dos “padeiros”, os “animadores”, presidentes, sede, hino, estandarte, divisa (“Amor e Trabalho”), “verdadeiros fundadores”, “dissidências”, “visitas”, biógrafos, correspondentes, simpatizantes, “fornadas” e atividade editorial. O convívio próximo com o casal Salles facultou a Pedro Nava (1974, p. 89) acesso privilegiado a certos documentos: “A 10 de junho de 1892 surge o primeiro exemplar de O Pão – de que são publicados trinta e um números. O último é de 15 de agosto de 1896. Essa coleção, que eu folheei várias vezes em casa de meu tio Salles, é hoje uma das nossas grandes preciosidades bibliográficas”.

As reuniões da Padaria Espiritual eram chamadas de “fornadas”. “A última *fornada* deu-se a 20 de dezembro de 1898 e a derradeira ata foi redigida por Waldemiro Cavalcanti e assinada por ele, pelo presidente e mais por Arthur Teófilo”, (NAVA, 1974, p. 91-92, grifo do autor). Do arquivo de Salles constam cartas como a de Eduardo Saboia, datada de 4 de agosto de 1896; Lívio Barreto, escrita em 20 de julho de 1892; e cartas de Sabino Batista, entre 1896 e 1899, que documentam o percurso e repercussão “daquele grupo de intelectuais”. Na constituição de fontes arquivísticas da Padaria, o memorialista referiu um dado importante e pouco divulgado:

Não conheci as senhoras que frequentavam a Padaria, mas conheci três que as recebiam quando as *fornadas* passaram a ser domésticas. Foram três *clotildes*

que mereceram dos maridos a adoração e o culto positivista pelo patrono: Dona Raimundinha Teófilo, mulher de Rodolfo; minha prima Maria Feijó da Costa Ribeiro, mulher de José Carlos; e a esposa de Antônio Salles, Alice (...) Todas colaboraram não só com os cônjuges, mas com a Padaria. Eram todas três admiravelmente inteligentes – mas jamais brilharam literariamente entre os maridos literatos e os literatos seus amigos. Num apanhado de recortes de jornal, tenho escrito pela mão da última: “Nossa associação” – mostrando o gênero secretária, arquivista, como dela participavam, não com frases de sabichonas, mas com feminil moderação, com simplicidade, reserva, dignidade, conveniência, decência e modéstia. Cada uma mais Clotilde de Vaux que a outra. (NAVA, 1974, p. 94-95, grifo do autor).

Na última carta a Sânzio de Azevedo, a 7 de maio de 1984, o memorialista expôs a razão de ter doado o arquivo de Salles à Fundação Casa de Rui Barbosa. Por sua vez, Azevedo (2007, p. 25) justificou: “Pedro Nava (...) surpreendia-me com uma explicação que ele absolutamente não me devia. Talvez por haver remetido, por meu intermédio, os álbuns de recortes de Sales para a Academia Cearense de Letras, da qual faço parte”. No excerto referido, o escritor afirma:

Devo uma explicação a V. sobre minha resolução de doar esta correspondência à Casa de Rui. Fiz bem porque estas cartas em número de mais de 1.000 estão todas classificadas por índices cruzados de pessoa e assunto e sua consulta é extremamente facilitada pelo cuidado e o carinho que o Prof. Galante de Sousa pôs na sua classificação. Entreguei-as ao Plínio [Doyle] porque assim, enquanto eu estiver vivo, estarão sob minhas vistas. Tenho por todo o arquivo de meu tio o maior carinho pelo que ele representava de preocupações para minha incomparável tia Alice Nava Sales. (NAVA apud AZEVEDO, 2007, p. 26).

No comentário que encerra o excerto, o memorialista acrescenta valor afetivo ao legado intelectual do escritor, ao sugerir quanto o arquivo “representava de preocupações” para Alice Nava Salles. As Memórias contêm inúmeras alusões aos Salles, notadamente em *Baú de Ossos*, *Balão Cativo* e *Chão de Ferro*, volumes que narram a influência e o legado intelectual dos tios, sobretudo para a infância, adolescência e juventude de Pedro Nava (GABRIEL, 2017c). Nota-se, no trecho a seguir, a preocupação do memorialista-arquivista com o registro historiográfico:

Não sei quanto vou poder escrever sobre os dez anos da vida de Antônio Salles que ficam entre sua vinda para Fortaleza e a fundação da Padaria Espiritual. (...) Não sei quantas páginas, quantas linhas vou escrever. É. Sei o que despendi em dias e semanas, passando o pente fino nos arquivos de meu tio para colher uma ou outra data, este ou aquele fato mais marcante daquele período. Infelizmente sua correspondência de 1812 a 1892 não é muito extensa: ele ainda não se tinha virado no epistológrafo só comparável a Mário de Andrade e que surgiu durante sua estada no Rio e depois, quando da sua volta definitiva ao Ceará. (NAVA, 1977, p. 232).

Nesse contexto, a ideia de arquivo torna-se conceito profuso, cujo sentido pode variar conforme a situação e revelar uma dimensão imaterial para seus intérpretes. A noção de arquivo proposta por Echevarría (1990, p. 30), determinante para se compreender a origem, história e desenvolvimento da novela na América Latina, consiste num sistema de influências culturais e históricas que serve de matriz para a criação de narrativas. Peter Fritzsche (2005, p. 186-187) arguiu que a produção arquivística, de modo geral, baseia-se na premissa de que o passado deve ser cuidadosamente perscrutado a fim de se recuperar seus fragmentos e revelar suas diferenças, sendo a atividade arquivística fundada no pressuposto de que artefatos e documentos contariam de modo bastante especial, embora incompleto, histórias sobre identidade social. Neste excerto, Pedro Nava (1974, p. 90, grifo do autor) usa uma “imagem analógica” para ilustrar o segundo momento da Padaria Espiritual, fase “mais doméstica e com reuniões em casa dos *padeiros*”:

Havia partidas fora da cidade, que eram sempre em casas amigas e deviam ter o aspecto que ficou documentado na fotografia feita por Alfredo Salgado em festa congênere às da Padaria Espiritual e oferecida em 1888 ao *príncipe-presidente* Caio Prado, na Vila Isabel, propriedade do livreiro Gualter Silva. Nela se vê o grande paulista (que fugia da companhia dos políticos e preferia a dos intelectuais) no meio de uma guirlanda de senhoras sentadas no chão, reclinadas em espreguiçadeiras, apoiando-se nas trepadeiras das varandas e misturadas aos cavalheiros de chapéu-coco e paletó abotoado, sobraçando violões e bandolins. Todos conservando na face a expressão fremente de quem recita ou aquela fisionomia ondulante de quem solfeja, como nos *Anjos Cantores* de Benozzo Gazzoli. Não ficou fotografia dos *Garden-parties* da Padaria, mas a que descrevemos é sua imagem analógica. E para aumentar sua veracidade, lá está, ao lado de Caio Prado – um Antônio Salles de topete atrevido e bigode eriçado. (NAVA, 1974, p. 90).

Por motivo de trabalho, em fevereiro de 1897 Salles passa a residir no Rio de Janeiro. A Padaria Espiritual dissolveu-se no ano seguinte. Escrevendo a Salles em 9 de agosto de 1897, Sabino Batista (1897 apud Azevedo, 2007, p. 20) aludiu à designação de Waldemiro Cavalcante para o cargo antes ocupado por Salles em *O Pão*, cujo último número foi publicado em outubro de 1896. A carta do poeta informa sobre a perda de um documento valioso para o acervo e a história da Padaria Espiritual: “O Walde foi eleito primeiro-forneiro em teu lugar. O Rodolfo propôs em sessão e todos nós votamos nele. O pior é que o Walde começou perdendo o livro de Atas que deixaste com os demais da Padaria em casa dele. Ninguém sabe que fim levou”.

Um capítulo da história da Padaria Espiritual se encerra com a morte de Manuel Sabino Batista, aos 31 anos, em 16 de agosto de 1899. “Quanto ao livro de Atas da Padaria Espiritual, reapareceria, pois foi compulsado por Leonardo Mota, que o cita em A Padaria Espiritual, de 1938; depois é que haveria de desaparecer definitivamente...”, escreveu Azevedo (2007, p. 20).

Por razões diversas, itens extraviam-se ou são deliberadamente subtraídos de arquivos familiares e pessoais, sobretudo escritos íntimos ou relativos ao *domus*, como álbuns, cadernos, cartas, diários, jornais íntimos e livros de contas, os chamados livros de “deve e haver”. Várias formas de registro doméstico estão praticamente extintas. Ao descrever a sala de visitas da avó materna, em Juiz de Fora, Pedro Nava (1974, p. 254) descreveu: “O porta-postais. Muito usado nesse tempo, como os álbuns para colecionar as vistas e os cartões oleográficos”. Arquivo de imagens, os álbuns chegam à *belle époque* com novas funções sociais. Segundo Gilberto Freyre:

É curioso observar, nos nossos velhos retratos do tempo do Império, nas fotografias antigas de família que amarelecem no fundo das gavetas ou dentro dos álbuns de capas às vezes de madreperla, a muito maior europeização não só de traje como que de fisionomia, vamos dizer social, dos homens. (FREYRE, 1961, p. 333).

Pedro Nava (1974, p. 164) recordou entre os pretendentes à mão da avó Maria Luísa, os “[...] poetas, músicos além do mais – Adolfo e Patrício Martins de Oliveira. Ambos compunham valsas que dedicavam a Inhá Luísa e lhe escreviam no álbum. O primeiro, uma, chamada *Suspiro e Saudade* e o segundo, outra, intitulada *Teimosa*.” Pesquisando a cultura musical do Segundo Reinado e início da República, Rosa Maria Barbosa Zamith (2011) analisou diversas “partituras encontradas nos ‘álbuns de família’” da época. A autora ressaltou, particularmente:

[...] a reunião de partituras de autores, gêneros e edições diversas, agrupadas por seu dono, que as manda encadernar com capa resistente formando um volume. A encadernação servia para proteger as partituras dos danos do uso e facilitava o manuscrito das peças. Eram muito comuns nos lares brasileiros do século 19 e da primeira metade do 20. (...) Os catálogos publicados nas partituras eram temáticos, geralmente organizados por séries, como, por exemplo, para canto e piano; dedicadas à dança de salão, reunindo tanto um só gênero como diversos – Flores do Baile, Soirées Brasileiras, Álbum de Dança, Álbum dos Salões, Álbum dos Bailes, Ramalhete de Quadrilhas de contradanças (...) (ZAMITH, 2011, p. 14-26).

Repositórios de partituras, retratos e *souvenirs*, por vezes com anotações e datas, álbuns tornam-se microarquivos de ordem familiar e pessoal, como sugeriu Pedro Nava (1977, p. 16): “Além de música, minha avó gostava de poesia. Deixou cadernos e mais cadernos, um mundo de álbuns, onde copiava o que lhe agradava. Poesia brasileira, portuguesa e francesa”. Unindo as ações de arquivar e colecionar, a função dos cadernos citados por Pedro Nava (1974, p. 22) nas Memórias é vária: “Desde menino, quando, de tanto ouvir falar em Ceará e Maranhão, eu enchia cadernos e cadernos do desenho de navios inverossímeis”. O ofício do arquivista consta em várias biografias nas Memórias, posto que, seja sob enfoque biográfico, estético, lúdico ou

nostálgico, quem arquiva gera uma fonte de armazenamento e interpretação de dados. Arquivos podem ser comparados a tesouros de evidências historiográficas, segundo Tucker (2004, p. 93).

Do primeiro marido de D. Maria Luísa, Henrique Guilherme Fernando Halfeld, Pedro Nava (1974, p. 139) conservou cadernos de “[...] seus trabalhos de campo, como encarregado da exploração do rio São Francisco e afluentes, da cachoeira de Pirapora ao Atlântico”, de 1850 a 1854. Aos “relatórios sobre o rio São Francisco” entregues por Halfeld, “engenheiro-chefe da Província de Minas”, ao governo imperial, em 1858, Pedro Nava (1974, p. 141) relacionou seu “[...] livro de contas (...) documento psicológico importante, além de repositório do maior interesse para a história social de Juiz Fora”. Os documentos pessoais de Halfeld, além de fontes biográficas, formam registros da história econômica do povoamento das margens do Paraibuna:

As mensagens de Halfeld eram feitas com uma letra admirável, caligrafia alemã com redondos de gravura e recortes de escrita gótica. Seu domínio do português, notável. Os documentos que possuo de sua correspondência ativa e passiva são não só informativos do ponto-de-vista biográfico, como cheios de notações pitorescas. (NAVA, 1974, p. 132).

Arquivos originam-se da tentativa de organizar e recuperar o que está disperso, por meio de operações diversas para classificar, conciliar, interpretar e relacionar múltiplos elementos. Para Echevarría (1990), os arquivos históricos coloniais moldaram conteúdo, estilo e temática da novela latino americana. Nesse sentido, o cineasta e documentarista Dziga Vertov (1984, p. 59) associou a expressão “fábrica de fatos” à noção de arquivos não ficcionais. Pedro Nava acrescentaria uma dimensão estética ao caráter normativo e utilitário do arquivo não ficcional tornando-o unidade elementar na composição das Memórias. Nesta passagem, documentos do acervo familiar alicerçam a caracterização da cena biográfica para reconstituição do passado:

O inventário de Dona Dorotéia Augusta Filipina dá bem uma ideia de como vivia em Ouro Preto o casal Halfeld. Ele era Engenheiro-Chefe da Província. Sua casa era no Xavier e, se ainda existe, será fácil identificá-la, pois pela direita confrontava com o caminho que seguia para o Córrego Seco; pela esquerda, com os fundos das casas da Rua Nova; pela frente, com os terrenos vendidos pelo próprio Halfeld e onde foi levantado o Quartel do Corpo Policial. A casa era ampla, confortável, cheia dos móveis de jacarandá, das louças de porcelana azul, dos cristais e das pratas, tudo arrolado peça por peça no inventário que possuo. Sua discriminação é tão minuciosa que pude identificar ‘um candeeiro francês de bronze e globo’ que está na minha sala de visitas, na Rua da Glória, e ‘uma colher de prata para sopeira com o cabo de pau e peso de 32 oitavas’, que pertence atualmente a minha irmã Maria Luísa Nava Ribeiro. O peso confere. Junto aos de engenharia estão referidos os objetos de astronomia, os de microscopia, os de ourivesaria e os de carpintaria – o que mostra que Halfeld, além de sua profissão, torneando madeiras e metais, divertia-se fazendo joias, móveis, dava-se a observações

astronômicas, meteorológicas e investigações naturais. Seu gosto pelas últimas ficou comprovado nas coleções que ele reuniu de minérios e de ovos de todas as aves mineiras. A primeira, por sua morte, ficou com sua terceira mulher, que veio a ser a primeira de meu avô Joaquim Nogueira Jaguaribe (...) (NAVA, 1974, p. 133).

Fritzsche (2005, p. 186) atribuiu à noção de arquivo função autorreguladora e seletiva que estabelece categorias e critérios pelos quais documentos e outros materiais são armazenados e conservados. O arquivo designa que tipo de evidência deve ser preservada, relacionando sua pertinência a determinado elenco de atores históricos. O trecho de *Bau de Ossos* a seguir ilustra a reflexão de Fritzsche apontando duas diretrizes para a seleção de bases ou dados arquivísticos. A primeira sugere os argumentos de princípios e valores que sancionam a noção de arquivo como objeto comum, integrado à memória coletiva. A segunda sugere a orientação do projeto e trabalho do arquivista, cuja pesquisa reúne dados para ratificar ou confrontar uma tese:

A propósito de discriminação social no liberal Ceará, ocorre contar caso que me foi referido por minha tia Cândida Nava de Luna Freire. O de uma mocinha de Fortaleza que, por ser pobre e um pouco mais morena do que seria lícito, foi *desconvidada* de um bloco carnavalesco composto de senhoritas da alta. Acontece que o pai da moça era um sabedor de coisas, um arquivista da força daquele *Monsieur Mazure* de Anatole France e, mansamente, publicou um folheto com a genealogia das orgulhosas em que, para cada uma subia de geração em geração – avô, bisavô, trisavô quarto-avô ou mais – para só parar quando encontrava bem documentado, negro de pé espalhado ou vigário dizendo missa. (NAVA, 1974, p. 93, grifo do autor).

O senhor Mazure é personagem de *A arvore olmo no mercado* (1897), *O manequim de vime* (1897), *O anel de ametista* (1899) e *Senhor Bergeret em Paris* (1901). Anatole France (1969, p. 249) descreveu Mazure na situação de alguém com ódio ao governo, repúdio à sociedade, desprezo por tudo e indiferença pelo gênero humano. Tornara-se misantropo após lhe negarem as Palmas acadêmicas por não possuir títulos suficientes para tal distinção, e por seus conhecidos recusarem-se a visitar a senhora Mazure, que fora cozinheira estimada por todos que o antecederam na custódia e ordenação dos documentos provinciais. Não por acaso, Pedro Nava (1974, p. 92) citou o arquivista Mazure na passagem sobre as motivações da Padaria Espiritual, que: “[...] sob seu aspecto alegre e inocente de sociedade boêmia e de letras, era, na realidade, um foco de rebelados contra a ordem estabelecida, fosse ela literária, política ou social”. Ao saber de uma menina expulsa da escola, “só porque era pretinha”, explicou Pedro Nava (1974, p. 92), “[...] a Padaria não foi incendiar o colégio, mas Antônio Salles mandou às autoridades a sua fígada!”. O escritor sintetizou o propósito da Padaria Espiritual, destacando:

[...] o verdadeiro sentimento daquele grupo libertário, que transparece ostensivamente numa poesia recitada no Café Central, quando se comemorou o primeiro aniversário da sociedade. Destaco só uma quadra – *Devemos mais uma vez, / fazer um protesto forte: – Votar a todo burguês / o nosso ódio de morte!* (NAVA, 1974, p. 93, grifo do autor).

Dados concretos fornecidos por arquivos podem ser ficcionalizados segundo Echevarría (1990, 2014) e historicizados, conforme expuseram Ricoeur (2004) e Fritzsche (2005). Os itens selecionados para compor certo arquivo caracterizam agentes históricos e temas por relações de associação e pertinência. Para Ricoeur (2004, p. 82) e Fritzsche (2005, p. 186), a seleção dos elementos de um arquivo viabiliza a ideia de coletividade que será representativa de um grupo ou do estado-nação. Para lapidar a ideia ou imagem idealizada, o arquivo excluirá evidências que ameacem a permanente representação de um passado comum. Nas Memórias, a história da Padaria Espiritual conecta-se ao arquivo pessoal de Salles por meio de pesquisa bibliográfica e documental, mas também pelo conhecimento adquirido por Pedro Nava, em razão do convívio e da coleta de testemunhos diretos, sobre a vida, personalidade e aspirações de seu fundador:

Se a Padaria Espiritual era irreligiosa, anticlerical, vagamente comteana – era também meio secreta, meio *fraternal*, um tanto maçônica. Seus membros uniam-se fortemente num ofício simbólico, o de padeiro, como os maçons se unem no de pedreiro. Essa espécie de comunidade amalgama fortemente, pois junta em classe única, em ofício ideal único, homens de crença, família, interesses, profissão e níveis diversos. Padeiros... Pedreiros... Os quatorze membros admitidos em 1894 foram chamados *padeiros livres*. As sociedades secretas estavam em moda e no apogeu de seu prestígio. A Maçonaria. As universitárias norte-americanas. A “Burcha” de São Paulo. A Padaria não teria entrado um pouco no gênero? Atrás da fachada literária não haveria mesmo nada, ou – *na verdade Rubião pensava em outra coisa?* Fazem conjecturar aquela “união e solidariedade” de que fala Raimundo Correia, aqueles “mistérios do forno” a que alude Leonardo Mota. E a adoção de um nome pelos padeiros – “nome de guerra”, diz Antônio Salles, e não “pseudônimo”, como seria mais literário – não os encobria um pouco e não os envoltava de enigma dentro de uma confraria? Não sanções de sangue, mas verdadeiro banimento moral dos *padeiros renegados* – não é o que houve com relação a Temístocles Machado, Álvaro Martins, Adolfo Caminha, Eduardo Sabóia e Tibúrcio de Freitas? (NAVA, 1974, p. 95, grifo do autor).

Pensar o alcance do relato das Memórias sobre a imagem cultural e sócio-histórica que a Padaria Espiritual desejava legar à posteridade implica avaliar o papel de seu biógrafo como arquivista. Echevarría (1990, p. 31) recordou que “arquivo” origina-se do latim *archivum*, e este do grego *archeion*, “residência dos magistrados”, já *archeion* deriva de *arkhe* “mando”, “magistratura”. O autor aludiu igualmente à definição do Dicionário da Academia Espanhola: “Arquivo. Local en que se custodian documentos públicos o particulares. 2. Conjunto de estos

documentos. 3. Fig. Persona en quien se confia un secreto o recônditas intimidades y sabe guardarlas”. Pedro Nava foi designado “custódio” do arquivo pessoal de Salles por sua tia Alice, como afirmou Vasconcellos (2001, p. 10). Os Salles não tiveram filhos e Pedro Nava (1974, p. 378) expressou inúmeras vezes nas Memórias sua devoção ao casal: “Meu tio Antônio Salles, que se comprazia tanto com a companhia de crianças como com a de adultos, era o amigo adorado pelos sobrinhos. Entre estes, ele me preferia e é por isto que eu saía frequentemente com ele”. Salles é uma das marcantes figuras paternas que custodiaram o escritor na infância:

Devo a meu Pai e a meu tio Antônio Salles, com quem fazia esses trajetos, as primeiras informações que me chegaram sobre a toponímia carioca e assim o conhecimento de pessoas e fatos perpetuados nas placas das ruas – uns apontados à admiração e outros à execração a que tenho sido fiel a vida inteira. Era assim que eu tinha partido, antes de ter conhecimento. Não sabia quem era o Marechal Floriano e já aprendera a ser antiflorianista. Ignorava tudo de tudo e já era setembrista, saldanhista e melista como aquele garoto do Vitozemé, de Artur Azevedo. Não sabia nada de nada, mas era por Prudente, Rui, Afonso Pena e contra Deodoro, Campos Sales, o Nilo, o Pinheiro, o *Dudu* e o *Cara-de-Bronze*. (NAVA, 1974, p. 374, gifo do autor).

Segundo Fritzsche (2005, p. 186), o arquivo produz histórias. Porém, as maneiras de se perscrutar a história também produzem arquivos. Se muitas concepções de arquivo enfatizam o potencial de moldar a história que o arquivo engendra, por meio de documentos, Fritzsche expôs como a história molda o arquivo. Essa observação permite inferir como o arquivo pessoal de Salles motivou este relato de teor confessional de Pedro Nava, em *Chão de ferro* (1976):

Quando o arquivo de Antônio Salles veio para minhas mãos lá descobri assentamentos de cuidados médicos dados a minha tia pelo dr. Lincoln de Araújo. Era terapêutica para esterilidade. Falhou. E digo-o com vergonhosa sensação de ciúme compensado – melhor para mim, melhor para o João. O almejado primo que não nasceu, acaso não desviaria de nós esse privilégio que foi o sentimento materno e paterno que ficamos devendo a esses queridos tios? (NAVA, 1976, p. 77).

O mecanismo fisiológico e psíquico da memória também possui função autorreguladora, discriminatória e seletiva, similar à que Fritzsche (2005, p. 186) relacionou à noção de arquivo. Para Pedro Nava (1974, p. 306): “A recordação provocada é antes gradual, construída, pode vir na sua verdade ou falsificada pelas substituições cominadas, pela nossa censura”. As reflexões sobre a memória e o esquecimento não concernem apenas aos primeiros anos de vida da criança:

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são

esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. (NAVA, 1974, p. 233-234).

A ideia de memória como acervo de “fatos (...) permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora” remete ao comentário de Fritzsche (2005, p. 186) sobre um aspecto negligenciado no estudo da noção de arquivo: o problema da restrição, das definições taxativas de uma evidência pertinente e das características divergentes de qualquer coleção do passado. O arquivo não é simplesmente constituído à maneira de poderoso recurso para conter o passado, mas desenvolvido em relação ao passado que é lembrado como fragmentado, distante e difícil de apreender com exatidão. A imagem do acervo mnemônico em forma de mosaico, formando um inventário de fragmentos, é recorrente nas Memórias e pode ter sido inspirada em itens do acervo familiar do escritor:

Pior ainda: entre os livros de colagem de recortes de Antônio Salles, hoje em meu poder, está um retrato do anarquista Vaillant, cuja execução deve ter sido para a sua geração o que foi para a minha a de Sacco e Vanzetti. Pode ser que ele não concordasse com os métodos do retratado da sua miscelânea. Mas, pelo menos, mostra por ele preocupação simpática. (...) Tudo isto intimidade que está comprovada na curiosa coleção de recortes e de retratos de meu Pai – uma daquelas miscelâneas bem do seu tempo e das quais possuo a sua, a de minha Mãe, as de meu tio Antônio Salles. Curioso repositório para estudo de uma personalidade, onde ainda surpreendo, por parte da de meu Pai, a preferência, entre os pintores, por Rubens, Rafael e Van Dick. Admiração musical por Mendelssohn e pela virtuosidade de Battistini e da divina Malibran. Gozação do lado grotesco do lado grotesco do físico de Lopes Trovão – “O Arara” – e da vaidade imensa de Campos Sales – “O Pavão do Catete” – e de preocupações políticas com Benjamin, Deodoro e Floriano. (NAVA, 1974, p. 97-99, grifo do autor).

Afins às miscelâneas seriam os cadernos da tia-avó paterna de Pedro Nava (1974, p. 344), Maria Pamplona de Arruda (Marout): “Quando não saía, cerzia ou fazia renda. Perguntava a um por um se já tinha acabado com o jornal. Se era sim, ela cortava o folhetim, lia e guardava para costurar em cadernos”. Maria Pamplona tecia um arquivo de recordações históricas colecionando textos e imagens publicados nos folhetins? Em caso afirmativo, esse arquivo recordaria a coleta de dados que acompanha o trabalho do pesquisador que constrói uma base de dados para consulta futura. Heitor Modesto, casado com Maria Euquéria Nava, tia paterna do memorialista, teve sua contribuição para a história social brasileira inscrita simultaneamente nas Memórias de Pedro Nava e na obra-mestra do ilustre escritor e sociólogo pernambucano:

Não conheço descrição viva e curiosa das casas comissárias do Rio de Janeiro, como as que delas traçou meu tio afim Heitor Modesto d’Almeida, com suas reminiscências e as de seu pai, o velho Maneco Modesto – Manoel Almeida dos Guimarães Modesto – que fora chefe de escritório e residira com a família, na que pertencera a José Antônio Moreira, Barão de Ipanema. O estudo de Heitor Modesto era resposta a um inquérito de Gilberto Freyre, feito quando da preparação de *Ordem e Progresso*. Falando da contribuição, diz esse autor: *Longa foi a resposta que nos enviou o mineiro Heitor Modesto; quase um livro. E um livro interessantíssimo*. Tive-a em mãos e é um pouco de lembrança, um pouco pelas referências de Gilberto Freyre, que rememoro o que ali se dizia das casas comissárias (...) (NAVA, 1974, p. 66, grifo do autor).

A noção de arquivo de Echevarría (1990, p. 31) reúne um sistema de regras discursivas, um *corpus* de declarações, um estoque de documentos e uma série de artefatos implicados em um projeto não terminado, cujo registro do factual serve de alicerce para a criação de narrativas ficcionais pontuadas pela imaginação. Em *Bau de ossos*, Pedro Nava (1974, p. 306) definiu a “memória involuntária que é total e simultânea”, e cujo “ilogismo onírico”: “É ponto de partida para as analogias e transposições poéticas” na composição literária. Fritzsche (2005, p. 187) vislumbrou nos arquivos certo potencial de gerar narrativas, o qual não se limita à repertórios cultural e socialmente sancionados. O depoimento do escritor no curta-metragem de Fernando Sabino e David Neves (1974) ajusta-se às noções de arquivo de Echevarría, Fritzsche e Dziga Vertov na acepção de potencial “fábrica de fatos”. Nas Memórias, a noção de arquivo incluiria o sentido do que Pedro Nava (1974, p. 321) denominou “um manancial inesgotável da história”:

Essa minha entrada na velhice, o meu isolamento progressivo, em parte criado por mim mesmo, que cada vez gosto menos da companhia dos outros, e me implica numa introspecção de que resultou esse negócio, essa necessidade de escrever memórias. Eu gosto de fazer aquilo, nem que fosse para não publicar eu continuaria escrevendo. E memória não tem fim, é o tipo da obra boa de fazer, não é? Nós estamos fabricando memória a cada instante. Já está num passado remoto o princípio dessa nossa entrevista. (EM TEMPO, 1974).

Para Eli Wiesel (1996, p. 150), recordar é reviver fragmentos da existência, recuperar seres perdidos, lançar luz sobre faces e eventos, e revolver as areias do tempo que encobrem a superfície das coisas, a fim de combater o esquecimento e a morte. Pedro Nava (1974, p. 162) expõe enfoque similar ao biografar “arquivistas da família”, tal como a bisavó materna, Dona Lourença Maria de Abreu e Melo, colecionadora de receitas de cozinha e notas genealógicas. Conhecimento cultivado “do ponto de vista da zootecnia e da fuga para o convívio dos mortos” o estudo genealógico atribui dimensão arqueológica ao conceito de arquivo predominante nas

Memórias. Este conceito não remete apenas à taxonomia, ao acúmulo de informações, imagens, narrativas históricas e literárias, mas pressupõe neste apelo um legado e sistema em expansão:

Fica aqui um apelo, meus parentes. Quando vocês tiverem visto que não há herança e que, se herança houver, terá de ser dividida por milhões de mãos – quando vocês desistirem, mandem seus papéis, apontamentos e comprovantes para o Arquivo Público Mineiro. Essas notas tomadas por amor do ouro valem o que o ouro vale e o que valem as *notas* do curso. (NAVA, 1974, p. 182, grifo do autor).

Oficialmente, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa é o repositório central do Arquivo Pedro Nava. As primeiras doações, os originais de *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar* e *Galo das trevas*, procederam do autor, em 1981, seguidas, em 1984, do original de *Círio perfeito*, do material entregue em 1985 à Fundação por Dona Antonieta Penido da Silva Nava e por Paulo Penido, detentor dos direitos autorais do escritor até 2013. Segundo Mauro Morais (2018), após a morte de Paulo Penido, “[...] seus filhos e a esposa resolveram voltar com os direitos à família Nava. Atualmente, partilham a responsabilidade a mãe de Matheus e Joaquim Nava, médico carioca sobrinho do escritor”. Em entrevista a Morais, Matheus Nava apresentou a situação atual do espólio do tio-avô, legado que compreende entrevistas (inclusive em áudio), além de memórias de infância:

Por ser uma morte inesperada, ficou uma lacuna muito grande. Quem vai mexer nas coisas do Nava? Ele deixou uma obra incompleta, que seria o desfecho da memorialística dele. Ninguém na família Nava teve coragem de dar continuidade a esse projeto. O sobrinho da esposa dele, então, o Paulo Penido, foi quem assumiu e saiu procurando editoras. Imprimiu alguns livros na Nova Fronteira e depois foi para a Companhia das Letras. Há dois anos ele morreu, e eu, por minha característica de arquivista, recebi esse material que estava com o Paulo. É uma releitura que faço, com uma intenção artística. Estou mostrando um material inédito, que estava em posse da família. (...) Também consegui recuperar algumas entrevistas, que reuni ao longo de 15 anos. (NAVA, 2018).

Sobre as últimas edições das Memórias publicadas pela editora Companhia das Letras, Matheus Nava (2018) declarou a Morais: “Cheguei a processar o Paulo, porque Pedro Nava era um escritor que gostava muito de colagens e não dá para aceitar livros com uma capa lisa. Na minha opinião, deveriam ser preservados da forma como foram feitos e pensados”. Conforme Morais (2018), o projeto gráfico das capas dos sete volumes das Memórias de Pedro Nava “[...] retoma as antigas pastas de arquivo produzidas nas cores pastéis de papel-cartão com nomes datilografados”. Examinando originais das Memórias, Sússekind (1993), Bueno (1997), Garcia

(1997), Aguiar (1998), Cançado (2003), Panichi (2003), Vasconcellos (2003) e Salgado (2008; 2011) analisaram o processo de colagem feito pelo memorialista, como artista plástico e autor.

Panichi (1999; 2005; 2012b) demonstrou que o uso das fichas se inclui nesse processo criativo. Pedro Nava (1980 apud Souza, 2004, p. 17) revelou em entrevista ao jornal *Península*:

“Para escrever cada página minha eu consumo duas ou três fichas. Isso me deu certa tranquilidade, porque o que escrevo é resultado de elaboração e notas, é um trabalho cavocado, meditado”. O uso de colagens e fichas na metodologia redacional do memorialista faz parte de uma “arte descritiva”, com a qual, segundo Raimundo Nunes (1987, p. 274), Pedro Nava: “[...] escreve memória com recheio ficcionista e respaldo histórico”. No emprego das fichas nota-se o sistema de escrita de configuração rizomática, como indicaria a entrevista ao *Jornal do Brasil*:

Saindo das fichas acima mencionadas, faço um esqueleto do capítulo que vou começar, traço o seu roteiro, indicando o ponto em que devem entrar. Mas, honestamente, nunca, até agora, consegui segui-lo até o fim. Acabo obrigado a fazer um sub-roteiro, um roteiro anexo e o que pensava fosse ser a espinha dorsal torna-se apenas pequena entrada. (NAVA, 1978 apud NUNES, 1987, p. 191).

A metodologia da redação das Memórias subentende o processo gradativo de formação, pesquisa e interpretação de arquivos, que esclarece os estilos, fontes, influências e temáticas de sua escrita. No ensaio “La marque du passé”, publicado originalmente em 1998, Paul Ricoeur (2012, p. 330) discorreu sobre “a pretensão da memória à fidelidade e a [pretensão] da história à verdade”. Possivelmente, foi com o olhar do historiador que Pedro Nava (1974, p. 66) estudou “a descrição viva e curiosa das casas comissárias do Rio de Janeiro”, utilizando como fonte as reminiscências de Heitor Modesto d’Almeida e as de seu pai, Manoel Almeida dos Guimarães Modesto. Já “[...] da matriarca Dona Lourença Maria de Abreu e Melo, transmitiram-se várias reminiscências”, descritas por Pedro Nava (1974, p. 154) com auxílio de pesquisa genealógica, documental e bibliográfica, incluindo reminiscências do Visconde de Nogueira da Gama. Para narrar reminiscências da Guerra do Paraguai (GABRIEL, 2019f), reminiscências do Major Joaquim José Nogueira Jaguaribe, de Dona Ana Cândida Pamplona da Silva Nava e suas próprias “reminiscências médicas”, Pedro Nava conecta outros discursos ao do historiador, permitindo investigações sobre temas como arte, cultura visual e ficcionalidade, representações complementares que sublinham a versatilidade do autor, tópico abordado no capítulo seguinte, que apresenta uma súmula das referências à cultura judaica associadas à história da medicina e a outros temas desenvolvidos nas Memórias.

### 3 - MENÇÕES À CULTURA JUDAICA NOS ESCRITOS DE PEDRO NAVA

O estudo da memória judaica na cultura brasileira, em particular na obra memorialística de Pedro Nava, permite descrever certo retrato traçado em forma de miscelânea ou mosaico, de acordo com o método composicional naveano. Esse mosaico resulta de uma série de referências alojadas em planos diferentes e complementares. A princípio, tais planos se ajustam à divisão que o crítico literário português José Adjuto Castelo Branco Chaves (1978, p. 6) fez ao definir duas “famílias” de memorialistas: os que narram fatos centrando-se nos eventos de sua vida; e os que buscando “[...] ambiciosamente traçar um vasto panorama de seu tempo aparecem nas memórias muito semelhantemente à maneira como em certos grandes painéis e alegorias oficiais se auto-retratavam os pintores: um pouco apagadamente, a um dos extremos da composição”. Neste capítulo as representações da cultura e história judaica nas Memórias serão discutidas considerando-se ambos os modelos narrativos propostos por Castelo Branco Chaves.

Referência primordial nos estudos judaicos brasileiros, a historiadora Anita Novinsky é também especialista, por seu conhecimento dos arquivos inquisitoriais, em questões alusivas às representações dos judeus na cultura literária e religiosa colonial. O fenômeno do marranismo, o filossemitismo do jesuíta Antônio Vieira, a importância dos cristãos-novos para a Restauração portuguesa, a noção de identidade judaica e as políticas antissemitas da Península Ibérica estão incluídos nas linhas de investigação fornecidas por Novinsky à pesquisa nacional desses temas.

As representações visuais e textuais do povo judeu revelam mudanças de mentalidade econômica e política, além da preservação de tradições que perduraram em meio a situações conflitantes. “Assim, pode-se mesmo afirmar que, de Bento Teixeira a Moacyr Scliar, a poética da resistência seria um dos elementos retóricos mais frequentes a permear a literatura judaica”, segundo Kênia Maria de Almeida Pereira (1998, p. 210). Novinsky (2000; 2018) analisou essa ideia de persistência de uma herança cultural, observando que, apesar de terem contribuído para a ciência, medicina, finanças, indústria, arte e literatura, a cultura e identidade dos judeus diaspóricos é tópico ambíguo na historiografia do Brasil colonial, que ainda reclama estudos.

A historiadora problematizou uma questão fundamental relacionando a cultura e a vida dos judeus da Europa que se fixaram na colônia. O foco desta questão envolve a história literária e a repercussão social que as comunidades judaicas tiveram no Brasil. Escritores brasileiros de épocas diferentes retrataram aspectos da cultura judaica em suas obras. Para Novinsky (1990, p. 56), “o drama da conversão dos judeus e de seu destino” na obra de Machado de Assis “[...] reflete o que a classe culta brasileira conhecia desse capítulo ainda incompleto da história dos judeus e do Brasil”. A questão da Diáspora na obra machadiana é fundamentada em uma leitura

histórica, não só das Sagradas Escrituras, do Velho Testamento, como do sentido que a ideia de exílio adquire na transmissão de uma herança sociocultural. Segundo Novinsky (2008, p. 3), a ótica do autor a respeito desse legado: “[...] exprime o sentimento e o ideal de uma humanidade ansiosa pela fraternidade. Representa a esperança de salvação e a redenção do mundo”. Quanto à obra de Pedro Nava, podem ser colocadas em pauta as seguintes indagações da historiadora:

Há uma pergunta que muito frequentemente me tem sido feita, tanto por colegas como por curiosos, e que eu faço a mim mesma: se os judeus, bem ou mal convertidos, marcaram com sua presença três séculos da história colonial, atuando em todos os níveis, econômico, político, social, o que ficou dessa presença na nossa cultura, qual foi o legado que nos deixaram? Dos negros nos ficaram a música, as danças, a culinária, as crenças; dos índios, a toponímia, o banho e outros costumes, mas o que nos legou essa numerosa população judaica de suas tradições, de seus rituais, de suas crenças religiosas e de sua cultura. Ainda não temos um retrato nítido desse legado, mas a sua riqueza já chamou a atenção de um ilustre professor francês Nathan Wachtel, ex-diretor do Laboratoire d’Antropologie Lévi-Strauss de Paris, que hoje ministra no Collège de France um curso sobre os marranos portugueses. Apesar desse tema exigir pesquisas mais exaustivas e aprofundadas, já temos elementos consideráveis, susceptíveis de reflexão, que mostram uma corrente de pensamento que se estende do século XVI ao XX, uma rede de ideias, cuja continuidade pode ser detectada ao compararmos os documentos, percorrendo os séculos, uma diacronia de ideias que nos mostra que, por mais forte que tenha sido a influência da sociedade ampla sobre os cristãos-novos, certos traços da filosofia de vida judaica permaneceram. (NOVINSKY, 2009, p. 3).

A primeira alusão à história judaica nas Memórias ocorre na terceira página de *Baú de Ossos*. Esta menção divide a cidade de Juiz de Fora em duas margens, cortadas pela Rua Direita desta cidade, antes Arraial do Paraibuna. A origem desta rua remete à da estrada que o sertanista Garcia Paes Leme abriu no século XVIII para formar o Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais, do qual procedeu a “variante aberta pelo velho Halfeld”, a serviço do Governo Imperial na condição de engenheiro de minas e topógrafo. Iniciada em 1837, essa variante consistiria em um “desvio retificado do Caminho Novo”, ligando Barbacena ao Arraial do Paraibuna, onde foi nomeada Rua Principal, depois Rua Direita e, enfim, “Avenida Rio Branco da cidade de Juiz de Fora”. O processo de abertura dessa estrada inscreve-se na fundação de Juiz de Fora.

O memorialista referiu cartas, cadernos, livros de contas, inventários e documentos de Henrique Guilherme Fernando Halfeld para narrar fatos que revelam a contribuição histórica do engenheiro para a urbanização de Juiz de Fora. As observações de Halfeld evocam aspectos dos registros dos expedicionários daquele século, segundo é observado por Pedro Nava (1974, p. 132, grifo do autor), quando o engenheiro alemão indica a melhor época “... para livrar das

sezoins...” e “as excelências das purgas de maná para quem está *intaboado de sarnas miúdas*”, em mensagens “[...] feitas com uma letra admirável, caligrafia alemã com redondos de gravura e recortes de escrita gótica” e “notável” “domínio do português”. Uma fração das referências à presença judaica no Brasil é comentada nas Memórias de acordo com a pesquisa documental.

Deve-se observar que Pedro Nava analisa documentos sob vários ângulos. A caligrafia é um dos aspectos comentados por ele (GABRIEL, 2020a). Esses estilos de escrita advindos de gêneros diferentes são absorvidos pelo memorialista e certos pormenores que chamam atenção de Pedro Nava (1974, p. 269) nas fontes documentais manuscritas revelam muito sobre o estilo do processo criativo do autor: “Letra boa e bonita é recomendação que conta logo com minha simpatia. Penso como os britânicos que escrever para ou a alguém coisa ilegível é falta de educação. Trouxe isto de minhas mestras, todas exímias calígrafas”. Para Edina Panichi (2001; 2007; 2009; 2012b; 2016), as anotações e os originais arquivados de Pedro Nava desvendam a complexidade de extenso e minudente trabalho de pesquisa arquivística, documental e estética.

Seria possível identificar nesse trabalho de pesquisa observações de cunho sociológico. Por exemplo, na descrição histórica da estrada aberta por Halfeld, a margem direita da Avenida Rio Branco designa o cenário representativo dos valores preponderantes da família materna do autor e de um segmento da sociedade Juiz Forense, logo na primeira década do século XX. As principais instituições mencionadas caracterizam um modelo urbano comum a muitas cidades brasileiras da época. Apesar de respectivo à tônica de situações penosas experimentadas pelo Dr. José Nava e pelo próprio memorialista entre 1911 e 1913, em Juiz de Fora, o tom acerbo da passagem a seguir fica mais claro para o leitor no quarto volume das Memórias, *Beira-Mar*, em específico, nos episódios que narram as dificuldades e preconceitos que Pedro Nava, então no início da carreira, vivenciou quando buscou, em vão, estabelecer-se no meio médico da cidade:

A Rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na Praça da Estação; Entre sua margem direita e o Alto dos Passos estão a Câmara; o Fórum; a Academia de Comércio, com seus padres; o Stella Matutina, com suas freiras; a Matriz, com suas irmandades; a Santa Casa de Misericórdia, com seus provedores; a Cadeia, com seus presos (testemunhas de Deus – contraste das virtudes do justo) – toda uma estrutura social bem pensante e cafarmenta que, se pudesse amordaçar a vida e suprimir o sexo, não ficaria satisfeita e trataria ainda, como na frase de Rui Barbosa, de forrar de lã o espaço e cair a natureza de ocre”. (NAVA, 1974, p. 14)

A Rua Halfeld separa os “dois mundos da Rua Direita”. A margem esquerda identifica-se com certa mentalidade “mais alegre, mais livre, mais despreocupada e mais revolucionária”. Lembrando que as políticas saneadoras de combate à sífilis ao início do século XX criaram uma

literatura e propaganda de teor moralista (GABRIEL, 2020d); nesta margem Pedro Nava (1974, p. 14) situa “[...] o Parque Halfeld e o Largo do Riachuelo, onde a escuridão noturna e a solidão favoreciam a pouca vergonha (...) o centro do deboche e um viveiro de treponemas”; e também o nascente setor do trabalho mecanizado, com “um bando escuro” de trabalhadores “opacos”:

Mas pior, muito pior que as fábricas onde os descontentes queriam ganhar mais do que precisavam; pior que o cinema Farol e o Politeama onde se tentavam timidamente os ensaios precursores da bolina (...), pior que os bordéis, pior que os colégios leigos e que o desaforo do colégio metodista para meninas, pior que a Cervejaria Weiss animada por Brant Horta, Amanajós de Araújo e Celso D’Ávila com guitarras, descantes, declamação de versalhada e as chegadas dos tálburis carregados de “mulheres damas” – era a Maçonaria. Sua loja ficava em plena Rua Direita, entre as do Imperador e da Imperatriz, como desafio permanente ao clero diocesano e aos cristãos novos e velhos do Alto dos Passos. (NAVA, 1974, p. 15).

O Alto dos Passos designa uma espécie de pedra angular da cidade e os seus fundadores, os cristãos novos e velhos locais. Para a composição desses excertos, *História de Juiz de Fora* (1953) e *Efemérides Juizforanas* (1975), obras do historiador Paulino de Oliveira, denominado “o cronista de Juiz de Fora”, são fontes de Pedro Nava (1974, p. 144): “Alguns biógrafos dizem que ele [Henrique Guilherme Fernando Halfeld] foi Presidente da Câmara. Parece que não, pois isso não é referido no livro de Paulino de Oliveira, sempre preciso e bem documentado”. Pelas crônicas e obras históricas de Oliveira, o memorialista obteve muita informação para passagens biográficas sobre o Comendador Halfeld, as famílias e principais instituições de Juiz de Fora:

É preciso não confundir Passos com Alto dos Passos. Alto dos Passos, a “graciosa colina”, como a chamou Inácio Gama, é o local onde nasceu a cidade, originada do arraial de Santo Antônio do Paraibuna, que progrediu sempre para o norte, como frisou aquele historiador, e Passos é o bairro que surgiu muito depois, entre o Lamaçal e São Mateus, ligados, a princípio, apenas pela rua do Capim (Morais e Castro) e depois também pela rua Barão de São Marcelino. (OLIVEIRA, 2020, grifo do autor).

Os “cristãos novos e velhos do Alto dos Passos” representariam as famílias mais antigas na colonização da América portuguesa, algumas delas descendentes de mercadores e médicos exilados, senhores de engenho abastados ou sertanistas desbravadores que contribuíram para a abertura de caminhos, estradas, fundação de arraiais, vilas e cidades. Pedro Nava atribuiu-lhes lugar à margem direita da Rua Halfeld, sede dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade:

Esses estabelecimentos tinham sido criados, com a cidade, por cidadãos prestantes que praticavam ostensivamente a virtude e amontoavam discretamente cabedais que as gerações sucessivas cresciam à custa do juro

bancário e do casamento consanguíneo. A densa melancolia dessas instituições transmitia-se aos que as mantinham – criação agindo poderosamente sobre os criadores e seus descendentes que levavam vida impenetrável nas suas casas trancadas, frequentando-se só nos apostolados e nas empresas, não conhecendo as passeatas noturnas da Rua Halfeld, as cervejadas alegres do Foltran (a que era pontual o Dr. Luís Gonçalves Pena), o Cinema Farol, o Politeama e o Club de Juiz de Fora (onde estalavam carambolas de bilhar e o leque ciumento brandido por D. Cecinha Valadares na cara das sirigaitas que atiçavam o Chico Labareda). Alguns se descomprimiam jogando florete, outros caçando macuco, de paletó e boné de veludo, ou atirando aos pratos, aos pombos. Honrados, taciturnos, caridosos, castos e temperantes, esses ricos homens traziam geralmente na fisionomia um ar de fadiga, de contenção e de contraída tristeza que só não se via na face radiante daqueles que carregavam secretamente o remorso adquirido nas viagens frequentes ao Rio de Janeiro – onde muito se podia. (NAVA, 1974, p. 14).

Ao citar os “cristãos novos e cristãos velhos do alto dos Passos”, Pedro Nava sugere o tema da coexistência social. O primeiro dado que chama atenção no excerto é a ideia de tradição e de estabilidade, conservada “[...] por cidadãos prestantes que praticavam ostensivamente a virtude e amontoavam discretamente cabedais que as gerações sucessivas acresciam à custa do juro bancário e do casamento consanguíneo”. Ainda que não seja possível confirmar uma alusão direta, a frase evoca duas representações culturais associadas à imagem dos judeus. A primeira diz respeito ao patrimônio acumulado “discretamente” por operações financeiras envolvendo juro bancário, atividade que na cultura popular, história e literatura esteve associada à figura do judeu bancário, credor e usurário, a exemplo do personagem de Shakespeare, patrocinador dos mercadores cristãos velhos de Veneza. A segunda representação compreende a tradição cultural e religiosa do casamento consanguíneo. Conforme afirmou Renata Rosental Sancovsky (2007, p. 251), “a prática muito comum dos casamentos endogâmicos e consanguíneos entre judeus mantinha diversas tradições culturais e bens materiais no seio da família”. Na passagem biográfica sobre o segundo marido de D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava, o memorialista referiu esse tipo de união e o parentesco de Joaquim Feijó de Melo com as irmãs que desposou:

Era, de seu nome todo, Joaquim Feijó de Melo, e nascera no Engenho do Formoso, Pernambuco, Filho de José Feijó de Melo e de Dona Maria Inácia Mayer. Sua avó paterna era Costa Barros e daí lhe vinha parentesco em terceiro grau com as duas irmãs que desposou. Seu avô paterno era o Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, Tenente Coronel José Fidelis Barroso de Melo – por intermédio de quem se chegava aos ilustres troncos pernambucanos dos Gonçalves Barroso, Melo Albuquerque, Pereira da Cunha, Batista Guimarães e Sores Cavalcanti. Era quarto neto do capitão Antônio Feijó de Melo, outro Cavaleiro de Cristo, que se batera por Ele nas guerras contra os hereges de Holanda. Da mãe do velho Feijó, Dona Maria Inácia Mayer, sabe-se que era filha de uma inglesa e de pai de origem alemã. Isto é o que está nos

apontamentos que tenho em mãos e que me foram dados pela viúva de meu primo Carlos Feijó da Costa Ribeiro. Deste lado materno deve o velho Feijó ter herdado o tipo louro e de olhos claros que chegou a seus netos e aquele nariz puxado, ovante, aquilino e recurvo *qui sentait le fagot à une lieue*, nariz que diferencia, judaicamente, toda a descendência dele e de minha tia Adelaide Cândida e que persiste imutável, régio, dinástico – como marca familiar nas cinco gerações de primos que deles provêm. O próprio casamento do Feijó, viúvo, com uma cunhada, não tem um leve sabor hebraico? Isto são apenas conjecturas partidas de um nome e de um traço fisionômico. Cristão-velho ou cristão-novo, o que importa contar é que o Feijó era a flor dos maridos, a flor dos pais, a flor dos padrastos e a flor dos padrinhos. (NAVA, 1974, p. 80-81).

Com base em 57 processos inéditos que relatam a prisão de marranos (cristãos-novos conversos) no século XVIII, em Minas Gerais, no período da chamada Idade de Ouro do Brasil, Novinsky (2001, p. 162) constatou que, entre os 57 prisioneiros, 11 haviam nascido no Brasil, 64% deles eram mercadores e 23% eram mineiros, a maioria de classe média “[...] e raros eram os magnatas (...) Acusados do crime de judaísmo e de pertencerem a sociedades secretas, representaram 42% dos brasileiros condenados à morte. Ser marrano entre os portugueses no Brasil [seria] mais um sentimento e uma visão de mundo do que uma prática religiosa”. Assim:

A realidade que os judeus convertidos enfrentaram no Novo Mundo não foi sempre a de seus sonhos. As nações ibéricas, nas suas ambições expansionistas, transferiram para a América sua legislação discriminatória e sua política racista e antisemita e montaram um sistema de fiscalização que fazia de cada cidadão um cúmplice em potencial. Mesmo assim, na multirracial e pluricultural sociedade americana, o racismo e a intolerância não conseguiram vencer totalmente. Nem o Estado português, nem a Igreja conseguiram impor de maneira absoluta as suas regras. Os brasileiros subverteram a ordem e os cristãos-novos conseguiram penetrar nos mais altos círculos das elites coloniais, compraram títulos de nobreza e conseguiram, muitas vezes, apagar suas origens judaicas. Foram eles os antepassados de muitas famílias brasileiras de hoje. Pagaram, porém, um preço, a liberdade em troca da identidade judaica. (NOVINSKY, 2009, p. 3).

Se os marranos pagaram um preço em troca de sua identidade judaica, houve também conversos que assimilaram traços de culturas diferentes para sobreviver. Durante esse processo de adaptação, formaram-se alianças de toda sorte com a cultura local e os contornos mais nítidos de sua identidade primeva podem ter esmaecido no decorrer do tempo, mas sem desaparecerem de todo. O filósofo e hispanista Marcel Bataillon (1964) concedeu uma justificativa para certo fenômeno que atingiu a Espanha na Idade Moderna. O declínio do Império espanhol na Europa teria produzido um estado mental de desengano, propensão à nostalgia e isolamento, enraizado a nível social, político e religioso. O sentimento melancólico decorrente desse processo refletiu

a dolorosa questão do exílio judaico nos escritos de Antonio de Villegas, Diego de San Pedro, Fernando de Rojas, Garci-Sánchez de Badajoz e Jorge de Montemayor. A literatura produzida por esses conversos transmitiu-se às gerações seguintes e formou uma corrente de pensamento que repercutiu em toda Península Ibérica até a Renascença. Essa “quase romântica melancolia”, escreveu Bataillon (1964, p. 54), se não foi uma criação dos judeus conversos e peninsulares, foi fruto de uma suplica representativa, que adquiriu possíveis ressonâncias graças a esse grupo: “[...] si no fue creación de los conversos y judíos peninsulares, fue de su particular agrado y talvez recobro gracias a ellos nueva ressonância”. A maneira de viver dos conversos disseminou essa tendência cultural por meio de uma tradição intensamente conservadora afirmou o filósofo.

Quando Pedro Nava (1974, p. 14) critica a estratificação e as instituições basilares da sociedade juiz-forana, notando como: “A densa melancolia dessas instituições transmitia-se aos que as mantinham – criação agindo poderosamente sobre os criadores e seus descendentes que levavam vida impenetrável nas suas casas trancadas, frequentando-se só nos apostolados e nas empresas”, ainda que não seja em alusão exclusiva aos cristãos-novos, tais palavras encontram ressonância nas de David Augusto Canelo (1996, p. 39) sobre o estilo de vida dos criptojudeus: “O segredo era um rito a preservar. A desconfiança continuava a existir e o círculo endogâmico continuava a fechar-se. A cultura recebida em segredo deveria ser transmitida à geração futura também em rigoroso segredo”. De modo análogo, os conversos e judeus exilados da Península Ibérica definidos por Bataillon poderiam ser retratados na frase de Pedro Nava (1974, p. 14): “Honrados, taciturnos, caridosos, castos e temperantes, esses ricos homens traziam geralmente na fisionomia um ar de fadiga, de contenção e de contraída tristeza”. Já a “cultura do segredo” que Novinsky (2007) divisou no estilo de vida dos judeus da Península Ibérica e dos marranos dispersos não combinaria com a mentalidade extravagante da margem esquerda da Rua Halfeld:

Minas Gerais foi no século XVIII uma das regiões mais procuradas pelos cristãos-novos portugueses. Cada nau que saía do Tejo trazia refugiados ou aventureiros cristãos-novos para o Brasil. Tomando conhecimento da prosperidade da região, do afluxo do ouro e das possibilidades confiscatórias, a Inquisição ordenou uma persistente fiscalização e algumas dezenas de portugueses foram presos, acusados de praticar a religião proibida: o judaísmo. Alguns já estavam estabelecidos nas regiões auríferas desde o início do século. (NOVINSKY, 2001, p. 162).

*Baú de Ossos* retrata de forma vívida alguns costumes da sociedade colonial quando reconstitui um episódio histórico acontecido em Sabará, que se conecta ao sentido de celebração pública e de espetáculo exemplar dos autos-de-fé, com a exposição e humilhação dos culpados em desfile até o espaço onde seriam executados, em efetiva e simbólica ratificação da lei em

vigor, possivelmente diante de todos os estratos daquela população, sobretudo para confirmar a autoridade daqueles que podiam sancionar o ato e coibir os que seriam capazes de incorrer no mesmo delito no futuro. O bisavô materno de Pedro Nava foi um dos espectadores da execução:

O 1855 foi também a data de um crime que deixou lembrança nos anais judiciários de Minas. Nele pereceu uma odiosa sinhá, cruel e sádica (...) Num mar de sangue. Não houve divergência. A que segurou e a que oficiou foram ambas condenadas a padecerem morte natural na forca. Sabará ainda achou que foi pouco porque o aconselhado, no caso, seria um bom auto-da-fê depois de tortura. E a cidade preparou-se para a execução como para uma festa de igreja. (...) No dia da execução, Luís da Cunha e seus filhos Luís, de vinte anos, e José Luís, de dezessete, armados de tala, levaram os escravos e escravas da casa para assistirem, de joelhos, ao enforcamento das negras e ficarem bem humildes e bem escarmentados. (NAVA, 1974, p. 114-116).

Em contraste com o episódio do crime da sinhá perversa e da execução das escravas em Sabará, Pedro Nava relata a história da morte, em 1886, de um dos irmãos de seu avô Jaguaribe, Leonel, abolicionista, diplomado com distinção pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1883. Casou-se com D. Geraldina Resende, filha do Coronel Geraldo Augusto de Rezende e de Dona Maria Carlota Tostes de Rezende, os “Barões do Retiro”, residentes em Juiz de Fora:

Entre os presentes de casamento que ele recebera dos Rezende, figuravam um escravo e três escravas que ele alforriou imediatamente para escândalo do sogro, da sogra, dos cunhados, das cunhadas, dos concunhados, das concunhadas, dos primos e das primas — todos “escravocratas da gema” como Martinho Campos, conhecidos surradores de negros e empreiteiros de surras dadas por seus negros nos leguelhês de seu desagrado. Os dois anos que Leonel passou casado foram de provação e tratos de polé dentro de uma família a que ele ficou estranho até na morte. (NAVA, 1974, p. 198, grifo do autor).

A expressão “tratos de polé” é citada em três passagens de *Baú de Ossos*. Alexandre Herculano (2014, p. 60) mencionou-a, por exemplo, ao referir “[...] todas as torpezas que vamos encontrar na obra ímpia do estabelecimento do Santo Ofício” durante o reinado de D. João III: “Por fim, o domínio absoluto do potro, da polé e da fogueira estabeleceu-se incontrastavelmente na região das crenças religiosas, prevalecendo sobre a doutrina evangélica da tolerância e da liberdade. É possível rastrear circunstâncias históricas que certamente contribuíram para fixar a expressão na cultura popular. Em referência à toponímia do Recife holandês, o historiador Napoleão Barroso Braga (1985, p. 206, grifo do autor) recordou que o “Terreiro dos Coqueiros” passou a se chamar praça do Mercado e, na “época nassauviana”, Praça da Polé (atual Praça da Independência): “Nessa praça era onde se infligia o castigo conhecido por ‘tratos de polé’, a quem um poeta anônimo dedicou um soneto, cujo final gela o sangue de quem o lê: ‘Preferiria

o peso da galé, O gancho, a forca, a frígida corrente Para não sofrer um trato de polé””. O termo é usado em outra passagem biográfica para recordar a época em que o Dr. José Nava, pai do memorialista, cursou o Liceu do Ceará, antes de ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia:

Felizmente, para meu Pai, ele frequentou o grande centro de ensino de seu Estado na sua fase áurea de 1891 a 1895 – e ali foi duplamente *apertado* pelos seus mestres, tanto pelo natural rigor vigente na época, como porque o recomendava a *tratos de polé* – seu parentesco com o professor de alemão e diretor do Liceu – José Carlos da Costa Ribeiro Júnior. (NAVA, 1974, p. 85, grifo do autor).

Na passagem que refaz, até “o quinto ou sexto século de nossa era”, a árvore genealógica do avô Luís da Cunha Pinto Coelho Vieira Taveira do Souto Maior e Felgueiras, Pedro Nava menciona novamente a expressão aludindo ao episódio da morte de Inês de Castro, narrado por Fernão Lopes na *Crónica d’el-rei D. Pedro I*. Se o termo está vinculado à história da Inquisição, por conseguinte apreende uma parte obscura da história de Portugal. A essa face sinistra Pedro Nava relacionou, sugestivamente, não só através do relato de Fernão Lopes, mas igualmente do episódio em Sabará, aspectos da personalidade de Luís da Cunha, em sociedade e em família:

O Coelho de Luís da Cunha é o mesmo de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário de Pernambuco e o mesmíssimo de Pero Coelho, um dos três “horíficos algozes” que avultam na história, vermelhos e fumegantes do sangue da Inês de Castro. Morreu por ele, na tortura e tendo se lhe arrancado o coração pelas frentes do “peito carnicero”. Mas nos tratos de ferro, fogo e polé (...) não parou de urrar injúrias (NAVA, 1974, p. 148-149, grifo do autor).

“Recordações amoráveis da infância” de Pedro Nava, do tempo em que a família residiu no Rio de Janeiro, de 1908 até a morte do Dr. José Nava, em 1911, são relatadas em *Bau de Ossos*, envolvendo os médicos ilustres e os médicos de subúrbio da cidade, entre estes últimos, “o Doutor Titara, Doutor João Luís dos Santos Titara”, “o dono da maior clínica dos subúrbios”, a quem é dedicado um dos ensaios de *Território de Epidauro*, “Médicos Suburbanos de Ontem e de Hoje I - Apontamentos sobre o Dr. Titara”. O trabalho de construção de arquivos, de coleta de dados, é revelado nos parágrafos iniciais de “Médicos Suburbanos de Ontem e de Hoje II”:

Desde há algum tempo, venho colecionando tudo que encontro e possa servir ao estudo tanto da história como da crônica da Medicina Brasileira. Fotografias desmerecidas pelos anos. Recortes de jornais. Cópias de documentos esquecidos. Receitas antigas. Conversa de velho. Principalmente apontamentos colhidos nessa conversa com as testemunhas do passado. Onde haja filho, irmã, viúva, amigo ou contemporâneo dos mestres mortos, procuro sempre me insinuar, para recolher a história não oficial dos seus hábitos, seus

concursos, amizades e inimizades, modo de exercer, particularidades pessoais. Todos os pequenos detalhes e os fragmentos de humanidade, às vezes tão importantes na interpretação de um caráter e na explicação do lado profundo das existências. Material que não figura nos necrológios, nos discursos, nos “documentos declarados” (quase sempre repositórios onde a censura e as conveniências falseiam a vida das criaturas), mas que chega ao nosso conhecimento pela palavra antiga das filhas ou das viúvas, quando repetem as conversas um dia soltas nas varandas ou em torno às mesas de jantar das casas consumidas. (...) E é esse trabalho de tomar nota do que vou ouvindo que vai me permitir escrever mais alguma coisa sobre aquele Doutor Titara, citado no capítulo antecedente. (NAVA, 2003b, p. 117-118)

Pedro Nava ouviu muitos casos sobre o Dr. Titara na infância, durante os serões em casa de seus pais, no Rio de Janeiro, já do Dr. João Marinho guardou lembranças da infância e vida adulta, ricas em detalhes, em referências à história da medicina e apontamentos genealógicos. No contexto dessas recordações, utilizando o recurso retórico da enargeia, o memorialista inclui por analogias imagens na ambientação de uma cena do cotidiano. A tônica de alguns episódios da infância do memorialista, principalmente até 1911, possui quase sempre um viés fantástico, elemento de fantasia, evocação do realismo mágico, atmosfera alusiva ao maravilhoso, a visões de sonho e pesadelo, em que se alternam o ponto de vista do adulto, que relembra ao escrever, e a interpretação da experiência pela criança à época dos fatos vividos, a exemplo deste trecho:

Uma de minhas idas frequentes à cidade com meu Pai, era para o tratamento de garganta no consultório do Dr. João Marinho. Esse eminente otorrinolaringologista era então infenso à operação de amígdalas e gostava de fazer nas mesmas terapêutica conservadora. A especialidade de ouvidos, nariz e garganta, alternante com a Medicina de que é parte, atravessa períodos favoráveis à amigdalectomia e depois fases desfavoráveis a essa intervenção. Tive a má sorte de ter começado meus abscessos periamigdalíacos em era conservadora e foi assim que guardei, durante anos, a minha doença e os meus dois focos de infecção, para só ser operado quarentão, pelo meu colega José Kós. O consultório do dr. Marinho ficava em Quitanda n.º 5 e eu era empurrado de escada acima, coração pequeno e antecipando a sensação aguda dos estiletos em brasa fincados nas goelas. Uma, duas, três, quatro, cinco vezes por sessão. Os olhos enevoados viam só a estrela vermelha da pequenina lâmpada elétrica do galvano-caltério e a cintilação implacável dos óculos do médico. O ar ficava impregnado de um cheiro de churrasco e de *auto-da-fé*. Meu Pai, cúmplice, conversava com o *verdugo*. (...) Depois das cauterizações em que eu tinha a impressão de estar engolindo arame-farpado posto em brasa, meu Pai me dava a compensação. Sorvete na Lalet e sessão de cinematógrafo. (NAVA, 1974, p. 374-376, grifo nosso).

*Balão Cativo* contém uma menção literária à Inquisição, nas memórias da época em que Pedro Nava frequentou o Colégio Anglo Mineiro, em Belo Horizonte. A passagem identifica o repertório de leituras do educandário no início do século XX, impressionante para o memorialista:

Dentro do ensino meio fantasista dos ingleses, o de D. Célia distinguia-se pela organização, seguimento e método. Tinha de quem sair, pois era filha de Seu Artur Joviano – professor e diretor da Escola Normal. Além da estrutura da língua nossa, D. Célia fazia-nos estudar seu funcionamento em prosa e verso. Mandava-nos decorar trechos de José de Alencar, Macedo, Coelho Neto, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Augusto de Lima. Foi este que me tocou para recitativo que me deixou perplexo. Era a história de um inquisidor, de mãe lacrimosa rojada a seus pés – pedindo o perdão do filho. Tocado no coração, o dominicano concede a graça e manda que o herético, em vez de queimado, fosse esquartejado apenas. Eu tive horror dessa história, onde busca raízes certo vago anticlericalismo jamais de todo espancado do meu de dentro. Sobretudo porque ao horror misturava-se a confusão. “*O Grande Inquisidor escreve à luz d’um círio, / corre do seu tinteiro o sangue do martírio...*” – é como, parece, rezava o poema. Pois a mim a coisa se afigurava não “à luz dum círio” mas como sendo “a luz dum sírio”. Sírio, sírio de armarinho, *turco* da Rua dos Caetés e eu ficava bestificado, conjeturando como é que o grande inquisidor podia escrever iluminado por uma daquelas figuras rebarbativas de grandes pestanas e metro na mão. Qual deles? seria lamparina bastante. O Seu Abras? O Seu Bedran? Cada bigode um pavio, eles haviam de arder em chama dupla... (NAVA, 1977, p. 156-157, grifo do autor).

A referência ao poema de Augusto de Lima faz pensar em como a história da Inquisição seria abordada pelo sistema educacional da época, quem sabe, em alguns círculos, pela ótica de autores como Alexandre Herculano, Joaquim Mendes do Remédios e João Lúcio de Azevedo ou pela literatura anticlerical importada da cultura francesa e de autores da chamada Geração de Setenta em Portugal, a que pertenceu Eça de Queirós, e de cuja obra Pedro Nava foi leitor e admirador. A influência paterna e intelectual de Antônio Salles na infância e adolescência de Pedro Nava pode ter contribuído para o “vago anticlericalismo” que o escritor refere. Parte do anticlericalismo de Salles reporta à história e aos preceitos da Padaria Espiritual, agremiação literária de viés publicista, fundada em Fortaleza, a princípios da última década do século XIX, por Salles sob o apoio de autores como Lívio Barreto, Temístocles Machado e Adolfo Caminha.

A historiadora Maria José Ferro Tavares (2002, p. 446-447) discorreu sobre as origens e os principais temas da literatura apologética em Portugal, comparando-a com a produção literária em Castela e com disputas apologéticas neste reino e em Aragão, verificando que, “nem uma nem as outras tiveram paralelo em Portugal. Independentemente da escassez de referências da parte de cronistas judaicos, a exemplo de Ha-Cohen, a respeito de disputas ocorridas na corte de D. Afonso V, nestas parece predominar mais a função de discussão filosófico-religiosa entre cortesãos cristãos, judeus e até mesmo o próprio soberano. A literatura de controvérsia religiosa tinha por objetivo promover o Cristianismo perante as outras duas religiões e os gentios, logo:

Conhecemos pouco sobre as obras apologéticas produzidas em Portugal ou existentes nos mosteiros e utilizadas pelos pregadores nos sermões. Sabemos que as bibliotecas de Alcobaça e de Sta. Cruz de Coimbra tinham obras de apologética de Sto. Isidoro de Sevilha, de Pedro Hispano<sup>15</sup>, de Gilberto Crispino, S. Tomás de Aquino, Raimundo Martí e outros. Das obras apologéticas sobre os judeus escritas em português, chegaram até nós o manuscrito de frei João, monge de Alcobaça, a *Corte Imperial* e o manuscrito *Ajuda da fé*, do converso mestre António, ex-rabi de Tavira, e físico de D. João II. A apologética contra os judeus assentava nos seguintes itens: a questão da Trindade; a Encarnação; o Messias prometido já viera; Cristo era o Messias prometido pelos profetas. Procurava-se provar que a religião cristã era a única verdadeira e que os cristãos eram o novo povo eleito por Deus. Destes livros dois eram da autoria dos judeus conversos Pedro Hispano e Gilberto Crispino, que viveram nos séculos XI e XII, respectivamente. (TAVARES, 2002, p. 446).

Após o estabelecimento da Inquisição na Península Ibérica e a extensão de seu poderio às colônias, o sermonário produzido para os autos-da-fé manteve o sentido de enaltecimento ao Cristianismo, porém mesclado à virulência de argumentos que justificassem teologicamente a postura antissemita propagada pelo Santo Ofício. A retórica filossemita de Antônio Vieira no século XVII compreende um fenômeno complexo, relacionado, a princípio, com a Restauração portuguesa; a interesses econômicos, políticos e religiosos de cristãos-novos e de comunidades judaicas estabelecidas sobretudo nos Países Baixos; à disseminação da literatura profética na Europa e Novo Mundo; e, após a morte de D. João IV, o processo inquisitorial do jesuíta e seus anos de exílio em Roma, entre 1669 a 1675, a concepções pessoais que desenvolveu na *História do Futuro* e na *Clavis Prophetarum*. Para Diniz Lopes, Jorge Vala e Rodrigo Brito (1999, 137), a partir de finais do século XIX, o academicismo trouxe a Portugal outras “concepções sobre a natureza humana e sobre a variedade dos grupos humanos”. Movimentos de teor nacionalista, e disciplinas como a Antropologia e a Sociologia inspiraram na literatura, medicina e sistema educacional novas “[...] autorrepresentações, de representações sobre o outro, de representações das diferenças entre grupos sociais, povos ou comunidades”. As duas Grandes Guerras, porém, ocasionaram na Europa divisões políticas e territoriais que investivaram o antissemitismo.

Com diversos estudos que enfocam o antissemitismo francês, o historiador Henry W. Weinberg (1987) comentou o legado de grandes líderes, intelectuais e escritores franceses para o antissemitismo moderno, criando imagens de ódio e hostilidade contra os judeus que afetaram gerações. Em uma terra onde o homem de letras é colocado em um pedestal, onde a ideologia frequentemente se reflete na ficção, e onde a ficção por vezes extrai sua substância da ideologia, deve restar pouca dúvida sobre o significado da imagem literária do judeu no desenvolvimento

<sup>15</sup> A contribuição da obra de Pedro Hispano é citada por Pedro Nava (2003b, p. 40) em *Território de Epidauro*,

de um sentimento antissemita. A influência da cultura francesa no Brasil durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX foi ampla; possivelmente houve no país repercussão do fenômeno assinalado por Weinberg. Segundo Novinsky (2006, p. 33): “Portugal ficou fora do movimento antissemita deflagrado no resto da Europa. O professor João Medina chama a atenção para o sentimento pró-judaico luso, que se expressou em protesto contra diversas explosões antissemitas no fim do século XIX”. De acordo com a historiadora, os cristãos-novos migrados para o Brasil tiveram de redefinir sua identidade em muitas situações que refletiam as políticas de antissemitismo e intolerância religiosa oriundas de Portugal e Espanha, contudo:

A história do antissemitismo no Brasil deve ser entendida como parte de outro contexto: as condições da colônia geraram duas atitudes opostas, que refletiam duas mentalidades inconciliáveis. De um lado, os homens que representavam o poder da metrópole portuguesa, de posturas conservadoras e racistas, e de outro uma minoria nativa, nascida num mundo novo, cujo espaço aberto, de proporções desconhecidas, incitava à anarquia, à rebeldia, à liberdade, à crítica e também a uma relativa tolerância. (NOVINSKY, 2006, p. 33).

É sobre esses dois eixos da sociedade brasileira definidos por Novinsky que Pedro Nava biografou os ramos de sua família paterna, liberal e abolicionista; e materna, de mentalidade conservadora e escravocrata, porém com certos interesses em comum: genealogia, literatura e a inclinação para a escrita, nos dois ramos se verificam, além dos parentes com “personalidade de historiador”, os “arquivistas da família”. Ricoeur (2004, p. 167) distinguiu na construção de arquivos fatores afetivos, intelectuais e documentais determinantes para o destino de um acervo, esses fatores competem entre si e o arquivo final será resultante do equilíbrio ou da tensão entre essas forças, pensamento que se aplica aos critérios usados na formação de arquivos familiares. Sobre o trabalho de formar arquivos para o futuro, reunindo testemunhos coletados e transcritos, Ricoeur (2004, p. 166-167) escreveu que o enredo de uma história contada reforça a autonomia semântica do texto, cuja composição em formato de obra lhe confere a visibilidade garantida a algo escrito. Aos componentes estilísticos e retóricos que divide com a narrativa o testemunho acrescenta outros específicos, ligados à estrutura do processo pelo qual ocorre a transmissão do relato, entre quem o coleta e o depoente. Ricoeur (2012, p. 331, grifo do autor) abordou o intento de fidelidade à verdade no testemunho considerando os referenciais da memória e da história: “A fórmula de Aristóteles, que gosto de repetir: ‘A memória é do passado’, não necessita mobilizar o futuro para dar sentido a sua afirmação. O presente (...) está implicado no paradoxo da presença da ausência, paradoxo comum à imaginação do irreal e à memória do anterior”.

Ricoeur (2012, p. 331, grifo do autor), chamou “artesão da história” ao historiador que, na reconstituição do passado histórico faz um “recorte” do passado concluído: “Não é o que acontece quando procuramos uma lembrança, que nos entreguemos ao trabalho de memória, ao culto da lembrança?” Philippe Lejeune (2009) observou esse mecanismo seletivo, por vezes de censura, na escrita diarística. O “recorte” pode suceder no momento da evocação e no de sua transcrição. Na escrita da história, nem todo conteúdo é relatado, expôs Ricoeur (2012, p. 331): “[...] a investigação do passado histórico não implica mais do que três posições temporais: a do evento-alvo, a dos eventos intercalados entre este e a posição temporal do historiador, e, enfim, o momento da escrita da história: três momentos, dois no passado e um no presente”. Registrem-se nesse ponto, duas digressões de *Balão Cativo* sobre a temporalidade da evocação do passado:

De toda essa gente que estou evocando, dos que fui tendo notícia, sei que morreram. Os outros seguiram seus destinos, foram viver suas vidas e se algum está vivo estará velho (...) e já não deve se lembrar mais dum menino moreno, tímido, meio sonso que se esgueirava entre os grandes e gostava de ficar pelos cantos olhando tudo, ouvindo tudo, guardando tudo, tudo. Armazenando na sua memória implacável (seu futuro martírio) os fragmentos de um presente jamais apanhável mas que ele sedimentava e ia socando quando eles caíam mortos e virados no passado de cada instante. (...) Bastou para isto que nos cruzássemos numa nesga do espaço e num instante do tempo. (NAVA, 1977, p. 228).

[...] o passado e o presente não são coisas estáveis tornadas impenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel – pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na *simultaneidade* e na *multiplicidade* das visagens que se dispõem, se desarranjam, combinando-se umas às outras e logo se repelem, construindo não um passado mas vários passados. Fatias da grossura do ponto geométrico incessantemente cortadas do presente por uma espécie de máquina automática de fazer presunto. Seus roletes não caem em ordem obrigatória sobre o papel impermeável do embrulho. Vão e vêm segundo as solicitações da *realidade atual* – também fictícia porque sempre em desgaste e capaz de instituir contemporaneidade com o passado, igual à que se pode estabelecer com o futuro – tornando de vidro as barreiras do tempo. (NAVA, 1977, p. 287-288, grifo do autor).

Para Ricoeur (2012, p. 332), o limite metodológico do ponto de vista retrospectivo da história é que, no tempo, o objeto do historiador pertence ao ontem, o historiador escreve sobre homens que existiram antes dele; a ideia de rastro comprova a limitação da história ao passado de sua própria escrita: “Há uma legitimidade provisória em se colocar a questão do referente da

memória e da história sob a condição da abstração do futuro. A questão será, portanto, de saber se uma solução para o enigma da *passéité*<sup>16</sup> pode ser encontrada nos limites desta abstração”.

Definido o dilema do historiador em relação ao passado, escrever sobre o que não mais existe, compreende-se, na teoria de Ricoeur (2012), a importância dos “rastros”, equivalente à função dos “traços”, que representam para Jean-Yves Boursier (2002) fragmentos materiais, vestígios e ruínas do que existiu. Conforme citado anteriormente, Pedro Nava (1974, p. 41) faz referência a ideia de reunir vestígios: cartas, documentos, fotos, objetos pessoais, relatos, cada item que se apresenta como traço é averiguado em conjunto e isoladamente: “Daí tenho de partir como Cuvier do dente e o ceramista do caco”. Antiquários, arquivos e museus são para Boursier (2002, p. 2) espaços de acolhimento, acomodação e mesmo estetização de restos ou traços.

O processo de acomodar os restos em questão, explicou Boursier (2002, p. 2, grifo do autor), pode ser comparado à cozinha, com suas receitas, especiarias, combinações de sabores, apresentação do prato e, sobretudo, a imaginação do chefe. Já a exposição dos restos, no sentido atribuído pela etnologia e museologia, é similar à arte da encenação dos objetos, cada qual adquirindo significado no âmbito da coleção, com a finalidade específica de pontuar o espaço adequado à organização ideológica da mensagem que se deseja transmitir. Contudo, o curador do museu preserva um vestígio, como objeto colecionado, à semelhança do antiquário. Objeto e passado estão associados nessa operação. Dessa forma, ao preparar uma retrospectiva sobre equipamentos agrícolas para a Exposição Universal de 1900, o curador do Museu Carnavalet, Georges Cain, convocou colecionadores com “preocupação com o passado” para recuperar os objetos. Arnold Van Gennep considerava que este trabalho de coleção constituía a “parte morta” do folclore em que fixava como campo a busca de uma “psicologia coletiva” nos “fatos vivos”.

A recolha de itens para compor um arquivo reporta, de certa maneira, às operações que Boursier atribuiu ao museólogo. O arquivo pode projetar no futuro a imagem de um grupo, de um indivíduo. A mensagem que transmite encerra possibilidades de interpretação do passado. A “preocupação com o passado” determina a seleção do que será arquivado, mas representa igualmente uma preocupação com o futuro, pois conteúdo do arquivo é destinado à posteridade.

---

<sup>16</sup> Em nota dos tradutores ao texto de Ricoeur (2012, p. 332), “*passéité*” é a: “Qualidade passada do que um dia se passou [*passéité*]. Essa noção, assim como a de representância, pretende lançar luz sobre a aplicação do conceito de ‘real’ ao passado histórico. O passado, visado pela representância historiográfica, não é apenas algo ausente, mas também algo anterior. O enigma do passado constitui-se no fato de se remeter em sua *passéité*, simultaneamente, àquilo que foi (*ce qui a été*) e àquilo que não é mais (*ce qui n’est plus*)”. Para Ricoeur (2012, p. 332): “Nós diremos, portanto: caráter passado, *passéité*” da lembrança para designar “[...] os graus de distância, de profundidade no tempo – traço que nos fez caracterizar a memória como guardiã da distância temporal”.

Devido ao caráter reiterável<sup>17</sup> que lhe confere valor institucional, o testemunho pode ser escrito e arquivado, afirmou Ricoeur (2004, p. 167). Esta prerrogativa é essencial para que instituições específicas, aptas a coletar, conservar e classificar documentação, disponibilizem o testemunho ou acervo para consulta posteriormente. Logo, o arquivo apresenta-se como espaço social que compartilha o destino do traço documental. Citando Michel de Certeau (1988, p. 57 apud RICOEUR, 2004, p. 167, grifo do autor), ele argumenta que esta operação historiográfica seria a tarefa inicial de uma epistemologia do conhecimento histórico: divisar a história como uma operação equivale a compreendê-la como fruto da relação entre um “lugar” (um ambiente, um ofício), *procedimentos* analíticos (uma disciplina) e a construção de um *texto* (literatura). Nesse sentido, ainda de acordo com a referência de Ricoeur ao pensamento de Certeau, o aporte histórico do discurso memorialístico demanda antes “coletar documentos para livros escritos”, operação que se pode associar à totalidade dos escritos históricos e literários de Pedro Nava.

*Território de Epidauro*, publicado mais de uma década antes da viagem do memorialista a Israel, comporta outros retratos do povo judeu. Pedro Nava dedicou parte expressiva de seus estudos históricos à influência judaica na medicina. Raimundo Nunes (1987, p. 140) comentou-a observando duas instâncias principais. A primeira delas alude ao contexto dos escritos sobre a história e povo portugueses, Ao lado da vinculação nostálgica de passagens biográficas e genealógicas das Memórias<sup>18</sup>, Pedro Nava descreveu os portugueses apoiando-se em pesquisas comparativas que aludem à formação antropológica, histórica, sociológica e humana de outros povos. Reporta-se à divisão da medicina portuguesa, de 1130 a 1209, seguindo até 1504, épocas que possibilitaram influências culturais diversas e recíprocas em Portugal, pelo convívio entre cristãos, árabes e judeus, originando experiências propícias ao desenvolvimento da medicina:

Exaltado, supersticioso e fantasista; vivaz, religioso e imaginativo – esse povo extraordinariamente susceptível teria de buscar no seu misticismo – que é o misticismo do cristão, do judeu e do mouro – a condição etiológica,

<sup>17</sup> Para Ricoeur, o caráter reiterável do testemunho é expresso na repetição destinada à continuidade de um passado favorecido pela tradição. A historiografia vincula o testemunho com uma instituição social por meio de arquivos.

<sup>18</sup> É no segundo capítulo de *Baú de Ossos*, “Caminho Novo”, em passagem biográfica sobre o bisavô materno Luís da Cunha que Pedro Nava (1974, p. 148, grifo do autor) refere sua ancestralidade de raiz lusitana: “Eram velhos, velhíssimos, várias vezes centenários – milenários! – os nomes portugalenses, lusitanos, galaicos, castelhanos, leoneses, suevos, celtibéricos e godos da gente de que descendia o tropeiro Luís da Cunha. Alguns coevos, outros mais velhos que o nosso Império, que a colônia, o reino, o condado. Para chegar a essas trevas, basta seguir, de galho em galho, as árvores levantadas por (...) genealogistas mineiros, brasileiros, portugueses e espanhóis. O Coelho de Luís da Cunha é o mesmo de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário de Pernambuco e o mesmíssimo de Pero Coelho, um dos três “horíficos algozes” que avultam na história, vermelhos e fumegantes do sangue da Inês de Castro. Morreu por ele, na tortura e tendo se lhe arrancado pelas frentes do “peito carnicero”.

sobrenatural e terrificante, que foi a origem de um dos mais surpreendentes e copiosos arsenais de medicina popular, jamais observados entre as raças integradas no nosso ciclo de civilização. (NAVA, 2003b, p. 39).

Desse modo, o encontro das três civilizações na Península, nas fases conturbadas do processo histórico, como nas de abrandamento de costumes e adaptação de convívio, ajudou a codificar normas e princípios empenhados na solidariedade do homem pelo seu semelhante. A partir do século XIII, a assistência pública em Portugal se antecipou a vários países. O convívio dos portugueses com outras mentalidades: “[...] aperfeiçoou o conceito de auxílio mútuo com a habilidade hospitaleira, como com outros costumes israelitas, incluindo o ritual de visitação aos enfermos e os dispositivos do Corão – determinando amparo aos pobres, às viúvas, às crianças e aos idosos”. Assim, Nunes (1987, p. 149) dividiu o enfoque dos escritos históricos de Pedro Nava em dois momentos, o primeiro alude à influência de outros povos na formação da medicina portuguesa; o segundo, descreve a influência portuguesa na medicina brasileira:

A influência da medicina reinol, considerada no seu duplo aspecto de fundamento cultural e de ascendência civilizadora, chegou até nós, tomando por vários caminhos. Transportada pelo vulgo, já como íntegra da arte curativa popular, já como difusão do que, sendo, na medicina douta, particularmente acessível ao leigo e passível de fixação coletiva, era carregado como parte complementar da experiência da comunidade. Trazido por médicos portugueses imigrados na Colônia, ou vinda na torna-viagem dos nacionais que iam estudá-la na Metrópole. (NAVA, 2003b, p. 42).

Os ensaios de *Território de Epidauro* são entremeados de referências à cultura judaica, combinando literatura e medicina. O autor interroga fontes para analisar a origem de condutas, procedimentos, representações e terapêuticas. Como, com que finalidade, em que período, por quem determinado remédio e tratamento foi adotado? Que histórias são contadas sobre o tema e de onde provieram? Em resposta a essas indagações vão surgindo informes atinentes a livros, autores, médicos e técnicas que Pedro Nava (2003b, p. 60, grifo do autor) perscruta, assim ele cita, por exemplo: “[...] a ideia das primeiras transfusões de que temos notícia, colhidas por Weil e Isch-Wall, e que estão relatadas nos papiros egípcios de Ebers e de Berlim; no *Livro da Sabedoria*, de Tanaquila, mulher de Tarquino, o Antigo; em velhos textos hebraicos (...)”. Pedro Nava disserta igualmente a respeito das significações de costumes, dos simbolismos religiosos e sociais de comportamentos e a transmissão cultural de cerimoniais, ritos e usos na população:

Se não assistimos mais aos propiciamentos que custam a vida dos nossos semelhantes, deparamo-nos, todo dia, com cerimônias que são como que a sua representação, sucedâneo ou símbolo (...) entre os quais, se não está na íntegra

o sacrifício da vida, está presente o sacrifício de uma parte dela, representado pela oferenda real ou simbólica de um fragmento do corpo humano. Pele de joelhos que se dilaceram na subida das escadas da Penha, ex-votos de braço, seio, mão e pé de cera; oferta de cabelo de gente, para pôr em cabeça de imagem; *ersatz* da obediência de Abraão nas mães que oferecem a vida figurada das crianças “*vouées au bleu*”<sup>19</sup>. (NAVA, 2003b, p. 53-54, grifo do autor).

De acordo com Ricoeur (2012, p. 329), o trabalho do historiador oscila entre a fronteira da epistemologia e da ontologia, questão que apreende a “legitimidade da pretensão da memória à fidelidade e da história à verdade”. A meta desse trabalho é selecionar e armazenar memórias para o futuro, logo: “O que caracteriza a memória plural e pública que alimenta o trabalho do historiador é o estatuto privilegiado do testemunho, a possibilidade de confrontar diferentes testemunhos uns com os outros, dos quais depende a credibilidade da narrativa histórica”. Nesse sentido, Pedro Nava busca apresentar temas da história médica, como “as reações obscuras do psiquismo dos doentes”, patologias e descobertas nos campos da anatomia, cirurgia e medicina popular de forma acessível, mas sempre ressaltando o componente da história cultural. Portanto, ao abordar a contribuição e influência do povo judeu na medicina, recorre a compêndios raros, a fontes canônicas e literárias, referindo, inclusive, exemplos extraídos das Sagradas Escrituras:

Veículo do espírito divino, o óleo torna os reis sagrados e intocáveis. “Ungidos do Senhor”. Saul é poupado pelo selo de sua unção. E só quando abandonado definitivamente da graça de Jeová é que, ainda com azeite, se vai marcar o destino real da raça de Jessé, antepondo-se o sagrado ao sagrado. (...) (I Samuel, VI, 12 e 13). (NAVA, 2003b, p. 62-63, grifo do autor).

Em *Território de Epidauró* há tópicos que conduzem indiretamente à história judaica, por exemplo, quando Pedro Nava discorre sobre “Algumas Origens da Medicina Brasileira” ou em “Apontamentos sobre as Origens da Medicina Espanhola”. No ensaio “Um Título à Procura de Autor”, Pedro Nava (2003b, p. 147) abordou “Vários grandes nomes de nossa medicina (...) destacando-se em primeiro plano o do mineiro Francisco de Mello Franco (...) autor do *Ensaio sobre as Febres*”, obra impressa na Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, nesta cidade, em 1829, “[...] livro que ficou, imediatamente, sendo a condensação, a súmula, o índice dos conhecimentos dos nossos médicos no tocante às infecções que afligiam a capital do país”.

A história do médico Francisco de Mello Franco vincula-se à da Inquisição por ter sido preso, processado e condenado como herege, naturalista e dogmatista, em 1778; e à história dos

<sup>19</sup> Segundo o Rev. John Wyse (1858, p. 342), as expressões “*vouées au bleu*” e “*vouées au blanc*” remetem à a práticas devocionais à Virgem Maria, como vestir azul ou branco por um período, por exemplo, ao fazer com que crianças sejam oferecidas à Virgem por um sacerdote diante do altar, consagradas assim como “*enfants de Marie*”.

cristãos-novos estabelecidos no Brasil, por descender de: “Uma das mais ilustres famílias de Marranos (...) os Sampaio. Dom Francisco de Sampaio, aliás Francisco de Mello, pertencia aos nobres senhores da Casa Real Portuguesa” no século XVI. A história dessa família pode ser verificada na obra de Cecil Roth (1960, p. 301-303 apud HERSON, 2003, p. 217). Os médicos biografados por Pedro Nava, nos escritos históricos e nas Memórias, inscrevem-se numa linha de tempo que se inicia no período colonial e se estende ao final do século XX. Daí a relevância da pesquisa genealógica para seus escritos históricos sobre medicina e obra memorialística:

O estudo genealógico pode também ser uma necessidade. Entre nós já o foi, no período colonial, quando para ter emprego e obter mercês metropolitanas era preciso provar a pureza de sangue e demonstrar que o mesmo não tinha sido poluído pelos de “mouro, negro, judeu e quaisquer outras infectas nações”. Nossa sociedade em formação adquiriu disto o hábito do registro, a memória e o orgulho da ascendência, ao tempo em que aperfeiçoava preconceitos raciais hoje inaparentes. Uns porque foram superados, outros por terem perdido a razão de ser ou entrado em latência. (NAVA, 1974, p. 182).

“Algumas origens da Medicina Brasileira”, ensaio que abre *Território de Epidauró*, faz uma leitura histórica do florescimento da medicina lusitana, desde a reforma pombalina da Universidade ao surgimento das Escolas do Porto e de Lisboa, considerando o amálgama de influências do elemento culto e do elemento vulgar; e “a literatura médica portuguesa até meados do século XVIII”. Para descrever a confluência entre a tradição hipocrática e galênica; filosofia platônica, pitagórica e aristotélica; os conhecimentos do mundo árabe e as credences medievais na formação da medicina praticada em Portugal e nas colônias, o memorialista alude à *Etnografia Portuguesa*, de João Leite de Vasconcelos; ao *Thesaurus Pauperum*, do judeu converso Pedro Hispano<sup>20</sup>; à obra do cristão-novo Rodrigo de Castro; à *Polyanthéa medicinal*, de João Curvo de Semedo, familiar da Inquisição e médico de seus cárceres, citando médicos e obras raras. Em “Apontamentos sobre a origem da Medicina Espanhola”, o autor observa que:

Além do árabe – amorável e contemplativo, poético e insubmisso – outro povo exerceu considerável influência civilizadora sobre a península. Foi o judeu. Raça amena, feita para a paz, milenarmente oprimida, dispersada, perseguida e devastada – do tempo dos faraós à contemporaneidade dos *pogroms*, do tempo das fogueiras à hodiernidade dos navios sinistros onde o cinismo dos donos da terra alheia arrasta-lhe a miséria apátrida por oceanos sem porto –

<sup>20</sup> Em artigo dedicado ao médico português Pedro Julião ou Pedro Hispano, “que foi o Papa João XXI”, o médico e historiador português Luís de Pina (1952, p. 329-330) referiu “em fragrante semelhança de caminhos, mas não de deduções”, o estudo do Dr. Sérgio Caballero Villaldea (1951, p. 444), comentando: “Para o autor, o livro *Thesaurus pauperum* é fruto da Medicina Judaica, produto de um médico judeu, disfarçado de Pedro Hispano ou João XXI. (...) Em resumo, como diz Villaldea: ‘y és así, bajo esta tradición y bajo esta ley, como vais a ver al pueblo judío medieval a través del filtro de un viejo libro que se ha llamado *Thesaurus pauperum*. Judíos o conversos son los principales personajes intérpretes de este libro, y judío es el espíritu del mismo’”.

sua compensação tem sido buscada no pensamento e sua realização procurada no comércio. (NAVA, 2003b, p. 69).

“As relações entre cristãos e judeus sofreram as vicissitudes do desenvolvimento urbano e do crescimento económico da burguesia cristã, primeiro da que se entregava ao comércio e queria investir nos empréstimos em dinheiro, depois do grupo dos artesãos”, assinalou Tavares (2002, p. 447-448). Na condição de súditos, os judeus viam-se fragilizados diante de um poder que os tolerava por razões econômicas e que mais tarde iria rejeitá-los em nome da estabilidade da sociedade cristã, desestabilizada com a diáspora dos judeus castelhanos após 1497. Florbela Veiga Frade e Sandra Neves Silva (2011, p. 52) recordam que: “Até à expulsão em 1497 os físicos judeus praticavam a medicina livremente em Portugal, inclusivamente na Corte. A sua prática assentava nos conhecimentos de Galeno, tornando-se desse modo os principais divulgadores desta forma de abordagem da medicina”. Além de desempenharem as funções de médicos, astrónomos e matemáticos, os judeus contribuíram de modo efetivo para os progressos que levaram às descobertas marítimas, empreendimento significativo para a Coroa. Pedro Nava abordou esse contexto em “Apontamentos sobre a origem da Medicina Espanhola”, afirmando:

Onde quer que [a comunidade judaica] não veja dobrada sobre si mesma e acuada como uma besta no fojo, onde não a comprima o círculo de ferro da intolerância e da estupidez – logo ela se abre ao ambiente tornado propício, dilui-se pela miscigenação e integra-se no meio receptivo, onde vai ser, não mais o quisto refratário, hostilizado e hostil, mas seu elemento de composição, ativo e participante. Isso acontece entre nós, principalmente na coletividade do Ceará e de Minas, em cujo complexo étnico parece ter havido maior concentração de sangue de cristãos-novos que no resto do Brasil. E muitas qualidades dos filhos daquelas províncias – a diligência do cearense, sua capacidade de renascer da destruição, seu espírito empreendedor e paciente; a astúcia do mineiro, sua vocação de letrado e de político, seu temperamento a um tempo afável e reservado – têm muito do atavismo semita, na sua tenacidade insuperável, no seu gosto pacífico pela transação e pelo negócio, no seu feitio flexível, adaptável e sagaz, no seu afeiçoamento às calmas da meditação e às finuras da exegese. Na Espanha, num destes momentos de trégua alternativa em que lhes tem sido permitido viver – na simplicidade e na amplitude do que se chama viver – os israelitas foram, durante largos anos, os quase monopolizadores da medicina. É que para essa arte eles são particularmente dotados, pela sua inteligência espontaneamente estudiosa e refletida, observadora e penetrante. Judeu era Izchag, médico de Afonso VII de Castela (1105-1157). Judeu, Mosca, físico de Afonso, o Sábio. O médico de Fernando IV, cujo nome não foi guardado e é o mesmo autor anônimo de *La Medicina Castellana Regia* (1312), sabe-se que era hebreu. Como também eram os práticos que a moda mandava importar de seu viveiro, a Espanha, para irem assistir os sultões do Egito, ou os soberanos turcos, o imperador Carlos Magno ou o Sumo Pontífice da Cristandade. (NAVA, 2003, p. 70-71).

Nos artigos que compõem *Capítulos da História da Medicina no Brasil*, Pedro Nava (2004b, p. 219) depura alguns temas abordados em *Território de Epidauró*. Em “Rio 400 Anos de Medicina”, texto publicado originalmente na revista *Rassegna Médica e Cultural*, em 1965, o autor admite a falta de documentos indicativos para se estabelecer o marco inicial da história da “arte de curar” na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, reiterando, no entanto, que: “A medicina do tempo seria a Medicina Portuguesa do século XVI, isto é, tudo fora adquirido dos árabes, dos judeus, da tradição greco-latina e que estava refletido nos ensinamentos de Frei Gil de Santarém, Pedro Hispano e Velasco de Taranta – para só citar os nomes de cume”. Além de contextualizar “Rio 400 Anos de Medicina”, o Rio de Janeiro é presença constante nos tomos das Memórias, historiado e poeticamente descrito de forma recorrente, tantas vezes e de tantas maneiras, que não seria exagero incluir Pedro Nava entre os seus cronistas históricos e literários.

Em *Balão Cativo*, Pedro Nava (1977, p. 40, grifo do autor) relata a viagem familiar ao Rio de Janeiro, em fins de outubro de 1911, por ocasião do dia de Finados, data em que visitou o cemitério de São Francisco Xavier, “[...] a ‘cidade sagrada’, a ‘cidade paz’, a ‘cidade oásis’, do poema de Cecília Meireles”. Ele concilia as perspectivas do médico e do historiador quando alude, por exemplo, ao fato do primeiro cemitério da cidade ter sido instalado em 1839, em uma gleba comprada a José Goulart por José Clemente Pereira, político do Império que implantou diversas medidas assistenciais e sanitárias com apoio da Academia Real de Medicina da Corte: “Não sei se existe uma história dos cemitérios do Rio de Janeiro. Quase todos foram abertos depois das hecatombes da febre amarela, a partir de dezembro de 1849. O do Caju é anterior. É o mais antigo da cidade.” Em meio às páginas dedicadas aos antigos cemitérios locais, pondera:

Logo depois da Igreja do Bonfim vinham o Cemitério do Carmo e depois, o da Penitência. Ainda não existia entre este e o Caju, o recente aberto Comunal Israelita, semeando estrelas de Salomão entre as cruces dos vizinhos. Faz mal? Afinal todo chão é de todos e nele cristãos e judeus apodrecem do mesmo jeito... (NAVA, 1977, p. 39-40).

Este capítulo finda com uma metáfora síntese de Pedro Nava (1981, p. 159-160), em *Galo-das-Trevas* que, por pseudônimos, faz de Juiz de Fora “Vila Nova d’El Rey de Santo Antônio do Desterro” e das famílias locais, descendentes “dos grandes troncos luso mamelucos do Centro da Capitania”, que disputam entre si o título de fundadoras da cidade: “No fundo todos tinham razão porque aparentados por sangue ou casamento. Misturavam-se também aos descendentes dos cristãos-novos (...) vindos da Bahia bem depois do Judeu Nuquim”.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Romance “Estórico” de Octávio Melo Alvarenga, publicado em 1967, sobre as raízes históricas de Minas Gerais.

#### 4 - O DIÁRIO DE *VIAGEM AO EGITO, JORDÂNIA E ISRAEL*

*Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* reúne, como indica o subtítulo da obra, “anotações extraídas dos diários do autor” publicadas pela primeira vez em 1998, com segunda edição em 2004, ambas pela editora Ateliê Editorial. O médico Paulo Menezes Nogueira Penido, sobrinho de D. Antonieta Penido, respondia à época pelo acervo de Pedro Nava. Com o falecimento de Penido, em 1 agosto de 2013, os direitos autorais do escritor foram transferidos à família Nava.

Pedro Nava e D. Antonieta não tiveram filhos. Assim, por testamento, a herança de D. Antonieta coube a Penido e a seus irmãos. Entre os papéis herdados, Penido (2004c, p. 8) aludiu ao “precioso” dossiê que atualizou e entregou à Fundação Casa de Rui Barbosa. O dossiê fora encomendado por D. Antonieta, com a finalidade de organizar um arquivo reunindo “[...] tudo que saíra na imprensa escrita sobre Pedro Nava: ali estavam, além de entrevistas do escritor, crônicas, depoimentos e poesias de figuras como Carlos Drummond, sua filha Julieta, Vinicius, Otto Lara Resende, Prudente de Moraes Neto”. A publicação de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* vincula-se à herança recebida pelos irmãos Paulo e Egberto Penido, em particular, a “duas arcas de madeira” com vários papéis, incluindo cadernos em que se misturavam apontamentos genealógicos, citações e comentários; caricaturas e desenhos; colagens de estampilhas, selos, recortes de jornais e informes manuscritos por outros, a exemplo dos conselhos, provérbios e quadras populares fornecidos por Júlia dos Santos Barbosa, uma cliente de “89 anos e 8 mezes”.

A obra corresponde a excertos dos diários de viagem de Pedro Nava que registram suas impressões da visita ao Egito, Jordânia e Israel, em 1958. Os trechos publicados foram extraídos do caderno 2, cujas anotações compreendem o período entre 1955 e 1958. Outros apontamentos de Pedro Nava vieram a público pela Ateliê Editorial em 1999, que apresentou em volume único *Cadernos 1 e 2*. Considerando dois recursos inerentes ao método composicional de Pedro Nava, a formação de arquivos e miscelâneas, é oportuno relacionar *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* ao conteúdo e à estrutura dos cadernos publicados por Cláudio Giordano e Plínio Martins Filho:

Publicamos ano passado *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* informando que se tratava de extrato de um dos cadernos encontrados nos espólios de Pedro Nava. Dissemos então que a iniciativa era apenas para que os leitores tivessem um contato preliminar com o teor do material (...) optamos pela edição integral fac-similada dos menores dos cadernos (...) Pedro Nava não pretendeu jamais publicar tais escritos. Ele os iniciou como diários de viagens, transformando-os, com o passar do tempo, em registros de apontamentos variados, a fim de que não ficassem esquecidos e o ajudassem mais tarde no fazimento das memórias. Assim é que em diversas passagens se encontra sobreposta a

anotação: usado.<sup>22</sup> A numeração dada aos cadernos nada tem a ver com a época em que foram escritos: é mera sequência da publicação. (FILHO; GIORDANO, 1999, p. 5-6).

Lançado simultaneamente à *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel, O Bicho Urucutum* traz passagens das Memórias, poemas, desenhos, fotografias, alguns escritos pessoais (bilhete, carta e versos) de Pedro Nava para D. Antonieta, e textos em prosa e verso dedicados ao memorialista por Carlos Drummond de Andrade, Homero Homem e Maria Julieta Drummond de Andrade, entre outros. O “Epílogo” da coletânea inclui notas de viés confessional retiradas dos cadernos redigidos entre 1980 e 1984. Iniciando a obra, a entrevista de Penido a Cláudio Aguiar, relata como os “cadernos dos *Diários Íntimos*” chegaram às suas mãos. As declarações de Penido conectam os cadernos a certas linhas de pesquisa da obra de Pedro Nava, relativas à sua escrita literária; ao valor da iconografia e das artes para o método de composição do autor; às alusões histórico-biográficas sobre a medicina e ao teor noturno dos quatro tomos finais das Memórias:

Ele começou a escrever os diários a partir de 1948. São doze cadernos. Um deles, o primeiro que achei, eu levei e entreguei à Casa de Rui Barbosa, porque, com essa preocupação de que poderei morrer subitamente, pensei não ser bom ficar com isso em casa. Ficando no museu há a possibilidade de ter prosseguimento. As coisas que encontrei, cartas, os prêmios literários, distinções etc., o que achei que era importante, levei para a Casa de Rui Barbosa. Mais tarde, aconteceu uma coisa interessante. O Pedro tinha duas cômodas: uma está aqui e a outra foi para a casa de meu irmão em São Paulo. Como ele estava construindo uma casa, teve que deixar provisoriamente a cômoda no guarda-movéis. Quando ele recuperou o móvel e abriu, encontrou os outros cadernos dos *Diários Íntimos*. Ele me enviou e eu os li. São mais relatos de viagens. É justamente no final que ele começa a falar dos médicos, das coisas desagradáveis. (...) Considero muito importantes as anotações dele sobre a viagem ao Oriente, inclusive com ilustrações dele, e também a viagem ao México, falando sobre as obras dos artistas plásticos mexicanos, dos lugares que conheceu etc., também ilustrados por ele. Destacaria, ainda, notas sobre a constante preocupação dele com a velhice, a decadência. (PENIDO, 2003d, p. 44).

*Viagem ao Egito, Jordânia e Israel e Cadernos 1 e 2* apresentam excertos dos registros feitos por Pedro Nava nos cadernos, destes, a maior parte permanece inédita. Datada de junho de 1998, a “Nota dos Editores” (2003d, p. 10) a *O Bicho Urucutum* refere: “Nava deixou poucos inéditos; o que existe são seus diários, compostos de cadernos nos quais registrou suas viagens e outros apontamentos, que lhe pareciam de interesse, inclusive para aproveitamento futuro”. Tal informação complementa a “Nota dos Editores” (2004c, p. 5), de março de 1998, à *Viagem*

<sup>22</sup> Em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, Pedro Nava anotou “usado” com lápis azul, encimando as linhas iniciais do segundo dia de viagem, 26.1.58, em visita a Mênfis, à necrópole de Sakkarah e Gizeh, e à Ponte dos Leões.

*ao Egito, Jordânia e Israel*: “Quanto aos inéditos, não se trata de textos ou trabalhos que Pedro Nava tenha deixado prontos ou inacabados. Resumem-se a diários ou cadernos de anotações nos quais apontou ele suas viagens e cujo histórico Paulo Penido explicita adiante”:

Dei-me então conta de que Pedro Nava viera ao longo da vida registrando, em forma de diário, com certa regularidade e meticulosidade suas viagens e apontamentos que lhe pareciam de interesse; e que o caderno que eu entregara à Casa de Ruy Barbosa era apenas um deles. Pedro numerou alguns, estando comigo os de número 2 a 5 e mais seis não numerados, com o deixado na Casa de Ruy somam onze. Os cinco numerados obedecem uma sequência cronológica e certa organicidade; os demais misturam anotações de diferentes épocas e naturezas. No de número 2 se insere a segunda viagem de meu tio, desta vez ao Oriente Médio; o precedente, supostamente o 1 e que não está localizado, deve registrar a viagem Inglaterra-França-Itália-Portugal (não sei as cidades que visitou), ao todo seis meses em 1948-1949. Achava-me eu, menino, na Europa, e tomei com ele o navio em Lisboa, de volta para o Brasil. Esse primeiro caderno, de destino ignorado, deve ser particularmente importante porque durante essa viagem Pedro Nava escolheu sua especialidade clínica – a reumatologia – e com certeza terá feito considerações a respeito. (PENIDO, 2004c, p. 9).

Penido (2003d, p. 23-24) relatou esse período da vida de Pedro Nava a Claudio Aguiar. Em 1933, Pedro Nava tornou-se médico socorrista da Prefeitura do Rio de Janeiro, trabalhando, até princípios dos anos 40, nas seguintes instituições: Hospital Souza Aguiar, Hospital Carlos Chagas, Hospital da Ilha do Governador e Hospital Menino Jesus. Tal como muitos signatários do “Manifesto dos Mineiros”, divulgado a 24 de outubro de 1943, Pedro Nava seria demitido por Henrique Dosworth, à época prefeito do Rio nomeado por Getúlio Vargas. Porém, após 1945, as pessoas perseguidas pela ditadura Vargas foram readmitidas e Pedro Nava voltou, por pouco tempo, ao Souza Aguiar, como Chefe de Serviço do Departamento de Clínica Médica, posição que lhe permitiu organizar no anfiteatro do hospital debates semanais de casos clínicos.

Pedro Nava deixa o cargo quando a diretoria proíbe as reuniões, sob alegação de que o Souza Aguiar era um hospital de pronto-socorro e não universitário. No entanto, em 1947, ele assume por concurso o cargo de Chefe de Clínica Médica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. A escolha da Reumatologia como especialidade médica, no ano seguinte, decorreria de visitas a hospitais em Londres, Roma, Paris e ao Instituto de Reumatologia de Lisboa. O relato da vida profissional de Pedro Nava estende-se nas Memórias apenas até a década de 30. No caso, “Esse primeiro caderno, de destino ignorado”, a que aludiu Penido, seria o mesmo citado por Eliane Vasconcelos (2001, p. 30-31)? “Existe um caderno de viagem de quando Pedro Nava foi estagiar na Europa entre 1948 e 1949, que, junto de anotações médicas, traz rascunhos de correspondências e desenhos. Segundo fichas do memorialista há mais quatro cadernos, que

não foram doados”. O *Inventário do Arquivo Pedro Nava* refere as seguintes informações sobre o caderno de viagem, manuscrito, 88 folhas: “Rio de Janeiro e Lisboa”, datado de 6 de setembro a 10 de fevereiro de 1949. Em anexo, fichas com notações de viagens feitas pelo memorialista:

Há endereços de historiadores, de médicos, uma carta do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra, receitas médicas autógrafas de especialistas europeus, desenhos de PN, e esboço do quadro em que PN retrata a rua onde morou Torres Homem<sup>23</sup>. Há, segundo anotações de PN, cinco “cadernos de viagem”, mas só um foi doado ao AMLB. (VASCONCELOS, 2001, p. 344).

Entre os documentos de Pedro Nava entregues, em 1985, por D. Antonieta Penido ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, Vasconcelos aludiu ainda à perda do diário referido pelo autor na entrevista a Remy Gorga para o *Jornal do Brasil*, em 4 de novembro de 1972, conforme reportam os trechos respectivamente citados a seguir:

Encontramos, também, na produção de Pedro Nava menção a um diário da época da ditadura Vargas. Por causa de sua participação no episódio que ficou conhecido como Manifesto dos Mineiros, o autor deu os manuscritos a um amigo que, posteriormente, talvez por pânico, os jogou fora. No diário, Nava consignou tudo que se passara aqui durante a ditadura, tudo de que ele teve notícia, principalmente durante o repressivo período policial sob a chefia de Filinto Müller. Infelizmente, no arquivo de Pedro Nava não há a mínima alusão a esse diário. Da mesma forma, nada resta de um outro que PN teria escrito em Juiz de Fora e, depois, destruído, porque a dona da pensão onde morava insistia em lê-lo na sua ausência. (VASCONCELOS, 2001, p. 25).

Se é tarde, posso dizer que venho me preparando para isso, há tempo. Já fiz uma tentativa: um diário, que comecei no tempo da ditadura de Getúlio Vargas. Do diário, resvalei para o comentário e reminiscência. Quando veio o manifesto mineiro (1943), fiquei muito visado e ameaçado de prisão. Temendo agravar a situação, confiei esses originais a um amigo, que propôs, mais tarde, jogá-los fora, e os jogou. (NAVA, 1972, p. 5).

Tal como admitiu a Remy Gorga, Pedro Nava (1995, p. 45; 2003a) comentou igualmente em entrevista a Edmílson Caminha e a Edina Panichi o fato de ter se preparado “há tempo” para

<sup>23</sup> O médico Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876) é um dos destaques da história da medicina na obra de Pedro Nava, retratado em “De Velpeau a Torres Homem”, ensaio de *Território de Epidauró*. Em *Bau de Ossos*, é lembrado com certa frequência e, de forma marcante, no episódio da morte do avô paterno homônimo de Pedro Nava (1974, p. 76): “[...] com a franqueza grave que lhe era habitual, pronunciou a sentença de morte: ‘Tísica de forma aguda – a que eu chamo galopante. Pobre moço!’”. A documentação sobre o médico no arquivo pessoal do memorialista envolve, segundo Vasconcelos (2001, p. 24): “[...] um estudo bastante completo que Nava não teve chance de publicar: ‘Torres Homem’. Além do texto propriamente dito e das fichas que serviram de base para sua redação, há ainda uma vasta documentação complementar, acompanhada de fotos e desenhos. Outros documentos referentes àquele político e médico do período imperial também podem ser encontrados em um caderno de viagem, da série Diversos”. Encarregado de preparar os originais da biografia de Torres Homem para publicação pela Ateliê Editorial, o Professor Joaquim Alves de Aguiar (1999; 2007) infelizmente faleceu antes de concluir esse projeto.

redigir memórias, nas quais é possível reconhecer o aporte dos escritos históricos e biográficos anteriores sobre medicina. Se o diário iniciado nos dias do governo Vargas, segundo o próprio autor informa, “resvala” “para o comentário e reminiscência”, frequentemente mesclados nas Memórias, tais elementos são também comuns aos diários e jornais íntimos. O método seguido por Pedro Nava para efetuar registros, estudado a partir dos originais por Panichi (2001; 2011, 2012a; 2012b) e revelado em entrevista pelo escritor, sugere que os cadernos acumulariam as funções de diário de viagem, jornal íntimo e memorando<sup>24</sup>. O formato heterogêneo dos diários do autor não é inusual: autoridade no campo dos estudos sobre o jornal íntimo, o crítico literário suíço Jean Rousset (1983, p. 435) destacou a fragmentação e arbitrariedade próprias do gênero.

As considerações de Rousset pertinentes à submissão do diário íntimo ao regime de um calendário podem aplicar-se à estrutura de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. Para o crítico, o diário privado, que parece tão sem forma, obedece a uma regra aparentemente leve, todavia importante: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. Philippe Lejeune (2009, p. 187, grifo do autor) e Rousset expuseram ideias similares sobre o tempo na escrita diarística. Para ambos, a redação de diários e jornais íntimos é fragmentária, propensa a descontinuidades, lacunas, marginais, “entradas” e “notas” acrescentadas à mesma página em datas diferentes.

Lejeune notou que os registros podem ser feitos em unidades, separadas umas das outras segundo morfologia particular: data no início ou no final do texto; possibilidade de divisões internas do conteúdo (divisões temáticas para diferentes tópicos de uma “entrada”, divisões retóricas, quando a entrada foi dividida em parágrafos) e separação de entradas usando espaços em branco. Cada entrada é uma unidade partícipe de um todo descontínuo. Os registros estão assim subordinados à ordem do relógio e do calendário em um *continuum* por meio do qual descontinuidades e irregularidades podem ser aferidas, pois as entradas são dispostas em ordem temporal e pretendem recapturar ou evocar a continuidade do tempo, vindo uma após a outra.

Para Lejeune (2009, p. 189), a escrita diarística é por definição livre, tem ritmo próprio e, apesar da descontinuidade gerada pela fragmentação dos registros, é repetitiva e regular, em razão das formas de linguagem e padrões de entradas que caracterizam o estilo de cada autor.

Comparando-se os registros publicados em *Cadernos 1 e 2* àqueles de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* é possível notar sua função de memorando. Este dispõe os apontamentos de viagem numa cronologia, com datas expressas, de 25 de janeiro a 9 de fevereiro de 1958, ordem que difere do feitiço ocasional ou fragmentário das anotações, colagens e desenhos dos cadernos, material que poderia ser disposto em fichas, segundo o método de composição das Memórias:

---

<sup>24</sup> O termo memorando (ou *memorandum*) foi usado aqui na acepção de livro de notas destinadas a lembrar algo.

As fichas que serviram para compor *O Círio Perfeito* e *Cera das Almas* estão juntas e trazem a seguinte observação: “Até aqui ficha nº 1.636 que marca o fim de meu *O Círio Perfeito* que chega ao fim deste meu 6º volume de memórias. As fichas depois de 1.636 já pertencerão ao sétimo volume de memórias, *Cera das Almas*.” E prossegue: “Com *O Círio Perfeito* chego cronologicamente até fatos de 1933/1934. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1983”. (VASCONCELOS, 2001, p. 28).

O período atinente à *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* não chegou a ser registrado nas Memórias, interrompidas antes que o autor pudesse narrar fatos ocorridos após a década de 30. Para Antonio Candido (1987, p. 60), o relato memorialístico de Pedro Nava estaria, ao todo, “[...] mais próximo da autobiografia propriamente dita, porque a sua obra é em prosa franca, de composição corrida e compacta, baseada em longas sequências narrativas logicamente dispostas e engrenadas segundo uma necessidade, não linear, por certo, mas cronológica”. Esse modo de narrar definido por Candido repete-se em todos os volumes das Memórias, apresentado por vezes em digressões do próprio escritor, a exemplo deste comentário em *Cera das Almas*:

[...] de toda história a ordem cronológica pode ser desobedecida se há fato mais novo cuja importância concorra para adulterar a interpretação de passado recente ou mesmo remoto. Neste caso a coisa perto tem de ser contada primeiro – porque vira causa. Assim a memória deixa de ir buscar a lembrança que devia ser imóvel imutável mas que vai poder aparecer como sombra cada dia inédita nova cada hora outra. Tudo isto parece divagação sem sentido mas quando contarmos o Egon de 1947 a 1975 – veremos que sua vida, neste período, iluminou seus anos transactos de 1933 e 34 até 1947 e deu-lhe orientação definitiva e tão melhor para viver os anos de sua velhice. (NAVA, 2006, p. 6-7).

Penido (2003d, p. 19) abordou a relação entre os diários e as Memórias, observando que Pedro Nava deixou anotações para capítulos referentes, por exemplo, ao convívio com a família de D. Antonieta, “[...] porque ele se casou com 40 anos, em 1943, no dia 28 de junho”. Penido identificou em um dos diários recursos característicos do estilo composicional do memorialista: a utilização de pseudônimos, sobretudo após o surgimento do personagem autobiográfico José Egon Barros da Cunha, “o próprio Zegão do Colégio Pedro II”, em *Chão de Ferro*; e a pesquisa genealógica<sup>25</sup>, unida à coleta de fotografias e reminiscências para aprimorar perfis biográficos:

<sup>25</sup> As Memórias biografam parentes interessados por genealogia nos ramos paterno e materno da família de Pedro Nava (1974, p. 47): “No que ninguém podia com o Itrício era na memória. Essa prenda fazia dele o linhagista da família. Ia às suas raízes na Colônia, nas ilhas, no Reino, explicava os colaterais e vinha, de galho em galho, deslindando consanguinidades e graus de parentesco.” Pedro Nava (1974, p. 322) defendeu as ideias de continuidade e filiação a certa tradição, familiar ou intelectual: “Outro assíduo ao 106, também parente, primo-irmão de minha avó paterna, era o Dr. João da Cruz Abreu. Médico, formado pela Faculdade da Bahia em 1892.

Na realidade, o capítulo de Nieta já estava projetado, alinhavado. O que aconteceu é que o Nava seguiu uma certa ordem cronológica. (...) Então, no seu diário íntimo havia até escolhido o pseudônimo que ia dar à Nieta. Seria chamada de Zenite. E ele tinha todas as anotações dos seus antepassados mineiros, inclusive com fotos, as quais deveriam servir de base para suas descrições, como era seu estilo. (PENIDO, 2003d, p. 40).

Apesar dos apontamentos publicados em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* adotarem uma cronologia ao relatar o itinerário turístico seguido, a disposição das observações, colagens e desenhos remete ao feitiço híbrido de *Cadernos 1 e 2*. Nestes, notas editoriais informam que à página 7 do caderno 2, a metade inferior da folha foi cortada, na metade restante Pedro Nava escreveu e grifou com esferográfica azul, à maneira de verbete, certamente para uso posterior:

Juquita. Por seu instinto de guardador e por espontâneo bom-gosto, antes que se falasse em Patrimônio Histórico, fez-se colecionador de antiguidades. Foi depois “Delegado” do Patrimônio em Sta. Bárbara. Deve figurar na pré-história da preservação do nosso acervo artístico e cultural. (NAVA, 1999, p. 50, grifo do autor).

“Juquita” é citado no Capítulo II de *Baú de Ossos*, quando se desvela, entre “os motivos que levam aos estudos genealógicos”, “a complicada história da herança do Barão de Cocais”, os “filhos das ervas” e os “filhos d’algo” que brotaram nos ramos portugueses e brasileiros da árvore genealógica dos “Pinto Coelho de Minas”, ascendentes maternos de Pedro Nava (1999, p. 153): “Da descendência da mão esquerda de José Feliciano [Pinto Coelho da Cunha, Barão de Cocais] tenho notícias pelas confidências de meu primo José Luís Pinto Coelho (Juquita), farmacêutico em Santa Bárbara e que morreu nonagenário em 1968”. Além de conectar-se às Memórias, o grifo a “guardador” apreende a questão do “Patrimônio Histórico”: recorde-se que, ao falecer, em 1984, o memorialista presidia o Conselho de Proteção ao Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.<sup>26</sup> A informação é relevante pois a conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural é um tópico de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* observado por Pedro Nava (2004c,

---

Clinicava no bairro e dobrava o ser bom profissional com a personalidade de historiador e colaborador da *Revista do Instituto do Ceará*. Por meio de escritos históricos e literários, de entrevistas e da epistemologia científica proposta pelo Anfiteatro, ele se identifica com a tradição de um modelo médico humanista. É sob a perspectiva desse modelo que Pedro Nava descreve sua visita ao Beilinson Hospital em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*.

<sup>26</sup> Segundo Lúcia Lippi Oliveira (2008, p. 116-117), Lia Calabre (2017, p. 35) e Mário Chagas (2017, p. 124), ao dirigir o Sphan, entre 1936 e 1967, o escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade foi assessorado por nomes ilustres, como Candido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, Gustavo Capanema, Heloisa Alberto Torres, Lígia Martins Costa, Lucio Costa, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oscar Niemeyer, Sérgio Buarque de Holanda, Vinicius de Moraes e Pedro Nava. Assim, as políticas educacionais de conservação patrimonial defendidas por integrantes do movimento modernista favoreceram a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Sphan, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

p. 21): “Visita ao Museu do Cairo, coleções admiráveis mas a manutenção do Museu é má”. As cartas do acervo pessoal do memorialista testemunham sobre o envolvimento ativo na questão da proteção ao patrimônio histórico, não apenas do Rio de Janeiro. De acordo com Vasconcelos:

A preocupação e o interesse de Nava pelo patrimônio histórico da cidade que escolhera para viver era tamanho que, ao ler a notícia publicada em O Globo de 11 de abril de 1970, de que o elevado do Santa Bárbara poria abaixo algumas residências do Catumbi, dirige-se ao bairro para apreciá-las pela última vez. Em seu recorte de jornal, desenha um croqui das ruas percorridas e faz a seguinte anotação: “Fiz este passeio a 12.IV, para me despedir das velhas casas que vão cair”. (VASCONCELOS, 2001, p. 20).

Que definição se pode dar à totalidade dos apontamentos contidos nos cadernos de Pedro Nava, fonte primária de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*? Na entrevista a Claudio Aguiar Penido (2003d, p. 40) usou a expressão “Diários Íntimos”, certamente adequada à natureza dos comentários transcritos dos dois últimos cadernos elaborados por Pedro Nava (2003d, p. 239): “Em mim a depressão representa-se por um polvo que me estrangula e sufoca com seus oito tentáculos e me esvazia de corpo e mente com suas ventosas inumeráveis. Sua cor é dum pardo acinzentado”. A palavra “íntimos” teria sido empregada aqui para designar a natureza subjetiva ou mesmo lírica da escrita diarística e não mais a exposição cronológica de uma cadeia de fatos, que pende para o enfoque do cronista histórico ou do observador de costumes, visão dominante nos trechos publicados do caderno detentor dos registros de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*.

Contudo, em linguagem de estilo telegráfico, há registros denotativos, com descrições realistas e detalhadas, entremeados por observações mais intimistas e subjetivas, que recordam vagamente aspectos da prosa poética simbolista, como: a ideia de evanescência da vida humana; a sugestão de alegorismo, a criação da atmosfera onírica e o contexto temático universalizante:

25.1.58 – Chegada ao Cairo às 3:15 horas (4:05 horas do Cairo). Horas de voo Roma-Atenas-Cairo: 5:08 horas. Hotel Semiramis, quarto 364. O voo foi feito a 11000 pés de altura. Nosso quarto com vista sobre o Nilo que contemplei logo ao chegar, coberto dos vapores da madrugada. (...) 26.1.58. Visita a Mênfis (efígie e colosso de Ramsés II), à necrópole de Sakkarah e Gizeh (os árabes pronunciam Guizá). Pirâmides e esfinge, templo de granito da Esfinge. Almoço no Mena House. Passeio a pé, no Cairo, na ponte dos Leões. A impressão dada pela Esfinge e pelas pirâmides é esmagadora e de uma desesperadora tristeza. Tudo na grandiosidade egípcia tem um tom funerário que deprime tragicamente. Nada para dar a impressão de solidão como a necrópole de Gizeh. Areia, pedras e deserto. (...) 27.1.58. Visita a Alexandria. Quatro horas para ir e quatro para voltar, por estrada que corta só o deserto. (...) Jantar no Mena House e visita (que valeu o dia) das pirâmides e da esfinge, ao luar. (...) Na visita à noite, da esfinge, os beduínos acendem, para iluminá-la uma espécie de trocisco que dá uma luz branca, como a do carbureto, e da

mesma tonalidade do luar. De frente vê-se a massa negra, que [de] repente se ilumina e a esfinge, dizem os beduínos, *is smiling*, enquanto dura a luz. (...) Nossa janela do hotel: o Nilo como um lago, não se percebendo a direção de sua correnteza. Sobre a ponte dos Leões. (NAVA, 2004c, grifo do autor, p. 17-20).

Ao comparar a autobiografia e o jornal íntimo, Rousset (1986, p. 14-15, grifo do autor) analisou categorias do gênero memórias marcadas por um modo de enunciação específico: o monólogo narrativo, solilóquio em que as intenções do autor e os conteúdos podem variar de acordo com o grau de introversão do *monologue écrit*. No jornal íntimo, a ótica do instante da escrita permite que a permanência ou fragmentação cotidiana dos registros gere um *discours-mosaïque*, por vezes incompleto. A escrita cotidiana é essencial para a diário e o jornal íntimo, nos quais o autor deve ater-se à ordem do tempo, sem nela intervir, como o faria um romancista.

As anotações publicadas em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* não apresentam relatos extensos, como os que reconstituem as cenas e paisagens “descritas pelo viajante” Robert Avé-Lallemant<sup>27</sup>, citado por Pedro Nava (1974, p. 16-23) ao recriar a “Resplandecente São Luís... Alegre São Luís”, na biografia “do negociante maranhense Pedro da Silva Nava e da cearense D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava”. As passagens narrativas da obra são escassas, em relação aos períodos descritivos, que expõem as impressões de viagem do escritor em 1958.

Leitor de cronistas, expedicionários e viajantes, Pedro Nava (1974, p. 215) extraiu da iconografia e literatura de viagem sobre o Brasil analogias para lembrar personalidades como a vendedora de rua que, em fins do século XIX, apregoava doces de tabuleiro “entre as portas da faculdade e as portas da Misericórdia” no Rio de Janeiro: “A Sabina era uma negra fabulosa, saída, com seu colo de ébano, sua bunda de jacarandá e seus olhos de jaboticaba, de um Rugendas ou de um Debret”. O mesmo recurso analógico é utilizado para narrar memórias de infância, quando Pedro Nava (1974, p. 317) recorda fantasias icônicas do Carnaval de rua e dos entrudos cariocas, a exemplo da figura d’ “O Velho, vestido como os personagens de Debret”.

Entre as fontes bibliográficas referidas por Pedro Nava (1974, p. 379) nas Memórias, a pesquisa da literatura de viagem fundamenta a reconstituição pormenorizada da vida cotidiana: “Cedo aprendi a perceber esse contraste tão vivamente apanhado nos desenhos e pinturas do velho Rio – como os feitos por Ender, Henderson, Mary Graham, Debret e Rugendas”. Pedro Nava (2003a) confirmou o interesse por essas fontes numa entrevista concedida a Panichi em 8 de abril de 1984, quando referiu projetos que havia ponderado para a velhice: “Pensei em coisas que gosto: ser mercador de livros raros e velhos, que colecionei durante muito tempo de minha

<sup>27</sup> A obra do médico e expedicionário alemão Robert Avé-Lallemant que alude à cidade de São Luís do Maranhão é *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*.

vida; ser mercador de gravuras, também tenho milhares delas”. O conhecimento da história da fotografia remete igualmente à diversificação de fontes vista nas Memórias. Em *Baú de Ossos*:

Basta comparar a iconografia imperial com a posterior para ver a coisa inestética que veio depois de D. Pedro II. Gravuras de Debret e Rugendas, pintores régios, figuras de Angelo Agostini – cheias dos nossos usos, costumes, tipos, ruas, casas, campos, estradas, árvores, céus e alegorias – tudo é substituído pelo duro documento fotográfico e pelas pinturas sebatas de Gustav Hastoy, de Manuel Santiago, de Almeida Júnior, de Batista da Costa e Giuseppe Boscagli [...]. (NAVA, 1974, p. 208).

Apesar de Pedro Nava conhecer obras de expedicionários ou viajantes, *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* não segue o modelo narrativo dos relatos de viagem convencionais. O aspecto de memorando de alguns apontamentos de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* provém de seu formato esquemático e sucinto, talvez por terem sido escritos nos locais visitados pelo viajante, sendo possível que fossem reescritos e lapidados literariamente mais tarde, quem sabe para constar nas Memórias. Interrogar as motivações e intenções dos escritos de viagem de Pedro Nava implica lembrar, conforme observou o filólogo espanhol Xavier Pla (1999, p. 128), que um dos principais debates sobre o diário na literatura concerne à necessidade de estabelecer se o diário tem de ser escrito espontaneamente e publicado na forma redigida original, ou se pode ser reescrito, retomado, alterado e corrigido após o dia em que foi oficialmente terminado.

A estrita lógica do gênero, arguiu Pla (1999, p. 129), restringiria a publicação do diário, pois, a princípio, não há razão para que ele seja um texto literário, sendo antes e simplesmente um exercício de introspecção. Partindo de uma distinção similar, Castelo Branco Chaves (1978, p. 6) subdividiu o “gênero memorial” em “duas grandes famílias”, as memórias e os diários:

Menos interessantes que as memórias, são os diários. Dignos de maior confiança quanto ao rigor do que narram e à veracidade do que testemunham, porque elaborados ao sabor dos trabalhos e dos dias, não pecam por perspectivas estilizadas, como é vulgar suceder com as memórias. Estas, escritas geralmente no fim da vida do autor, iludem bastas vezes pelas miragens do passado que são, em muitos casos, tão enganosas como as do futuro. Sem obedecerem a regras da composição de conjuntos, nem harmonização de partes com o todo, os diários registam quotidianamente os factos, as impressões, as ideias ao sabor da sua fluência. O diário é uma obra de jornalismo íntimo; e por essa feição jornalística, se participa da efemeridade do quotidiano, por um lado, ganha por outro da genuinidade do imediato. (CHAVES, 1978, p. 8).

A crítica literária francesa Béatrice Didier (1976, p. 146), por sua vez, dividiu os diários em duas famílias do ponto de vista do pacto de leitura fixado pelo diário. À primeira família pertence o autor que, acima de tudo, considera o diário como documento, cujo maior valor seria

o de constituir evidências sobre a vida de alguém. Esse tipo de autor apresenta o diário como texto a que se proíbe estritamente qualquer censura, correção, rascunho e reescrita, inclusive de próprio punho. À segunda família corresponde o autor que constantemente amplia, aprimora, modifica ou mutila seu diário, cuja possibilidade de publicação nunca está descartada. Tal fato pressupõe importante trabalho de reelaboração do conteúdo, reformulação de versões e leituras a fim de revisar o manuscrito. Essa forma de diário encoraja a adoção de procedimentos textuais que se aproximam de procedimentos narrativos e, por conseguinte, de recursos de dissimulação e dissociação, acréscimo de retratos e autorretratos, cartas e outros documentos. Por extensão, alguns pseudodiários pessoais podem tornar-se verdadeiras novelas com aparência de diário.

Na acepção de documento, conforme as reflexões de Didier (1976), *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* constitui arquivo particular, disponível para consultas futuras na realização de outros escritos, se for este o caso de Pedro Nava (2004c, p. 18) ter anotado a palavra “usado” à página que registra o segundo dia da viagem, 26 de janeiro de 1958, em visita ao Cairo. Mas presumida a transposição desses registros a outro texto, reelaborados com finalidade literária, sobretudo para a narrativa (auto)biográfica, eles teriam função similar à da segunda família dos diários referidos por Didier, em consonância com a afirmação de Candido (1989, p. 60): “Desse modo, sobretudo em *Baú de Ossos*, o relato adquire um cunho de efabulação e o leitor o recebe como matéria de romance”. Passagens biográficas das famílias paterna e materna de Pedro Nava nas Memórias indicam a utilização de outros registros domésticos e pessoais como documentos.

Há passagens biográficas sobre os avós maternos do memorialista, D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe e seu segundo marido, Joaquim Nogueira Jaguaribe, o “Major”, ilustrativas dos escritos íntimos ou domésticos que serviriam de fontes documentais para Pedro Nava (1974, p. 145) relatar, em *Baú de Ossos*, os bons tempos do primeiro casamento de D. Maria Luísa com o Comendador Halfeld: “Começou para minha avó uma vida de novela”. Mas os mesmos escritos teriam inspirado Pedro Nava (1977, p. 19) a narrar, no segundo volume das Memórias, os últimos anos do relacionamento de D. Maria Luísa com o Major: “Enquanto ele cantava em outras freguesias, minha avó envelhecendo de raiva e despeito, levava vida heroica em Juiz de Fora”. Note-se que a expressão “cantava em outras freguesias” tem origem no diário de D. Maria Luísa, assim como os itens guardados por ela depuram a composição de seu retrato:

Cada vez vinha menos a Juiz de Fora e de cada vez que vinha demorava menos. Minha avó, implacável, consignava no seu diário sentimental-mercantil-rol de despesas: “Depois de oito meses de ausência o Jaguaribe aqui chegou a 31 de dezembro de 1907 e voltou a 5 de janeiro de 1908.” Noutra página: “O que me pertence não pode e não deve viver nessa liberdade, portanto eu abro mão do meu direito e não aceito condições.” Estavam

praticamente separados e duma vez que o Major, cinicamente, dedica-lhe poema composto por ele e mandado de São Francisco do Uburetama, transcreve-o rancorosamente, nas colunas do seu deve-haver e comenta: “Pensei, pensei, não me serve absolutamente. Cante noutra freguesia!” (...) pelas imagens que guardei (...) Vejo-a atenta, de olho aguçado, em pé, diante de um móvel alto do escritório de meu avô – estante fechada em cima e embaixo, uma espécie de carteira com tampa. Ela tirava do cós as suas *chavinhas* e metia uma delas na fechadura. Dentro estavam seus papéis de cartório, velhos registros, inventários, promissórias pagas, contas a receber, procurações; sua *Miscelânea*, seus livros de lembrança, álbuns, os cadernos de despesa, compra, venda, aluguel. Deve-haver. Assentava o que recebia e tomava notas dos calotes, sempre com uma palavra dura para os que lesavam seu patrimônio. “José Vieira é um ladrão e um tratante, saiu fugido me devendo 75\$000”. Guardava ali dentro os selos da correspondência que chegava, seu dinheiro, seus trocos, e cada mês, com uma tesoura, ia recortando os cupons numerados das suas apólices. (...) Reconduzia as pedras e os ouros para os estojos onde veludos de dentro e sedas de fora iam se esgarçando. Tudo aquilo lhe lembrava o primeiro marido e a era das grandezas. Seu tempo venturoso, também, como está escrito no caderno de notas, ao pé da notícia, ali colada, da inauguração do busto do velho Halfeld: “Saudosa lembrança de quem me fez feliz!” (NAVA, 1977, p. 19-20, grifo do autor).

Parte do texto memorialístico de Pedro Nava fundamenta-se em documentos coletados de fontes de origem diversa para narrar “uma vida de novela”, pondo em relevo não só o retrato psicológico, mas os modos de se registrar a experiência e a história pessoal, vistos como um tipo de herança familiar por ele. Em *Baú de Ossos* e *Balão Cativo*, Pedro Nava (1974, p. 17; 1977, p. 20) ressaltou a continuidade desse legado imaterial: “A memória dos que envelhecem (...) é o elemento básico na construção da tradição familiar”, que se concretiza, no caso de D. Maria Luísa, nas anotações deixadas em seu diário, na transcrição de um poema, em “[...] papéis de cartório, velhos registros, inventários, promissórias pagas, contas a receber, procurações; sua *Miscelânea*, seus livros de lembrança, álbuns, os cadernos de despesa, compra, venda, aluguel”. Em entrevista para *O Pasquim*, Pedro Nava comentou sobre os registros de D. Maria Luísa:

Minha avó materna fazia anotações até em livros de despesas caseiras. Escrevia os números e de vez em quando fazia uma observação, a maioria impertinente, esculhambando com os vizinhos, ou até com o meu pai. Como boa sogra, teve uma hora que escreveu sobre ele: “Cachorrão”. (DINES, ZIRALDO, 1981, p.11 apud SANDES, 2011, p. 170-171).

Sem aludir à fonte do registro, Pedro Nava (1974, p. 15) transcreveu logo nas primeiras páginas de *Baú de Ossos* a observação de D. Maria Luísa referindo-se ao genro: “Cachorrão! Coitada da minha filha...”. Algumas “anotações esparsas” selecionadas por Penido (2003d, p. 235) dos cadernos de Pedro Nava: “Mostram o quanto ele estava amargo”, a ponto de escrever, em tom acerbo, que recorda o estilo “impertinente” da “avó envelhecendo de raiva e despeito”:

Aquela conversa do Ramos e Silva queixando-se de que o Caldas Brito o perseguia e estava delapidando a Policlínica foi a gota que fez transbordar o copo da minha antipatia e de meu antagonismo (latentes) à besta do Caldas Brito. Foi coisa que deu *motivo e razão* a que eu desse mostra à acumulação de mal-querer contra semelhante e repelente alimária (NAVA, 2003d, p. 238, grifo do autor).

Existe uma cadeia de eventos, iniciada anos antes com a saída de Pedro Nava do hospital Souza Aguiar e que culminou na divulgação da carta aberta de 17 de abril de 1975 “À Classe Médica do Rio de Janeiro” e ao Conselho Regional de Medicina, comunicando a demissão de Pedro Nava (2003b, s/n) da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. O “*motivo e razão*” desse gesto seria a perda do anfiteatro instalado na Policlínica por iniciativa do memorialista: “Um dia o Caldas Brito mandou desocupar esta parte para aumentar os Serviços de Raios-X. Foi na ferida do Nava. Quer dizer, vinte e sete anos antes, ele saiu do Souza Aguiar por causa das sessões clínicas que fazia no anfiteatro e que o diretor proibiu”, afirmou Penido (2003d, p. 28). Pedro Nava deixou uma nota em tom confessional sobre o assunto, publicada em *Cadernos 1 e 2*:

No meu caso da Policlínica tudo se juntou tão bem para provocar minha saída e a destruição do meu serviço que não posso admitir inabilidade minha ou infelicidade. Houve um *complot* atrás do qual estavam os interesses do Seda, do Caldas, do Peregrino, do Walter Telles et caterva. A covardia dos outros fez o resto. (NAVA, 1999, p. 70).

Se D. Maria Luísa “fazia anotações até em livros de despesas caseiras”, *Cadernos 1 e 2* mostra que Pedro Nava colava em seus “diários íntimos” recortes de anotações feitas em folhas e meias folhas de outros cadernos. Fazia anotações à margem de recortes de jornais e revistas, por exemplo: a folha 4 do Caderno 1 apresenta um recorte do *Jornal do Brasil*, de 28 de agosto de 1971, com artigo de Carlos Drummond de Andrade intitulado “Setenta”. O recorte foi colado em página retirada de outro caderno, com uma nota de Pedro Nava (1999, p. 16): “1930 *Alguma Poesia*”. À folha 8 ele colou estreita folha pautada em que uma cliente transcreveu alguns textos em prosa e verso que remetem ao conteúdo dos almanaques populares. É admissível supor que as anotações tenham sido feitas a pedido de Pedro Nava, interessado em coletar reminiscências.

As folhas do Caderno 2 contém anotações; caricaturas para a descrição de tipo; colagens de anotações feitas em outras folhas; anotações em pequena folha com o timbre da empresa Partime; colagem da cópia xerox da primeira folha do conto de Guy de Maupassant “Madame Hermet”, colagens de artigos de jornais; um envelope contendo em seu interior um artigo de Otto Lara Resende foi colado à folha 15. No envelope, Pedro Nava (1999, p. 73, grifo do autor)

anotou com esferográfica preta: “Brasil cão Otto Lara Pena de Morte”. Há também um envelope com um poema de Afonso Romano de Sant’Anna, e a seguinte anotação de Pedro Nava (1999, p. 87): “Brasil cão O fabuloso poema de Affonso Romano de Sant’Anna”. Esse tipo de registro expõe um padrão mantido em algumas páginas de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, em que se veem, reproduzidos em fac-símile, desenhos do memorialista e itens possivelmente colados ao caderno: o cartão de uma loja de *souvenirs* de Jerusalém, denominada Petra Bazar; uma estampilha da Jordânia, e o desenho do distintivo da “Festa das Árvores”, em Tel-Aviv. Há também esboços de perfis e anotações em papéis de recibos, um deles do “Ambassador Hotel”, e outro de um “restaurant, bar, café”, do qual não se lê o nome, pois o papel foi rasgado. Tais procedimentos arquivísticos formam uma etapa importante do método composicional do autor:

Se você me faz agora uma revelação que interesse às minhas memórias, ao desenvolver do meu trabalho, se me conta alguma coisa lá do Ceará, geralmente eu tomo nota, saio sempre com um papel no bolso pra tomar uma notinha ou outra, às vezes até de uma palavra só – dessas que nascem como uma flor, são bonitas em si. Há palavras assim, quem mexe com as letras sabe disso. Você conhece de repente e é uma revelação – ou a maneira como ela foi dita, como foi pronunciada. Tomo nota das coisas que me importam, numa série de cadernos. Depois eu corto aquilo como fichas – tenho o cuidado de escrever só de um lado da folha, para depois cortar. (NAVA, 1995, p. 44).

“Pedro Nava é um escritor que se oferece como poucos aos trabalhos de crítica (...) exercitando seu estilo em região híbrida, entre o fato e a ficção”, afirmou Joaquim Alves de Aguiar (1997). Além da profusão de assuntos que as Memórias fornecem “para o estudioso da literatura”, conforme observou Aguiar, Pedro Nava foi “um escritor que edificou sua obra se autobiografando”. Recorde-se que o memorialista expõe fontes e comentários metalinguísticos ao leitor, tendo mais de uma vez revelado em entrevistas seu método de construção do texto:

Eu sempre faço uma súmula do que vou escrever. Tomo nota, seguidamente, quando me ocorre uma lembrança interessante, um fato curioso ou quando vejo uma combinação de duas palavras bonitas em jornais ou livros. As páginas do meu caderno de anotações acabam virando uma fichinha que vou guardando, cada uma com um número. Quando terminei meus dois primeiros livros, joguei todas as fichas fora. Conteí isso ao Drummond e ele me passou uma espinafração muito grande. Ele disse: “Tenha respeito pelo que você escreve. Você guarde todas as notas porque se você for estudado mais tarde, você deixa isso como documentação”. Eu passei a seguir esse conselho e com isso adquiri maior respeito pelo que escrevo, porque para escrever cada página minha, eu consulto duas ou três fichas. Isso me deu certa tranquilidade, porque o que escrevo é resultado de elaboração e de notas, é um trabalho cavucado, meditado. (NAVA, 2005, grifo do autor).

Estudiosa dos manuscritos de Pedro Nava, Panichi observou etapas de recolha e seleção de material precedentes à redação das Memórias. As caricaturas, desenhos, recortes de jornais e anotações derivadas de pesquisa bibliográfica, documental e lexical eram depois organizados em fichas. O produto oriundo desse trabalho de levantamento de informações era submetido às “apropriações, transformações e ajustes” que levariam à elaboração estética da escrita literária:

Pedro Nava revela uma enorme capacidade de operacionalizar criativamente a memória. A sua curiosidade de inquiridor (herança de médico), levava-o a descer a minúcias como se desejasse fazer um diagnóstico aplicando sua ciência à língua. Nada lhe escapava. Tudo era anotado e guardado como uma possibilidade de uso. (PANICHI, 2005).

Segundo Vasconcelos (2001, p. 27), à exceção de *Baú de Ossos*, os originais de Pedro Nava levados ao acervo da Casa de Rui Barbosa “vieram acompanhados de anexos” referentes às pesquisas associadas ao processo de composição de suas obras: “[...] suportes móveis onde se inscrevem notas rápidas, mas destinadas agora a uma obra já em andamento ou pelo menos a um projeto de escrita”. O montante das anotações de pesquisa era chamado de “boneco” pelo memorialista e resultava do procedimento de registrar tudo que julgasse relevante: curiosidades, expressões linguísticas, testemunhos, vocábulos; comentários e observações diretas; seleção de fontes históricas; arquivamento de documentos, recortes de publicações impressas, fotografias e desenhos. As folhas dos cadernos convertiam-se em fichas ordenadas em sequência numérica para esboçar “um esqueleto da obra”. Segundo Vasconcelos (2001, p. 27), na totalidade, esse acervo: “É um material sem muitas rasuras, correções ou substituições; não possui outra versão e nem foi feito para ser publicado (...) O mesmo se aplica ao caderno de anotações e ao caderno de viagens que podem ser encontrados na subsérie Nota e na série Diversos”, perfazendo itens complementares e indispensáveis ao estudo dos originais do autor. No material de *Chão de Ferro*, Pedro Nava deixou observações (possivelmente para futuros pesquisadores de sua obra):

Fichas 301 a 600 usadas na elaboração de *Chão de Ferro* da sua página datilografada 142 até a 211. Se alguém vir essas fichas compreenderá minha minúcia, e o trabalho que eu tenho de transformar esse minério no metal que é o boneco de cada capítulo e que serve para chegar ao módulo para mim nunca perfeito dos meus originais. Rio, 13 de fevereiro de 1975 [...]. Com a ficha 948 terminei o texto do meu *Chão de Ferro*. Rio, 17.10. 75. (NAVA, 1975 apud VASCONCELOS, 2001, p. 27-28).

A reconstituição biográfica nas Memórias compreende arquivos mnemônicos: a família de Pedro Nava (1974, p. 25) cultivava a escrita de registros domésticos, livros de contas “para

a escrituração do ‘deve e haver’ de suas faturas”; cadernos de campo e jornais íntimos. Lejeune (2009, p. 52) situou a origem desses escritos privados na Roma antiga. Os chefes de família costumavam manter dois tipos de jornal: livros de contas (*codex* ou *tabulae, accepti et expensi*, livros de rendimentos e custos) e livros de crônicas (*commentaria*) no qual se anotavam eventos domésticos menores. Tais jornais eram ainda designados pelos termos: *ratio*, *ephemerides* ou *quotidianum diurnum*. O único vislumbre remanescente de seu conteúdo é de origem ficcional: da obra *Satíricon* (60 d. C.), de Petrônio, na cena em que o mordomo de Trimalquião lê tais registros, alegando serem os registros da cidade. De fato, a leitura revela a crônica do que acontece em seus vastos domínios: um incêndio, uma execução, um caso de má conduta sexual, nascimentos e notícias econômicas. Outra indicação de seu conteúdo aparece em *Vida de Augusto* (121 d. C.), de Suetônio, na passagem em que o imperador pede às netas que não façam nada que não possa ser recordado no livro doméstico, indicando, portanto, sua natureza oficial.

À imitação de alguns familiares, Pedro Nava manteve registros privados. Nesse sentido, os apontamentos de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* constituem fonte de pesquisa sobre o autor em diversos planos: como diário de viagem; material arquivístico integrado a seu método de criação literária; documento histórico-etnográfico (pelas observações sobre os locais vistos) e como acervo que o biógrafo e autobiógrafo converteria, mais tarde, em “matéria de romance”.

A narrativa biográfica nos escritos históricos e literários de Pedro Nava estrutura-se, a princípio, nas fontes do historiador: documentos e testemunhos. É por meio de escritos privados e de documentos familiares, “correspondência ativa e passiva”, “documentos de um processo”, “translados, inventários, formais de partilha”, “um livro de assentamentos comerciais do velho Halfeld” e “a lista de livros de que ele era possuidor”, e também pela consulta de “biografias”, das obras de Paulino de Oliveira, “sempre preciso e bem documentado” e de Richard Burton<sup>28</sup>,

“o inglês novidadeiro”, que *Baú de Ossos* retrata Henrique Guilherme Fernando Halfeld, marido de Dona Maria Luísa da Cunha Halfeld, pelo primeiro casamento e pelo segundo, Dona Maria Luísa da Cunha Jaguaribe, avó materna de Pedro Nava (1974, p. 141): “O livro de contas do Halfeld é um documento psicológico importante, além de repositório do maior interesse para a história social de Juiz de Fora.” Contudo, tão singular quanto as referências “ao Halfeld e às sugestões de seu caderno” ou livro de contas era o “livrinho dos jenipapos” de D. Maria Luísa:

<sup>28</sup> Segundo Pedro Nava (1974, p. 144), à época do noivado de D. Maria Luísa e Halfeld, ele tinha 70 anos e ela 19 para 20: “Não é, pois, verdade o que aparece em Burton, onde o inglês novidadeiro diz que conheceu em Juiz de Fora o Comendador e que este lhe contara que, aos 72, estava para casar com uma senhorita de 16 anos”. A obra do viajante Richard Burton (1821-1890) em questão é *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico* (1869).

Minha avó (...) ficava de janela, esperando a passagem dos conhecidos que eram seu jornal falado. A parteira Senhorinha (...) Parava e dava notícias a Inhá Luísa das recém-paridas. Por ela minha avó ficava a par da largura de todas as bacias em Juiz de Fora (...) Insistia muito com a Senhorinha para saber se os filhos e netos das amigas tinham nascido de *jenipapo* ou limpos de pele. Assentava num caderno explicando que era para não deixar moleques de bundinha verde casarem, mais tarde, com suas netas. (...) Pois não é que... O livrinho dos *jenipapos* foi depois destruído por minha Mãe, tal e qual como os registros de entrada de escravos nos portos do Brasil foram queimados por obra e graça do Conselheiro Rui Barbosa. (NAVA, 1974, p. 252, grifo do autor).

Gilberto Freyre (1980, LI) encontrou cadernos similares em Minas Gerais, entre o final dos anos vinte e início da década de trinta do século XX: “Acharam-se alguns em Caeté, outros em Belo Horizonte, em mãos de um particular, que gentilmente [lhe] franqueou a leitura”. Castelo Branco Chaves (1978, p. 10) afirmou que a crítica literária portuguesa por muito tempo considerou gêneros marginais “[...] o noticiário, o panfleto, a crônica, as memórias, o diário pessoal”. Até o século XIX, o público leitor do gênero memórias era restrito em Portugal, exceto quando tratava de fatos recentes ou de feição escandalosa. Fora do universo da literatura, essa classe de escritos, “exumada dos arquivos familiares”, adquire valor de documentação legítima para as Ciências Sociais, promovendo novas linhas de pesquisa sobre a história do cotidiano:

Também houve – isto no século XVII e no XIX – esquisitões. Pepys de meia tigela, que tiveram a pachorra de colecionar em cadernos, *gossip* e mexericos: chamavam-se “recolhedores de fatos”. Manuel Querino fala-nos deles com relação à Bahia; Arrojado Lisboa, em conversa, deu-me notícia de uns cadernos desses, relativos a Minas, e em Pernambuco, na antiga zona rural, tenho encontrado traços de “recolhedores de fatos”. Alguns “recolhedores de fatos”, antecipando-se aos pasquins, colecionavam casos vergonhosos, que, em momento oportuno, serviam para emporcalhar brasões ou nomes respeitáveis. Em geral, exploravam-se os conceitos de branquidade e de sangue nobre; desencavava-se alguma remota avó escrava ou mina; ou tio que cumpria sentença; avô que aqui chegara de sambenito. Registravam-se irregularidades sexuais e morais de antepassados. Até mesmo de senhoras. (FREYRE, 1980, p. LI).

Registros valiosos para a história econômica e social, Pedro Nava (1974, p. 41) atribui aos “livros de receita e despesa” familiares significado que ultrapassa a índole administrativa do documento: “Um fato deixa entrever uma vida; uma palavra, um caráter”. Dona Maria Luísa mantinha outros registros, condizentes com o jornal íntimo, de acordo com as menções feitas por Pedro Nava (1974, p. 144): “Minha avó deixou notas escritas, mostrando-se mais realizada com o velho que com meu avô, o moço bonito que ela desposaria mais tarde.” No enfoque de Lejeune (2009), a escrita diarística é uma prática que pode se aproximar ou se afastar do registro

(auto)biográfico, expresso como relato ou reflexão sobre experiências de vida. Quanto à forma, função e a possível qualidade literária desses registros, Castelo Branco Chaves explicaria que:

O diário é uma obra de jornalismo íntimo; e por essa feição jornalística, se participa da efemeridade do quotidiano, por um lado, ganha por outro da genuinidade do imediato. Será um documento valioso, na maioria dos casos, mas só excepcionalmente constituirá obra de categoria literária, a não ser que seja um autêntico escritor a mantê-lo, no propósito de deixar uma obra de tal feição e categoria. Quando, porém, os diários se elevam acima da craveira média podem constituir, como sucede com o *Diary* de Samuel Pepys, uma dessas obras singulares que, fora de todas as classificações, regras e gêneros literários, constituem os livros singulares de cada literatura e que são seus grandes tesouros. Também o jornal íntimo é um recordatário, mais do que de factos, de ideias e de estados subjectivos. (CHAVES, 1978, p. 8).

Tal acervo de “ideias e estados subjectivos” permitiria ao pesquisador navegar “[...] na intimidade mesma do passado; surpreendê-lo nas suas verdadeiras tendências, no seu à-vontade caseiro, nas suas expressões mais sinceras”, afirmou Gilberto Freyre (1980, p. lxxvii), notando, porém, uma lacuna: “Creio que não há no Brasil um só diário escrito por mulher. Nossas avós, tantas delas analfabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e à mucama de estimação”. Em *Balão Cativo*, o retrato de D. Maria Luísa distancia-se desse modelo feminino e mostra interessante variedade de registros pessoais:

Parece que minha avó materna era muito inteligente e que tinha uma instrução bem acima da das mulheres de seu tempo. (...) Além de música, minha avó gostava de poesia. Deixou cadernos e mais cadernos, um mundo de álbuns, onde copiava o que lhe agradava. Poesia brasileira, portuguesa e francesa. Essa língua ela aprendera com uma parisiense, certa madame Costa, por seu casamento com um lusíada. Eram donos de um colégio para moças que minha avó frequentou em Juiz de Fora (...) Aperfeiçoara-se depois com o padre Roussin que transformara-a num fenômeno muito falado ali pelos lados do Paraibuna, ensinando-lhes rudimentos de latim. O casamento e a convivência com o Halfeld mais lhe teriam aberto o espírito. (NAVA, 1977, p. 16).

Para Didier (1976, p. 16, grifo do autor), se o diário e a autobiografia possuem elementos comuns, o jornal íntimo diferencia-se pela flexibilidade, ausência de limitação e adaptabilidade que permitem a metamorfose do autor, conforme os propósitos de escrita mudam ao longo do texto. As qualidades formais do diário – que explicariam certa monotonia encontrada no gênero – também são permeáveis a uma variedade de temas e estilos, mas com determinado elemento de repetição, particularmente no modo do autor descrever a rotina diária. O jornal íntimo apresenta retrato análogo do cotidiano, devido à narrativização da “infinita variedade da vida”, mas com escrita descontínua e fragmentária que, sob o prisma da subjetividade, pode retornar

do presente ao passado ou se projetar no futuro. Segundo a autora, o diário vincula-se à memória coletiva pois sua essência, embora fundamentada na escrita pessoal, pressupõe leitores futuros.

Os estudos de Lynn Z. Bloom (1996, p. 28-29) sobre a escrita autobiográfica e diarística apresentam uma distinção entre “truly private diaries” e “public private diaries”, ou seja, entre diários realmente privados e diários que, em consonância com a definição de Didier (1976, p. 16), pressupõem um público ou antecipam futuros leitores. Segundo a autora, muitos diários, embora pareçam pessoais e privados, são moldados artisticamente por técnicas literárias para ajustar-se a determinada audiência. Mesmo o diarista sem pretensões literárias pode considerar uma audiência potencial (familiar, política, profissional, religiosa etc.) ao redigir seus escritos.

Em *Chão de Ferro*, Pedro Nava relatou a descoberta de escritos íntimos do avô materno, Joaquim Jaguaribe, o “Major da Briosa”, fato ocorrido no início dos anos vinte. O trecho expõe a natureza heterogênea do “livro do Major” e sugere a “metamorfose do autor” abordada por Didier, estratégia adotada provavelmente ante a possibilidade de futuros leitores do “diário”. Cumpre lembrar o uso do mesmo recurso por Pedro Nava (1995, p. 41, grifo do autor) ao criar o personagem Egon: “[...] eu não teria coragem de contar certos fatos meus, da minha boemia – e de amigos meus, cujo nomes também estão encobertos –, dizendo *eu*. Me sentiria mal. *Ao passo que esse José Egon já tomou personalidade, é outra coisa, já saiu pra outro lado*”. Note-se a similitude do padrão heterogêneo dos registros com os cadernos do próprio memorialista:

Ora, num dia em que estava assim, no choco, pés agasalhados num cobertor de farofa de Itaúna – senti uma dureza sob o colchão. Levantei-o para especular e dei com um velho livro *de Deve e Haver*, páginas cheias de colagens e da escrita inconfundível do pai de minha Mãe. (...) Vamos ao livro do Major, cujas páginas fui virando enquanto lembrava das cenas de Juiz de Fora. Era uma espécie de miscelânea onde se colava escritos seus, notícias curiosas dos jornais, retratos, cromos, receitas, decalcomanias e que de repente virava num diário. Descrevia o dia-a-dia da vida de um pastor chamado Clódio e de uma pastora sertaneja. (...) Pasmado, compreendi suas viagens, o azedume de minha avó, palavras soltas de certos cochichos de minha Mãe com as irmãs – subitamente engatadas e agora me dando nexos de frase escrita com tinta luminosa. (...) levei o livro e mostrei-o a minha Mãe. Perguntei. Ela leu calada, depois, com voz esquisita me fez jurar não repetir a pergunta nem nada, foi para a cozinha, pegou a faca de galinha, depeçou o livro, atirou seus quartos no fogão. O fogo quase apagou com o entulho, depois tomou fôlego força e levantou-se outra vez numa chama alta e clara. (NAVA, 1976, p. 277-279, grifo do autor).

Lejeune (2009, p. 30-37) questionou as razões por que um jornal íntimo é destruído ou preservado, inclusive, após a morte do autor, reiterando que a maior parte dos jornais íntimos é, de certo modo, destruída, por inteiro ou em partes, seja pelo autor, seja por seus descendentes.

Uma das razões é de cunho político. No século XVIII, recordou Lejeune (2009, p. 64), inúmeros escritos privados e documentos de ordens religiosas foram intencionalmente destruídos durante a Revolução Francesa. Além do diário perdido de Pedro Nava, escrito na Era Vargas, refiram-se os diários e memórias de D. Thomaz de Mello Breyner, Conde de Mafra, o primeiro professor de Dermatologia e Venerologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, avô materno da poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen. O caso a seguir foi relatado pelo médico Eduardo Macieira Coelho, genro de umas das filhas de D. Thomaz, D. Maria da Conceição Mello Breyner Cabral:

Minha sogra proporcionou-me a leitura do “Diário” do professor D. Thomaz, que teve uma edição recente. Surpreendeu-me observar um longo período do “Diário” propositadamente ilegível, porque o texto estava apagado por uma tinta azul espessa que impossibilitava a leitura. Perguntei a minha sogra o que provocara a deliberada inutilização do texto. Minha sogra disse-me então que sua mãe, a Condessa de Mafra, depois da morte de D. Thomaz, entendeu que o que estava escrito poderia ser mal aproveitado por eventuais historiadores que não relatam a História mas que refazem a História. Mello Breyner fora médico do Paço e amigo do Rei D. Carlos. Nesse texto havia referências a situações que condicionaram o rumo de certos acontecimentos. (COELHO, 2004, p. 32).

Do acervo de escritos familiares e pessoais do memorialista, o “livrinho dos *jenipapos*” e o “livro do Major” não foram os únicos itens destruídos. Segundo Vasconcelos (2001, p. 25): Pedro “Nava nos informa ainda que escreveu (...) contos, mas foram incinerados por sua mãe, que os censurara por serem eróticos”. Para Cinthia Gannett (1992, p. 121-122, grifo da autora), relacionado ao tópico da preservação está o problema do desaparecimento literal de diários e jornais íntimos, seja por destruição total, seja por edição severa do conteúdo, pelo próprio autor ou, após a morte deste, por quem obteve a posse da obra: um familiar ou pessoa detentora dos direitos de uso e reprodução da mesma. Em dadas circunstâncias, em razão de interditos sociais a certos discursos, observou Gannett, desde que tenha consignado ao diário algo que preferiu resguardar do conhecimento de outrem, o desejo de não ser lido é compreensível, mesmo após a morte do autor. Este pode eliminar parte do diário, ocultá-lo ou pedir que alguém o faça. O diário pode ser destruído, editado ou adulterado por familiar “bem intencionado”, a pretexto de proteger alguém, interesses ou reputações da repercussão que a leitura do diário venha a causar.

Se as operações de edição podem destruir, deteriorar e reduzir a autenticidade do diário, afirmou Lejeune (2009, p. 227), o autor pode cortar, dobrar, manipular páginas, incluir esboços, fotos, gravuras, poemas e outros elementos textuais e visuais à fonte material ou virtual que dá suporte ao texto. A questão da materialidade do diário envolve sua permanência como artefato,

subsistente à existência do autor. Pertinentes a essa questão há duas considerações sobre *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* que se distinguem neste estudo: a primeira leva ao conceito de traço.

Lejeune (2009, p. 188), relacionou o jornal íntimo à noção de “traço”, no sentido de uma escritura manuscrita, da própria pessoa, com grafia individualizante sobre um suporte: cadernos ou folhas soltas. Muitas vezes o traço escrito é precedido de uma série de outros traços, como desenhos, grafismos, flores, objetos, signos diversos retirados da vida cotidiana e transformados em relíquias. O jornal é “une série de traces”. Esta série de traços supõe a intenção de balizar o tempo por uma sequência de marcos. O traço único, particularizado, terá função diferente: a de não mais acompanhar o fluxo do tempo, e sim fixá-lo num momento-origem específico. O traço único será, mais do que um jornal, um memorial. O jornal íntimo é permeado pela memória de modo a não constituir apenas um relato superficial de eventos, pois, no esforço de preservar certas experiências, é capaz de ultrapassar o caráter mundano que lhe foi usualmente atribuído.

A noção de traço na teoria de Lejeune (2009) sobre a escrita diarística apoia-se na ideia de que o autor extrai fragmentos do cotidiano, selecionando quais fatos, histórias e pensamentos deseja abordar. Esses registros, embora denotem “traços” da personalidade do autor e sugiram como ele interpretou experiências e situações que julgou importante transcrever, não devem ser considerados, a princípio, retratos fidedignos de uma vida. Para o sociólogo Jean-Yves Boursier (2002), traços são vestígios materiais e simbólicos do passado a que se relacionam memórias.

Evocar traços é aludir ao que subsiste de um passado. Traços são sobrevivências, ruínas e resquícios que testemunham sobre um clima, um evento, uma filiação, uma atividade humana, uma cultura. Os traços sempre interessaram aos homens à medida que materializam algo que já desapareceu, dão-lhe uma imagem, permitem que seja representado, lembrado, comemorado, estudado, mostrado em uma linha de evolução no tempo. Posto que, para conectar o ausente ao presente os traços se relacionam com o devaneio e a memória involuntária (operações mentais envolvendo a tríade emoção, memória e percepção sensorial) é significativo que Boursier tenha citado como epígrafe de seu estudo o verso do poeta René Char: “Seulles les traces font rêver”.

Pedro Nava relatou que D. Maria Luísa, “[...] tinha a mania sentimental de guardar um pedacinho de cada gorgurão, tafetá, pelúcia, veludo, seda ou brocado que tivesse feito sua felicidade, concorrendo para sua vaidade.” Embora o texto não revele se eram guardados em álbum de valsas, caderno ou caixa de joias, as amostras de tecido representam traços memoriais, como seriam, em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, o cartão da loja de *souvenirs* Petra Bazar, a estampilha da Jordânia e os elementos que Pedro Nava optou por ilustrar durante a excursão.

A segunda consideração referente à materialidade dos cadernos, jornais íntimos e diários parte das analogias que Lejeune (2009) e Boursier (2002) estabeleceram entre os conceitos de

traço e arquivo. Para Boursier (2004, p. 33, grifo do autor), a memória carrega consigo o traço do passado através da lembrança evocada por meio de escritos, monumentos e outras expressões de “remémoration intentionnelle”. Para Lejeune (2009, p. 191), o valor do diário consiste no fato de ele ser o traço de uma experiência, lembrança, momento ou processo, cujo significado é legado a outra época. Desse modo, conforme arguiu Lejeune (2009, p. 343), o diário forma um arquivo no tempo, um diálogo com o porvir, gera reservas para um futuro escritor e vestígios para um futuro eu que perscruta os registros da própria história. Lejeune (2009, p. 194-197) distinguiu quatro funções nos diários: expressar pensamentos e emoções; criar um espaço para reflexão e rememoração; congelar o tempo; e desfrutar do ato de escrever. Ele relacionou à ideia de suspensão temporal o intuito de criar arquivos da experiência vivida, acumular traços, precaver-se do esquecimento, garantir à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam.

Os escritos íntimos e domésticos (cadernos, livros de contas e miscelâneas) familiares e pessoais de Pedro Nava são arquivos que respaldam a reconstituição histórica e a composição literária das Memórias. Os cadernos do memorialista incluem-se nessas fontes, mas não teriam apenas finalidade literária, direcionada com exclusividade ao trabalho intelectual do escritor. À produção intelectual de Pedro Nava Vasconcelos (2001, p. 24) relacionou itens variados, como:

[...] manuscritos e textos datilografados, em sua versão definitiva ou em estado de elaboração, além de alguns esboços e notas significativas. As notas esparsas encontram-se catalogadas na série Diversos. (...) Ressaltamos, especialmente, os cadernos de anotações, nos quais, apesar da menção em suas capas de que contêm notas e observações clínicas, o pesquisador, além de desenhos de casos clínicos, pode encontrar, por exemplo, um texto ilustrado, de 16 de setembro de 1967, “A bela arte da serralharia no Rio de Janeiro”, no qual se lê a seguinte informação: “Aproveitado tudo sobre serralharia no *O Círio Perfeito* – p. 336, 337 do original”. (VASCONCELOS, 2001, p. 24-30).

O *Inventário do Arquivo Pedro Nava* informa que os apontamentos manuscritos dos dois cadernos de anotações (em bom estado de conservação) citados por Vasconcelos (2001, p. 345) foram realizados no Rio de Janeiro, entre 10 novembro de 1933 a 1980. Além da referência à serralharia artística dessa cidade: “Contêm anotações médicas, desenhos de malformações congênitas do coração, estatísticas de atendimento, lista de doação à Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa”. À mesma página, na série Diversos do arquivo do escritor, referem-se seis cadernos escolares manuscritos de Pedro Nava, com “recortes de jornal, fotografias, cartões de matrícula e anotações de PN”, registros que datam de 14 de fevereiro de 1910 a 24 de agosto de 1920, correspondentes ao tempo vivido entre o Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Belo Horizonte.

Segundo Boursier (2002, p. 1), o trabalho de formação de arquivos (pessoais, familiares e institucionais) denota o interesse por vestígios, por objetos sacralizados a partir de operações museológicas ou transformados em relíquias, o que indica certo gosto pelo passado. É possível detectar na formação de arquivos familiares a busca por origens, raízes, muitas vezes segundo um princípio de autoctonia que implica encontrar vestígios para se ancorar em um território ou remontar a uma filiação. O gosto pela genealogia, manifesto na crescente procura por centros arquivísticos, numa era em que a população é cada vez mais itinerante e urbanizada, reflete a busca por traços probatórios de um enraizamento local. A tendência atual à patrimonialização, que envolve a triagem dos vestígios que se devem conservar e abandonar, exprime a nostalgia de um mundo perdido. Essa nostalgia conecta a questão do traço às esferas da herança, do luto e da compreensão do passado. O traço pode ser material: um arquivo, um objeto. Pode marcar um território, como uma estela ou monumento, induzindo uma arquitetura, uma epigrafia. Essa necessidade de materialização é assinalada por cruces, coroas ou ramos de flores avistados em rodovias, manifestações do desejo de inscrever por um traço a memória dos que pereceram no local. Seja por meio de um marco fúnebre, arquivo, diário, o fato ou série de eventos que o traço representa é sempre fixado em relação a uma cronologia, uma escala, um fluxo de tempo. Nesse sentido, os cadernos de Pedro Nava seriam parte de seu trabalho arquivístico e composicional.

Entre as inúmeras passagens das Memórias que testemunham sobre o interesse de Pedro Nava por vestígios do passado e a utilização desse acervo posteriormente em sua obra literária, o escritor comenta em *Beira-Mar* um episódio sucedido no início de 1921, em Belo Horizonte, onde viveria dos dezessete aos 24 anos. O contexto do evento citado é o da mudança de Joaquim Jaguaribe, com a segunda mulher e o enteado, para o município de Lavras, no estado do Ceará:

Refiro-me ao Major, meu avô materno (...) ia para sua terra e esperaria tranquilamente a hora da morte. Essa sua mudança foi pretexto dum verdadeiro *branle-bas* nos seus guardados e ele passara o dia distribuindo objetos, jogando fora roupas velhas, suas fardas da Briososa, suas espadas ferrugentas, as do pai visconde – do Paraguai, da Corte. Chegou a vez dos retratos de família e da papelada do Halfeld. Passava com maços tirados de suas gavetas, atravessava sala de jantar, copa, cozinha e despejava tudo nas latas usadas de querosene que nos serviam de lixeiras. Aquela liquidação apertou meu coração. Ousei pedir. Se ele não quisesse mais, eu guardava aqueles documentos e retratos. Querer não quero, a prova e que estou jogando fora. Agora, se você se interessa por esse restolho todo, fique com ele. Só que não quero mais ver essa porcaria na minha frente. E que lhe aproveite. Aproveitaram. Sem esse arquivo eu não teria podido completar a história da minha família materna e seria impossível *O Baú de Ossos*. Amarrei tudo em pacotes e arrumei o que sobrara do “escritório do Jaguaribe”, dos armários de minha avó Maria Luísa, na casa de Juiz de Fora, em dois dunquerques da sala

de visitas e tornei-me assim proprietário legítimo desse espólio. (NAVA, 1979, p.13, grifo do autor).

O *Inventário do Arquivo Pedro Nava* delimita um conjunto de escritos pertinentes ao trabalho arquivístico e composicional do autor, documentação de natureza vária. Os “cadernos de anotações” e o “caderno de viagens”, “encontrados na subsérie Nota e na série Diversos”, se relacionam ao acervo “[...] reunido por PN para complementar suas memórias ou servir-lhes de suporte no conhecimento de ramos de algumas famílias que povoam suas obras”, como expôs Vasconcelos (2001, p. 30), referindo que a série “Documentos pessoais” inclui “[...] o material relacionado com a vida pessoal do memorialista, como boletins, certificados, certidões, contratos, declarações, procurações, entre outros”, a exemplo dos “boletins escolares do Colégio Andrés e do Anglo-Mineiro” e dos “contratos de edição e notas de direitos autorais”.

O termo “diário” é citado no *Inventário do Arquivo Pedro Nava* para referir somente o “diário da época da ditadura Vargas”, seguido da observação de Vasconcelos (2001, p. 25): “Infelizmente, no arquivo de Pedro Nava não há a mínima alusão a esse diário. Da mesma forma, nada resta de um outro que PN teria escrito em Juiz de Fora e, depois, destruído”. Apesar de os cadernos inéditos, *Cadernos 1 e 2* e *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* terem sido, até o presente e de modo geral, definidos, segundo notas editoriais (2003d, p. 10; 2004c, p. 5) como: “[...] diários, compostos de cadernos nos quais registrou suas viagens e outros apontamentos” e “diários ou cadernos de anotações nos quais apontou ele suas viagens”, esses escritos denotam outras funções, sugeridas pelo comentário de Vasconcelos sobre as características dos cadernos:

Recentemente, o Dr. Paulo Penido doou outros dois cadernos escolares com as mesmas características do anterior. Eles foram publicados pela Ateliê Editorial sob o título de *Cadernos 1 e 2*. Como nos mostra Louis Hay em *A Montante da Escrita*, este material, quase sempre bastante heterogêneo, tem “intelectualmente [a] função [de] assegurar a disponibilidade simultânea de seus elementos. O escritor tem o todo ‘na palma da mão’.” Hay faz ainda uma distinção entre cadernos, cadernetas e diários. Para ele o caderno fica sobre a mesa (a caderneta no bolso) e se presta para “oferecer à pena um espaço duplamente interior [...] é o lugar da escrita privada, do ‘livro secreto’.” (VASCONCELOS, 2001, p. 28).

Neste estudo, os apontamentos de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* são abordados em relação aos de *Cadernos 1 e 2*, levando-se em conta a heterogeneidade dos registros. A distinção de Louis Hay citada por Vasconcelos quanto à função de “cadernos, cadernetas e diários” reflete as observações do professor Sérgio Arruda de Moura em artigo para o jornal *Folha da Manhã*:

De qualquer forma, vou falar do caderninho de anotações, aquele que não é nem diário íntimo, nem agenda, mas um caderno de notas, ou caderneta de anotações, de quem precisa registrar casos, ideias, lembranças, impressões, que poderão ser úteis dali em diante, algum dia. Eu mesmo tenho um, vários, de modelos e tamanhos diferentes. Fico revezando seu uso, dependendo do lugar aonde vou. Se à praia, um modelo menor; se para vagar pela cidade, outro; dentro da minha pasta de trabalho, um outro. (MOURA, 2014).

Os apontamentos de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* são “um fragmento dos diários” de Pedro Nava, informou a “Nota dos Editores” (2004c, p. 6) à obra: “Esse trecho consta do caderno 2, que acolhe registros de janeiro de 1955 a abril de 1958”. Tal fragmento constituiria possivelmente excerto particularizado em meio à pluralidade dos registros, característica usual do estilo de Pedro Nava, ou seja, essa versatilidade se estende aos cadernos, que podem conter, ao mesmo tempo, fragmentos com aspectos de diário de viagem, e outros que se aproximam do diário, do jornal íntimo, do memorando e das miscelâneas cultivadas por familiares do autor.

O contexto que enseja a oportunidade de um registro pode gerar uma colagem, desenho, escrita confessional, nota abreviada, observações em recibos, recortes de jornais ou revistas que o autor venha a fazer, dependendo disso da intenção que o anime. O registro forma um traço, na acepção atribuída ao termo por Boursier (2002, p. 1), que permite hipóteses de estudo sobre os aspectos, atividades e condições que o definem: “Les traces parlent, nous enseignent lorsqu’on les questionne”. Tal reflexão de Boursier é igualmente afim ao pensamento de Lejeune (2009): o diário não é apenas o registro fragmentário de eventos, mas um arquivo em expansão, que se amplia a cada nova “entrada”. O diário conduz o leitor a um local onde os traços do tempo são depositados e a escrita se materializa. Metaforicamente, este é o local social destinado ao leitor interessado em decifrar traços do passado, na posição de convidado e potencial historiador.

Se *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* integra um material que combina características de outros gêneros memorialísticos, os apontamentos de Pedro Nava na obra podem demonstrar, em certos momentos, trechos no estilo dos relatos de viagem do século XIX, alternados a outros que recordam o jornal íntimo, assim definido pelo professor e escritor português Carlos Ceia:

Género literário autobiográfico, próximo do diário, em que o autor concentra a narração dos factos na sua vida pessoal quotidiana. O género aparece na Europa por volta do século XVIII, num momento em que os individualismos e os cantos da sensibilidade mais íntima ganham grande destaque. O que distingue um jornal íntimo de uma autobiografia ou de um livro de memórias é a sua actualidade, porque os acontecimentos devem ser descritos no presente vivido pelo sujeito narrador. Existe ainda uma grande flexibilidade, por vezes, desordenação dos factos narrados, na forma como as acções se sucedem, importando mais ao autor descrever o tumulto de sentimentos e os problemas da auto-consciência, que nem sempre obedecem a uma lógica discursiva de

acordo com os padrões de organização de um jornal tradicional. Goethe e Tolstói estão entre os grandes escritores que não resistiram ao género. (CEIA, 2009).

Para Castelo Branco Chaves (1978, p. 10-11), a crônica, o diário pessoal, o jornal íntimo e o noticiário estão incluídos no “género memorial”, apesar de haver diferenças quanto ao viés intimista, estilo e finalidade do texto. O crítico avalia os diários na acepção de documentos de valor literário e histórico, mas sem priorizar, como Lejeune (2009), pontos de referência em série, ou seja, “traços” que situam os registros numa prática e cronologia: “O que (...) caracteriza o género memorialístico é a centralização da narrativa na pessoa e na vida do memorialista como um documento pessoal onde é subjectiva a visão dos acontecimentos que narra”. Existem na prática dos diários elementos particulares inseridos na linha temporal dos registros, mas que dialogam de modo pragmática com o futuro, codificados e arbitrariamente distribuídos no texto.

Ricoeur (2004, p. 38) distinguiu outros pontos de referência, verificados em diários que se destinam a registros de pesquisa e nos diários pessoais: os memorandos ou lembretes, pistas deixadas pelo diarista, por vezes às margens do texto ou entre linhas, no intuito de prevenção contra algum esquecimento. Ricoeur assinalou nas pistas a presença de analogias e associações, recursos mnemônicos do diarista, na forma de abreviações, palavras e símbolos, ou mesmo de elementos externos: cartões postais, fotografias, recibos, itens sinalizadores voltados ao futuro.

Situados em uma cronologia, cujo registro mais antigo noticiado remonta aos anos 40 e o mais recente, às “anotações esparsas de 1980-1984” “dos dois últimos cadernos de Pedro Nava” (2003d, p. 235), os “diários” que se perderam, os cadernos inéditos, *Cadernos 1 e 2 e Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* podem ser considerados produtos de “uma prática de vida e uma prática de escrita” de “expressão autobiográfica”, segundo a definição de Lejeune (2009; 2013, p. 541-542, grifo do autor): “Enquanto que, para a autobiografia tinha partido de uma definição e de corpus de obras-primas, para o diário fiz o contrário. (...) Então, tomei a definição mais simples e compreensível possível. Para mim, um diário é uma ‘série de traços datados’”.

A definição de Lejeune aplica-se, contudo, apenas em parte à totalidade dos registros do memorialista, pois os cadernos, sobretudo a partir da redação das Memórias, não teriam mais por princípio geral apenas a “expressão autobiográfica”, pois, como assinalou Penido (2003d, p. 40), Pedro Nava “[...] no seu diário íntimo havia até escolhido o pseudônimo que ia dar à Nieta. Seria chamada de Zenite. E ele tinha todas as anotações dos seus antepassados mineiros, inclusive com fotos, as quais deveriam servir de base para suas descrições, como era seu estilo”.

Entre os apontamentos de carácter biográfico de *Cadernos 1 e 2* que levam às Memórias, Pedro Nava (1999, p. 42) escreveu na metade inferior de uma página que teve a metade superior

rasgada: “Dr. José Carlos Fernandes Eiras, farmacêutico mas doutor em química por Paris. Casou-se com Evelina Brandou [Brandon?] a 5.2.1880. Sogros de Hugo Werneck e Henrique Marques Lisboa. Avós de Nair (Persombra, Ronairsa)”. Membros das famílias Brandon, Eiras, Lisboa e Werneck são biografados nas Memórias, em episódios que os conectam à história da medicina no país, à vida do Dr. José Nava, no seu “tempo de interno da Casa de Saúde Eiras”, às recordações de infância e juventude de Pedro Nava, à história do Ginásio Anglo-Mineiro, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e à crônica desta cidade. Persombra, “Persistente sombra”, é retratada em *Chão de Ferro e Beira-Mar*; como Ronairsa, em *Galo-das-Trevas*. Há também notas sobre tópicos que teriam inspirado escritos, lembranças ou reflexões, a exemplo da cópia xerox da página inicial de um conto de Maupassant, em que Pedro Nava (1999, p. 48) anotou: “A demência / O sonho/ A infância/ se unem”. À exceção de breves relatos, *Cadernos 1 e 2* praticamente não possui sequências narrativas. Nem todas as notas, desenhos e colagens são datados, ao contrário dos registros de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. Se ambas as obras formam, a seu modo, “uma série de traços datados”, como “diários” são escritos peculiares, aos quais é preciso relacionar as observações de Castelo Branco Chaves sobre a escrita diarística:

Na panorâmica histórica do gênero memorial, que temos vindo a tentar traçar, existem memórias e diários que possuam as condições essencialmente caracterizantes do gênero? Certamente (...) Ficaria porém incompleto esse bosquejo (...) se não mencionássemos aquelas obras que, com o título de *Memórias* ou *Diários* não são na realidade diários nem memórias, ou o são apenas parcialmente. (CHAVES, 1978, p. 57, grifo do autor).

Antes de passar à análise do conteúdo de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* recorde-se que a obra tem a peculiaridade de ser um “trecho” “do caderno 2, que acolhe registros de janeiro de 1955 a abril de 1958”, que são “um fragmento dos diários”, formando, neste estudo, pequeno núcleo em um sistema concêntrico de arquivos. Pesquisador dos diários no campo das Ciências Sociais, Andy Alaszewski (2006) abordou o tema do destino dos diários. Para Lejeune:

Apenas há três soluções. A edição? Só pode acolher um número ínfimo de textos e é essa a razão pela qual tantas autobiografias caem na armadilha da edição por conta do autor. Os arquivos? Aí, na melhor das hipóteses, são conservados, mas não lidos. Mas, com frequência, nem sequer são acolhidos. Em França, se os senhores forem aos Arquivos departamentais com os seus diários íntimos debaixo do braço, pensar-se-á que estão doidos e dir-lhes-ão: “Eis o procedimento a seguir, há três coisas a fazer: 1) morram, 2) esperem cinquenta anos, 3) e então voltem a visitar-nos”. Aceitamos apenas os textos que demonstraram a sua capacidade para sobreviver por muito tempo num ambiente hostil. Só ficam então as famílias. Se as famílias amarem a memória familiar, amam muito menos os escritos autobiográficos dos seus membros,

as versões individuais, dissidentes, indiscretas da história do grupo. Isso cria incômodos. Muitos escritos autobiográficos desaparecem na altura das sucessões e das mudanças. (LEJEUNE, 2013, p. 543)

Em Portugal, afirmou Castelo Branco Chaves (1978, p. 29): “Não existe um inventário das memórias e diários do século XVIII recolhidos em arquivos públicos e particulares. É muito possível que ainda venham a aparecer documentos desta natureza com interesse.” No Brasil, até o momento, os diários não publicados são arquivados como itens de acervos mais amplos.

Quando documentos como diários são depositados em arquivos, esclareceu Alaszewski (2006, p. 62), eles adquirem o *status* de documentos históricos, avaliados pelo valor intrínseco, conforme a época em que foram escritos e a reputação de quem os redigiu. É crescente o número de diários e documentos pessoais arquivados, incluindo aqueles solicitados durante pesquisas. O Arquivo de Dados da Universidade de Essex criou um programa para encorajar pesquisadores a arquivar dados e facilitar o acesso a dados qualitativos, tais como diários. Devido à escassez de dados sobre diários, na maior parte dos casos o pesquisador tem de buscá-los em arquivos históricos. Geralmente, diários formam apenas uma pequena fração de arquivos mais amplos, e acessá-los em particular requer o conhecimento de arquivos potenciais e de seus conteúdos.

É válido que o pesquisador considere o diário incluído em arquivos pessoais e familiares em relação de pertinência com outras peças do acervo que integram: os cadernos de Pedro Nava dialogam com a produção intelectual e com documentos associados à história do autor e de seus ancestrais. Embora o enfoque deste estudo esteja centrado em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, no formato em que se encontra publicado atualmente, foi considerada a possibilidade de edição dos originais para a seleção do “fragmento” relativo à viagem do escritor, em 1958.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Este estudo foi realizada durante a pandemia de covid-19, o que inviabilizou a consulta aos originais no AMLB.

## 5 - OS APONTAMENTOS DA VIAGEM A ISRAEL

Philippe Lejeune (2009, p. 188) declarou que o diário é experienciado como um ato de escrita sem final previsto. Contudo, Lejeune (2009, p. 198) observou haver diários que admitem um ponto final predeterminado: são os diários que registram férias, relatos de viagem, períodos de trabalho e pesquisa, uma gestação, um retiro espiritual e assim por diante. A limitação desses escritos é simultaneamente cronológica e temática. Existem assim diários parciais, devotados a uma fase e organizados em torno de uma área particular da experiência registrada pelo autor. A prática de escrita perdura além do escopo e finalização desses diários. O problema de encerrar um diário torna-se crucial apenas quando escrito para acompanhar uma vida pelo maior período de tempo possível. Esse tipo de diário assegura sua continuidade por marcas no suporte material do texto e por outros mecanismos intrínsecos, que Lejeune descreveu como um paradigma de retransmissão, com uma face visível voltada para o passado e outra virtual, voltada ao futuro.

Diários de viagem tipicamente se encerram com o término de uma jornada e retorno do viajante para casa, por essa razão não constituem o paradigma dominante de escrita diarística, segundo Lejeune (2009, p. 181, grifo do autor), logo, a ideia de “encerramento”, coerente para o projeto limitado do diário de viagem, é estranha ao diário mantido durante uma vida. Porém mesmo diários de viagem são afeitos à expectativa de novos registros ou “entradas”. Para Jean Rousset (1986, p. 172) e Lejeune (2009, p. 179), em oposição ao diário ficcional, o diário real não divisa opção de encerramento, não prevê término porque a relação do texto com o tempo cronológico é de atualização e permanência, “interminable” conforme a definição de Rousset.

Lejeune (2009, p. 98) reconhece, no entanto, haver muitos pequenos epílogos ao longo de um diário: o fim do calendário anual, o desfecho de uma história, o remate de cada entrada do diário e o término do caderno em que são feitos os registros. Para Lejeune (2009, p. 98, grifo do autor), o diário desenvolve as próprias regras para indicar o final de um período, a conclusão de um ciclo, protocolos que representam um encerramento, mas um “encerramento parcial”.

Sem acesso aos originais, inéditos, não é possível afirmar se o caderno de Pedro Nava em que constam as anotações de 1955 a 1958 assinala algum tipo de “encerramento parcial” antes de dar início aos apontamentos de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. A nota do dia 9 de fevereiro de 1958, indicativa do momento em que o grupo deixa o Oriente, contém apenas breve observação de Pedro Nava (2004c, p. 61): “Partida de Istambul por um *Viscount* quadrimotor da British European Airways...”. Se Pedro Nava fez apontamentos sobre o retorno ao Brasil, tal registro não foi selecionado para a publicação atual de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*.

A nota dos editores (2004c, p. 62) ao final do livro revela que a viagem se estendeu por mais algum tempo, possivelmente pela Europa, conforme atesta um registro feito em Portugal: “No dia 4.4.58, prosseguindo na viagem anteriormente relatada, Pedro Nava achava-se em Lisboa, hospedado no Hotel Avenida Palace. Antes dos apontamentos de 5.4.58 ele anotou, sem comentários, a seguinte Receita de molho do bife ‘escondidinho’.” O diário ou relato de viagem pode terminar com uma reflexão do autor, declarando um ponto de vista dominante, avaliando suas impressões ou pondo em relevo um aspecto da jornada, ponderou Rousset (1986, p. 206).

Os registros publicados em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* principiam no dia 25 de janeiro de 1958, com a chegada ao Cairo às 3:15 horas, por um voo Roma-Atenas-Cairo. Entre possíveis companheiros de viagem ou membros de uma excursão, Pedro Nava (2004c, p. 18) fez referência aos nomes de “[...] Joaquim Ribeiro, Marita, Padre Viegas, D. Laurita”, usando frequentemente palavras e expressões como: “Nas nossas excursões”, “Nossa janela no hotel” ou “Sobrevoamos”, indicativas de uma viagem em grupo. Em 28 de janeiro de 1958, ele anotou suas impressões sobre a Jordânia, mantendo o estilo telegráfico dos apontamentos anteriores:

Aterrisagem em Jerusalém (Jerusalém de Jordânia)<sup>30</sup> às 16:33 horas. Aman-Jerusalém: vinte minutos de voo. Cairo-Jerusalém: um total de duas horas e quarenta e quatro minutos de voo. Hotel Embassador, quarto nº 402, excelente, num prédio moderno e alegre. A impressão da Jordânia é, à primeira vista, melhor que a dada pelo Egito: gente mais bem vestida, soldados bem fardados, nenhum avança para o “baschiche”. À noite, passeio de automóvel pela cidade: muito morta, triste, ninguém nas ruas, a não ser soldados embalados em quase todas as esquinas. (NAVA, 2004c, p. 24-25, grifo do autor).

Entre os aspectos que caracterizam *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* como diário de viagem destaca-se a perspectiva do autor, que não faz de si mesmo matéria de escrutínio, suas impressões estão direcionadas a outros elementos da realidade. De acordo com Rousset (1973, p. 92), diferente do diário de viagem, o propósito central do diário privado é a autorrevelação, o exame da própria vida e personalidade, a reflexão sobre as sensações e movimentos interiores. O discurso do autor, descritivo, expresso de modo sucinto, não prioriza a digressão intimista:

29.1.58 – Capela Getsêani, Igreja das Nações, onde se vê a pedra onde orou o Senhor e mais ao lado aquela onde os discípulos dormiram. Vista sobre o Vale de Josafá e a Porta de Ouro ou dourada, fechada por pedras, e por onde o Cristo entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos. Jardim das Oliveiras (era aí a propriedade de Lucas) com as oliveiras que dizem ter 2500 anos. Gruta de Getsêmani – Sepultura da Virgem e possivelmente de São José e Santa Ana, de acordo com a tradição. Montanha das Oliveiras (ascensão). Porta de

<sup>30</sup> Iniciada com a guerra árabe-israelense de 1948, a ocupação de Jerusalém Oriental pela Jordânia durou até 1967.

Santo Estêvão (onde ele foi lapidado). Igreja de Santa Ana, sobre o local onde nasceu a Virgem e na qual (como cripta) restos da habitação de Joaquim e Ana. Piscina probática (onde Jesus curou um paralítico num sábado). Casa de Pilatos (flagelação). Arco do Ecce Homo. Mesquita de Omar (rocha do sacrifício de Abraão), mesquita de Al-Aqsa. Ambas no vasto recinto onde foi o Templo de Salomão e que lembram a circuncisão, a apresentação e a discussão com os doutores. Muro das lamentações, com os pregos e pequenas porções de cimento, nas juntas, que os judeus aí colocam simbolizando a reconstrução de Sion. Campo do Hasseldama (preço de sangue) onde Judas se enforcou. À tarde, passeio a pé: Porta de Damasco → Suq-Kahn-Ez-Zeit → Porta de Damasco → Rua Jericó → Hotel. (NAVA, 2004c, p. 25-26, grifo do autor).

O objetivo do diário de viagem é conservar a recordação dos lugares e das coisas vistas, tornar acessível em outro momento a lembrança do que foi contemplado durante uma jornada. Rebecca Steinitz (2003, p. 332) escreveu sobre as funções que os diários assumem na literatura de viagem, como livros isolados, integrando livros, como fontes para outras obras, por vezes na condição de manuscritos não publicados, mas partilhados e referidos por autores e estudiosos do tema. Segundo Steinitz, os diários encerram várias funções para o viajante: arquivamento de informações, autenticação da experiência e conservação de memórias, fornecendo, em alguns casos, ocasiões de reflexão, estabilidade e transformação pessoal durante o curso da jornada. O escritor não alude à crença pessoal ou religiosidade em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. Em entrevista a Claudio Aguiar, Paulo Penido (2003d, p. 27) fez breve observação sobre o assunto, quando descreveu as dependências da casa do memorialista, na Rua da Glória, Rio de Janeiro:

Era sempre composta de móveis e coisas antigas, barrocas, muitos santos. Nieta era muito devota, religiosa. (...) Pedro não tinha religião. Nunca disse que tinha religião. Agora, na carta suicida de 1975<sup>31</sup>, ele diz que queria ser enterrado segundo o rito da Igreja Católica, porque era a religião na qual foi criado. (PENIDO, 2003d, p. 27).

Andy Alaszewski (2006, p. 6) ressaltou que o diário de viagem costuma reservar espaço significativo para a observação de elementos e situações que atraem o interesse ou despertam a curiosidade do diarista, sobretudo quando consciente do valor de cada registro, que poderá ser

<sup>31</sup> Conforme relatou Penido (2003d, p. 32) a Claudio Aguiar, em maio de 1975, Pedro Nava “[...] escreveu a carta aberta demitindo-se da Policlínica. Eu mesmo recebi essa carta mas não levei a sério. Achei que era mais uma atitude dele parecida com o caso do Manifesto dos Mineiros. Na verdade aquilo não deu em nada. Funcionou como a carta-renúncia de Jânio Quadros. Ninguém deu a mínima. Mais tarde, porém, a gente viu que ele estava mal. Em dezembro ele escreveu outra carta, a suicida, encomendando o corpo a seis amigos. (...) Foram três escritores: Plínio Doyle, Afonso Arinos e Carlos Drummond de Andrade; dois médicos: Renato Pacheco Filho e Ézio Fundão, colegas dele da Prefeitura; e o cunhado Antônio Hipólito. Estes eram os amigos mais aproximados dele”. À época da entrevista, Penido (2003d, p. 32) alegou ter cópias desse documento, ainda inédito, que Pedro Nava enviou a Afonso Arinos, José Nabuco, Carlos Drummond de Andrade, Ézio Fundão e Renato Pacheco.

usado para certo aprendizado, método de observação sistemática ou coleta de informações para uso futuro. Alaszewski recordou que Francis Bacon enalteceu nos *Ensaio*s o valor educacional da viagem e a utilidade do diário ao maximizar oportunidades de aprendizado para o viajante, por meio do registro sistemático de suas observações, bem como do relato de acontecimentos. Com relação à visita aos lugares considerados sagrados por peregrinos, as observações de Pedro Nava mantêm-se relativamente impessoais, demonstrando, por vezes, uma nota de humor:

30.1.58. Excursão a Belém. No local da Natividade, que era um albergue e que, cheio, fez São José e a Virgem irem para a estrebaria – cavada na rocha, como o resto da casa, estão a gruta de São Jerônimo com seu túmulo e o de suas amigas Santa Paula e sua filha Santa Eustáquia e mais o de seu amigo e escriba Santo Eusébio de Cremona. Vimos o local do nascimento (onde há um altar); o local, um pouco adiante, da adoração dos pastores; a Basílica da Natividade, linda, com mosaicos das paredes e do chão bizantinos, batistério do 5º século, colunas, cada uma com um santo pintado, ícones e ex-votos de primeira ordem; a gruta do leite, feia como uma igreja de Juiz de Fora. Na volta paramos para apreciar numa mesma vista o campo de Booz, o campo onde os pastores viram a estrela e o Herodium, montanha mais alta da paisagem, onde está sepultado Herodes e que os cruzados tomaram como ponto de observação. Ainda no caminho de volta, o túmulo de Raquel. Durante o dia presos no hotel: frio intenso, ventania, neve e chuva. (NAVA, 2004c, p. 26-28).

Perscrutar artefatos e espaços sacralizados, monumentos, relíquias, ruínas, vestígios de outros tempos, de acordo com Jean-Yves Boursier (2002, p. 1), pressupõe dois movimentos em relação ao passado. O primeiro deles remete a métodos comparativos e científicos de algumas disciplinas, como: Arqueologia, Antropologia biológica, Genealogia, História, Medicina legal e Paleopatologia. O segundo movimento seria orientado à nostalgia, ao devaneio, à expressão do luto e à elaboração de cerimônias e rituais. Os traços que se vinculam a esse domínio, sob a condição de organização de cultos, liturgias, memoriais e ritos, Boursier associou ao conceito de “lugar de memória”, definido por Pierre Nora (1993) como um acervo arquitetônico, arquivo, monumento, espaço geográfico ou mesmo determinado nome evocativo de memórias históricas e coletivas que ele representa e perpetua no tempo. Os registros de Pedro Nava provavelmente conciliam sob tendência historicizante os movimentos de interesse pelo passado definidos por Boursier, o que se depreende do discurso utilizado pelo memorialista para descrever os lugares:

31.1.58 – Excursão a Betânia, Jericó, Jordão e Mar Morto. Em Betânia, no local da casa de Lázaro, Marta e Maria, igreja moderna dos franciscanos. Há cortes mostrando que ela foi construída sobre duas igrejas anteriores, uma bizantina e outra dos cruzados. Túmulo de Lázaro. Passagem pelo sítio onde

se deu o episódio do bom Samaritano e onde existem ruínas de um castelo dos cruzados. (NAVA, 2004c, p. 28-29).

Entre as ilustrações realizadas por Pedro Nava (2004c, p. 29) durante a viagem, consta o desenho da “Cruz de Jerusalém ou dos Cruzados”, em torno da qual foi feita a anotação: “São cinco cruces simbolizando cada uma, uma das chagas de Cristo”. Os apontamentos demonstram certo empenho do escritor para definir localizações precisas e pormenores dos locais visitados:

Na estrada há um ponto que dá o nível do Mediterrâneo e depois do qual se descem ainda quatrocentos metros para se chegar ao Mar Morto. Jericó atual (bizantina), construída nas proximidades mais ou menos das outras duas a dos cananeus e a de Herodes. Na Atual, escavações mostram restos de muralhas dos tempos dos cananeus. Passamos no deserto de São João. A vista da montanha onde houve a cidadela de Macheros. A vista do Monte Nebo onde está sepultado Moisés. Paramos ao sopé do Monte da Tentação de Cristo (ali colhemos um ramo do *Spina Christi*, arbusto que se acredita ter servido para a Coroa) onde há várias covas onde habitaram eremitas até o 5º século. Atualmente, no topo, convento grego. O Jordão corre tortuoso entre margens alegradas pela vegetação e depois dessa orla, só o deserto. Paramos no local do Batismo, que é o mesmo da passagem dos israelitas vindos para a terra prometida e de onde Elias foi arrebatado num carro de fogo. (NAVA, 2004c, p. 29-30).

As observações sobre “escavações” e “restos de muralhas” recordam um episódio biográfico das Memórias, em que Pedro Nava (1974, p. 21-25) descreve um retrato do avô homônimo: “[...] de 1875, pois é fotografia feita durante sua viagem à Europa. Curiosa fotografia, diferente das convencionais que se usavam então. Ele, minha avó e o casal Ennes de Souza aí estão posando ao ar livre e à neve”. Estudioso da “vocalização figurativa” da escrita de Pedro Nava e do “caráter poético de sua prosa memorialística”, Antônio Sérgio Bueno (2003) arguiu que o princípio operacional estético da linguagem do escritor se fundamenta na analogia, em correspondências analógicas. O leitor das Memórias logo percebe que esse não é o estilo de prosa dominante em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, mesmo que a linguagem literária do memorialista não se ausente por completo de seu diário de viagem. Talvez a passagem a seguir forneça uma definição aproximada do modelo de escrita que Pedro Nava buscava reproduzir:

Seria meu avô um letrado? Creio que não. Em todo caso possuía uma instrução bem acima da que se podia exigir para seus bilhetes comerciais e para a escrituração do “deve e haver” de suas faturas. Que era homem informado, vê-se na correspondência mantida com minha avó (que ficara na Suíça) enquanto ele viajava à Itália. Todas as suas cartas são escritas com uma elegância simples e a enumeração do que lhe agradou em Veneza, Florença, Roma e Nápoles – mostra sensibilidade artística, acuidade crítica e bom gosto

espontâneo. Não podia ser homem de preocupações corriqueiras quem teve a histórica, de ir visitar os campos de Marengo, e a arqueológica, de viajar para assistir às grandes escavações que estavam então sendo retomadas em Pompéia. Contando estas coisas à mulher, usa estilo epistolar correntio e decente – que não descamba um instante, em frase enfeitada ou veleidade literária. (NAVA, 1974, p. 24).

No excerto supracitado de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, a ideia de interpretação de vestígios do passado apresentada por Boursier (2002) é recordada pela menção às cidades: a “Jericó atual (bizantina)” tem valor de traço em relação às “outras duas, a dos cananeus e a de Herodes”. A cidade atual retém os “restos de muralhas dos tempos dos cananeus”. A “vista da montanha onde houve a cidadela de Macheros” e a “vista do Monte Nebo onde está sepultado Moisés” são lugares de memória, assim como o “deserto de São João”, o “Monte da Tentação de Cristo” e o local do Batismo”, lugares com uma memória histórica e identidade simbólica.

Boursier (2002, p. 2) comparou a finalidade do traço à metáfora do gelo na natureza. A geleira que aprisiona o pólen, os metais, os resíduos radioativos, os compostos químicos forma um arquivo segundo a definição dada pelos historiadores. Na teoria de Boursier, a noção de traço reporta-se ainda a vestígios simbólicos encontrados no clima, no ambiente, na vegetação local, a exemplo do “ramo do *Spina Christi*, arbusto que se acredita ter servido para a Coroa”, mas encontrados sobretudo nas atividades humanas, conforme referido por Pedro Nava (2004c, p. 23) em visita ao Museu do Cairo: “Dedeiras de ouro nos pés e mãos das múmias. Coleções de joias e, comoventíssima, a dos objetos de uso corrente: domésticos, de agricultura, etc.”

Lejeune (2009, p. 125-137) relacionou o conteúdo do diário de viagem à escrita de um observador atento ao propósito de retratar o presente, sua atenção não está absorta no passado, mas no desejo de deixar um traço ou uma série de traços, por meio de apontamentos descritivos, desenhos, fotos e outros tipos de amostras, uma folha, uma flor, um cartão, representativos da imagem ou espaço que elegeu para ser recordado ou historiado. Nora definiu por contrastes a relação entre história e memória, que evidencia questões válidas para a escrita memorialística:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências,

cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une (...) há tantas memórias quantos grupos existem (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 3).

Entre os apontamentos realizados no dia 31 de janeiro de 1958, em excursão à Betânia, Jericó, Jordão e Mar Morto, visitando locais de peregrinação importantes para os cristãos, Pedro Nava (2004c, p. 30) menciona a terra da promessa (Eretz Yisrael), tema precioso para a cultura judaica: “Paramos no local do Batismo, que é o mesmo da passagem dos israelitas vindos para a terra prometida e de onde Elias foi arrebatado num carro de fogo”. A primeira alusão bíblica aos limites da terra prometida vem do Livro de Gênesis (15: 18-21): “Naquele dia contratou o Eterno com Abrão uma aliança dizendo: ‘À tua semente dei esta terra, desde o rio do Egito, até o grande rio Perat [Eufrates]<sup>32</sup>: o Keneu, o Keniseu e o Cadmoneu; e o Hiteu, e o periseu, e os Refaitas, e o Amoreu, e o Cananeu, e o Guirgaseu e o Jebuseu’”. Outras referências específicas sobre os limites do território prometido aos israelitas encontram-se em Êxodo (23:23): “Quando for meu anjo diante de ti, e te levar ao Emoreu, ao Hiteu, ao Periseu e ao Cananeu, ao Hiveu e ao Jebuseu, Eu os aniquilarei”; em Números (34: 1-15); e no Livro de Ezequiel (47: 13-21).

A definição poética da Terra prometida que inspirou interpretações literárias, políticas e religiosas ao longo da história de Israel e de outras culturas integra várias passagens da Torá, a partir do Livro do Êxodo (3: 17): “E tenho dito: Eu vos farei subir da aflição do Egito para a terra do Cananeu e do Hiteu, do Amoreu e do Periseu, do Hiveu e do Jebuseu, para uma terra que emana leite e mel”. Historicamente, definições geográficas e políticas da terra prometida expriaram-se por séculos, adaptadas por aspirações de diferentes grupos a variados contextos.

Na Idade Moderna, discursos sobre a Terra prometida proliferaram em círculos letrados e na cultura popular. A Historiografia, a História literária e cultural do Velho e do Novo Mundo confirmam a relação desse fenômeno com períodos de repressão religiosa na Península Ibérica, França e Inglaterra, abrangendo, de conflitos entre católicos e protestantes, às perseguições de cristãos-novos e diásporas de judeus sefarditas. Diásporas igualmente envolvidas na história e estabelecimento da Inquisição em Portugal e Espanha, nas conquistas marítimas e mercantis.

Estudiosos da história e literatura do século XVII reconhecem a participação dos judeus na difusão de um conjunto de escritos e ideias que se difundiram entre o mundo anglófono, o

---

<sup>32</sup> Essas foram as fronteiras de Israel nos tempos do rei Salomão (1 Reis 4: 21).

norte da Europa e a Península Ibérica, inscrevendo o ideal da Terra prometida em um discurso profético. A essência desse paradigma discursivo foi adaptada à propaganda política durante a campanha diplomática pela Restauração de Portugal, sobretudo por um de seus mais notáveis retóricos e colaboradores, o jesuíta Antônio Vieira. A Terra prometida é temática inerente às obras de Menasseh ben Israel, Antônio de Montezinos, Manuel Fernandes Vila Real e Enriquez Gomez, cujos escritos estão de certo modo impregnados da mesma nostalgia por Jerusalém presente nas canções e odes a Sião do poeta medieval espanhol Yehudah ben Samuel Halevi.

Marcado pelas tensões religiosas do Barroco, o período da Restauração coincide com a chamada “Idade de ouro” do discurso profético. A repercussão das especulações teológicas do século XVII sobre a terra prometida reflete-se na epistolografia e sermão de Antônio Vieira, e de modo mais incisivo na *História do Futuro* e na *Clavis Prophetarum*, testamento teológico-político em que o discurso profético é peça fundamental. No Barroco, a voz de Deus foi levada ao púlpito de catedrais e sinagogas por uma parenética empenhada em aliar questões temporais à representação do sagrado, do transcendente, de alianças, promessas e redensões divinas.

No século XII, a obra poética do médico Yehudah ben Samuel Halevi reuniu à imagem da “Terra Santa” os sentimentos de anelo, desterro e nostalgia<sup>33</sup>; na Inglaterra de seiscentos, John Donne fez referências à terra prometida em sua poesia metafísica e sermões religiosos<sup>34</sup>; nos séculos XIX e XX, a imagem da terra prometida e do “povo eleito” tornou-se um projeto envolto por políticas e ideais nacionalistas. A imagem de uma terra prometida a um povo eleito como manifestação do desígnio divino foi integrada ao domínio do sagrado e do sublime pelas exegeses bíblicas judaica e cristã. A literatura absorveu tal concepção, atribuindo à essa imagem o sentido do maravilhoso e do quimérico. A política transformou-a, mais de uma vez, em fonte de utopias sociais. Após a criação do Estado de Israel, a imagem da terra prometida, da “Terra Santa”, foi redimensionada por escritores de origem judaica, a exemplo de Yehuda Amichai<sup>35</sup>,

<sup>33</sup> O rabino Lawrence A. Hoffman (2005, p. 27) fez explanações elucidativas sobre o poema em que Yehuda Halevi expressa os sentimentos de exílio, saudade e o desejo de tornar ao espaço sagrado da terra natal. O verso-título do poema seria memorizado por gerações de judeus: “My heart is in the east and I in the uttermost west” e, mais tarde, agregado ao discurso de propaganda política do movimento sionista: “I am in the west, but my heart is in the east”.

<sup>34</sup> Em um dos cantos de *Metempsychosis* (1633), John Donne descreve a jornada da alma, que acompanha a trajetória do sol em seu movimento no sentido Oriente-Occidente. O poema sobrepõe um conflito de identidade ao anseio de retorno a um ponto de origem: “I launch at Paradise and saile towards home”. O estudo de Siobhán Collins (2013, p. 41, grifo da autora) sobre o poema afirma que Donne partilhou com seus contemporâneos um interesse pelo uso da numerologia associada ao misticismo numérico pitagórico e a ideias milenaristas. O poema possui uma estrutura numerológica: cada uma das 52 estrofes de 10 linhas inclui 12 estrofes introdutórias, seguidas de 40 estrofes detalhando as 12 transformações da alma como expressão do desejo de retorno ao “lar”, que evocam os 40 anos da jornada (expiatória) de Moisés e dos israelitas no deserto do Sinai para alcançar a terra prometida.

<sup>35</sup> Yehuda Amichai (1924-2000) nasceu na Alemanha e cresceu em uma família judia ortodoxa, sendo fluente em alemão e hebraico. Alistou-se no Exército britânico durante a Segunda Guerra; serviu na Guerra do Sinai, em 1956, e em 1973, na de Yom Kippur. O poeta vendeu seu arquivo pessoal para a Universidade de Yale, acervo que reúne cerca de 1500 cartas, diários mantidos por 40 anos, rascunhos, notas, poemas, peças e narrativas não publicadas.

e por escritores de outras nacionalidades, como o palestino Mahmoud Darwish<sup>36</sup>, poetas que se reportaram à Jerusalém com perspectivas históricas significativas. A crítica de Amichai modela a tradição cultural entre visões de renovação e desesperança em “Eu quero bagunçar a Bíblia”:

Eu não quero voltar para casa  
 porque todas as más notícias chegam até lá,  
 como no Livro de Jó.  
 Abel matou Cain, Moisés entrou  
 na Terra prometida e os israelitas ficaram no deserto.  
 Eu viajo na carruagem de Ezequiel  
 e Ezequiel dança como Miriam a profetisa  
 no Vale dos Ossos Secos.  
 Sodoma e Gomorra se desenvolvem  
 e a mulher de Ló é uma coluna de açúcar e mel  
 David Rei de Israel está forte e rijo.  
 Eu quero tanto  
 bagunçar a Bíblia. (AMICHAH, 2018).

Nas anotações de 31 de janeiro de 1958, Pedro Nava não comenta a situação política da Jordânia. Os apontamentos ainda mantêm o estilo descritivo sucinto que se restringe a reportar o aspecto histórico da paisagem de acordo com as Sagradas Escrituras. Surge, porém, uma nota em meio às observações do memorialista que permite associar este segmento do texto ao humor judaico de Amichai, que a poetiza Chana Bloch (2013, p. xv) definiu como pungente, irônico, terno, brincalhão e alternadamente sombrio, atrativo pela energia da linguagem, exuberância da inventividade e ótica que renova o mundo, contemplado como um lugar onde tudo é possível:

Detivemo-nos na margem direita, palestínica. Do outro lado, na margem esquerda, a Trans-Jordânia.<sup>37</sup> Estivemos na praia escura e pedregosa do Mar Morto diante do ponto onde aparecem restos pedregosos que os árabes chamam o Palácio de Lot, de acordo com a tradição que admite que Sodoma e Gomorra estejam no fundo do mar Morto, que as cobriu depois da chuva de fogo. O Mar Morto é uma espécie de Guarapari da Palestina para onde vêm os reumáticos, que aí se enterram na areia ou se banham no mar em curas de dez dias. Haverá algum efeito das águas que contêm sais numa proporção de mais de 25%? À tarde, passeio pelas ruas tortuosas, becos e arcadas de Jerusalém. Entramos pela porta de Damasco e saímos pela de Jaffa. (NAVA, 2004c, p.30-31).

<sup>36</sup> Considerado o poeta mais importante da Palestina, Mahmoud Darwish (1942-2008) nasceu em Al-Biwheh, um vilarejo na Galileia e faleceu em Houston, no estado do Texas. Teve participação histórica como ativista político.

<sup>37</sup> O historiador Bernard Wasserstein (2004) explanou que o reconhecimento oficial da Transjordânia como Estado pela Grã-Bretanha, em maio de 1923, separou a Transjordânia da Palestina. Em março de 1946, com o Tratado de Londres, a Transjordânia tornou-se reino. A guerra de 1948 contra Israel e a proclamação do emir Abdullah como rei da Jordânia levou à anexação da Cisjordânia (área a oeste do rio Jordão), em 1950, e à designação da área a leste do rio como “Margem Leste” ou “Transjordânia”. A Jordânia governou a Cisjordânia de 1948 a 1967.

A menção de Bloch (2013, p. xv-xvi) aos “startling leaps” com que Amichai transforma determinadas visões correntes sobre a história e a tradição religiosa judaica apreende o efeito inesperado e espirituoso do chiste, mas, igualmente, os planos autobiográfico e memorialístico de seus escritos em relação aos ônus da memória, “the burdens of memory”, pessoal e histórica.

O poema também permite uma apreciação particular do tempo histórico e da narrativa bíblica, em ressonância com o enfoque do filósofo judeu francês André Neher (1975, p. 178), no ensaio “Visions du temps de l’histoire dans l’aculture juif”, em que o tempo é definido não como a linha contínua de um porvir definido, necessário e previsível. Para Neher, o tempo dos hebreus possui uma chave que dá sentido ao todo, não é um fluxo majestoso do começo ao fim, mas um salto perpétuo. A história não é uma progressão contínua: é uma improvisação eterna.

Reformular percepções da terra prometida e do povo eleito, elaborar transposições da simbologia bíblica ou de tradições exegéticas não é prerrogativa de autores contemporâneos. Antônio Vieira e Menasseh ben Israel propuseram o retorno dos judeus à “Terra Sagrada”, que divisaram possível no século XVII, respectivamente, nos domínios de Portugal e da Inglaterra. Conforme recordou a professora Helen Tolstoy (2017, p. 164), a exposição “Rembrandt et la Nouvelle Jérusalem: juifs et chrétiens à Amsterdam au Siècle d’Or”, promovida em 2007 pelo Museu de arte e história do Judaísmo, em Paris, sugeriu um contexto histórico mais amplo para as escolhas do artista relativas às suas gravuras e obras sobre passagens das Sagradas Escrituras, tal como a autoidentificação dos holandeses republicanos como os novos israelitas e sua visão e representação renovada dos judeus. Os conflitos bélicos da primeira metade do século XX; as transformações sociais, econômicas e geopolíticas decorrentes da Segunda Guerra; e a situação do Estado de Israel e de seus direitos territoriais refletiram-se na literatura e nas artes sem alterar certos aspectos da cultura judaica, segundo o prisma do professor Jacó Guinsburg (2009, p. 23):

Após uma peregrinação de dois milênios, a literatura hebraica retornou à sua terra de origem, resolvendo o angustioso dilema que levara Yehuda Halevi a exclamar: “Meu coração está no Oriente enquanto eu resido no extremo Ocidente!”. Essa frase, que faz eco ao salmista de “Junto aos rios da Babilônia...” (Bíblia, Salmo 137), consubstancia não só os anseios pessoais da mais alta expressão da musa hebraica na Espanha moura, como todo o problema de uma literatura que, acompanhando o povo judeu pelos quatro cantos do mundo, jamais conseguiu desfazer-se, em essência, do sentimento de exílio e da nostalgia de um passado que era a própria condição de subsistência e o único penhor de futura redenção. Desde a destruição do Segundo Templo, em quase todas as fases de sua atribulada trajetória, manteve-se apegada a este passado-futuro, lançado entre a lembrança histórica e a esperança escatológica. (GUINSBURG, 2009, p. 23).

Se é possível extrair das ponderações de Guinsburg sobre a literatura hebraica um ponto de semelhança com a escrita autobiográfica nas Memórias, é justamente a referência constante de Pedro Nava (1974, 315) ao “sentimento de exílio no presente”, marcado por “Aquela mesma solidão diante da morte inelutável que nivela o bicho e o homem no mesmo sofrimento”, “iguais na sua imagem da solidão irremediável”, quase sempre relacionada à nostalgia de um passado que Pedro Nava (1974, p. 17) busca reconstituir histórica e literariamente pela: “[...] lembrança que lhe chega, não como coisa morta, mas viva qual flor toda olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato presente”. Lembrança mediada por “analogias e transposições poéticas” da memória associativa. Uma das passagens de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, sugere a evocação desse mecanismo, dia 1º de fevereiro de 1958, quando Pedro Nava (2004c, p. 31) percorre o sítio que assinala as estações da “Via Dolorosa” da Paixão de Cristo: “À tarde, passeio a pé pelo caminho do Monte das Oliveiras. Crepúsculo belorizontino”, talvez similar ao que Pedro Nava (1976, p. 333) recordou ter presenciado nos anos vinte, em *Chão de Ferro*: “Havia um desperdício de ouro e púrpura caindo. Ninguém passando e a noite descendo”.

Nas anotações do dia seguinte, 2 de fevereiro de 1958, ao registrar locais visitados na excursão por Jerusalém, Pedro Nava descreve um território em que se constatam vestígios ou “traços” históricos das culturas judaica, muçulmana e cristã. O estudo de Boursier (2002, p. 2) comenta o interesse despertado pela arte funerária, relíquias e práticas religiosas antigas, traços que oferecem ao observador, ao cientista, ao estudioso de uma cultura, um recurso de mediação entre épocas diferentes. O olhar perquiridor que procura apagar ou reduzir a distância entre o presente e o passado deseja vislumbrar por meio do traço uma época que já deixou de existir:

2.II.58 – Pela manhã, passeio a pé, entrando pela porta de Damasco, rua do Rei Salomão, vielas até a Via Dolorosa, porta Sitti Miriam, cemitério muçulmano à esquerda e fora dessa porta – pela qual reentramos novamente e por vielas e becos voltamos à porta de Damasco – de onde, por fora dos muros, caminhamos até a porta de Herodes. Almoço no Restaurante Ommayah<sup>38</sup>. À tarde, passeio de automóvel ao Horto de Getsêmani, ao alto do Monte das Oliveiras, cortando o fundo do Vale de Josafá, e ao ponto de onde Cristo chorou sobre Jerusalém (há uma capela moderna, construída sobre restos da igreja bizantina com inscrição que determina o local exato: é a chamada igreja do Dominus Flevit.<sup>39</sup> (NAVA, 2004c, p. 32).

<sup>38</sup> No arquivo digital da Universidade de Yale é possível verificar à página 355 do jornal *The Palestine Gazette*, de 15 de abril de 1943, uma nota alusiva ao *Restaurant Omayya*, comunicando que a sociedade noticiada nesse mesmo jornal, a 20 de novembro de 1941, foi dissolvida em 8 de março de 1943, com a morte de Mohammed Fat'hallah, transferindo-se todos os ativos e passivos a Fat'hallah Mohammed Mushasha, de Jaffa Road, Jerusalém. A nota indica que o Restaurante Ommayah seria, à época da viagem de Pedro Nava, local de referência tradicional na rota turística da Jerusalém Oriental, e já estabelecido em período anterior ao domínio da Jordânia (1949-1967).

<sup>39</sup> A expressão latina *Dominus Flevit* que dá nome à capela franciscana citada por Pedro Nava significa “O Senhor chorou”, em referência à passagem do Evangelho de Lucas (19: 41-44) em que Cristo chora ao ver Jerusalém.

Ainda no dia 2 de fevereiro, Pedro Nava faz uma observação cuja importância é sugerida pela criação de nova entrada no diário de viagem, assinalada por pequena estrela entre linhas em branco. No momento em que o memorialista faz o comentário são recentes os episódios da Guerra do Suez (1956)<sup>40</sup> e a proclamação da República Árabe Unida<sup>41</sup>, a 1º de fevereiro de 1958. Este episódio foi citado por Pedro Nava (2004c, p. 31) encerrando os registros desse dia: “Notícias da união em estado único do Egito e da Síria. Não tivemos detalhes pois não se entendem direito as explicações transmitidas pelos informantes”. A nota em separado afirma:

Questão judeu-árabe sem solução possível. A exaltação de ânimos entre muçulmanos e católicos ou cristãos árabes é a mesma. Questão dos refugiados. Minorias árabes em Israel. Bombardeio da Mesquita de Omar, lugar sagrado para cristãos, judeus e muçulmanos, pois ali está a pedra do sacrifício de Abraão. (NAVA, 2004c, p. 32-33).

Para referir alguns apontamentos de Pedro Nava em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* convém abordá-los com base no estudo da antropóloga e socióloga francesa Florence Weber (2009) sobre um modelo de diário ou caderno de campo, ao qual parte do ofício do etnógrafo é dedicada. O recurso é usado na experiência etnográfica, segundo técnica fundada na observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social por um pesquisador-observador imerso algum tempo na sociedade que estuda. Weber analisou a questão da escrita e da publicação do diário de campo, sem “considerar o método etnográfico como apanágio de uma disciplina, a etnologia”. Sociólogos, geógrafos e historiadores fazem uso da observação direta, assim sendo:

A evidência de um diário de campo, que seja erigido em dogma ou transformado em rotina, recobre, na realidade, um conjunto complexo de práticas de escrita, cujas funções e status são múltiplos, podendo as folhas de escrita que se sobrepõem ter destinos diversos. Eu distinguirei três tipos de diários: um diário de campo específico da etnografia; um diário de pesquisa, tal como poderia desenvolver um historiador ou um filósofo; e um “diário íntimo”. Nesse último caso, conforme o modelo dos diários autobiográficos

---

Inaugurada entre 1954 e 1955, no Monte das Oliveiras, a capela foi projetada para imitar a forma de uma lágrima, pelo arquiteto italiano Antonio Barluzzi, restaurador de vários templos da Terra Santa.

<sup>40</sup> A Guerra do Suez envolveu a participação da França e do Reino Unido em apoio a Israel, que invadiu a Península do Sinai enquanto as tropas britânicas e francesas ocuparam o Canal de Suez, após a decisão do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser de nacionalizar o canal. Conforme exposto por Joëlle Rouchou (2000, p. 174), o conflito “forçou a saída de todos os estrangeiros do Egito”, entre os quais, cerca de 400 judeus que imigraram para o Brasil.

<sup>41</sup> Monte Palmer (1966) refere que República Árabe Unida surgiu da união das repúblicas do Egito e da Síria, em 1º de fevereiro de 1958, a fim de criar uma “nação árabe”, integrando o Egito nasserista, a Síria e, por curto período, o Iêmen. A RAU aboliu a cidadania síria e egípcia, seus habitantes passaram a ser chamados árabes e o país era considerado “território árabe”. A pátria árabe incluía a área entre o golfo Pérsico e a costa do Oceano Atlântico. Embora a RAU se extinguisse em 1961, após um golpe de estado, o Egito manteve essa denominação até 1971.

em que são depositados os humores e as emoções de seu autor. (WEBER, 2009, p. 158, grifo da autora).

Em 2 de fevereiro de 1958, após comentar a “Questão judeu-árabe”, Pedro Nava anotou e ilustrou observações sobre os termos *kafia* e *hagan*, utilizando para escrever papéis de recibos de um café e de um hotel. Em nova entrada, os apontamentos do dia 3 de fevereiro de 1958 são referentes à partida da Jordânia e à “Jerusalém de Israel”. O conflito da Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949) é subentendido na alusão às “ruínas dos bombardeios” e pela expressão “terra de ninguém”, usada durante a Primeira Guerra para indicar um território em disputa, mas ainda não ocupado. *Yad Vashem*, o “jardim-monumento”, para onde foram transladados os restos mortais de Theodor Herzl (1860-1904), foi fundado em 1953 e está localizado no “Monte da Recordação”, junto ao declive ocidental do Monte Herzl, à oeste de Jerusalém. Atualmente, o local abriga o Museu da História do Holocausto, o Museu de Arte do Holocausto, a Escola Internacional para o Estudo do Holocausto e diversos memoriais, incluindo o dos “Justos entre as Nações”, dedicado aos feitos de não-judeus em auxílio do povo judeu durante o Holocausto:

KAFIA é o lenço ou xale que usam na cabeça, enrolando o pescoço ou às vezes levantado dum lado e descobrindo uma orelha. HAGAN, uma dupla circunferência que mantém a Kafia. É sempre menor que a circunferência do crânio. Usa-se preta na Jordânia e de outras cores em outros países árabes. 3.2.58 – Saída do hotel, no lado da Jordânia, às 10:10 horas. Passagem de fronteira, formalidades, etc. até quase 11h. Às 11:30 horas, no Hotel Eden, quarto 42. Passamos de um lado para o outro pela Mandelbaum Gate. Na “terra de ninguém” ruínas dos bombardeios do conflito de 1948. O aspecto das ruas de *Jerusalém de Israel* é inteiramente diferente. Desaparecem a *kafia* e o *hagam* e aparecem as barbas rabínicas e o chapelão posto para trás que conhecemos da rua Senhor dos Passos. Moeda israelense: 1 dollar americano = 1 libra e 80 piastras ou 180 piastras. Cada libra = 10000 prutas (*sic*). À tarde, visita ao Monte Sião e ao túmulo de Davi (Cheio de judeus em oração e no pátio velas acesas em louvor aos mortos de que se não conhece o túmulo, vítimas dos extermínios da última guerra).<sup>42</sup> Visita à igreja vizinha, quase encostada, da Dormição da Virgem (Benedítnos): vimos a cripta onde há uma estátua jacente da Virgem, belíssima, de pedra escura e mãos e rosto de mármore. Visita ao Cenáculo: lugar da última ceia, que foi mesquita árabe. Do seu terraço, vista geral sobre Jerusalém – Sepulcro, Mesquita de Omar, Jardim das Oliveiras, Vale de Josafá e, ao fundo, as montanhas de Moab. Esse

<sup>42</sup> Segundo o escritor israelense Amós Oz e a historiadora Fania Oz-Salzberger (2015, p. 139, grifo dos autores): “Três vezes ao dia os homens rezam virados para Jerusalém e cada sinagoga tem uma Parede Oriental. Assim, cada judeu observante literalmente olhava, e ainda olha, para diante, para o leste e para o passado distante, ao mesmo tempo. Tudo numa única palavra. Tais significados múltiplos tornam a palavra *kadima* comparável à palavra *oriente*, de origem latina, denotando subida (como o sol subindo), leste e direção. Mas a mistura de *kadima* é ainda mais rica, porque envolve ao mesmo tempo progresso e antiguidade, fazendo dela uma das palavras mais poderosas do léxico da moderna volta ao lar judaica.” Referem os autores que a palavra *kadima*, derivada de *kedem* (do hebraico, “tempos antigos”), significa “para o leste” na Bíblia, “antes de” ou “precedendo” no Talmude, e “adiante” ou “avante” no hebraico moderno. O significado da palavra *kedem* como “olhar-para-a-frente” assumiu no pensamento sionista o sentido de “exigência humana da terra bíblica” e “renovação cultural para os judeus”.

terraço está sempre com judeus que oram, olhando para o lado do templo (atual Mesquita de Omar. Visita à vila de Ain-Karen (“fonte do generoso”), antiga Judá, onde está a Gruta do Nascimento de João Batista, cujas rochas aparecem na abóbada da capela que ocupa o local. Ainda em Ain-Karen, subimos ao Mosteiro Franciscano, no local de morada de São Zacarias e Santa Isabel e onde está a igreja da Visitação. No seu jardim há um muro com placas de mármore onde está gravado o *Magnificat* em todas as línguas do mundo. No caminho da volta costeamos o túmulo do fundador do sionismo (jardim-monumento); os pavilhões, uns prontos, outros em construção da Universidade de Jerusalém (atualmente três mil estudantes); e a igreja da Cruz, no Vale da Cruz, onde se diz que Pilatos mandou buscar a madeira da Cruz. (NAVA, 2004c, p. 33-35, grifo do autor).

O diário de viagem de Pedro Nava possui aspectos que remetem às finalidades do diário de campo descrito por Weber, como: relacionar eventos observados e compartilhados, acumular materiais para analisar os aspectos registrados e objetivar a posição de observador. Os registros do diário de campo permitem descrever e analisar fenômenos e lugares estudados, porém essas funções cabem igualmente às outras modalidades do diário de investigação, o diário de pesquisa e o diário íntimo, que não têm uso padronizado nem são restritos à etnografia, sendo por isso confundidos com a forma canônica do diário de campo. Weber mencionou ainda o problema da heterogeneidade dos registros, comum ao acervo de Pedro Nava que não utilizava apenas os cadernos para efetuar apontamentos e coletar informações de pesquisa. O *Inventário do Arquivo Pedro Nava* (2001) traz exemplos de sua correspondência ativa, familiar, pessoal e de terceiros para coleta de dados, de reminiscências e entrevistas. Weber distinguiu os diários ou cadernos usados pelo etnógrafo considerando o método de trabalho, e fez uma observação importante em relação a outros tipos de registro complementares ao diário, ou que serão integrados a ele em futura edição, feitos separadamente com elementos distintos, anotações em folhas separadas, em cadernetas, cadernos, rascunhos, etc. O amálgama formado por essas fontes pode dificultar a edição de diários com estrutura rizomática devido às entradas externas ao caderno matricial:

Eu gostaria de me deter aqui nessa ambiguidade, responsável por certa nebulosidade nas discussões em torno de um diário etnográfico e de sua publicação. Claro, é muito comum que um etnógrafo detenha diversos cadernos: um para anotações sobre as entrevistas e observações no desenrolar do cotidiano, outro para as reflexões que a experiência suscitou (esse será o diário de pesquisa) e, enfim, o diário íntimo. Ocorre também que ele delegue seu diário íntimo a uma correspondência privada trocada com amigos distantes do universo de pesquisa. Entretanto, é muito raro que esses textos de diferentes naturezas não apareçam misturados em certos momentos, engendrando assim uma confusão prática. A diferença de *status* e de funções entre os fragmentos do diário, desordenados e às vezes inseparáveis, explica as modalidades da censura à qual serão submetidas mais tarde as notas escritas no processo de pesquisa de campo. Se eu me reportar à minha própria experiência, o diário

do etnógrafo, na sua escrita primeira, não é ainda um “texto”: é um conjunto sem coerência prevista em cadernos ou em folhas, mais ou menos estruturadas, mais ou menos ordenadas, segundo os momentos da pesquisa e as fases da investigação. Mesmo que o etnógrafo tivesse intenção de maior objetividade, não seria possível publicá-lo “tal e qual”: ele necessita de um considerável trabalho editorial. As notas podem, entretanto, ser publicadas em partes, sofrendo o texto original cortes e edição. Dessa forma, eu utilizei certos fragmentos do diário de investigação como documentos do mesmo título e com as mesmas precauções críticas dispensadas às entrevistas transcritas ou aos arquivos. (WEBER, 2009, p. 159).

Quanto à publicação da totalidade desses registros, existem possibilidades diferentes, eles podem ser ordenados obedecendo a critérios editoriais ou parâmetros fixados pelo autor do diário, logo, a exclusão de anotações não é incomum: “Outras passagens, mais reflexivas, que fazem parte do diário de pesquisa (ou do relato de pesquisa), são publicadas no texto final, quase que sem retoques, como os fragmentos finais da análise”, explicou Weber (2009, p. 159). Assim, apontamentos objetivos e subjetivos registrados pelo autor coexistem no mesmo diário:

Mas o diário de pesquisa está destinado a permanecer em parte secreto: não nos livramos facilmente das especulações teóricas e conceituais, das hipóteses inúteis ou abandonadas, onde a ingenuidade ou os enganos registrados, se tornados públicos, teriam impacto na imagem do pesquisador, uma imagem que é construída pacientemente, ao longo dos textos publicados pelo etnógrafo-intelectual. (WEBER, 2009, p. 159).

Lejeune (2009, p. 40) assinalou a limitação que o diário editado e publicado representa para o pesquisador, a saber, antes de se tornar um texto, o diário privado é uma prática. Portanto, o próprio texto é mero subproduto, um resíduo dos originais. Manter um diário é antes de tudo um modo de vida, cujo resultado é muitas vezes obscuro, e não reflete a vida como o faria uma narrativa autobiográfica. Os diários acompanham apenas um ou dois dos inumeráveis fios que constituem o tecido de uma vida. Escritos para si mesmos, são preenchidos com implicitude e mantidos irregularmente. Existe uma coerência interna nos apontamentos que o autor do diário não editado identifica como algo familiar, nem sempre perceptível ou decifrável para o leitor.

A tais observações de Lejeune (2009) e Weber (2009) convém acrescentar o comentário de Paul Ricoeur (2004) que permite comparar o diário ao arquivo, cujos registros são efetuados por um processo seletivo, de censura do autor ou editor, segundo Lejeune (2009, p. 235). Para Ricoeur (2004, p. 166, grifo do autor), esse processo envolve acordo similar a um contrato, que abre campo para o *consensus* como para o *dissensus*. É o *dissensus* que o crítico de testemunhos potencialmente divergentes pondera ao eleger os componentes do arquivo: um dos critérios para a sociedade sancionar um discurso é confiabilidade relacionada ao atestado biográfico de cada

testemunha. É nesse contexto de confiança assumida que sobressai a solidão do “testemunho histórico” cuja experiência bloqueia a capacidade de compreensão comum e dos testemunhos que nunca encontrarão audiência para o que eles têm a dizer. Os procedimentos reguladores do mecanismo de *consensus* social manipulam assim a memória histórica, de acordo com Ricoeur.

Em 3 de fevereiro, gerando nova entrada em seu diário, Pedro Nava faz um comentário alusivo à formação de estereótipos, ao modo como se forjam identidades culturais, estruturadas nas impressões e visões oriundas de relações de cooperação e de conflitos entre grupos sociais. É possível compará-lo a uma das passagens finais do segundo capítulo de *Baú de Ossos*. Ambas estão separadas no tempo por intervalo de uma década aproximadamente. É plausível que essas passagens estabeleçam uma relação de contiguidade entre este apontamento de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, em particular, e o que concerne ao primeiro volume das Memórias:

O judeu de Israel não se parece em nada com o tipo padrão do judeu dos ghettos que conhecemos e que fora de seu ambiente tem sempre com o gentio a amabilidade cautelosa e desconfiada que é o seu traço. Aqui sua cortesia é a normal e a de quem se sente em casa. Nenhum servilismo. É importante também verificar que existe alguma coisa além do nosso judeu, vendedor de móveis – aqui vemos o judeu rico, o elegante, o garçon, o operário, o motorista e até o pobre, andrajoso e meio esfarrapado. (NAVA, 2004c, p. 37).

De Portugal nos ficou um pouco de preconceito contra tudo que cheira a “mouro”. Tanto assim que sua ascensão social é acompanhada da justificativa de um aprimoramento convencional de sua raça. Em estado de mascate, metro na mão e mercadoria às costas é o *turco*. Quando se estabelece, abre loja e se lhe vê a família – *sírio*. Já melhorou. Quando enriquece, é doutor e entra na política – *libanês*. Casando com paulista de quatrocentos anos, sublima-se completamente e vira *armênio*. Às vezes, príncipe armênio, o que é chique como o Diabo! Quanto ao judeu... É preciso que ele cresça e apareça para ver se recidiva o preconceito contra ele. No momento (estou falando em 1969) não há. Até pelo contrário, e eles desfrutam no nosso meio social prestígio parecido com o da colônia portuguesa nos primeiros vinte anos do século. Mantenhamos esse estado de espírito. Tenhamos juízo – nós e eles – para que o Brasil não caia naquela odiosa história sem fim de perseguir o judeu porque ele é assim e do judeu ser assim porque é perseguido. Chega. Entretanto esses preconceitos é que fizeram necessários os linhagistas paulistas e mineiros, que, com seus estudos e mais os dos fluminenses, dos baianos e pernambucanos, trouxeram imensa contribuição ao conhecimento da formação social e da antropogeografia do Brasil. (NAVA, 1974, p. 183, grifo do autor).

Cumprir lembrar que as considerações de Pedro Nava se fundamentam num repertório de escritos sobre a sociedade brasileira em evidência no seu tempo, pertinentes a uma literatura que pretendia criar uma identidade nacional compósita mas unificada, a exemplo das teses de

Sérgio Buarque de Holanda<sup>43</sup> ou de Gilberto Freyre sobre o povoamento do território brasileiro e a influência do colonizador português nesse processo. No Brasil, é possível que para gerações de imigrantes, expectativas e promessas de temperança longe da terra natal não se cumprissem, e a ideia de ser estrangeiro no local prevalecesse, independente do grau de adaptação ao país. Nesta acepção, a atitude do “judeu de Israel”<sup>44</sup> notada pelo memorialista indicaria sentimentos de pertencimento e segurança em solo israelense, sobretudo para os que nele buscaram refúgio após o Holocausto. Nos apontamentos de 3 de fevereiro de 1958, Pedro Nava dedicou à cidade de Jerusalém comentários que ratificam a imagem de um território em franco desenvolvimento:

Uma mesma cidade, Jerusalém. Mas a Jerusalém na Jordânia e a Jerusalém de Israel diferem como se fossem dois mundos separados no tempo e no espaço. A Jerusalém da Jordânia é uma visão das *Mil e Uma Noites* piolhenta, sórdida e colorida, mas sempre *Mil e Uma Noites*. Cheia de movimento de um formigueiro de comerciantes, crianças, soldados, burros de carga e de mulheres e homens de véus e *kafias* policromicos. É difícil dar a medida de seu encanto e de sua simpatia, de sua profunda humanidade e de sua incomparável doçura. É viva como os seus doces de todas as cores, saborosa como o *rahatloukoum* dos tabuleiros de cada esquina. Cheira a estrume, incenso, amendoim e carne de carneiro. A Jerusalém de Israel é uma cidade do nosso tempo – limpa, normal, americanizada e cheia da força banal do progresso e da criação. (NAVA, 2004c, p. 37-38).

À descrição poética da paisagem, Pedro Nava contrapõe um pensamento de apreensão quanto ao futuro. Ricoeur (2012, p. 334) ponderou até que ponto “[...] seria a lembrança uma imagem análoga de um acontecimento do qual se guarda uma impressão” e se o conhecimento histórico poderia reconstruir o passado sem extrair imagens imprecisas de sua interpretação: “Mas em que uma reconstrução se distingue de uma construção fantástica, fantasiosa, isto é, de uma ficção? Como a posição de real passado, de passado real, é preservada na reconstrução?”

<sup>43</sup> A imagem idealizada do Brasil como terra “de fertilidade inaudita” e “paisagens edênicas”, difundida no período colonial, perduraria adaptada ao contexto dos movimentos imigrantistas de fins do século XIX e período entre guerras do século XX, convertida no entanto na imagem de um novo Éden, com promessas de ascensão social, estabilidade econômica e tolerância religiosa, conforme observou Sérgio Buarque de Holanda (1959, p. 167): “De qualquer modo, não se poderá dizer que a sedução do tema paradisíaco tivesse sido menor para os portugueses durante a Idade Média e a era dos grandes descobrimentos marítimos, do que o fôra para outros povos cristãos de toda a Europa ou mesmo para os judeus e muçulmanos. E não é menos certo pretender-se que tal sedução explica muitas das reações a que deu lugar, entre eles, o contacto de terras ignoradas do Ultramar”.

<sup>44</sup> Em estudo sobre a questão da importância de Israel para a formação de uma identidade judaica, Adriana Spilki e Anita Brumer (2009, p. 580) concluíram: “A identidade judaica também parece adaptar-se a cada situação. Isso ocorre, pois, na situação de retorno, os judeus que residiram por um certo período em Israel trazem uma ‘marca’ que os distingue dos demais judeus, ampliando a distância (fronteira) entre eles e os judeus locais e entre eles e os não judeus. A diferença identitária que se estabelece entre judeus que nunca moraram em Israel e judeus que já o fizeram parece ter sua base no orgulho coletivo cultivado pela “Eretz” (terra de Israel). O fato de alguém ter morado naquele país é valorizado tanto por quem já teve quanto por aqueles que nunca tiveram esta experiência”.

Considerando o testemunho, um dos caminhos que a historiografia adota em resposta a tal questão, segundo Ricoeur (2004, p. 166-168), são as operações arquivísticas. O testemunho levado a um arquivo institucionalizado adquire aporte documental, torna-se fonte para consulta. Assim, alguns diários e memórias, como ressaltou Castelo Branco Chaves (1978, p. 36): “[...] ficaram como um repositório de factos e uma galeria de figuras históricas. Constituem, no seu conjunto, uma valiosa fonte de informações para a época que abrangem”. Pedro Nava acentua o contraponto entre a imagem idílica de Israel e seu panorama político mencionando a imagem das “construções superpostas”, bem como os pares semânticos “reconstrução” e “destruição”:

Descendo da igreja da Visitação, uma das mais fabulosas paisagens que já vi. As montanhas da Judéia sob a luz irreal de um céu liso, compacto, opalescente e sem nuvens – todo avermelhado no poente e leitoso no nascente onde subia a lua cheia. Frio e silêncio. Em baixo o vale cheio de prateleiras de vegetação como degraus na montanha trabalhada. Diante, Ain-Karen acendendo suas luzes e com as ruas cheias de crianças. Dá pena imaginar que toda essa paz seja fictícia e que as populações separadas por poucos metros de casas destruídas e pelos arames farpados da *no man's land* que corta a cidade de Jerusalém estejam na realidade afastadas por quilômetros de ódio e de incompreensão – sem perceber que o túmulo de Davi, o Santo Sepulcro e a Mesquita de Omar – encostados uns aos outros só indicam a necessidade de coexistência e entendimento. O símbolo a ser tomado seria o da Mesquita de Omar – onde está a pedra do sacrifício de Abraão – sagrada para muçulmanos, cristãos e judeus. A lição da inutilidade da luta está nas construções superpostas: igrejas bizantinas destruídas, reconstrução dos cruzados – destruição das igrejas dos cruzados por Saladino, reconstrução nos tempos modernos. Esse jogo monótono devia parar. (NAVA, 2004c, p. 39-41, grifo do autor).

Adriana Spilki e Anita Brumer (2009, p. 560-561) analisaram a importância de Israel como referencial na configuração da identidade judaica da Diáspora. Ainda que não fosse o território original da maior parte dos judeus imigrados para o Brasil, ao longo do tempo, por mais de cinco mil anos, a identidade judaica permaneceu cultural e historicamente vinculada à terra de Israel, “[...] judeus em várias partes do mundo tinham em comum, entre outros aspectos, a ideia do retorno a Jerusalém”. A criação do Estado de Israel pela ONU, em 1948, efetivou a ideia da identificação de Israel como território de origem, factual e simbólico, da identidade judaica de comunidades residentes em Israel e outras partes do mundo. Assim, muitos judeus diaspóricos relacionam a sobrevivência do Estado de Israel à sua própria sobrevivência, como “[...] anteparo à disseminação do antissemitismo, que levou ao extermínio de cerca de seis milhões de judeus durante a II Guerra Mundial”, mas igualmente como espaço entre fronteiras implicadas em uma complexa organização de relações sociais com outros grupos étnicos. Pedro Nava fez apontamentos alusivos a impasses surgidos na convivência de Israel com esses povos:

Problemas de Israel: pequena população de 2000000. Aliás, se todos os israelitas do mundo viessem para Israel, ainda assim seriam uma população pouco ponderável diante da massa muçulmana que lhe é adversa, unanimemente, de Marrocos à Índia. Indiferença ou possível hostilidade do mundo cristão. Só uma política muito humana com as minorias árabes e cristãs poderia dirimir aquelas nuvens. Essa política, do ponto de vista realista, é quase impossível, por que a luta é por terra e a expropriação das minorias é fatal. Os refugiados árabes – suas condições nos grandes e inomináveis campos (só em Jericó vimos campos de refugiados contendo 95000) são uma atuação permanente contra a política israelita – tanto mais viva e eficaz quanto testemunhada pela ONU – a cujo cargo estão esses expatriados. Igreja da Dormição da Virgem – vestígio de bombardeio por parte dos jordanianos. Sua torre é um posto avançado israelense, cheio de sacos de areia. Mesquita de Omar – vestígios de bombardeio por parte dos israelenses, com danos incalculáveis aos mosaicos e vitrais que não têm preço. (NAVA, 2004c, p. 41-43, grifo do autor).

Em 4 de fevereiro, Pedro Nava (2004c, p. 43-45, grifo do autor) excursiona por Haifa, Abuh-Gosh, Eshyad, Ramia, Lod, Petah-Tiqva, Hadar-Ramazaym, Hadera, Cesaréia Marítima, Ma’agan-Mikhael, Haifa, São João de Acre (Ako). A saída de Jerusalém é marcada pela visão de “[...] vilas árabes abandonadas pelos moradores ou destruídas em 1948. É notável logo que se sai de Jerusalém o que se vê como trabalho de reflorestamento e reconquista do deserto (...) onde antes corria ‘leite e mel’”. Impressionam Pedro Nava “o trabalho de recuperação da terra feito pelos israelenses”; o “bosque de 600000 árvores – uma para cada judeu morto pelos nazistas”; o “Bosque Kubitschek”, plantado por judeus brasileiros, próximo de Eshtaol; a ideia de reflorestamento; a fertilidade do solo entre Lod e Hadera; e a “impressão de vida, trabalho e prosperidade”; a Universidade de Barilan; os lagos artificiais para a criação de carpas em Haifa; e, sobretudo, o “magnífico hospital” Petah-Tiqva, ao qual dedicou os seguintes apontamentos:

Em Petah-Tiqva visitei o magnífico Beilinsin Hospital: 800 leitos. Pessoal: 1,2 por leito (nos Servidores 5 por leito!). Médicos, cerca de 100. Departamentos de 35 leitos (em enfermarias de 5 a 6 leitos) cada e dois isolamentos para os casos especiais. É hospital mantido por fundos de previdência dos trabalhadores. Policlínica reumatológica aberta há poucas semanas. Pós-graduação para médicos. Biblioteca (predomínio de livros e revistas de língua inglesa). Centro de pesquisa de ordem como equipamento e organização (conselho técnico que julga os projetos de pesquisa e dá o roteiro para as mesmas quando julga que o assunto merece ser levado em consideração – o que tentei nos Servidores e ninguém entendeu porque ali o Centro de Pesquisas serve de *hobby* para bestalhões como o M. No hospital não há distinção de classes e realmente o tratamento na classe única é de primeira ordem. A impressão do visitante no hospital é excelente: construção moderna e harmoniosa, funcionalidade perfeita, corredores vazios sem o aspecto de *gare* dado nos Servidores) e de perspectivas magníficas, pintura cinza harmonizando-se com os elevadores, móveis, portas de metal como

alumínio e inoxidável. Varandas envidraçadas à Niemeyer. Instalações primorosas. Não há no Rio um único hospital que lembre de longe esse hospital asiático. Fui recebido pelo administrador e depois pelo Dr. S. Gitter que pediu que lhe mandasse as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz e do Butantã (ofereci também o *Brasil Médico*) para: Library of Belinson Hospital – Petah-Tikva – Israel. (NAVA, 2004c, p. 47-49).

Nas observações de Pedro Nava a respeito do Beilinson Hospital, à parte dos aspectos administrativos e tecnológicos que lhe interessaram, cumpre sublinhar a referência à proposta de incentivo à pesquisa, fundamental para a criação do Anfiteatro, projeto que o memorialista tentou implementar em duas ocasiões distintas em sua vida profissional, no entanto sem êxito duradouro. É igualmente importante mencionar o olhar do médico nas viagens de Pedro Nava (2004c, p. 30-31), atento às necessidades dos pacientes em determinados apontamentos como: “O Mar Morto é uma espécie de Guarapari da Palestina para onde vêm os reumáticos, que aí se enterram na areia ou se banham no mar em curas de dez dias. Haverá algum efeito das águas que contêm sais numa proporção de mais de 25%?” Ao prefaciá-lo *O Anfiteatro*, Penido relata um episódio ocorrido em 1961, quando estava no sexto ano de medicina e, após cumprir estágio hospitalar no período da manhã, dirigia-se no período da tarde ao consultório de Pedro Nava, que lhe “permitia assistir suas consultas e no fim do dia perguntar alguma dúvida”. Certa feita, Penido questionou a orientação dada a uma paciente e obteve do médico explicação condizente com a proposta científica de uma hermenêutica de raiz humanista, defendida nos seus escritos:

– O que o senhor acha de fazer uma cura nas areias radioativas de Guarapari? Qual não foi minha surpresa ao ouvir a resposta do mestre:  
 – Guarapari faz muito bem ao reumático, mas só se ficar lá um mês. Menos não vale a pena...  
 No fim do dia resolvi arriscar uma piada:  
 – Então o tio comprou um hotel em Guarapari?  
 – Como assim?  
 – Se está receitando férias em Guarapari...  
 – A resposta veio com mágoa:  
 – Você já ouviu falar do Território de Epidauro? Na Grécia antiga havia o Templo de Esculápio. As pessoas viajavam para lá, dormiam, e os sacerdotes interpretavam seus sonhos. Muitos melhoravam, haja vista o número de ex-votos remanescentes. Converto esse procedimento numa viagem a um lugar lindo, onde o doente se desliga de suas preocupações do dia-a-dia. É remédio certo para as doenças psicossomáticas. Guarapari sempre dá certo para os reumáticos. (PENIDO, 2003c, p. 17-18).

Segundo Weber (2009, p. 160-161), os diários carregam “a marca dos destinos sociais de seus autores”, eles esclarecem o processo de trabalho do diarista em seu campo de atuação e nuances da realidade social observada em viagens e trabalhos de pesquisa sobre outros grupos

humanos. Mesmo que diários e cadernos de pesquisa não possam alcançar o estatuto de obra e obter reconhecimento no futuro, ainda que permaneçam no anonimato, eles atendem a uma obra científica já constituída, consideração válida no caso de Pedro Nava, como médico e literato: a viagem ao Oriente reúne apontamentos do interesse do reumatologista que busca se aprimorar.

Lejeune (2009, p. 63) consignou à prática do diário a seguinte norma: ele implicitamente estrutura o cotidiano do diarista, oferecendo um princípio norteador para seu comportamento. Nos diários de viagem, eventos e itinerários fornecem uma estrutura adicional: a jornada pode inspirar objetivos e um sentido de progresso que não seriam usualmente encontrados no dia-a-dia. Além disso, a jornada revelaria aspectos da realidade que passariam despercebidos antes ou que o diarista não pensaria em registrar estando no local onde vive, porém lhe despertam a atenção em outras terras, como expressões linguísticas, costumes, paisagens e tipos humanos. Pedro Nava empreendeu inúmeras observações dessa ordem em seu diário, como neste excerto:

As correntes imigratórias para Israel correm com mais forças dos países onde lavra maior antissemitismo. No início Europa. Agora África do Norte e países árabes. Parece que esses sefardins é que constituem o grosso das tropas israelenses. Na realidade os soldados de tipo longilíneo e enxuto e muito morenos (a maioria) contrastam com o tipo comum do judeu alourado e cor de fiambre que predomina no resto da população. Não será esse elemento fortemente mesclado do árabe que dá a combatividade ao exército de Israel? A perseguição nos países árabes estaria assim concorrendo para o fornecimento de boa carne militar aos judeus. O serviço militar é obrigatório (homens, dois anos e meio; mulheres, dois anos) (...) Logo saindo de Haifa visitamos o Kibutz Iagur, que reúne 1500 habitantes. Há casas para as famílias isoladas. Em comum, enfermarias, hospital, cozinhas, refeitórios (onde está o cinema e onde se dança e há reuniões). Há creches onde, enquanto trabalham os pais, ficam as crianças, separadas por idades. Escolas. Há revezamento de três em três meses para os trabalhos no jardim, cozinha, limpeza, cuidados dos animais domésticos, etc. A vida é em comum: mesmo os presentes que um recebe vão para uma central de distribuição. Há bibliotecas. Em toda Israel há 270 *kibutz*. (NAVA, 2004c, p. 51-53).

Jéssica Monteiro Viana de Andrade e Angélica Rita de Araújo (2021, p. 57) discutiram o valor dos diários pessoais como fontes historiográficas que valorizam o registro de memórias, “[...] a ampliação da concepção do que era considerado fonte histórica proporcionou o uso de vestígios antes desconsiderados”. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, no sentido que Ricoeur (2004, p. 168) atribuiu aos documentos depositados em arquivos, preserva traços do passado. O arquivista inaugura o ato de fazer história organizando e selecionado um conjunto de textos que mais tarde irão contribuir para o entendimento de certo tema. O diário de viagem de Pedro Nava é um documento que pode aproximar os estudiosos de sua obra e da história de Israel.

## CONCLUSÃO

Nas últimas décadas, os estudos judaicos na América latina renovaram-se sob novas tendências que implicam a disponibilidade de documentos digitalizados em arquivos públicos; o crescimento de uma base de dados fornecida por grupos de pesquisa que analisam temáticas variadas; e a contribuição entre áreas do conhecimento que ampliam o enfoque da investigação.

É inevitável a interseção entre a questão da memória e os objetos filosóficos, históricos, literários e religiosos que interessam os estudiosos da cultura judaica. O conceito de memória foi enriquecido pelo diálogo das ciências sociais, os estudos literários e historiográficos com as conquistas da neurociência, notadamente após as descobertas sobre as bases neurofisiológicas da transmissão de impulsos nervosos entre as células nervosas do cérebro, pesquisa que concedeu o prêmio Nobel de fisiologia em 2000 a Arvid Carlsson, Paul Greengard e Eric Richard Kandel.

As investigações conduzidas no campo da Neurofisiologia redimensionaram os estudos sobre a memória interligando diferentes aspectos, como aprendizado, emoção e o problema do testemunho para as áreas civil, histórica e jurídica. As funções da memória em sua relação com a imaginação e a linguagem são atualmente tópicos relevantes para a crítica e história literária.

A memorialística de Pedro Nava constitui, desde a repercussão de *Bau de Ossos*, após 1972, um campo de estudos interdisciplinar, que apreende a história e crítica literária no Brasil, e a coexistência de formas narrativas e poéticas inovadoras que se incluem no gênero memorial. Os arquivos do escritor depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, o projeto das Memórias e os escritos histórico-literários de Pedro Nava contribuíram para o desenvolvimento de abordagens prolíficas de temas relacionados ao impacto da Geração Modernista na literatura; às correspondências entre artes plásticas, escrita e iconografia; ou à história da Medicina no Brasil e na Península Ibérica. Ao definir um panorama da sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX para fixar narrativas biográficas e autobiográficas, Pedro Nava retratou episódios do cotidiano, da vida familiar e social, nos quais se descrevem grupos humanos e personalidades históricas, bem como aquelas que, anônimas, escapam ao registro da historiografia tradicional.

Para compor esses retratos, o memorialista concilia, ao menos no enfoque deste estudo, três tipos de investigação, a saber: a formação de arquivos; a pesquisa em fontes documentais e a elaboração estética desses registros. O escritor é igualmente criativo na utilização de tais ferramentas, combinando-as para atingir diferentes efeitos ao delimitar perfis biográficos ou narrar fatos. É como se o memorialista buscasse efetuar um registro do passado que deveria ser o mais amplo possível, e o aspecto minudente e perspicaz de suas descrições é reconhecido por

todos os especialistas em sua obra. Observador das artes, dos costumes, da psicologia humana, Pedro Nava deixou algumas observações sobre a cultura e a história judaica nas obras sobre a história da medicina e nas Memórias. Embora essas observações forneçam um conjunto de interpretações e modos de se representar costumes, crenças, estereótipos, imagens, memórias e tradições do mundo judaico, visto pela ótica da sociedade brasileira, da historiografia, cultura popular e literatura, esse domínio da obra naveana permaneceu até o momento completamente negligenciado. A importância do tema pode ser verificada pelo registro heterogêneo, que consta nas Memórias, nos escritos sobre a Medicina e no diário de viagem deixado pelo autor. O estudo desenvolvido neste trabalho analisa quais foram as representações do mundo judaico incluídas pelo escritor no seu projeto memorialístico. Em *Balão Cativo* existe um registro exclusivo:

O acídulo do molho pardo dos *judeus* noturnos. Não sabem? Judeu em culinária mineira é, em geral, nome da bóia de ceia e mais particularmente da cabidela de galinha<sup>45</sup> para depois das procissões e para depois das coroações de Nossa Senhora, nas noites de seu mês de maio. (NAVA, 1977, p. 8, grifo do autor).

Nas Memórias, Pedro Nava (1974, p. 375) deixou pistas genealógicas e biográficas com alusões a famílias de médicos que podem ter origem judaica: “nas histórias que conhecia dos Eiras, dos Schillers, dos Brandon”. Em *Balão Cativo*, ao relatar recordações do Colégio Anglo Mineiro, em Belo Horizonte, Pedro Nava menciona, entre os alunos dessa instituição, em 1914:

O Flavinho Marques Lisboa, sempre elegante, vestido com aqueles apuros cariocas dos Eiras e dos Lisboa. Sua mãe era D. Alice Brandon Eiras Marques Lisboa, neta do fundador da Casa de Saúde Dr. Eiras. Seu pai era o médico Henrique Marques Lisboa, neto do Almirante Marquês de Tamandaré. Essas origens aristocráticas refletiam-se nos bons modos e na educação do meu colega. (NAVA, 1977, p. 155).

O médico Flávio Marques Lisboa (1906-1949) formou-se em 1927 pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, atual Universidade Federal de Minas Gerais, na mesma turma de Pedro Nava e Juscelino Kubitschek. Em *Chão de Ferro*, Pedro Nava dedicou várias passagens à história dessa Universidade, entre as quais se encontra a biografia do Dr. Henrique Marques Lisboa, que o memorialista admirou como “cientista perfeito” durante o curso médico, e ainda como uma das influências mais significativas para sua “iniciação médica – o *grand patron*”. A

<sup>45</sup> No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo (s/d, p. 208-209), o verbete “Cabidela” não registra o prato sob a mesma designação feita por Pedro Nava, contudo atesta a origem portuguesa do prato: “No Portugal quinhentista era um guisado de miúdos e cabos de aves, de onde vinha o nome, cabo, cabadela, cabedela.”

história de Marques Lisboa apreende a de Carlos Chagas e Oswaldo Cruz. Sua passagem pelo Instituto de Manguinhos inscreve seu nome “entre os dos pioneiros de nossa Hematologia”. O médico formou-se em 1902. Segundo relatou Pedro Nava (1977, p. 326), após defender sua tese sobre patologia sanguínea, em 1903: “Seguiu-se o casamento, a 15 de junho de 1904, com D. Alice Brandon Fernandes Eiras, oriunda de tradicional família de médicos”. D. Alice Brandon (1882-1960) nasceu no Rio de Janeiro. De seu casamento com o Dr. Henrique Marques Lisboa (1876-1977) nasceram os filhos: Flávio Eiras Marques Lisboa, Otávio Eiras Marques Lisboa e Nair Marques Lisboa, por quem Pedro Nava se apaixonaria durante o curso médico, lembrada nas Memórias como “Persombra” ou “Ronairsa”. A mãe de D. Alice Brandon, D. Evelyn Louise Fernandes Eiras (1860-1928), era filha de D. Maria Russell (1837-1902) e Frederick Mannassah Brandon (1832-1900), nascido em Londres, filho de Samuel Israel Brandon e Esther Brandon.

De acordo com Marily Delevante (2008), a família Brandon pertence ao trono sefardita da Diáspora judaica, à comunidade de judeus estabelecidos na Jamaica em data anterior a 1665. Muito da história dessa comunidade se perdeu, em razão de desastres naturais ocorridos naquela região, apagando assim os vestígios da presença judaica em Port Royal. O terremoto de 1692 destruiu a primeira sinagoga construída na Jamaica. A segunda sinagoga foi consumida em um incêndio que se alastrou pela cidade em 1815. Esta sinagoga nunca foi reconstruída e os judeus remanescentes da comunidade de Port Royal migraram para as cidades de Kingston e Spanish Town. Registros e documentos pertinentes aos judeus da Jamaica indicam que existem poucas informações sobre os judeus de Port Royal e seus rabinos. No entanto, distando seis quilômetros do porto de Kingston existe um velho cemitério, o mais antigo da Jamaica, com 350 sepulturas judaicas, com datas que compreendem o período de 1672 a 1819, com inscrições em hebraico, português e espanhol. As inscrições nas lápides foram documentadas e traduzidas recentemente.

Nem todas as inscrições permaneceram intactas. Alguns túmulos tiveram o mármore removido, outros foram danificados pela ação do clima. Nesse cemitério sepultaram-se rabinos, mercadores, ourives, corsários, mulheres que não resistiram a complicações do parto e crianças. Muitos eram judeus conversos, banidos pelas inquisições espanhola e portuguesa, em busca, segundo Delevante (2006, p. 11, grifo da autora), de um “paraíso seguro” onde fosse possível praticar o Judaísmo, a exemplo das famílias Aguilar, Álvares, Alveranga, Baruch, Benjamin, Cardozo, Castro, Costa, Cuna, Faro, Fernandez, Fonseca, Gabay, Gomez, Gonsales, Gutters, Henriques, Lara, Leon, Levy, Lopes, Lucena, Mendes, Nunes, Pereyra, Prado, Rodrigues, Silva, Solis, Soza, Torres, Touro, entre outros nomes, junto aos quais consta o da família Brandon.

Pedro Nava historiou a contribuição dos judeus para a medicina espanhola, portuguesa e brasileira, com auxílio de estudos genealógicos; fontes documentais; livros raros de Medicina;

coleta de reminiscências; mas igualmente do próprio testemunho: o convívio com os Brandon e, por conseguinte, com os Eiras, Marques Lisboa e Werneck é lembrado em *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar*, *Galo-das-Trevas* e *O Círio Perfeito*. Em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, Pedro Nava (2004c, p. 47), encantou-se com o desenvolvimento e organização do país, sobretudo nos aspectos que lhe interessavam como estudioso de sua área de atuação e formação humanista: “Em Petah-Tiqva visitei o magnífico Beilinsin Hospital”. O enfoque desses registros diarísticos é correlativo ao do memorialista historiador da medicina.

O memorialista historiador dos costumes da cultura brasileira refere com humor certas expressões que remetem a triste capítulo da história judaica, mas que acabaram absorvidas pelo imaginário e linguagem popular: assim ele menciona os termos “auto-da-fé”, “baraço”, “tratos de polé”; “cristãos novos e velhos do Alto dos Passos”; alude ao “*Judeu* em culinária mineira”: “preparação de judeus”, de “judeus pantagruélicos”; a costumes: “O próprio casamento do Feijó, viúvo, com uma cunhada, não tem um leve sabor hebraico?; às teorias sobre a formação da identidade nacional de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior:

Solo imantado, metálico, pulverulento e pegajoso que segurou firmemente o pé errante dos paulistas, desmanchou-lhes a prosápia, triturou-os no sofrimento, na fome, no crime, na pestilência, na cobiça, no medo, no pagode, no homizio. Ficaram na terra e foram – fomos! Ficando mineiros. E tome coito com índia. E mistura e mais mistura com emboaba, padre, levantino, fidalgo, circuncizado, escravo da Costa e sequaz de Mafoma – apesar de cada um dos nossos maiores se declarar documentalmente cristão puro – sem liga com negro, mouro, judeu ou quaisquer outras “infectas naçoens”. (NAVA, 1974, p. 103-104, grifo do autor).

Em passagens biográficas, Pedro Nava retrata concepções herdadas do mundo Ibérico: a noção de fidalguia, atinente aos “filhos d’algo” e “filhos das ervas”; de linhagem; de pureza de sangue, adotadas por organizações civis e eclesiásticas que articulavam alianças e conflitos entre cristãos-velhos e cristãos-novos, mentalidade transmitida à “matriarca Dona Lourença Maria de Abreu e Melo”, mãe de Luís da Cunha, bisavô materno de Pedro Nava (1974, p. 163): “Os casamentos das filhas e dos filhos eram todos escolhidos por ela. Nada de pobretões. Nada de gentia. Lé com lé, cré com cré. Assim foi organizando enlaces, fazendo alianças, somando fortunas, mantendo puro o sangue que ela considerava o mais limpo de Minas”. Por conseguinte

[...] o Luís da Cunha. Principalmente quando se falava em mesaliança. Tinha vontade de descer o vergalho de boi no Pedro Maria, no Francisco Mariano, no Guilherme Justino e no resto daquela cambada dos irmãos da neta para saber se eles e mais o pai, aquele alemão de cacará, agiota, judeu, soldado mercenário e aventureiro saído não se sabia de onde – podiam sequer limpar-

lhe as botas. E com razão porque, afinal, o Luís da Cunha não era tão Luís da Cunha assim e podia jogar-se nos Halfeld do alto do seu nome de filho d’algu reinol: Luís da Cunha Pinto Coelho Vieira Taveira do Souto Maior e Felgueiras. Tomem, seus merdas! E quase destroncava o braço com a força da banana... (NAVA, 1974, p. 148).

Pedro Nava (1974, p. 151) retratou por meio de “Luís da Cunha Pinto Coelho Vieira Taveira do Souto Maior e Felgueiras – tropeiro no Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais” valores de um sistema em declínio com o final do século XIX. Pela biografia de familiares dos troncos materno e paterno da família do escritor se pode reconstituir o cotidiano e o pensamento de dois grupos distintos na sociedade brasileira, de fins do século XVIII à primeira metade do século XX. Sobre esse plano biográfico das Memórias, pode-se afirmar o que Castelo Branco Chaves (1978, p. 15) observou sobre o caráter histórico e noticioso das obras de memorialistas portugueses como José Liberato, Francisco de Almeida Portugal, Luiz Soriano e Silva Maia: “Algumas delas encerram uma galeria de retratos e de tipos originais que eram frequentes numa sociedade e num tempo em que a vida social ainda permitia singularidades”. Do avô Quincas Jaguaribe, o Major, filho de Domingos José Nogueira Jaguaribe, o Visconde de Jaguaribe, vem o parentesco com os Alencar, pelo casamento de Domingos Nogueira Jaguaribe com D. Clodes Alexandrina Santiago de Alencar. Além de figuras históricas das Revoluções de 1827 e 1824, pertencem à família o “grande romancista José de Alencar” e o “crítico Araripe Júnior”:

Sobre a origem da família Alencar, dizem, não sei se apenas por analogia do nome, que eram de Alenquer, no Reino. Alencar de Alenquer, como em Eça de Queiroz... Começam com um Martinho Pereira rego, casado com Dona Doroteia de Alencar, pais de Leonel Pereira de Alencar Rego, português estabelecido no Crato, mais ou menos em 1725 e que foi casado com Dona Maria de Assunção de Jesus. Que sangue teria esse Alencar? De colono? De degredado? De puro lusíada ou de cristão-novo? Fosse qual fosse o radiante sangue – realgar e fogo vivo – transmitido nos heróis de 1817 e 1824. (NAVA, 1944, p. 174).

Uma suposição do memorialista sobre a possibilidade de sangue cristão-novo na família paterna leva ao segundo marido de sua avó D. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava, Joaquim Feijó de Melo, nascido no Engenho Formoso, Pernambuco, descendente dos “ilustres troncos pernambucanos dos Gonçalves Barroso, Melo Albuquerque, Pereira da Cunha, Batista Guimarães e Soares Cavalcanti”. De sua mãe, D. Maria Inácia Mayer, filha de mãe inglesa e de pai de origem alemã, Feijó herdaria feições que diferenciam “judaicamente, toda a descendência dele”, porém, segundo Pedro Nava (1974, p. 80-81): “Isto são apenas conjecturas partidas de um nome e um traço fisionômico”, mas que despertam o interesse do escritor pela genealogia:

O estudo genealógico pode ser também uma necessidade. Entre nós já o foi, no período colonial, quando para ter emprego e obter mercês metropolitanas era preciso provar a pureza de sangue e demonstrar que o mesmo não tinha sido poluído pelos de “mouro, negro, judeu e quaisquer outras infectas nações”. Nossa sociedade em formação adquiriu disto o hábito do registro, a memória e o orgulho da ascendência, ao tempo em que aperfeiçoava preconceitos raciais hoje inaparentes. Uns porque foram superados, outros por terem perdido a razão de ser ou entrado em latência. (...) No Brasil, os quatrocentões de São Paulo, das Minas, do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco andam aí pelas treze gerações e portanto, pelos dezesseis mil trezentos e oitenta e quatro antepassados (...) Mil e seiscentas oportunidades de entrada de índio, negro, judeu no sangue da península – que, aliás, já chegou aqui tendo também seu ranço de mouro e seu bodum de africano. (NAVA, 1944, p. 183).

Além de considerações no campo da crônica de costumes, da história e da biografia, em que outro domínio é possível incluir os apontamentos do memorialista sobre a cultura judaica? No dia 4 de fevereiro de 1958, ele anotou em seu diário de viagem impressões sobre a visita ao *kibutz* Iagur ou Yagur, localizado ao norte de Israel, nas encostas do Monte Carmelo, cerca de 9 km distante de Haifa e fundado em 1922. O nome é mencionado no Livro de Josué (15: 21). É uma das poucas impressões desfavoráveis que mencionou na visita ao território de Israel:

A direção pertence a um comitê eleito anualmente. Há *kibutz* socializantes, religiosos, conservadores. Não se admitem comunistas. O aspecto do *kibutz* que visitei não é dos mais agradáveis. Pouco cuidado, desornado, e com a tristeza impessoal e nua dos internatos, das casernas e das prisões. (NAVA, 2004c, p. 53).

O testemunho de Paulo Penido ao jornalista Claudio Aguiar estabelece uma correlação entre os apontamentos de viagem de Pedro Nava sobre o *kibutz* e um episódio autobiográfico, narrado em *Balão Cativo*. O episódio subentende lembranças dolorosas e questões que o autor registrou nas Memórias, com relação ao funcionamento das memórias voluntária e associativa:

Ele me disse que a primeira noite que passou como interno no colégio Pedro II foi tão desagradável que pensou em suicidar-se. Isso está escrito por ele num de seus livros no capítulo que trata desse tempo no Pedro II. Eu me lembro de que, quando ele foi ao Oriente, na década de 1950, com objetivo de conhecer os países árabes – Egito, Jordânia, Israel que estava ainda engatinhando – resolveu ir a um *kibutz*. Ele disse que entrou no *kibutz*, e, entusiasmado, começou a andar lá por dentro. Vale dizer que ele se declarava um socialista vago e um anarquista por profissão. Logo, tinha certa admiração pelo *kibutz* porque era um meio de alcançar o socialismo com liberdade. Ele estava interessado por aquela história, mas disse que de repente, dentro do *kibutz*, sofreu uma distonia e começou a passar mal para burro. A pressão caiu

e retirou-se de lá quase carregado. Quando chegou ao hotel, ficou tentando descobrir a causa de tudo aquilo e só então teve a impressão exata de ter sentido a mesma sensação quando estivera como interno no Colégio Pedro II. Nas memórias ele não fala disso. Exalta muito o Pedro II, a qualidade dos professores, a base humanística do ensino, mas na realidade o começo não foi assim. Dizia que o socialismo é uma coisa uniforme. Tem um dormitório em comum, um armário em comum, um banheiro comunitário. Tudo socializado e você não tem uma coisa que seja exclusivamente sua. Então, para um espírito como ele, a experiência do *kibutz* foi realmente um terror. (PENIDO, 2003d, p. 35)

Pedro Nava faleceu antes de redigir suas memórias após a década de 30. *Balão Cativo*, que narra as lembranças do período que o memorialista passou como semi-interno no Colégio Pedro II, publicado em 1973, relata o episódio comentado por Penido na entrevista. Ao redigir esse capítulo das Memórias, na década precedente à viagem a Israel, o escritor provavelmente considerou, mas sem menção direta, a recordação da experiência vivida no *kibutz* Iagur. Deve-se observar ainda que os apontamentos publicados em *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* não aludem ao fato de Pedro Nava ter sofrido “uma distonia”, sem consulta aos cadernos originais não cabe afirmar se ele comentou o assunto no diário<sup>46</sup> ou se preferiu mantê-lo em família:

Não dormi logo. Comecei a pensar naquele dia nefasto. A despedida de meu tio, à porta, tinha cem anos, jazia em passado remoto. (...) as humilhações da realidade presente. Aquela camisa de dormir, por exemplo. Roupa do colégio, roupa não minha, roupa de aluno gratuito. Eu ligava erradamente ideias de culpa e dívida a essa instrução não remunerada pela minha família e que eu tinha a impressão de estar roubando, pior, filando. (...) estávamos prontos para o dia e a vida. Eu, mal disposto com ela, completamente arrasado pela véspera que insistia e voltava batendo (...) a solidão dos estudos, a solidão dos dormitórios. Senti que era impossível aguentar essa coisa quatorze dias a fio, já que perdera a saída-oásis logo no primeiro sábado. Ai! Seriam pois duas semanas infindáveis daquelas horas vagas, naquele ambiente que dessorava a sensação aniquiladora que sempre repito quando o acaso me leva a lugares impessoais e sem dono como um orfanato, um areal, uma prisão, asilo, cerrado, caserna, plataforma de estação, kibboutz. Pensei primeiro em fugir. Mas que diriam? Minha mãe, o Major, tio Salles, tia Alice. (...) Vislumbrei então a grande solução e pela primeira vez pensei em me matar. (NAVA, 1977, p. 284-286).

<sup>46</sup> Nesse ponto, convém citar a reflexão de Florence Weber (2009, p. 162, grifo da autora): muitas vezes, o diário é uma ferramenta de trabalho que permanece secreta, sem que o autor tenha intenção de publicá-la: “Para refletir sobre essas questões, eu tomaria o exemplo de meu próprio diário de campo, na medida em que é, evidentemente, aquele do qual eu disponho inteiramente, aquele também do qual eu domino as condições de autocensura. Seria aqui o caso de publicar um extrato censurado em outras situações? Mas como o selecionar? Livrar o mais íntimo? Mas como faria ele sentido se não se restitui ao mesmo tempo todo seu contexto de investigação, de pesquisa e de autoanálise? Em suma, um extrato não pode dar conta da complexidade e da ambiguidade desse conjunto confuso que é nomeado, falsamente, de “diário” de campo. Mais vale analisar as modalidades práticas do uso do diário e as razões de autocensura seletiva que pesa sobre seus diferentes fragmentos”.

Importa observar também o interesse de Pedro Nava por artefatos e sítios arqueológicos. As anotações do diarista pertinentes a ruínas e vestígios são outra forma de se historiar Israel, porém similar ao sentido atribuído por Jean-Yves Bousier (2002, p. 3) ao ofício do museógrafo que evoca o passado pensando o contexto e a finalidade dos objetos, associados a lugares, fatos, odores, épocas, através de operações de interpretação e mediação, diferentes da mera exposição do objeto patrimonializado, que não valoriza a percepção sensorial na evocação de memórias:

Subindo para o Monte das Beatitudes vêem-se os restos do templo dos Cruzados. Cafarnaum: escavações descobriram vários objetos de pedra de época pré-israelita – prensas para azeite, pilões e moinhos para pão, *pressoir* de vinho. Há aí ruínas de sinagoga (arte greco-romana), só se identificando a sinagoga pelo fato de estarem esculpidas nas colunas estrelas de Salomão e Davi e o candelabro de sete ramos. Junto dessa sinagoga e do atual Convento dos Franciscanos, ruínas de capela octogonal bizantina, que se admite ter sido construída sobre a casa de Pedro. (NAVA, 2004c, p. 55, grifo do autor).

Nos apontamentos de 4 de fevereiro, ao tomar notas comentando a passagem por locais históricos e de peregrinação, O escritor faz comparações entre paisagens que sugerem os mecanismos de codificação e evocação de memórias a que se referiu Boursier (2002, p. 3). Pedro Nava (1974, p. 35) aludiu, em *Baú de Ossos*, ao funcionamento do mecanismo proustiano: “[...] sistema de paladar e evocação, talqualmente a *madeleine* da *tante* Leonie. Heiro de mato, ar de chuva, ranger de porta, farfalhar de galhos ao vento noturno, chiar de resina na lenha dos fogões, gosto d’água de moringa nova – todos têm a sua *madeleine*”, processo mental associativo que inspira “analogias e transposições poéticas”. A esse sítios referentes a passagens bíblicas e aos espaços considerados sagrados é possível associar o conceito de “lugar de memória”, de Pierre Nora (1993, p. 7): “A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a esse momento particular da nossa história”, que implica a constatação “de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida”. O excerto a seguir repete um padrão dos registros do diário de Pedro Nava, em que é predominante o estilo telegráfico, breve, pontual das observações, similar ao caderno de campo de um etnógrafo:

Almoçamos em Tiberíades de onde prosseguimos para o sul em direção de Beit-Yerah, descortinando um panorama soberbo do Vale do Jordão (lindo como o Vale do Tejo, em Santarém); do outro lado do lago, Monte Hermon (Síria), coberto de neve e as montanhas da Jordânia. Passamos circulando o Tabor (Transfiguração). É um monte regular como uma calota e inteiramente isolado dos outros que o circundam. Tem mais ou menos esta forma:<sup>47</sup> Circundando-o passa-se aos campos de luta de Débora, de Gedeão e há um

<sup>47</sup> Neste ponto o memorialista faz uma linha curva, em meia elipse, para ilustrar o formato do Monte Tabor.

momento em que vêm ao mesmo tempo o Tabor e o Monte Precipício. (...) Há uma vila (passamos ao longe) de judeus chineses. Aliás, os há também quase pretos. (NAVA, 2004c, p. 55-56, grifo do autor).

Os apontamentos de Pedro Nava (2004c, p. 57) refletem o olhar do médico: “Águas do Tiberíades – boas para reumatismo. Em torno do lago há várias fontes ferventes aproveitadas para banhos terapêuticos. Há também ruínas de banhos romanos”, somado ao interesse pelo passado que Nora (1993, p. 7) designou por “o impulso de um sentimento histórico profundo”.

Nas considerações sobre a cidade em construção, existe o olhar que avalia esteticamente o conjunto arquitetônico que será herdado pelas próximas gerações. A crítica de Pedro Nava ao estilo e sentido da expansão urbana se coaduna com a ponderação de Nora (1993, p. 8) sobre o: “[...] Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para prepara o futuro, quer se trate da reação do progresso (...) ou do modo mesmo da percepção histórica”, que por razões administrativas, econômicas ou políticas, pode acabar “[...] substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade”. Em 1958, quem sabe se pensando na questão patrimonial de seu país, Pedro Nava receasse ver em Israel a perda de símbolos culturais importantes, a exemplo dos danos causados à Mesquita de Omar:

Almoço e passeio em Tel-Aviv. A cidade como toda em crescimento, é cheia de aspectos provisórios, com uns trechos terminados e outros em começo, cheia de terrenos baldios e ruas sem pavimentação. Pé direito dos prédios de cerca de cinco andares. Arquitetura utilitária e sem gosto, do moderno sintético não por simplicidade, mas por economia. Lembra vagamente uma Juiz de Fora – quatro vezes maior. Maior não na qualidade e sim na quantidade. Uma Juiz de Fora imaginária, com três avenidas Rio Branco, quatro ruas Halfeld e cinco ruas do Espírito Santo. A praia, muito bonita, com estreita faixa de areia fina e escura. (...) O entusiasmo do judeu atual construindo Israel deve ser o mesmo dos hebreus que atravessaram o Mar Vermelho e vieram derrubar os muros de Jericó a trombetadas. (NAVA, 2004c, p. 57-58).

Embora sérios problemas quanto à situação política e territorial de Israel permaneçam à espera de solução, a questão do passado histórico é um tema valorizado não só pelos judeus de Israel, mas por aqueles que, apesar de terem migrado para outros países, identificam-se com a cultura judaica, fator que os manteve unidos como povo por séculos, mesmo na ausência de um território comum. Esse sentido de identidade talvez seja a resposta para a indagação de Pedro Nava (2004c, p. 58): “Judeus ingleses, franceses, alemães, polacos, chineses, negros, mulatos (porque os há) – é difícil imaginar o que sairá desse *melting-pot* que é a Israel moderna”.

Em *Baú de Ossos*, na biografia do avô homônimo, Pedro Nava (1974, p. 27) caracteriza o contexto econômico, político, social e religioso de Fortaleza nos idos de “1868, 69 ou 70”, assinalando, como leitor de *Sobrados e Mucambos*, e observador de costumes, a renovação do conjunto arquitetônico local em passagem na qual se detecta o uso deste apontamento do diário de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, realizado a 7 de fevereiro de 1958: “Fora os palácios e mesquitas, Istambul é mera cidade *belle époque*, rococó, de construção recente, que substituiu a velha cidade de casas e palácios de madeira (o sultão não admitia que os súditos tivessem casas de pedra e tijolo, que pudessem parecer fortalezas contra ele)”. O excerto relacionaria aos traços mouriscos da arquitetura de Fortaleza memórias anotadas no diário de viagem do autor:

O próprio aspecto material de Fortaleza começava a renovar-se, pois caía o preconceito de que suas areias não aguentavam construções pesadas e a ideia otomana de que particular não podia morar em casa mais alta que a do sultão-presidente. Construía-se melhor, mais amplamente, assobradava-se, requintava-se nos móveis e nos ornatos externos e a casa passava a desempenhar o papel de elemento de convivência social além do de simples moradia. São desse período os sobrados cheios de dignidade das ruas José de Alencar, Formosa, Sena Madureira, do Major Facundo – que se elevavam entre as casas baixas de “beira e bica”. (NAVA, 1974, p. 27, grifo do autor).

Se Pedro Nava incluiu nessa passagem de *Baú de Ossos* o trecho do diário de *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, é possível haver outras apropriações assim nas Memórias. Em caso afirmativo, a reflexão de Antonio Candido sobre a obra de Lima Barreto seria igualmente válida ao estudo das correspondências entre, nas palavras de Paulo Penido (2003d, p. 44), os “cadernos dos *Diários Íntimos*” de Pedro Nava e o domínio dos escritos redigidos após a viagem de 1958:

Veja-se o *Diário íntimo*, que pode dar a impressão errada de ser pouco importante, ou de ser importante apenas como documento. Nele encontramos projetos de ficção, anotações breves, confissões e certos episódios da sua vida que são às vezes de grande interesse, como no caso de dois trechos que escolhi para exemplo. Tendo muita densidade de experiência e de escrita, eles servem para mostrar até que ponto na sua obra o autobiográfico pode funcionar como inventado. (CANDIDO, 1987, p. 42).

Em relação ao aporte autobiográfico, composicional e documental da obra do escritor, *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* descreve espaços afetados por um tempo histórico preciso, que define uma época de expansão para Israel, porém simultânea às consequências de conflitos bélicos e diásporas vitais para judeus e outros povos. O diário de viagem de Pedro Nava dialoga com assuntos abordados nos ensaios biográficos sobre a história da medicina e nas Memórias, sem oferecer ao pesquisador definições unívocas, mas uma soma de retratos da cultura judaica.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. A vida dupla de Pedro Nava. **Jornal de Resenhas**, São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://jornalderesenas.com.br/resenha/a-vida-dupla-de-pedro-nava/>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Espaços da Memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Nava biógrafo. **Patrimônio e Memória**. Assis, 2007, v. 3, n. 1, p. 39-44. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/3/454>. Acesso em 14 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. O médico historiador e o memorialista. **Novos Estudos, Cebrap**, São Paulo, n. 53, p. 151-165, 1999.

ALASZEWSKI, Andy. **Using Diaries for Social Research**. London: Sage Publications, 2006. <https://doi.org/10.4135/9780857020215>

AMICHAÏ, Yehuda. **Terra e paz**: Antologia poética. Organização e tradução Moacir Amâncio. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: 2018, p.

ANDRADE, Jéssica Monteiro Viana de; ARAUJO, Angélica Rita de. Arquivos pessoais: os diários e a construção da memória. **Geoconexões** (online), v.1, n.1, p. 56-72, 2021. Disponível em: <https://geoconexoes.com/ojs/index.php/periodicos/article/view/14/6>. Acesso em: 19 dez. 2021. <https://doi.org/10.53528/geoconexes.v1i1.14>

ARQUIVO PEDRO NAVA. Acervo de Pedro Nava na Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2005. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/pedronava/acervo.php>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

AZEVEDO, Sânzio. Lembrando o “Tio Sales”. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). **Inventário do Arquivo Antônio Sales**. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007, p. 13-26. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/.../Inventario\\_ArquivoAntonioSales.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/.../Inventario_ArquivoAntonioSales.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BATAILLON, Marcel. “¿Melancolía renacentista o melancolía judía?” In: \_\_\_\_\_. *Varia lección de clásicos españoles*, Madrid, Gredos, 1964, p. 39-54.

BITTENCOURT, Andre. Personalidade e destino: Pedro Nava, Mário de Andrade e a Socialização do Modernismo. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 235–256, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752019000100235](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752019000100235)>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9i110>

BLOCH, Chana. In: AMICHAÏ, Yehuda. **The selected poetry of Yehuda Amichai**. Edited and translated from the Hebrew by Chana Bloch and Stephen Mitchell. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 2013, p. xv-xviii.

BLOOM, Lynn Z. "I Write for Myself and Strangers": Private Diaries are Public Documents. In: BUNKERS, Suzanne L.; HUFF, Cynthia A. **Inscribing the Daily: Critical essays on Women's Diaries**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1996, p. 23-37.

BORGES, Jorge Luís. O Sul. In: \_\_\_\_\_. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. Revisão de tradução de Maria Carolina de Araújo. São Paulo: Editora Globo, 1999.

BOTELHO, André; BITTENCOURT, Andre Veiga. Entre bruxos e doutores: medicina e modernismo em Pedro Nava. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, v. 34, n. 102, p. 171-189, 2015. Disponível em: <<http://novosestudos.com.br/produto/edicao-102/>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BOURSIER, Jean-Yves. D'une mémoire à l'autre. In: BONNET, Véronique (ed.). **Conflits de mémoire**. Paris: Karthala, 2004, p. 33-44.

\_\_\_\_\_. La mémoire comme trace des possibles. **Socio-anthropologie**, Paris, v. 12, 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-anthropologie/1165>. Acesso em: 24 dez. 2021.

BRAGA, Napoleão Barroso. **Cartas recifenses**. Recife: Fundação de cultura da cidade do Recife, 1985.

BUENO, Antônio Sérgio. O anatomista da palavra. **Revista Cult**, São Paulo, n. 70, jul. 2003. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-anatomista-da-palavra/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

BUJANDA, Jesús M. de. Recent Historiography of the Spanish Inquisition (1977-1988): Balance and Perspective. In: PERRY, Mary Elizabeth; CRUZ, Anne J. (eds.). **Cultural Encounters: The Impact of Inquisition in Spain and the New World**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2018, p. 221-246.

CALABRE, Lia. O Serviço do Patrimônio Artístico Nacional dentro do contexto da construção das políticas públicas de cultura no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 35, p. 33-44, 2017.

CAMINHA, Edmilson. **Palavra de Escritor**. Brasília: Thesaurus Editora, 1995, p. 37-50.

CANÇADO, José Maria. **Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: \_\_\_\_\_. **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 51-69.

CANELO, David Augusto. **O resgate dos marranos portugueses**. Belmonte: Edição do autor, 1996.

CARDOSO, João Erastótenes Doulgras. Por entre ruas e memórias: a Belo Horizonte no *Beira-Mar* de Pedro Nava. 2015. 164 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2015. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/D2015-12.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

CARDOSO, Marília Rothier. As cidades da memória: uma leitura benjaminiana de Pedro Nava. **Semear (PUCRJ)**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 161-171, 1999. Disponível em: <[http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/3Sem\\_14.html](http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/3Sem_14.html)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore**. Rio de Janeiro: Edições FUNARTE/INF., 1983.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, s/d.

CEIA, Carlos. Jornal Intimo. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/jornal-intimo/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

CHAGAS, Mário. Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 35, p. 121-138, 2017.

CHAVES, Castelo Branco. **Memorialistas portugueses**. Amadora: Livraria Bertrand, 1978.

COELHO, Eduardo Macieira. D. Thomaz de Mello Breyner: médico, aristocrata e homem de humor. *Revista Ordem dos Médicos*. Lisboa, v. 20, nº 48, p. 32-35, julho/ago. 2004. Disponível em: <https://www.spdv.pt/op/document/?co=556&h=9a02a&in=1>. Acesso em: 02/08/2021.

COENGA, Rosemar Eurico. Infância e leitura na memória de escritores. 2011. 172 p. Tese (doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9801/1/2011\\_RosemarEuricoCoenga.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9801/1/2011_RosemarEuricoCoenga.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

COHEN, Derek; HELLER, Deborah. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Jewish Presences in English Literature**. Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 1990, p. 3-9.

COHEN, Paul A. **History and Popular Memory: The Power of Story in Moments of Crisis**. New York: Columbia University Press, 2014. <https://doi.org/10.7312/cohe16636>

COLLINS, Siobhán. **Bodies, Politics and Transformations: John Donne's *Metempsychosis***. Routledge: London, 2013.

DÉGH, Linda. **Legend and Belief: Dialectics of a Folclore Genre**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Introdução: Rizoma. *In: Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 11-37.

DELEVANTE, Marilyn; ALBERGA, Anthony. **The Island of One People: An Account of the History of the Jews of Jamaica**. Miami: Ian Randle, 2006.

DELEVANTE, Marilyn. **The Knell of Parting Day: A History of the Jews of Port Royal and the Hunt's Bay Cemetery**. Kingston, Jamaica: Kimberley, 2008.

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris: PUF, 1976.

\_\_\_\_\_. Pour une sociologie du journal intime. *In: LITTO, Victor del (ed.). Le jornal intime et ses formes littéraires*. Genève: Droz, 1978, p. 245-250.

EAKIN, Paul John. **Fictions in Autobiography: Studies in the Art of Self-Invention**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **How our lives Become Stories: Making Selves**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Living autobiographically: how we create identity in narrative**. Ithaca and New York: Cornell University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Writing Biography: A Perspective from Autobiography. *In: DONALDSON, Ian; READ, Peter; WALTER, James (Ed.). Shaping Lives: Reflections on Biography*. Canberra: Humanities Research Center, 1992.

ECHEVARRÍA, Roberto González. **Monstros e arquivos: textos críticos reunidos**. Tradução de Ary Pimentel. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

\_\_\_\_\_. **Myth and Archive: A theory of Latin American narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

EM TEMPO de Pedro Nava. Direção: Fernando Sabino e David Neves. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Filmes, 1974. 10 min, curta-metragem, son., color., 16 e 35 mm. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LKpoZsidQe4>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

FILHO, Plínio Martins; GIORDANO, Claudio. Publicamos no ano passado... *In: Cadernos 1 e 2*. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2002, p. 5-6.

FRADE, Florbela Veiga; SILVA, Sandra Neves. Medicina e política em dois físicos judeus portugueses de Hamburgo. Rodrigo de Castro e o *Medicus Politicus* (1614), e Manuel Bocarro Rosales e o *Status Astrologicus* (1644). **Sefarad**, Madrid, v. 71, 2011, p. 51-94. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/91b2/00a365357c5b0deb921a51fac7bc8f627db2.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.3989/sefarad.011.003>

FRANCE, Anatole. **Le Mannequin d'osier**. Paris: Cercle du bibliophile, 1969.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1961.

FRITZSCHE, Peter. The Archive and the Case of German Nation. In: BURTON, Antoinette (Ed.). **Archive Stories: Facts, Fictions, and the Writing of Story**. Durham & London: Duke University Press, 2005, 184-208. <https://doi.org/10.1215/9780822387046-009>

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. A dialética do maravilhoso nas Memórias de Pedro Nava. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 24, n. 40, p. 263-276, 2016a. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25595>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. “A doçura que envolve”: a culinária brasileira do Nordeste em *Baú de Ossos*. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 31-60, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/50637>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.12957/revmar.2021.50637>

\_\_\_\_\_. Ausências e fantasmas da memória em *Baú de Ossos*. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, ano XI, v. 25, p. 127-142, 2016b. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5752/4756>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Arte da memória e memória da arte em *Baú de Ossos*. **Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Humanísticos**, Braga, v. 33 n. 1, p. 179-198, 2019a. Disponível em: <<http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/307>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.21814/diacritica.307>

\_\_\_\_\_. “Cada letra isolada era um desenho”: caligrafia, estética e iconografia em *Baú de Ossos*. **Laborhistórico**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 106-128, 2020a. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/32758>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.24206/lh.v6i2.32758>

\_\_\_\_\_. Contornos das imagens infantis nas Memórias de Pedro Nava. **Boitatá**, Londrina, v. 10, n. 20, p. 186-195, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31482/22048>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Contos de fadas da memória em *Baú de Ossos*, de Pedro Nava. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 50, p. 67-83, 2017a. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/issue/view/899>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/2316-4018505>

\_\_\_\_\_; SANTOS, Luciane Alves. Da tradição oral às memórias: a escrita literária de Helena Morley. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 277-299, 2018a. Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/1070>>. Acesso em: 19 já. 2018. <https://doi.org/10.5935/1679-5520.20180037>

\_\_\_\_\_. “Em ordem escrita as suas lembranças”: performances da memória em *Baú de Ossos*. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 23, n. 47, p. 33-48, 2019b. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/19222>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2019v23n47p33-48>

\_\_\_\_\_. “Entre o real e o irreal”: narrativas e identidades nas Memórias de Pedro Nava. **Estação Literária**, Londrina, v. 21, p. 217-232, 2018b. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/32539>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Escravidão, Memória e Liberdade em *Baú de Ossos*, de Pedro Nava. **Revista Literatura em Debate**, Frederico Westphalen, v. 13, n. 24, p. 35-46, 2019c. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/3241>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Ficções e memórias em Gilberto Freyre e Pedro Nava. **Diálogos**, Maringá, v. 23, n. 2, p. 81-90, 2019d. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/46101>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v23i2.46101>

\_\_\_\_\_. Histórias e Memórias da Escravidão em Pedro Nava. **Capoeira: Revista de Humanidades e Letras**, Redenção, v. 6, n. 1, p. 176-202, 2020b. Disponível em: <<http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/290>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Honra, feitiçaria e os anais da Inquisição de Lima. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 36, n. 2, p. 57-79, 2020c. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/issue/view/1829>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Imaginação, memórias e sabores em *Baú de Ossos*. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 81-90, 2019e. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/14560](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/14560)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. “Lembranças da Guerra do Paraguai” na obra de Pedro Nava. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 135-158, 2019f. Disponível em: <<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/967>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.22228/rt-f.v12i2.967>

\_\_\_\_\_. “Lições sobre a Morte”: o discurso médico na obra de Pedro Nava. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 84-108, 2020d. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9700>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2020.v5i9.84-108>

\_\_\_\_\_. Memórias, “analogias e transposições poéticas”. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 158-169, 2019g. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/27441>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/1517-106x/212158169>

\_\_\_\_\_. Memória e Emoção: analogias e transposições poéticas na obra de Pedro Nava. **Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Humanísticos**, Braga, v. 31 n. 2, p. 124-135, 2017b. Disponível em: <<http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/234>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. O contador de histórias nas Memórias de Pedro Nava. **Revista Intertexto**, Uberaba, v. 12, n. 1, p. 70-90, 2019h. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/4576>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. O jovem esteta P. e a invenção de Valentina. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 121-129, 2018c. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/10669>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v20n3p121-129>

\_\_\_\_\_. O ersatz da escravidão nas Memórias de Pedro Nava. **Resgate: Revista interdisciplinar de cultura**, Campinas, v. 28, p. 1-32, 2020e. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8659095>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.20396/resgate.v28i0.8659095>

\_\_\_\_\_. Orlas da memória: a lembrança futura de Antônio Salles na obra de Pedro Nava. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 307-322, 2017c. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/alea/v19n2/1807-0299-alea-19-02-00307.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/1517-106x/2017192307322>

\_\_\_\_\_. “Por que ele era Nava de seu sobrenome”: retratos da Itália em *Baú de Ossos*. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 1-9, 2019i. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12647>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Prosa e versos esquecidos em *Balão Cativo*, de Pedro Nava. **Terra Roxa e Outras Terras**, Londrina, v. 34, p. 44-53, 2017d. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/30780>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.5433/1678-2054.2017v34p44>

\_\_\_\_\_. Sabores da memória e da tradição em *Baú de Ossos*. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 20, n. 51, p. 366-380, 2019j. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/96467>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.96467>

\_\_\_\_\_. Sozinho entre as árvores: assombramentos de infância nas memórias de Pedro Nava. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 117-203, 2017e. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/11746](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/11746)>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.17851/2358-9787.26.3.177-203>

\_\_\_\_\_. “Ressonâncias antigas”: pregões de rua em *Baú de Ossos*. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 36, p. 141-154, 2020f. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/17516>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i36.17516>

\_\_\_\_\_. Vivendo na alma: o sagrado nas Memórias de Pedro Nava. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 32, p. 96-110, 2017f. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/1210/862>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

GAMA, Geraldo Guimarães da. Pedro Nava, o Médico. *In*: NAVA, Pedro. **Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003, p. 17-45.

GANNETT, Cinthia. **Gender and the Journal: Diaries and Academic Discourse**. Albany, NY: State University of New York Press, 1992.

GARCIA, Celina Fontenele. **A escrita Frankenstein de Pedro Nava**. Fortaleza: UFC edições, 1997.

\_\_\_\_\_. Nava, leitor de Proust. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 23-41, 1994. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17484/1/1994\\_art\\_cfgarcia.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17484/1/1994_art_cfgarcia.pdf). Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. O papel da memória na escrita autobiográfica. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 25, p. 15-24, jan. 2003. Disponível em: < <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art03.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava e a aquisição de sua identidade cultural. **Revista do Gelne**, v. 3, n. 1/2, p. 1-4, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9188/6542>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-514, 2005. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/hesm/v12n2/16.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000200017>

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Pedro Nava, leitor de Drummond: a memória, os retratos, a leitura. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 4, p. 29-37, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/issue/view/135>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

GUINSBURG, Jacó. A literatura hebraica no Estado de Israel. **WebMosaica** revista do instituto cultural judaico Marc Chagall, Porto Alegre, v.1 n.1 (jan-jun) p. 23-32, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/9594/5557>. Acesso em: 19 já. 2021.

HERCULANO, Alexandre. **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Braga: Edições Vercial, 2014.

HERSON, Bella. **Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

HÖDL, Klaus. **Entangled Entertainers: Jews and Popular Culture in Fin-de-Siècle Vienna**. New York: Berghahn Books, 2019. <https://doi.org/10.2307/j.ctvzb7mjb>

HOFFMAN, Lawrence A. **A Spiritual Travel Guide: A Companion for the Modern Jewish Pilgrim**. Woodstock, Vermont: Jewish Lights, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1959.

JARDIM, José Maria. A invenção da Memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/8801>. Acesso em: 19 jan. 2021.

JEANNELLE, Jean-Louis. **Écrire ses Mémoires au XX<sup>e</sup> siècle**: déclin et renouveau d'une tradition. Paris: Gallimard, 2008. <https://doi.org/10.14375/NP.9782070779994>

KAGAN, Richard L. Politics, Prophecy, and the Inquisition in Late Sixteenth-Century Spain. In: PERRY, Mary Elizabeth; CRUZ, Anne J. (eds.). **Cultural Encounters**: The Impact of Inquisition in Spain and the New World. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2018, p. 105-126.

KEARNEY, Richard. Evil, Ethics, and the Imagination. [Entrevista cedida a ron Cuipers] **The Other Journal**: An Intersection of Theology & Culture. Seattle, Mar. 6, 2012. Disponível em: <<https://theotherjournal.com/2012/03/06/evil-ethics-and-the-imagination-an-interview-with-richard-kearney-part-i/>>. Acesso em: 19 já. 2021.

\_\_\_\_\_. **The Poetics of Imagining**: Modern to Post-Modern. New York: Fordham University Press, 1998.

KRAMER, Lloyd S. Literature, Criticism, and Historical Imagination: The Literary Challenge of Hyden White and Dominique LaCapra. In: BIERSACK, Aletta; HUNT, Lynn Avery (Ed.). **The New Cultural History**. Berkeley: University of California Press, 1989, p. 97-130. <https://doi.org/10.1525/california/9780520064287.003.0005>

LACAPRA, Dominick. **Rethinking Intellectual History**: texts, contexts, language. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

LEJEUNE. Phillipe. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. Tradução de Ignacio Vázquez Diéguez. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 537-544, out./dez. 2013. Disponível em: [15460-Texto do artigo-59314-1-10-20131023\(1\).pdf](https://doi.org/10.15460-Texto do artigo-59314-1-10-20131023(1).pdf). Acesso em: Acesso em: 12 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **On Diary**. Translated by Katherine Durnin. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.

MARX, Jacques. De la Chine à la chinoiserie. Échanges culturels entre la Chine, l'Europe et les Pays-Bas méridionaux (XVIIe-XVIIIe siècles). **Revue belge de philologie et d'histoire**, Bruxelles, v. 85, n. 3, p. 735-779, 2007. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/rbph\\_0035-0818\\_2007\\_num\\_85\\_3\\_5101](http://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_2007_num_85_3_5101)>. Acesso em: 19 jan. 2019. <https://doi.org/10.3406/rbph.2007.5101>

MORAIS, Mauro. Sobrinho-neto de Pedro Nava resgata objetos pessoais, fotos e vídeos do escritor. [Entrevista com Matheus Nava]. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 26 de jun. 2018. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/26-06-2018/sobrinho-neto-de-pedro-ava-fala-sobre-mega-exposicao-do-escritor-em-2019.html>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MOURA, Sérgio Arruda de. Caderneta de anotações. **Folha da Manhã**, Campos dos Goytacazes, edição de 16/05/2014.

NAVA, Matheus. Sobrinho-neto de Pedro Nava resgata objetos pessoais, fotos e vídeos do escritor. [Entrevista cedida a Mauro Morais]. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 26 de jun. 2018. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/26-06-2018/sobrinho-neto-de-pedro-nava-fala-sobre-mega-exposicao-do-escritor-em-2019.html>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

NAVA, Pedro. **A medicina de Os Lusíadas e outros textos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Balão Cativo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.

\_\_\_\_\_. **Baú de Ossos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

\_\_\_\_\_. **Beira-Mar**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

\_\_\_\_\_. **Cadernos 1 e 2**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Cera das almas**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. **Chão de Ferro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. Cem anos cravados na memória. [Entrevista cedida a] Edina Panichi. **Folha de Londrina**, Londrina, 4 jun. 2003a. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/cem-anos-cravados-na-memoria-449186.html>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Entre Bruxos e Doutores. *In*: \_\_\_\_\_. **Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003b, p. 109-111.

\_\_\_\_\_. **Galo-das-trevas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.

\_\_\_\_\_. Quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já volta molhado do presente. [Entrevista cedida a] Lourenço Dantas Motta. **Folha de São Paulo**, Suplemento Cultural, p. 8-10. São Paulo, 15 fev. 1981.

\_\_\_\_\_. **O Anfiteatro: Textos sobre Medicina**. Seleção de textos Paulo Penido. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003c.

\_\_\_\_\_. **O Bicho Urucutum**. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Giordano, 2003d.

\_\_\_\_\_. **O círio perfeito**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1983.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava: em busca do tempo vivido. [Entrevista cedida a] Edmilson Caminha. *In*: CAMINHA, Edmilson. **Palavra de Escritor**. Brasília: Thesaurus Editora, 1995, p. 37-50.

\_\_\_\_\_. **Território de Epidauro**. Crônica e História da História da Medicina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003b.

\_\_\_\_\_. Um baú de lembranças. [Entrevista cedida a] Remy Gorga. **Jornal do Brasil**, Caderno B, p. 5, Rio de Janeiro, 4 nov. 1972.

\_\_\_\_\_. **Viagem ao Egito, Jordânia e Israel**. Anotações extraídas dos diários do autor. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2004c.

NEHER, André. Vision du temps et de l'histoire dans la culture juive. In: RICOEUR, Paul. **Les cultures et le temps**. Paris: Payot, 1975, p. 171-192.

NETO, Júlio de Souza Valle. Dito e Feito: escrita como leitura (e vice-versa) nas Memórias de Pedro Nava. **Ridphe\_R, Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, v. 6, p. 1-17, e020022, 2020. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/issue/view/690>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.20888/ridpher.v6i00.14817>

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: [12101-Texto do artigo-29004-1-10-20121015.PDF](#). Acesso em: 20 ago. 2021.

NOVINSKY, Anita Waingort. As origens da cultura do segredo. In: SANCOVSKY, Renata Rosental. **Inimigos da fé: judeus, conversos e judaizantes na Península Ibérica, século XVII**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2007.

\_\_\_\_\_. Ser marrano em Minas colonial. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 161-176, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n40/a08v2140.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000100008>

\_\_\_\_\_. **O olhar judaico em Machado de Assis**. São Paulo: Expressão e Cultura em colaboração com Europa Empresa Gráfica e Editora, 1990.

\_\_\_\_\_. O legado do judaísmo à civilização brasileira. In: LEWIN, Helena (coord.). **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas sociais, 2009, p. 2-8.

\_\_\_\_\_. Os cristãos-novos no Brasil colonial: reflexões sobre a questão do marranismo. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 67-75, 2000. Disponível em: <[https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg11-5.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg11-5.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o racismo (Portugal, séculos XVI e XX). **Revista Usp**, São Paulo, n. 69, p. 26-35, 2006. Disponível em: [13510-Texto do artigo-16485-1-10-20120517.pdf](#). Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Viver nos tempos da Inquisição**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

NOTA DOS EDITORES. In: In: NAVA, Pedro. **O Bicho Urucutum**. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Giordano, 2003d, p. 9-10.

NOTA DOS EDITORES. In: NAVA, Pedro. **Viagem ao Egito, Jordânia e Israel**. Anotações extraídas dos diários do autor. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2004c, p. 5-6.

NUNES, Raimundo. **Pedro Nava**: memória. São Paulo: Editora Ateniense, 1987.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura e patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

OLIVEIRA, Paulino. Passos e Alto dos Passos. **Crônicas**, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~arthur/cronica11.html>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

OMAYYA Restaurant. **The Palestine Gazette**, Jerusalem, N° 1261, p. 355, 15 th April 1943. Arabic and Middle Eastern Electronic Library (AMEEL), Gazettes, The Palestine gazette [microform]: oficial gazette of the government of Palestine, 1943, part 1, Image 479. The Yale University Library, Digital Collections. Disponível em: [https://findit.library.yale.edu/images\\_layout/view?parentoid=15537513&increment=478](https://findit.library.yale.edu/images_layout/view?parentoid=15537513&increment=478). Acesso em: 12 dez. 2021.

OZ, Amós; OZ-SALSBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PALMER, Monte. The United Arab Republic: An Assessment of Its Failure. *Middle East Journal*, 20(1), p. 50–67, 1966. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4323954>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PANICHI, Edina Regina Pugas. A construção do personagem em Pedro Nava. **Manuscritica**. Londrina, n. 35, p. 123-132, 2012a. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/909/825>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. A aventura da escrita: da desordem escritural ao texto publicado. **Congresso internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética**. X edição, Londrina, p. 255-268, 2012b. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/anais/apcg/edicao10/Edina.Panichi.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. As genealogias culinárias de Pedro Nava. **Manuscritica**. Londrina, n. 8, p. 65-77, 2018. Disponível em: <[177910-Texto do Artigo-447006-1-10-20201109.pdf](https://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/177910-Texto%20do%20Artigo-447006-1-10-20201109.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Em busca do termo preciso. In: Cadernos do CNLF, Vol. XV, N° 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 528-539.

\_\_\_\_\_. Os componentes da escritura em Pedro Nava. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2 n. 1, p. 205-215, 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4460/23467>>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.1999v2n1p205>

\_\_\_\_\_. O processo de construção do texto e a estética do movimento criador na obra do memorialista Pedro Nava. **Manuscritica**, São Paulo, n. 9, p. 41-52, 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177478/164512>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra *Beira-Mar/memórias* 4. 1987. 178 p. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Assis. 1987.

\_\_\_\_\_. O movimento tradutório na escrita naveana. *In: Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 9, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-26.html>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PANICHI, Edina Regina Pugas; CONTANI, Miguel Luiz. A visualidade produzida na palavra e os fatores que conferem relevância e destaque na construção do texto em Pedro Nava. *Íkala, revista de lenguaje y cultura*, Medellín, v. 12, n. 18, p. 145-161, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2550/255020488006.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PANICHI, Edina Regina Pugas; CONTANI, Miguel. **Pedro Nava e a construção do texto**. Londrina: Edue; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava: A (Des)construção da Memória. **Arquivo Pedro Nava**. Acervo de Pedro Nava na Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2005. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/pedronava/pesquisa\\_panichi.php](http://www.casaruibarbosa.gov.br/pedronava/pesquisa_panichi.php)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava: o pintor de palavras. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, t. 2. p. 1536-1546, 2009. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlftomo\\_2/1536-1542.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlftomo_2/1536-1542.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Processos de construção de formas na criação: o projeto poético de Pedro Nava**. Londrina: Edue; 2016.

PENIDO, Paulo. Apresentação. *In: NAVA, Pedro. A Medicina de Os Lusíadas e outros textos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a, p. 9-10.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava e o Bicho Urucutum. *In: NAVA, Pedro. O Bicho Urucutum*. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Giordano, 2003d, p. 15-47.

PENIDO, Paulo. Os cadernos de meu tio. *In: Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. 2ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004c, p. 7 a 10.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. **A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu**. São Paulo: Editora Annablume, 1998.

PEREIRA, Maria Luiza Medeiros. Um encontro entre o médico e o doente nas “Memórias” de Pedro Nava. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 13, n. 16, p. 87-98, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/122>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PERKINS, David. Literary Histories and the Themes of Literature. *In: SOLLORS, Werner. (ed.) The Return of Thematic Criticism*. London: Harvard University Press, 1993, p. 109-120.

PINA, Luís de. Pedro Hispano: Alguns subsídios para a sua biobibliografia. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, Tomo 8, fasc. 3, p. 326-339, julho-setembro, 1952. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40333347>. Acesso em: 11 dez. 2021.

PIOVESAN, Greyce Kely. Influências modernistas na História da Medicina de Pedro Nava. *In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. 2007. São Leopoldo, Anais [...] São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.0750.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PLA, Xavier. The Diaries of Joseph Pla: Reflections on the Personal Diary, Draft Diary and Elaborated Diary. *In: LANGFORD, Rachel; WEST, Russell (eds.). Marginal Voices, Marginal Forms: Diaries in European Literature and History*. Amsterdam: Rodopi, 1999, p. 126-135.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 11 ed. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.

PRESCOTT, William Hickling. **History of the Reign of Ferdinand and Isabela, the Catholic of Spain**. Boston: Phillips, Sampson, and Company, 1856.

QUEIRÓS, José Maria de Eça de. Brasil e Portugal. *In: \_\_\_\_\_*. **Notas Contemporâneas**. Eça de Queirós. São Paulo, 2019, p. 41-61.

REALE, Giovanni. **Aristóteles**. História da Filosofia Grega e Romana, vol. IV. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

RICOEUR, Paul. A marca do passado. Tradução de Breno Mendes e Guilherme Cruz e Zica. **História da historiografia**, Ouro Preto, v. 5, n. 10, p. 329-349, 2012. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/issue/view/HH10>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. L'identité narrative. **Esprit**, Paris, v. 7/8, n. 140/141, p. 295-304, 1988. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24278849?seq=1>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Memory, History, Forgetting**. Translated by Kathleen Blamey and David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

\_\_\_\_\_. Narrative Identity. **Philosophy Today**, London, v. 35, n. 1, p. 73-81, 1991. <https://doi.org/10.5840/philtoday199135136>

\_\_\_\_\_. **Percorso do reconhecimento**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. The Memory of Suffering. *In: Figuring the Sacred: Religion, Narrative and Imagination*. Minneapolis: Fortress Press, 1995, p. 289-292.

\_\_\_\_\_. **Time and Narrative I**. Translated by Kathleen McLaughlin and David Pellauer. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

\_\_\_\_\_. Vulnerabilité de la mémoire. In: LE GOFF, Jacques (ed.). **Patrimoine et passions identitaires**. Paris: Fayard, 1998, p. 17-31.

ROUCHOU, Jöelle. Judeus do Egito no Rio de Janeiro: uma imigração peculiar. In: LEWIN, Helena (coord.). **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: Centro Edeçstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 174-188.

ROUSSET, Jean. Le journal intime: texte sans destinataire? **Poétique, Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires**, Paris, n. 56, p. 435-443, 1983. Disponível em: <https://pascal-francis.inist.fr/vibad/index.php?action=getRecordDetail&idt=12219324>. Acesso em: 08/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Le lecteur intime: de Balzac au journal**. Paris: José Corti, 1986.

\_\_\_\_\_. **Le Narcisse romancier**. Paris: Corti, 1973.

ROTH, Cecil. **História dos Marranos**. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

ROTH, Michael S. **Memory, Trauma, and History: Essays on Living With the Past**. New York: Columbia University Press, 2012.

SALGADO, Ilma de Castro Barros e. Formas inter-comunicacionais em Pedro Nava: o signo verbal e o pictórico. 2008. 169 p. Tese (doutorado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Juiz de Fora nas Memórias de Pedro Nava: uma meta-ficção histórica**. Juiz de Fora: Editar Editora Associada, 2003.

\_\_\_\_\_. O domicílio e a consignação do arquivo de Pedro Nava. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 11, n. 19, p. 73-85, 2011. Disponível: <<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/348>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pedro Nava: mulheres reveladas e veladas**. Juiz de Fora: Editar Editora Associada 1999.

SANCOVSKY, Renata Rosental. **Inimigos da fé: judeus, conversos e judaizantes na Península Ibérica, século XVII**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2007.

SANDES, José Anderson Freire. Pedro Nava (1903-1984): de mãos dadas com a entrevista. **Opsis**, Catalão, v. 11, n. 2, p. 167-180, 2011. <https://doi.org/10.5216/o.v11i2.13964>

SAVIETTO, Maria do Carmo. **Baú de madeleines: o intertexto proustiano nas Memórias de Pedro Nava**. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

SCLIAR, Moacyr. Pedro Nava expõe lado humano da medicina. **Folha de São Paulo**. Ilustrada. São Paulo, 2002.

SILVA, Lenina Lopes Soares. Narrativas do Brasil nas Memórias de Pedro Nava. 2010. 252 p. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

SINGER, Tuvia. Images of Jews and Sinti and Rom in Ludwig Beschsteins' Folktale Collections. *In: NINETEENTH-CENTURY ANTI-SEMITISM IN INTERNATIONAL PERSPECTIVE – Open Peer Review*, 2016, Paris. **Anais [...]**. Paris, 08 Dec. 2016. Disponível em: <<http://antisem19c.hypotheses.org/637>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava, o risco da Memória**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004.

SPIPKI, Adriana; BRUMER; Anita. Imigração e território: o papel de Israel na construção da identidade judaica na Diáspora. *In: In: LEWIN, Helena (coord.). Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas sociais, 2009, p. 558-580.

STEINITZ, Rebecca. Diaries. *In: SPEAKE, Jennifer. (Ed.). Literature of Travel and Exploration: An Encyclopaedia*. New York: Fitzroy Dearborn, 2003, p. 332.

SÜSSEKIND, Flora. “A página do lado”. *In: Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 253-259.

TAVARES, Maria José Ferro. Cristãos e judeus no Portugal medievo: Entre a convivência e o confronto. *In: ROMERO, Helena (ed.). Judaísmo hispano: estudos em memória de José Luis Lacave Riaño. Volumen II*. Madrid: Junta de Castilla y León, 2002, p. 427-448.

TOLSTOY, Helen. **Akim Volynsky: A Hidden-Russian Jewish Prophet**. translated and copyedited by Simon Cook. Leiden: Brill, 2017. <https://doi.org/10.1163/9789004335325>

TORÁ. Português. A Lei de Moisés. Tradução, explicação e comentários do rabino Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Editora Sefer, 2001.

TUCKER, Aviezer. **Our Knowledge of the Past: A Philosophy of Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511498381>

VALA, Jorge; BRITO, Rodrigo; LOPES, Diniz. **Ciências Sociais**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

VALE, Vanda Arantes do. A doença nos escritos de Pedro Nava. *In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia. Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2006. p. 92-115.

\_\_\_\_\_. Arquivos e memórias de Pedro Nava: documentos para a biografia de um modernista. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 11, n. 19, p. 87-104, 2011. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/349/24>>. Acesso em: 20/01/2020.

\_\_\_\_\_. Memória nas Memórias de Pedro Nava. Uma Introdução. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 28-38, 2007. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/issue/view/323>. Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940). 2009. 179 p. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-133884/pedro-nava---cronista-de-uma-epoca--medicina-e-sociedade--brasileira-1890-1940.>> Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Pedro Nava: Memorialista-anatomista da sociedade brasileira (1890-1940). *In*: 16º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. UFCG/UEPB, Campina Grande, Paraíba. 2018, p. 1-16. Disponível em: [https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1545189705\\_ARQUIVO\\_TrabalhoVandaArantes2-rev.pdf](https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1545189705_ARQUIVO_TrabalhoVandaArantes2-rev.pdf). Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Um caminho para se estudar as memórias de Pedro Nava: saúde e sociedade brasileira (1890-1940). *In*: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Londrina. 2005, p. 1-9. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206572\\_b67f08a0d39184fc1ff5e6bf7e403ccc.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206572_b67f08a0d39184fc1ff5e6bf7e403ccc.pdf)> Acesso em: 19 jan. 2021.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Matildes Demetrio dos. Escritos epistolares, utopia e arquivos e Drummond em Descendo a Rua da Bahia. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 11-24, 2018. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/13619](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13619)>. Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.17851/2358-9787.27.1.11-24>

\_\_\_\_\_. O arquivo Antônio Salles. *In*: \_\_\_\_\_. (org.). **Inventário do Arquivo Antônio Sales**. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007, p. 9-12. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/.../Inventario\\_ArquivoAntonioSales.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/.../Inventario_ArquivoAntonioSales.pdf). Acesso em: 19 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. De bissexto a contumaz: o arquivo pessoal de Pedro Nava. *In*: \_\_\_\_\_. (org.). **Inventário do Arquivo Pedro Nava**. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001, p. 9-33. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/pedronava/downloads/inventarionava.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

VAUGHAN, T. Fact and Fiction in a Legend. **Folklore**, London, v. 119, n. 2, p. 218-232, 2008. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40646451?seq=1>> Acesso em: 19 jan. 2021. <https://doi.org/10.1080/00155870802057058>

VERTOV, Dziga. The Factory of Facts. *In*: \_\_\_\_\_. **Kyno-Eye: The Writings of Dziga Vertov**. Translated by Kevin O'Brien. Berkeley: University of California Press, 1984, p. 58-60.

VONÈCHE, Jacques. Identity and narrative in Piaget's autobiographies. *In*: BROCKMEIER, Jens; CARBAUGH, Donal (ed.) **Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, p. 219-246. <https://doi.org/10.1075/sin.1.13von>

VIRASTAU, Nicolae. L'ethos du mémorialiste de Comynnes à Monluc et l'évolution du genre avant le XVII<sup>e</sup> siècle. **Fabula/ Les colloques**. Posture d'auteurs: du Moyen Âge à la modernité.

2014. Disponível em: <https://www.fabula.org/colloques/document2408.php>. Acesso em: 19 jan. 2021.

WASSERSTEIN, Bernard. The Making of Transjordan. 2004. Disponível em: [http://www.kinghussein.gov.jo/his\\_transjordan.html](http://www.kinghussein.gov.jo/his_transjordan.html). Acesso em: 24. nov. 2021.

WASSERMANN, Henry. Jewish History as Observed from a Prussian Registrar's Office. **Jahrbuch des Instituts für Deutsche Geschichte**, Tel Aviv, v. 10, p. 169-169, 1981.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>. Acesso em: 22 nov. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>

WEINBERG, Henry W. The Image of the Jew in Late Nineteenth-Century Literature. **Jewish Social Studies**, Indiana University Press, v. 45, n. 3/4, Summer-Autumn, p. 241-250, 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4467228>. Acesso em: 24. nov. 2021.

WIESEL, Eli. **All Rivers Run to the Sea: Memoirs 1, 1928-1969**. London: Harper Collins, 1996.

WYSE, John. *Devout Exercises: Comprising Meditations and Visits to the Sanctuaries of the Blessed Virgin*. London: Richardson and Son, 1858

ZAMITH, Rosa Maria Barbosa. *A quadrilha: da partitura aos espaços festivos. Música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2011.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Freud's Moses: Judaism terminable and interminable**. New Haven: Yale University Press, 1993.